







Frederick L. Lora
1911.39

Vicente de Moraes
Paulo, 24 de Outubro de 1896.

COMPENDIO

DE

HISTORIA UNIVERSAL

DIVIDIDO EM DUAS PARTES

PRIMEIRA PARTE:

HISTORIA SACRADA.

SEGUNDA PARTE:

**HISTORIA DO BRAZIL, HISTORIA ANTIGA,
HISTORIA DA EDADE MÉDIA,
HISTORIA
DOS PRINCIPAES POVOS MODERNOS,
MYTHOLOGIA.**

COMPOSTO

PARA USO DAS ESCOLAS DO BRAZIL

PELO

Dr. JOAQUIM MARIA DE LACERDA

Membro da Arcadia Romana



**RIO DE JANEIRO
NAS PRINCIPAES LIVRARIAS
E EM PARIS**

NA LIVRARIA DA V^{as} J.-P. AILLAUD, GUILLARD E C
Rua Saint-André-des-Arts, 47.

1882

INDICE DA HISTORIA SAGRADA

INTRODUÇÃO : Divisão da Historia Sagrada; — Livros da Biblia. Pag. 5

ANTIGO TESTAMENTO

1ª EPOCHA. Desde a criação do mundo até o dilúvio.	5	Reinado de Saul.	50
2ª EPOCHA. Desde o dilúvio até a vocação de Abrahão.	9	Reinado de David.	54
3ª EPOCHA. Desde a vocação de Abrahão até a saída do Egypto.	12	Reinado de Salomão.	56
Historia de Abrahão e Isaac.	12	Primeiros reis de Judá e de Israel	58
Historia de Jacob.	18	Os prophetas Elias e Eliseu.	61
Historia de José.	21	Continuação dos reis de Judá e de Israel	62
Historia de Job.	28	Historia de Tobias.	66
Historia de Moysés.	30	Ultimos reis de Judá.	69
4ª EPOCHA. Da saída do Egypto ao estabelecimento da monarchia.	35	5ª EPOCHA. Desde a destruição do reino de Judá até o nascimento de Jesus Christo.	72
Os Israelitas no deserto.	35	Os Judeos sob o dom. dos Assyrios.	72
Historia de Josué.	41	Os Judeos sob o dom. dos Persas.	75
Governo dos anciãos e dos juizes.	43	Historia de Esther.	76
Historia de Ruth.	45	Os Judeos sob o dominio de Alexandre Magno, dos Lagidas e dos Seleucidias.	78
Historia de Sansão.	46	Os Machabeos.	80
Heli e Samuel ultimos juizes.	48	Os reis Asmoneos. Herodes.	81
5ª EPOCHA. Do estabel. da monarchia ao fim do reino de Judá.	50	Os PROPHETAS.	85

NOVO TESTAMENTO

CAP. I. — Infancia e vida privada de Jesus Christo.	87	publico de J. C. desde a terceira até a ultima paschoa.	104
CAP. II. — Principio da vida publica de Jesus Christo.	91	CAP. VI. — Ultima paschoa; paixão e morte de Jesus Christo.	116
CAP. III. — 1º anno do ministerio publico de J. C. desde a primeira até a segunda paschoa.	94	CAP. VII. — Ressurreição e Ascensão do Senhor.	125
CAP. IV. — 2º anno do ministerio publico de J. C. desde a segunda até a terceira paschoa.	99	CAP. VIII. — Historia dos Apostolos.	128
CAP. V. — 3º anno do ministerio publico de J. C. desde a terceira até a quarta paschoa.	104	CAP. IX. — Historia do povo Judeo desde a morte de J. C. até a sua inteira dispersão.	134

PEQUENA GEOGRAPHIA SAGRADA. 157

TABOA CHRONOLOGICA DA HISTORIA SAGRADA. 141

COMPENDIO

DA

HISTORIA SAGRADA

INTRODUCCÃO

A *Historia Sagrada* é a historia dos factos referidos na Biblia; comprehende a historia dos Judeos ou do povo de Deos e a de Jesus Christo.

Divisão da Historia Sagrada. — Póde-se dividir a Historia Sagrada em 7 epochas: 1ª, desde a criação do mundo até o diluvio, 4158-2482 A. C. (segundo os Benedictinos, 4965-5508); — 2ª, desde o diluvio até a vocação de Abrahão, 2482-2055 (B. 5508-2296); — 3ª, desde a vocação de Abrahão até a saída do Egypto, 2055-1625 (B. 2296-1645); — 4ª, desde a saída do Egypto até o estabelecimento da monarchia, 1625-1096 (B. 1645-1080); — 5ª, desde o estabelecimento da monarchia até o captiveiro de Babylonia e destruição do reino de Judá, 1096-587 (B. 1080-587); — 6ª, desde a destruição do reino de Judá até o nascimento de Jesus Christo, 587-1; — 7ª, desde o nascimento de Jesus Christo até a destruição de Jerusalem, 1-70 da era christã.

Livros da Biblia. — A Biblia ou Escriptura Sagrada é a collecção dos livros escriptos por inspiração do Espirito Santo e reconhecidos como taes pela Igreja. Divide-se em *Antigo e Novo Testamento*.

O ANTIGO TESTAMENTO contem o que se passou de mais notavel antes da vinda de Jesus Christo no que diz respeito á religião revelada e aos povos que a praticavam. Comprehende 45 livros, a saber: — 1º o *Genesis*, que contem a historia da criação do mundo e a dos Patriarchas até a morte de José; — 2º o *Exodo*, que falla da saída do povo hebreu do Egypto e da promulgação da Lei; — 3º o *Levitico*, que contem as leis concernentes aos sacerdotes e levitas, e trata das ceremonias do culto; — 4º o livro dos *Numeros*, que apresenta o recenseamento do povo hebreu e a historia da sua viagem pelo deserto; — 5º o *Deuteronomio*, que é uma especie de recapitulação do que vem nos livros precedentes; estes cinco primeiros livros da Biblia foram escriptos por Moysés, e dá-se-lhes o nome de *Pentateuco*; — 6º o livro de *Josué*, que é attribuido ao mesmo Josué e refere o que se passou desde a morte de Moysés até a de Josué; — 7º o livro dos *Juizes*, que é attribuido a Samuel e que contem a historia dos Juizes desde a morte de Josué até a de Sansão; — 8º o livro de *Ruth*, que conta a historia de Ruth occorrida no tempo dos Juizes; — 9º os quatro livros dos *Reis*, compostos provavelmente por Esdras e que dão a historia de todos os reis hebreus; — 10º os dous livros dos *Paralipômenos*, attribuidos a Esdras, e que formam um supplemento ao livro dos Reis; — 11º os dous livros de *Esdras*, escriptos o 1º por Esdras e o 2º por Nehemias, os quaes ratam da volta dos Judeos do captiveiro de Babylonia e da reedificação de Jeru-

salem; — 12º o livro de *Tobias*, que contem a historia dos dous Tobias, que passam por serem os seus autores; — 13º o livro de *Judith*, que refere a historia d'esta heroína; ignora-se quem fosse o seu autor; — 14º o livro de *Esther*, que conta a historia d'esta rainha da Persia, e que é attribuido por uns a Mardocheu, por outros a Esdras; — 15º o livro de *Job*, attribuido a Moysés e que conta a historia do santo varão enriquecida da poesia mais sublime e tocante que nos tem legado a antiguidade; — 16º o livro dos *Psalms*, em numero de 150, dos quaes melade compostos por David; dividem-se em propheticos, dogmaticos e moracs, segundo que annunciam a vinda do Messias e os mysterios da sua vida e morte, ou expõem os attributos de Deos e os deveres do homem; — 17º o livro dos *Proverbios*, composto por Salomão e que contem maximas e regras de conducta para todas as condições: — 18º o *Ecclesiastes*, obra tambem de Salomão, que trata das misérias e vaidades d'esta vida; — 19º o *Cantico dos Canticos*, composto egualmente por Salomão, onde vem uma descripção pathetica do amor terno de dous esposos, imagem da união de Jesus Christo com a Igreja, sua mystica esposa, e com uma alma santa; — 20º o livro da *Sabedoria*, que dá admiraveis instrucções aos reis e aos grandes da terra: não parece ser de Salomão, mas de autor mais recente: — 21º o *Ecclesiastico*, livro composto por Jesus filho de Sirach, onde o autor exhorta á sabedoria e á virtude, e traça regras de moral para cada idade e condição; 22º as *Prophecias* dos quatro grandes prophetas: *Isaias*, que prophetizou desde o começo do reinado de Joathan até o reinado de Manassés, o qual o mandou matar; *Jeremias*, que prophetizou do meião do reinado de Josias até a destruição de Jerusalem; *Daniel* e *Ezechiel*, que prophetisaram durante o captiveiro de Babilonia; 23º as *Prophecias* dos doze prophetas menores, *Oséas*, *Joel*, *Amos*, *Abdias*, *Jonas*, *Micheas*, *Nahum*, *Habacuc*, *Sophonias*, *Aggéo*, *Zacharias* e *Malachias*; — 24º os dous livros dos *Machabeos*, que contem a historia d'estes heroes da nação judaica.

Os livros que acabamos de enumerar dividem-se em tres classes: livros *historicos*, *sapienciaes* e *propheticos*. Os livros historicos são: os cinco livros do Pentateuco, Josué, Juizes, Ruth, Reis, Paralipomenos, Esdras, Tobias, Judith, Esther, Job e Machabeos. Os livros sapienciaes são: os Psalmos, os Proverbios, o Ecclesiastes, o Cantico dos Canticos, a Sabedoria e o Ecclesiastico. Os livros propheticos são as Prophecias.

O NOVO TESTAMENTO contem: 1º os quatro *Evangelhos*, o de *S. Matheos* Apostolo, o de *S. Marcos*, discipulo de *S. Pedro*, o de *S. Lucas*, discipulo de *S. Paulo*, e o de *S. João*, o discipulo amado de *J. C.*; — 2º os *Actos dos Apostolos*, escriptos por *S. Lucas*, contendo a historia da Igreja primitiva; — 3º as *Epistolas de S. Paulo*, em numero de quatorze, uma aos Romanos, duas aos Corinthios, uma aos Galatas, uma aos Ephesios, uma aos Philippenses, uma aos Colossenses, duas aos Thessalonicenses, duas a Timotheo, uma a Tito, uma a Philemon e uma aos Hebreos; — 4º uma *Epistola de S. Thiago*; — 5º duas *Epistolas de S. Pedro*; — 6º tres *Epistolas de S. João*; — 7º uma *Epistola de S. Judas*; — 8º o *Apocalypse* de *S. João*, que prediz, entre outras cousas, o que ha de succeder no fim do mundo.

ANTIGO TESTAMENTO

PRIMEIRA EPOCHA

**Desde a criação do mundo até o dilúvio,
4138-2482 A. C. (B.4963-3308).**

1. **Criação do mundo.** — Deos creou o mundo em seis dias : no 1º dia disse : « Faça-se a luz, » e a luz foi feita ; no 2º dia creou o firmamento, a que chamou céu ; no 3º reuniu em um só lugar, sob o nome de mar, as aguas que cobriam a superficie da terra, e mandou que esta produzisse todas as especies de plantas ; no 4º creou o sol, a lua e as estrellas ; no 5º creou os peixes e as aves ; no 6º creou os animaes terrestres. Finalmente disse Deos : « Façamos o homem á nossa imagem e semelhança¹ e a elle obedecam todos os animaes. » Deos formou então o corpo do homem de barro, e o animou com seu sopro divino, infundindo-lhe uma alma racional e immortal, capaz de conhecer e amar o seu Creator : este primeiro homem recebeu o nome de *Adão*². Concluida assim a obra da criação, Deos repousou no 7º dia e o sanctificou.

2. **Paraíso terrestre ; formação da mulher.** — Deos collocou Adão n'um amenissimo jardim chamado *Eden* ou *Paraíso terrestre*³. ornado de grande variedade de lindissimas arvores, de que pendiam fructos mui saborosos. No meio erguiam-se a arvore da vida e a da sciencia do bem e do mal. Este delicioso jardim era regado por um grande rio que se dividia em outros quatro⁴. Deos fez vir diante de Adão todos os animaes para que elle lhes pozesse o nome, e Adão lhes deu nomes apropriados á natureza de cada um. — Como Adão se achasse isolado no Paraíso, disse Deos : « Não é bem que o homem viva só ; façamos-lhe uma companheira semelhante a elle. » Infundiu pois em Adão um profundo somno⁵, durante o qual lhe

1. Deos parece entrar em conselho consigo mesmo para crear a mais perfeita de suas obras, o unico ser sobre a terra capaz de conhecê-lo e amá-lo. As tres pessoas da SS. Trindade intervieram para crear o homem.

2. Adão significa em hebreu ao mesmo tempo *homem* e *terra vermelha*.

3. *Eden* quer dizer em hebrêo *delicias* ; *Paraíso* significa em grego *jardim*.

4. Estes quatro rios eram : o Phison, o Gchon, o Tigre e o Euphrates.

5. Segundo os Santos Padres, este somno mysterioso de Adão era a figura de Jesus Christo dormindo na Cruz. Foi então que o divino Redemptor formou a Igreja sua esposa. O sangue e a agua que saíram do seu lado foram a fonte donde manaram todos os sacramentos para nossa santificação.

tirou uma das costellas, de que formou a mulher, e apresentou-lha quando acordou, instituindo assim o matrimonio. Adão, ao vel-a, exclamou : « Eis-aqui o osso dos meus ossos e a carne da minha carne ; é por isto que o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá á sua mulher ; » e deu-lhe o nome de *Eva*, que quer dizer *vida*, porque havia de ser a mãe do genero humano.

3. Creação dos Anjos ; Demonios. — Antes da criação de Adão e Eva, havia Deos já creado puros espiritos, a saber os Anjos. Se bem que fossem de uma natureza mui superior á do homem, muitos d'elles, levados pelo orgulho, rebellaram-se contra seu Creator, querendo com elle emparelhar ; receberam porém logo o castigo do seu crime, sendo precipitados para sempre no inferno. São estes anjos rebeldes os chamados *Demonios* ou *Diabos*, cujo chefe é Satanaz ou Lucifer.

4. Peccado de nossos primeiros pais. — Adão e Eva foram creados immortaes e n'um estado perfeito de pureza e innocencia. Izentos de penas e enfermidades, deviam gozar no Paraizo de uma felicidade inalteravel, se guardassem o preceito, que Deos lhes impozera sob pena de morte, de não comerem do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. Elles andavam em completa nudez sem por isso se envergonharem, sendo seus corações puros e livres de desejos desordenados. — O demonio, invejoso de tamanha felicidade, resolveu perdell-os excitando-os a desobedecerem a Deos. Tomando a fôrma da serpente, o mais astuto dos animaes, apresentou-se a Eva e lhe disse : « Porque não comeis do fructo da arvore da sciencia do bem e do mal ? — *Eva* : Deos nos prohibiu que lhe tocássemos sob pena de morrermos. — *A serpente* : Não, não morrereis por certo : mas abrir-se-vos-hão os olhos e sereis eguaes a Deos, conhecendo o bem e o mal. » Eva, seduzida pelas palavras da serpente, considerando a belleza do fructo, colheu-o, e depois de ter comido deu a seu marido, que tambem comeu d'elle. Logo no mesmo instante abriram-se-lhes os olhos, repararam que estavam nus e cobriram-se com folhas de figueira. Pela tarde ouviram a voz do Senhor que andava no jardim, e esconderam-se no meio das arvores para evitar a sua presença.

5. Punição de Adão e Eva : promessa de um Redemptor. — Chamou então o Senhor a Adão : « Onde estás, Adão ? — *Adão* : Senhor, temi apparecer á vossa presença por me ver nú, e por isso escondi-me. — *Deos* : Como vieste a saber que estavas nú, senão porque comeste do fructo que te havia prohibido ? — *Adão* : A mulher que me destes por companhia deu-me d'esse fructo e eu comi. » E o Senhor disse para a mulher : « Porque fizeste isto ? — Senhor, a serpente enganou-me. » Deos, diringido-se então á ser-

pena, disse : « Serás maldita entre todos os animaes, andarás de roço sobre teu ventre e comerás terra. Porei inimidade eterna entre ti e a mulher, entre a sua raça e a tua; ella te esmagará a cabeça, e debalde procurarás mordel-a no calcanhar ¹. » Disse depois Deos a Eva : « Hei de multiplicar os teus males; serão mui dolorosos teus partos, e viverás sob a dominação de teu marido. » Disse enfim a Adão : « Por teres escutado a voz de tua mulher e comido do fructo prohibido, a terra será maldita por tua causa; só á força de trabalho tirarás d'ella o sustento; comerás teu pão com o suor de teu rosto, até que voltes á terra donde foste tirado, porque és pó e a pó te has de reduzir. » O Senhor, vestindo depois Adão e Eva com umas tunicas de pelles, os lançou do Paraíso, e pôz á sua entrada um cherubim armado de uma espada chammejante.

6. Filhos de Adão e Eva. — Os primeiros filhos de Adão e Eva foram *Cain* e *Abel* : este era pastor de ovelhas, e aquelle lavrador. Ambos offereceram sacrificios a Deos; Cain offereceu fructos da terra, e Abel escolheu os mais bellos dos seus cordeiros. O Senhor, que julga nossas acções pelas disposições do coração, mostrou ser-lhe aceito o sacrificio de Abel, fazendo descer do céu um fogo milagroso que consumiu as victimas, enquanto a offrenda de Cain foi por Deos rejeitada. Concebeu d'ahi Cain um odio mortal contra seu irmão, e o Senhor lhe disse : « Porque andas irado e trazes esse rosto caído? Porventura, se obrares bem, não receberás o galardão? e se obrares mal, não será logo á tua porta o castigo do teu peccado? A paixão que te agita não é superior ás tuas forças, e poderás dominal-a. » Mas Cain, surdo ao aviso de Deos, disse a seu irmão : « Saíamos sóra; » e quando chegaram ao campo, arremetteu a Abel e o matou ². O Senhor disse então a Cain : « Onde está teu irmão Abel? — *Cain* : Não sei; acaso sou eu o guarda de meu irmão? — *Deos* : Que fizeste, Cain? O sangue de teu irmão está clamando a mim e pedindo vingança. Serás maldito sobre a terra que bebeu o sangue de teu irmão: debalde a cultivarás, porque ella não te produzirá fructo algum. Tu passarás uma vida errante e fugitiva. — *Cain* : Enorme é meu peccado; não poderei alcançar d'elle o perdão. Andarei fugitivo, e o primeiro que me encontrar me tirará a vida. — *Deos* : Não será assim; que aquelle que matar a Cain, será castigado sete vezes mais severamente. » E pôz o Senhor um signal em Cain para que ninguem que o encontrasse o matasse.

1. Esta maldição encerra a promessa consoladora do Redemptor. Uma Virgem esmagou a cabeça da serpente infernal, dando á luz Jesus Christo.

2. Abel representa Jesus Christo, perseguido e morto pelos Judcos seus irmãos; porém o sangue de J. C., em vez de clamar vingança como o de Abel, está clamando sem cessar misericordia para os peccadores.

Cain foi morar n'uma terra afastada ao oriente do paiz de Eden, onde teve muitos filhos, e edificou a primeira cidade que houve no mundo, á qual deu o nome de *Henochia*, em memoria do seu filho primogenito *Henoch*. De um de seus descendentes, *Lamech*, nasceram : *Jabel*, que foi o primeiro que viveu debaixo de tendas ; *Jubal*, que inventou varios instrumentos de musica, e *Tubalcain*, que descobriu a arte de trabalhar os metaes.

7. **Seth e seus descendentes.** — Adão e Eva tiveram um terceiro filho chamado *Seth*, cujos descendentes conservaram o temor de Deos e grande pureza de costumes, pelo que foram denominados *filhos de Deos*, em opposição aos descendentes de Cain, que são perversos como elle, receberam o nome de *filhos dos homens*. Adão viveu ainda 800 annos depois do nascimento de Seth, e morreu na idade de 950 annos, tendo tido muitos outros filhos e filhas que a Sagrada Escripura não nomeia. Os filhos de Deos, ou descendentes de Seth, vieram a corromper-se, casando com as mais bellas das filhas dos homens, e d'ali nasceram os gigantes, menos famosos por sua prodigiosa força e enorme estatura do que por sua extrema devassidão.

8. **Os patriarchas.** — Os patriarchas descendentes de Seth eram ao mesmo tempo chefes de grandes familias, juizes e sacerdotes. Vivendo debaixo de tendas e consistindo toda a sua riqueza em grandes rebanhos, mudavam elles de domicilio conforme exigia a commodidade dos pastos. Contam-se antes do diluvio dez patriarchas, chamados por isto *antediluvianos*, a saber :

1º Adão, que viveu 950 annos.	6º Jared, que viveu 962 annos.
2º Seth. 900	7º Henoch ¹ 365
3º Enos. 905	8º Mathusalem. 969
4º Caiman. 910	9º Lamech ¹ 777
5º Malalael. 895	10º Noé. 950

Entre estes patriarchas, convem notar : 1º Enos, que começou a invocar o nome do Senhor, isto é, que foi o primeiro que regulou as ceremonias do culto; 2º Henoch, que mereceu por sua grande piedade ser transportado vivo ao céu, donde ha de vir no fim do mundo pregar a penitencia ás nações corrompidas; 3º Mathusalem, que foi de todos os homens quem teve mais longa vida.

Exercícios sobre a 1ª epocha.

1. Em quantos dias creou Deos o mundo? — Que creou Deos no 1º dia? no 2º dia? etc. — Como foi creado o homem? — Que fez Deos no 7º dia?

2. Convem não confundir este Henoch com o filho de Cain do mesmo nome, e este Lamech, pai de Noé, com Lamech, descendente de Cain.

2. Onde collocou Deos a Adão? — Descrevei o Paraizo terrestre. — Como receberam os animaes seus nomes? — Contai a creação da primeira mulher. — Que disse Adão ao vel-a quando acordou? e que nome lhe deu?

3. Antes de Adão não creou Deos outros seres superiores? — Que fizeram muitos d'elles e como foram castigados? — Quem são os anjos rebeldes?

4. Em que estado foram creados Adão e Eva, e qual devia ser a sua sorte? — Andavam nós no Paraizo? — Que fez o demonio e como tentou Eva? — Que effeito produziu sobre Adão e Eva a sua funesta desobediencia?

5. Que palavras dirigiu Deos a Adão e a Eva e como procuraram justificar-se? — Que sentença pronunciou Deos contra a serpente? contra a mulher? contra o homem? — Continuaram Adão e Eva a viver no Paraizo?

6. Quaes foram os primeiros filhos de Adão e Eva? — Em que se occupavam? — Que sacrificios offereceram a Deos? — Donde nasceu a inveja de Cain contra Abel? — Que aviso deu Deos a Cain? — Contai a morte de Abel. — Que disse Deos a Cain e como o castigou? — Para onde se retirou Cain e que fez de notavel? — Citai os mais celebres dos seus descendentes.

7. Qual foi o 5º filho de Adão? — Que nome se deu aos descendentes de Seth? aos descendentes de Cain? — Como aquelles se corromperam? — Que homens nasceram dos casamentos entre os filhos de Deos e os dos homens? — Quando morreu Adão e de que idade? — Não teve elle outros filhos?

8. Que eram os patriarchas? Como viviam? — Citai os patriarchas antediluvianos. — Em que são notaveis Enos, Henoch e Mathusalem?

SEGUNDA EPOCHA

Desde o diluvio até a vocação de Abrahão, 2482-2055 A. C. (B.3308-2296).

1. **Diluvio universal.** — Vendo Deos que a malicia e corrupção dos homens era extrema, e que todos os seus pensamentos se dirigiam ao mal, como que se arrependeu de ter creado o homem e resolveu exterminal-o de cima da terra juntamente com os animaes. Noé porém achou graça diante do Senhor. Este varão justo era filho de Lamech e tinha tres filhos, *Sem, Cham e Japhet*. Disse-lhe um dia o Senhor: « Os homens cobriram a terra de iniquidades: vou exterminal-os. Fabrica uma Arca de 500 covados de comprido, 50 de largo e 50 de alto. Decidi mandar um diluvio para destruir todas as creaturas que respiram sobre a terra. Porém contigo farei alliança; entrarás na Arca com teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos, e introduzirás tambem alguns casacs de animaes de cada especie para a reproducção das raças. » Noé gastou cem annos a construir a Arca, não cessando, porém de balde, de exhortar os homens á penitencia¹, e quando foi concluida, entrou n'ella com sua familia. Sete dias depois abriram-se as cataractas

1. Assim procedem ainda hoje a maior parte dos homens. Deos ameaça o peccador com morte eterna e tormentos sem fim, se não se converter; e o peccador despreza tanto as ameaças como as promessas de Deos: elle quer gozar do que é momentaneo, e esquece o que é eterno.

do céu, e a chuva caiu em torrentes sobre a terra por espaço de 40 dias e 40 noites sem cessar. Cobriram as aguas toda a superficie do globo e elevaram-se 15 covados acima das mais altas montanhas, perecendo todos os homens e animaes, salvo os que se achavam na Arca¹. A terra esteve toda mergulhada nas aguas 150 dias, ao cabo dos quaes mandou Deos um vento rijo que as fez diminuir. No fim do setimo mez parou a Arca sobre o monte Ararat na Armenia. Passados 40 dias, abriu Noé a janella da Arca e soltou um corvo, o qual não voltou. Largou depois uma pomba, que, como não achasse onde pousar, tornou para a Arca. Esperou Noé mais sete dias e largou de novo a pomba, a qual voltou pela tarde trazendo no bico um ramo verde de oliveira, por onde conheceu Noé que as aguas já não cobriam toda a superficie da terra. Deixou porém passar ainda sete dias, e pela terceira vez soltou a pomba, que não voltou mais.

2. Saida da Arca; alliança de Deos com Noé. — Disse então Deos a Noé : « Sae da Arca com tua familia e tira para fóra os animaes n'ella encerrados. » Apenas Noé saiu da Arca, onde passara um anno inteiro, levantou um altar e offereceu ao Senhor um sacrificio em acção de graças, o qual lhe foi tão agradável que disse : « Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens. Em quanto ella durar, ver-se-hão sempre a semente e a seara, o frio e o calor, o verão e o inverno, o dia e a noite succedendo-se alternadamente. » Abençoou depois Deos a Noé e a seus filhos, dizendo-lhes : « Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra. Podeis sustentar-vos da carne dos animaes como dos vegetaes; mas todo aquelle que derramar o sangue de outro homem, será punido com a effusão do seu proprio sangue, porque o homem foi feito á imagem de Deos. » Disse mais Deos a Noé e a seus filhos : « Eis vou fazer alliança comvosco e com vossa posteridade, e em signal d'esta alliança porei o meu arco nas nuvens (o arco-iris) : d'aqui em diante não haverá mais diluvio que venha destruir todos os viventes. »

3. Maldição de Cham. — Noé começou logo a cultivar a terra e plantou uma vinha. Teudo-se um dia embriagado com o licor extrahido da uva, cuja força lhe era desconhecida, adormeceu descomposto. Cham, vendo seu pai n'esse estado, foi chamar seus irmãos para mofarem d'elle; mas Sem e Japhet, em vez de imitarem a sua irreverencia, tomaram uma capa, e com as costas viradas para seu pai cobriram-no respeitosaente. Quando Noé acordou e soube do occorrido, amaldiçoou a Cham na pessoa de seu filho Chanaan²,

1. A Arca de Noé é a figura da Igreja, fóra da qual não ha salvação, e que resiste impavida a todas as tempestades sem poder ser submergida.

2. Noé, por respeito á benção que Deos dera a seus tres filhos ao sair da Arca, não amaldiçoou a Cham, senão a Chanaan seu filho, provavelmente seu compli-

cuja posteridade veio a ser exterminada ou reduzida á escravidão pelos descendentes de Sem e Japhet. Noé viveu depois do dilúvio 350 annos, e morreu na idade de 950.

4. Torre de Babel: dispersão dos homens. — Os descendentes de Noé vieram fixar-se nas planícies de Sennaar, no sul da Mesopotamia, entre o Tigre e o Euphrates. Em breve seu numero cresceu a tal ponto, que receiaram que o paiz não bastasse para alimentar-os e resolveram separar-se. Querendo porém deixar um monumento que perpetuasse a sua memoria, e quiçá garantir-se contra um novo dilúvio, decidiram construir uma torre de altura prodigiosa. Deos, para castigar-lhes o orgulho, confundiu-lhes as línguas a ponto de não se poderem mais entender uns aos outros; pelo que se viram forçados a abandonar a obra, que se ficou chamando *Torre de Babel*, isto é, *da confusão*. Foi então que elles se dispersaram para irem povoar as differentes partes do globo¹.

5. Mudanças sobrevindas depois do dilúvio. — Nota-se em primeiro lugar o decrescimento rapido da vida humana. Antes do dilúvio viviam os homens 900 annos; Adão viveu mesmo 950, Mathusalem 969 e Noé 950. Depois do dilúvio a vida humana não tardou a reduzir-se a menos de 200 annos. — Nota-se tambem a mudança de alimentação: Deus permittiu o uso da carne, sendo antes do dilúvio só permittido o uso de vegetaes.

Nova corrupção do genero humano. — Os homens depois da sua dispersão esqueceram-se pouco a pouco de suas tradições primitivas, que alteraram com fabulas mais ou menos grosseiras; abandonaram a lei natural para não seguirem senão suas paixões, entregaram-se a toda sorte de vicios, e adoraram o sol, a lua, os astros, e até animaes, plantas e estatuas. Todavia a verdadeira religião conservava-se ainda na posteridade de Sem, na qual continuou a successão dos patriarchas, que foram dez depois do dilúvio, a saber:

1º Sem, que viveu 600 annos.	3º Salé, que viveu 453 annos.
2º Arphaxad, . . . 438	4º Heber, . . . 464

ce e tão perverso como elle. Esta maldição, que Deos ratificou, mostra que respeito devem ter os filhos aos autores de seus dias.

1. A RAÇA DE SEM espalhou-se pelo Oriente. Heber, neto de Sem, foi o pai dos Hebreos. Os Persas ou Elamitas descendem de seu filho Elam, os Assyrios de Assur, os Lydios de Lud, os Syrios de Aram, e os Arabes ou Ismaelitas, de Ismael. — DE CHAM, pai da raça negra, descendem tambem os Phenicios, os Egypcios, os Ethiopes e os Chaneos, povos primitivos da Palestina, que foram quasi inteiramente exterminados pelos Hebreos. — A RAÇA DE JAPHET povoou quasi toda a Europa e parte da Asia: a ella pertencem os Scythas, os Medos, os Gregos, os Romanos, os Germanos, os Celtas, os Iberos, os Slavos, as castas superiores da India, etc.

1.º Shaleg, que viveu 259 annos.	8.º Nachor que viveu 148 annos.
2.º Kelu, 239	9.º Tharé, 145
3.º Sarug, 230	10.º Abrahão, 175

De Heber, bisneto de Sem, tiraram os Hebreos o seu nome. Dos descendentes de Cham o mais celebre é *Nemrod*, seu neto, que foi valente caçador e o primeiro conquistador : elle fundou *Babylonia* nas margens do Euphrates, no mesmo local da torre de Babel. A cidade de *Ninive*, sobre o Tigre, foi fundada, segundo a Escriptura, por *Assur*, filho de Sem.

Exercicios sobre a 2.ª epocha.

1. Porque resolveu Deos destruir o genero humano? — De que meio se serviu? — Quem era Noé? — Que ordem lhe deu Deos? — Quanto tempo levou Noé a fazer a Arca? — Descrevei o diluvio. — Quando e onde parou a Arca? — Que meios empregou Noé para saber se a terra era habitavel?
2. Quanto tempo esteve Noé na Arca e que fez ao sair? — Que lhe prometteu Deos? — Que mais lhe disse Deos? — Qual foi o signal da sua alliança?
3. Porque a raça de Cham foi amaldiçoada? — Que fizeram seus irmãos Sem e Esphet? — Quando morreu Noé e quantos annos viveu?
4. Onde se fixaram os descendentes de Noé? — Que obra pretenderam levantar? — Como impediu Deos a sua execução? — Que significa a palavra *Babel*? — Que resultou da confusão das linguas?
5. Que mudanças sobrevieram depois do diluvio?
6. Como se corromperam os homens depois da sua dispersão? — Perdeu-se de todo a verdadeira religião? — Nomeai os patriarchas postdiluvianos. — De quem tiraram os Hebreos o nome? — Quem foi *Nemrod*? Quem foi *Assur*?

TERCEIRA EPOCHA

Da vocação de Abrahão á saída do Egypto, 2055-1625 A. C. (B. 2296-1645).

HISTORIA DE ABRAHÃO E DE ISAAC

1. Vocação de Abrahão. — Como a corrupção e a idolatria reinassem por toda a parte, resolveu Deos escolher um povo que perpetuasse o seu culto e fosse depositario das tradições primitivas. Existia por aquelle tempo em Haran, na Mesopotamia, um homem justo, de nome *Abrahão*, nascido em Ur de Chaldéa e filho de Tharé, embora vivesse no meio da idolatria, conservava o culto do verdadeiro Deos. Tinha elle 75 annos quando o Senhor o chamou, e lhe disse : « Sáe de tua patria e da casa de teu pai, e vai á terra que te mostrarei. Quero fazer-te pai de um grande povo, e em ti serão benditas todas as nações da terra. » Abrahão partiu logo de Haran com sua mulher Sara, seu sobrinho Lot e com tudo quanto possuía, e encaminhou-se por ordem de Deos para a terra de Cha-

naan, onde se estabeleceu primeiramente no lugar chamado *Sichem*. Apareceu-lhe ahí o Senhor e lhe prometteu dar á sua posteridade aquella terra, que se ficou chamando *Terra da promissão*. De *Sichem* passou Abrahão a residir perto de *Bethel*.

2. Abrahão no Egypto; sua volta. — Uma grande fome que sobreveiu então na terra de Chanaan obrigou Abrahão a passar ao Egypto com sua mulher Sara. Como ella era de rara formosura, o rei Pharaó namorou-se d'ella e mandou guardal-a no seu paço. Abrahão, que passava por seu irmão, recebeu do rei grandes merecês. Apesar de não haver offensa da honestidade de Sara, veio logo o açoute de Deos sobre Pharaó e a sua casa. Conhecendo então o rei o motivo do castigo divino, mandou chamar Abrahão, e lhe disse : « Porque declaraste ser Sara tua irmã, para que eu a tomasse por esposa? Eis a tua mulher, toma-a e vai-te com ella. » Passada a fome, voltou Abrahão para perto de *Bethel*; mas o paiz era pouco vasto para os grandes rebanhos de Abrahão e os de seu sobrinho Lot, e d'ahi nasceram rixas entre os pastores de ambos. Foi forçoso portanto separarem-se, e Lot retirou-se para a bella planície do Jordão que era mui fértil, e foi morar na cidade de *Sodoma*. Tendo Lot partido, appareceu o Senhor a Abrahão e lhe disse : « Olha todo este paiz em torno de ti; eu o darei a teus descendentes. Multiplical-os-hei como o pó da terra; se alguém poder contar os grãos de poeira, poderá tambem contar a tua descendencia. » Abrahão mudou-se depois para o valle de *Mambre* perto de *Hebron*, onde erigiu um altar ao Senhor.

3. Abrahão desbarata quatro reis e salva Lot. — Chodorlahomor, rei dos Elamitas, veio com tres outros reis atacar o rei de *Sodoma* que se colligara com outros quatro do valle do Jordão. Sendo estes desbaratados, foi *Sodoma* tomada e saqueada, e seus habitantes levados captivos, em cujo numero i: Lot. A esta noticia, Abrahão armou os seus servos, foi no encalço do exercito vencedor, atacou-o durante a noite, destroçou-o, e libertou Lot e os mais prisioneiros. Na sua volta, foi abençoado por *Melchisedec*, rei de *Salem* e sacerdote do Altissimo, que sacrificava em pão e vinho, e Abrahão deu-lhe o dizimo de todo o despojo tomado ao inimigo.

4. Nascimento de Ismael Lei da circuncisão. — Achan-do-se Abrahão já velho, sua mulher Sara que não tinha filhos, para que elle não morresse sem successão, aconselhou-lhe que tomasse por segunda mulher, conforme o uso do Oriente, a sua escrava *Agar*. Esta deu-lhe um filho que foi chamado *Ismael*, o qual não devia ser o herdeiro das promessas de Deos. — Treze annos depois do nascimento de *Ismael*, contando Abrahão 99 annos de idade, appareceu-lhe o Senhor e lhe disse : « Eu sou o Deos omnipotente,

caminha em minha presença e sê perfeito. D'aqui em diante não te chamarás Abrão, mas Abrahão, porque te escolhi para seres o pai de muitas nações. Farei alliança eterna contigo e com a tua posteridade, e dar-lhe-hei toda a terra de Chanaan : o signal d'esta alliança será a circumcisão. Todo o menino será circumcuido aos oito dias de nascido. Tu terás de Sara um filho, a quem chamarás Isaac. » Abrahão cumpriu logo a ordem que acabava de receber, e circumcidou-se a si, a Ismael e a todos os homens de sua casa.

5. Nascimento de Isaac (2050 ; B.2266). — Estava um dia Abrahão sentado á porta da sua tenda pela força da calma, quando lhe appareceram tres Anjos sob a figura de tres mancebos. O santo patriarcha foi-lhes ao encontro, prostrou-se, convidou-os a entrar na sua tenda, lavou-lhes os pés, e para regalal-os, mandou assar a melhor vitella que encontrou, servindo-lhes elle mesmo á mesa. O principal d'elles lhe annunciou que d'alli a um anno por aquelle mesmo tempo Sara teria um filho. Sara, que era muito velha e esteril, ao ouvir estas palavras, pôz-se a rir detraz da porta da tenda ; mas o Senhor disse a Abrahão : « Por que razão ri Sara ? Ha por ventura cousa difficil a Deos ? » De facto, no tempo assignalado pelo Anjo, Sara deu á luz um filho, que foi chamado *Isaac*, que quer dizer *riso*. Abrahão, que contava então cem annos de idade, circumcidou o menino ao oitavo dia.

6. Destruição de Sodoma e Gomorrha (2051 ; B.2267). — Os tres Anjos, ao sairem da tenda de Abrahão, tomaram o caminho de Sodoma, e o patriarcha os foi acompanhando. O principal d'elles, que era o proprio Deos, avisou a Abrahão que Sodoma e Gomorrha iam ser destruidas por terem chegado ao ultimo excesso de corrupção. Abrahão disse a Deos : « Castigareis, Senhor, o justo com o impio ? Se houver cincoenta justos em Sodoma, não perdoareis á cidade por causa d'elles ? — *Deos* : Se encontrar cincoenta justos em Sodoma, em attenção a elles perdoarei a toda a cidade. — *Abrahão* : E se não houver senão quarenta justos?... senão trinta?... senão vinte?... senão dez ? — *Deos* : Por causa d'esses dez justos, não destruirei a cidade. » Desappareceu então o Senhor, e Abrahão tornou para a sua tenda. Os dez justos não se acharam em Sodoma.

Os outros dous Anjos chegaram á noite a Sodoma e foram hospedados por Lot. Os habitantes cercaram a casa, exigindo com gritos e ameaças que Lot lhes entregasse os estrangeiros ; mas os Anjos cecuraram de cegueira toda aquella gente depravada, e disseram a Lot : « Retira-te d'esta cidade com todos os teus : o grito de suas iniquidades chegou até ao Senhor, que nos enviou para arrazal-a. » E como Lot hesitasse, tomaram-no os Anjos pela mão e o conduzi-

ram com sua mulher e suas duas filhas até fóra da cidade, dizendo-lhe : « Salva a tua vida, não olhes para traz, foge para o monte, para não seres envolvido na ruina dos outros. » Pouco depois começou a cair sobre Sodoma e Gomorrha uma chuva espessa de enxofre e fogo, que abrazou as cidades malditas, cujo territorio foi convertido no mar Morto. A mulher de Lot, por ter olhado para traz, foi convertida em estatua de sal. Das suas duas filhas nasceram *Moab* e *Ammon*, de quem descenderam os *Moabitas* e *Anmonitas*, grandes inimigos do povo hebreu, que habitavam ao oriente da terra de Chanaan.

7. Agar e Ismael no deserto. — Vendo um dia Sara que Ismael maltratava seu filho Isaac, disse a Abrahão : « Põe fóra de casa esta escrava e seu filho, porque o filho da escrava não ha de ser herdeiro com meu filho. » Estas palavras pareceram mui duras a Abrahão; mas o Senhor disse-lhe : « Faze o que Sara te diz, porque de Isaac é que ha de nascer a geração abençoada. Não abandonarei todavia o filho de tua escrava, porque é teu filho; fal-o-hei cabeça de um grande povo. » Despediu então Abrahão a Agar com seu filho, dando-lhes uma boa provisão de pão e agua. Erraram elles por muito tempo no deserto de Bersabée. Mas tendo-se-lhes acabado a agua, Agar pôz seu filho debaixo de uma arvore, retirou-se para não vel-o morrer de sède e desatou a chorar. Um Anjo lhe appareceu e disse-lhe : « Que fazes, Agar? não temas, o Senhor ouviu a voz do menino. Levanta-te e vai tomal-o, porque Deos o fará pai de uma grande nação. » Mostrou-lhe depois uma fonte, onde ella deu de beber ao filho. Cresceu este no deserto de Pharan na Arabia Petrèa, tornou-se mui déstro em atirar frechas, casou com uma Egypcia e veio a ser o pai da grande nação dos *Ismaelitas* ou *Agarenos*, tão celebres depois sob o nome de *Sarracenos* e *Arabes*.

8. Sacrificio de Abrahão (2005; B.2241). — Contava Isaac 25 annos, e Abrahão comprazia-se em seu filho e nas promessas gloriosas que Deos fizera á sua raça, quando o Altissimo, para provar a fé e obediencia do patriarcha, o chamou e lhe disse : « Toma teu filho unico, o teu querido Isaac, que amas com tanto extremo, e vai á terra de visão, para ali m'o offereceres em holocausto sobre o monte que te indicar¹. » Abrahão obedeceu logo sem murmurar, e partiu antes de amanhecer com Isaac para o sitio que o Senhor lhe tinha designado. Ao terceiro dia de jornada chegaram ao pé do monte Moria; ali Abrahão pôz ás costas do filho a lenha para o sacrificio, e tomando o fogo e o cutello, foi subindo pelo monte acima. Disse então Isaac a Abrahão : « Meu pai, vejo a lenha

1. Crê-se ser o monte Moria, onde depois Salomão edificou o Templo.

e o fogo, mas onde está a victima para o sacrificio? — Deos proverá, meu filho. » Chegados que foram ao cume do monte, levantou Abrahão um altar, sobre o qual dispòz a lenha, e atando seu filho, collocou-o em cima. Armou-se em seguida do cutello e ia já descarregar o golpe fatal, quando o Anjo do Senhor lhe bradou do céu : « Abrahão, Abrahão! detem o teu braço, não firas o menino. Agora conheço que temes a Deos, pois por me obedeceres não perdoaste a teu filho unico. » Levantando então os olhos, Abrahão avistou um carneiro enredado pelas pontas n'um silvado, tomou-o e o offereceu em holocausto em lugar de seu filho. O Anjo do Senhor chamou de novo Abrahão e disse-lhe : « Já que não perdoaste a teu filho unico por amor de mim, juro por quem sou que te abençoarei e multiplicarei a tua posteridade como as estrellas do céu e as areias do mar; todas as nações da terra serão abençoadas n' Aquelle que nascerá de ti¹, porque obedeceste á minha voz. »

9. **Casamento de Isaac** (1990; B.2226). — Algum tempo depois da morte de Sara¹, Abrahão, que contava 140 annos, tratou de casar Isaac. E como receiasse misturar seu sangue com o das nações idolatras no meio das quaes vivia, chamou Eliezer, o mais fiel de seus servos e mordomo de sua casa, e disse-lhe que fosse á Mesopotamia escolher na sua propria familia a esposa destinada a seu filho. Eliezer partiu com dez camelos carregados de ricos presentes, e tendo chegado á cidade de Haran, onde morava Nachor, irmão de Abrahão, parou junto de uma fonte em que vinham buscar agua as raparigas do paiz, e dirigiu a Deos esta oração : « Senhor Deos, usai hoje de misericordia com Abrahão meu senhor. Eisque as moças da cidade vão sair para buscar agua; fazei que aquella a quem eu disser : Inclinaí a vossa bilha para que eu beba, e que me responder : Bebei, Senhor, e vou tambem dar de beber aos vossos camelos; essa seja a que destinais para esposa de Isaac vosso servo. » — Ainda bem não tinha acabado esta oração, quando viu vir Rebecca, filha de Bathuel e neta de Nachor, joven innocente e mui formosa. Encheu ella a sua bilha e se dispunha já a voltar para casa, quando Eliezer lhe disse : « Dai-me de beber que tenho sede. — Bebei, Senhor, lhe respondeu Rebecca, inclinando logo a bilha no braço para que bebesse á sua vontade; e accrescentou : « Agora vou tirar agua para que vossos camelos bebam todos. » Eliezer reconheceu então que Deos ouvira a sua oração, e offereceu

1. Foram abençoadas em Jesus Christo, descendente de Abrahão por sua mãe Maria Santissima. Isaac é a figura de J. C. levando a cruz as costas e subindo o Calvario para ser immolado por seu Pai afim de nos remir.

2. Sara morreu em Hebron de idade de 127 annos, e foi sepultada na caverna de Macphela que Abrahão comprou aos Hetheos por 400 siclos de prata.

á graciosa moça as arrecadas e os braceletes de ouro que levava, e disse-lhe : « De quem sois filha? Haverá em casa de vosso pai commodo para mim e meus camelos? » Ao que ella respondeu : « Sou filha de Bathuel, filho de Nachor. Temos palha e feno em abundancia, e casa espaçosa para vos agasalhar. » Eliezer prostrou-se e adorou o Senhor, dizendo : « Bemdito seja o Senhor Deos de Abrahão, que me conduziu directamente á casa do irmão de meu senhor. » — Correu Rebecca a casa e contou o que era passado. Então Labão, seu irmão, veio ao encontro de Eliezer e o conduziu para casa. Expôz este o fim da sua viagem, e contou a oração que fizera a Deos e como foi ouvida. Bathuel e Labão reconheceram a vontade de Deos, e consentiram em dar Rebecca por esposa a Isaac. Então Eliezer offerceceu a Rebecca e á sua familia vasos de ouro e de prata com ricos vestidos, e no dia seguinte, tendo obtido o consentimento da moça, voltou com ella para a terra de Chanaan. — Ao approximarem-se da residencia de Abrahão, Isaac, que passeava no campo, avistou os camelos. « Que homem é aquelle que se dirige para nós? perguntou Rebecca. — É Isaac meu senhor, » respondeu Eliezer. Immediatamente a moça apeou-se do camelo e cobriu-se com o véo. Isaac levou Rebecca para a tenda de Sara, tomou-a por esposa, e a afeição que lhe teve foi tão viva, que mitigou a dôr que ainda sentia pela morte de sua mãe. — Abrahão ¹ viveu ainda 55 annos depois do casamento de seu filho, morrendo aos 175 annos de idade, e foi sepultado por Isaac e Ismael ao lado de Sara na caverna de Macphela (1955; B.2191). O grande patriarcha, pai dos crentes, é ainda hoje tido em summa veneração em todo o Oriente.

Exercicios sobre a historia de Abrahão e Isaac.

1. Que fez Deos vendo a idolatria que reinava por toda a parte? — Quem era Abrahão? — Que lhe ordenou Deos e que lhe prometeu? — Com quem partiu Abrahão de Haran? para onde se dirigiu? e onde se estabeleceu?
2. Por que passou Abrahão com Sara ao Egypto, e que lhes aconteceu ali? — Porque se separaram Abrahão e Lot, e para onde se retirou este? — Que promessas fez então Deos a Abrahão? — Aonde foi elle residir?
3. Em que occasião foi feito Lot prisioneiro? — Que fez então Abrahão? — Que lhe succedeu na volta? — Quem era Melchisedec?
4. Que propôz Sara a seu marido vendo-o sem filhos? — Qual foi o primeiro filho de Abrahão? — Por que occasião ordenou Deos a circuncisão?
5. Contai a visita dos três Anjos a Abrahão, e como este os acolheu. — Que lhe annunciou um dos Anjos, e que fez Sara ao ouvir a promessa? — Realizou-se ella? — Que idade tinha então Abrahão, e que fez á criança?
6. Para onde se dirigiram os Anjos ao sairem da tenda de Abrahão, e que lhe

1. Depois da morte de Sara, Abrahão casou com Cethura, de quem teve seis filhos, entre os quaes Madian, que foi o pai dos Madianitas.

avisou o principal d'elles? — Por quem intercedeu então o patriarcha, e que lhe respondeu o Senhor? — Salvou-se algum dos habitantes de Sodoma? — Que fizeram os habitantes quando Lot hospedou os Anjos? — Como foram destruidas Sodoma e Gomorrha? — Que succedeu á mulher de Lot? — Dizei-nos alguma cousa acerca das duas filhas de Lot?

7. Por causa de quem foram expulsos Agar e Ismael da casa de Abrahão? — Que disse n'essa occasião Deos a Abrahão, e que fez este? — Como Agar foi soccorrida no deserto? — Que veio a ser Ismael?

8. Como provou Deos a fé e obediencia de Abrahão? — Que fez este ao chegar ao monte Moria, e como offereceu seu filho em holocausto? — Que fez Deos para recompensar a fidelidade de seu servo?

9. Que fez Abrahão para casar Isaac? — Como Eliezer se encontrou com Rebecca e conheceu ser ella a esposa destinada a Isaac? — Como o seu pedido foi acolhido pelos pais da moça? — Contai a primeira entrevista de Rebecca com Isaac. — De que idade morreu Abrahão, e onde foi sepultado?

HISTORIA DE JACOB

1. **Esau e Jacob.** — Isaac e Rebecca passaram 20 annos sem terem filhos; Deos enfim ouviu as supplicas de Isaac, e Rebecca deu á luz dous gemeos (1970; B.2206). O que nasceu primeiro era ruivo e coberto de pello, e foi chamado *Esau*; o segundo foi chamado *Jacob*¹. Quando cresceram, Esau tornou-se habil caçador e deu-se á lavoura; Jacob, simples e meigo de genio, pouco saía de casa. Isaac amava Esau, porque lhe trazia sua veação de que muito gostava; Rebecca porém tinha predilecção por Jacob. — Estava um dia Jacob cozinhando umas lentilhas, quando chegou Esau do campo mui cansado e esfomeado, e disse ao irmão: « Dá-me d'esse guizado, que desfalleço. — *Jacob*: Vende-me o teu direito de primogenitura. — *Esau*: Estou a morrer, de que me servirá elle? — *Jacob*: Cedem'o pois com juramento. » E Esau lh'o cedeu, pôz-se a comer e heber, e foi-se, dando-se-lhe pouco de ter vendido o seu direito de primogenitura.

2. **Jacob surprehende a benção paterna: colera de Esau.** — Achando-se Isaac avançado em annos e cego, quiz antes de morrer dar sua benção a seu filho primogenito, e disse a Esau que fosse á caça e lhe preparasse um prato de veação, que depois o abençoaria. Mal Esau partiu, Rebecca, que ouvira tudo, disse a Jacob que fosse ao rebanho buscar os dous melhores cabritinhos, e os guizou como Isaac gostava; vestiu-o depois com o melhor lato de Esau, envolveu-lhe as mãos e o pescoço com as pelles dos cabritinhos, e n'este estado mandou-o com o guizado a seu pai. Isaac lhe perguntou: « Quem és? — *Jacob*: Sou Esau, vosso primogenito; comei

1. Esau foi assim chamado porque era cabelludo; teve o sobrenome de *Edom* por ser ruivo, e é d'ahi que os seus descendentes se chamaram *Edomitas*. — *Jacob* quer dizer *supplantador*; foi-lhe dado este nome porque nasceu segurando a planta do pé de seu irmão.

da veação que trago, e dai-me a vossa benção. — *Isaac* : Como podeste achar tão depressa a veação? — *Jacob* : Assim Deos o quiz. — *Isaac* : Chega-te para mim, meu filho, para que apalpe e conheça se és na verdade meu filho Esaú. » E tendo-o apalpado disse : « A voz é de Jacob, porém as mãos são de Esaú. » Depois de comer, Isaac abraçou seu filho, e como conhecesse o cheiro agradável da roupa de Esaú, abençoou-o dizendo : « O cheiro do meu filho é como o cheiro de um campo fértil que o Senhor abençoou. Dê-te o Senhor o orvalho do céu, a fertilidade da terra e abundancia de trigo e de vinho. Obedeçam-te os povos, e adorem-te as tribus; sê o senhor de teus irmãos. Maldito seja quem te amaldiçoar, e chovam benções sobre aquelle que te abençoar. » — Quando Esaú voltou e soube o que se tinha passado, soltou gritos de desespero e concebeu um odio mortal contra seu irmão; Isaac porém, reconhecendo a vontade de Deos, manteve a benção que dera a Jacob : deu comtudo a Esaú uma benção inferior áquella.

5. **Fugida de Jacob.** — Querendo Rebecca subtrahir Jacob ás ameaças de morte do irmão, e desejando vivamente que não casasse com mulher alguma de Chanaan, como havia feito Esaú, fallou a este respeito a Isaac. Este mandou então Jacob á Mesopotamia para casa de Labão, irmão de Rebecca, e disse-lhe que pedisse a mão de uma de suas primas. — Com um bordão na mão, sem outros preparativos, pôz-se Jacob a caminho, e tendo-lhe anoitecido fôra de povoado, tomou uma pedra para descansar a cabeça, e adormeceu. Viu então em sonho uma escada que da terra se elevava até o céu, e por ella subiam e desciam os Anjos; viu também a Deos apoiado no topo da escada, que lhe dizia : « Eu sou o Deos de Abrahão e de Isaac; a terra em que dormes, dal-a-hei a ti e á tua raça, que será tão numerosa como o pó da terra, e todas as nações serão abençoadas em ti e n' Aquelle que nascerá de ti. » Jacob acordando disse : « Em verdade que o Senhor está n' este lugar, e eu não o sabia; » consagrou depois a pedra em que repousara a cabeça como um monumento da sua visão, chamou ao lugar *Bethel*, isto é, *Casa de Deos*, e pôz-se de novo a caminho.

4. **Jacob em casa de Labão.** — Chegado ao termo da sua viagem, parou Jacob junto de um poço, onde os pastores de Haran traziam a beber os rebanhos, e como lhes pelisse informações acerca de Labão, mostraram-lhe a sua filha Rachel, que vinha dar de beber ás ovelhas de seu pai. Jacob tirou então a lage que cobria o poço, e deu de beber ao rebanho; abraçou depois a Rachel, derramando lagrimas, e disse-lhe que era seu primo, filho de Rebecca. Correu logo Rachel a avisar seu pai, que acolheu com ternura seu sobrinho. Ora Labão tinha duas filhas : Lia, a mais velha, que era

doente dos olhos, e Rachel, notavel por sua belleza. Como Jacob queria muito a esta, pediu-a em casamento, e Labão lh'a prometteu com a condição de servil-o sete annos. Expirado o prazo, Labão, faltando á sua palavra, fel-o por surpresa casar com Lia, e para obter Rachel teve Jacob de obrigar-se a servil-o ainda outros sete annos (1886; B.2122). Jacob casou tambem com Zelpha e Bala, criadas de Lia e Rachel, e teve das quatro mulheres doze filhos chamados os doze patriarchas, a saber : *Ruben, Simeão, Levi, Judá, Issachar, Zabulon*, filhos de Lia ; *Dan e Neptali*, filhos de Bala ; *Gad e Aser*, filhos de Zelpha, e enfim *José e Benjamin*, filhos de Rachel, sua esposa predilecta, os quaes elle por este motivo amava de preferencia. Jacob teve tambem uma filha de nome *Dina*, que lhe deu Lia.

5. **Volta de Jacob** (1873; B.2109). — Findos os 14 annos, quiz Jacob voltar para sua patria, e só consentiu em continuar a servir Labão com a condição que lhe seriam dadas todas as ovelhas e cabras manchadas que nascessem. Nos 6 annos que elle ainda serviu, seu sogro mudou dez vezes as condições do contracto ; porém de todos os modos Deos abençoou a Jacob, que veiu a ser mui rico em rebanhos. Porfim, vendo que Labão lhe mostrava má cara, partiu secretamente com sua familia para a terra de Chanaan, levando seus rebanhos e quanto possuia. Labão foi-lhe no encalço, e depois de sete dias de marcha, o alcançou no monte *Galaad* ; mas tendo-lhe Deos prohibido usar a menor violencia com seu genro, reconciliaram-se ambos, e Jacob pôde continuar sua jornada. — Livre de Labão, ia Jacob encontrar Esaú, e não estava certo se 20 annos de ausencia teriam desarmado o seu rancor ; assim, quando soube que este vinha-lhe ao encontro com 400 homens armados, assustou-se sobremaneira e enviou-lhe grandes presentes para apazigual-o. Em tal conjunctura, Deos confortou Jacob enviando-lhe um Anjo sob figura humana, o qual lutou com elle toda uma noite, e vendo que não o podia vencer, tocou-lhe na perna, de que ficou manco. Disse-lhe depois o Anjo : « D'aqui em diante não te chamarás Jacob, senão *Israel*¹, porque, se foste forte contra Deos, como o não serás ainda mais contra os homens ! » e o abençoou. Jacob deu ao lugar o nome de *Phanuel*, dizendo : « Vi Deos face a face. »

Ao nascer do sol, avistou Jacob a seu irmão que vinha para elle com 400 homens, foi-lhe ao encontro, e prostrou-se sete vezes antes de chegar ao pé d'elle. Esaú, vendo isto, perdeu todo o rancor, correu a elle, apertou-o nos braços, e o beijou chorando. Reconcili-

1. *Israel* quer dizer forte contra Deos, ou tambem combatente, soldado de Deos.

liados assim os dous irmãos, Esaú voltou para a Iduméa, e Jacob seguiu seu caminho para a terra de Chanaan, onde fixou sua residência perto da cidade de *Salem*, no paiz de *Sichem*.

6. **Rapto de Dina; morte de Isaac.** — O filho do rei de *Sichem*, tendo visto Dina, filha de Jacob, raptou-a. Seus irmãos, para vingarem este ultrage, entraram por surpresa na cidade, passaram á espada os habitantes e a saquearam. Jacob ficou mui contristado de um tal procedimento, que tornava elle e sua familia odiosos n'aquelle paiz, e por este motivo mudou-se para *Bethel*. Pouco depois morreu Rachel dando á luz *Benjamin*¹; Jacob levantou-lhe um monumento perto de *Bethlehem*, e foi reunir-se a seu pai em *Hebron*, no valle de *Mambre*. Isaac morreu algum tempo depois na idade de 180 annos, e foi sepultado por Esaú e Jacob (1850; B.2086).

Exercícios sobre a historia de Jacob.

1. Teve Rebecca immediatamente filhos? — Quaes foram os filhos de Isaac, e quem era o primogenito? — Dizei o character e o modo de viver de cada um? — Qual era o querido de Isaac? qual o predilecto de Rebecca? — Contai como Esaú vendeu a Jacob o seu direito de primogenitura?

2. Que quiz fazer Isaac vendo-se velho e cego, e que disse a Esaú? — Que meios empregou Rebecca para Jacob surprehender a benção paterna? — Que benção deu Isaac a Jacob? — Que fez Esaú vendo-se supplantado?

3. Que fizeram Rebecca e Isaac para livrarem Jacob do furor do irmão? — Que visão teve Jacob na viagem? — Que fez elle quando acordou?

4. Contai o primeiro encontro de Jacob com Rachel? — Como foi acolhido em casa de *Labão*, e como veiu a casar com as suas filhas? — Não teve Jacob outras mulheres? — Quantos filhos teve elle, e quaes são os seus nomes?

5. Quantos annos serviu Jacob a *Labão*? — Com que condição serviu os 6 ultimos? — Como partiu da casa do sogro, e que fez este? — Contai a lucta de Jacob com o Anjo? — Que fez elle para aplacar Esaú? — Como se passou a entrevista entre ambos? — Em que logar se estabeleceu Jacob?

6. Como os filhos de Jacob vingaram o rapto da irmã? — Que fez então Jacob? — Como morreu Rachel? — De que idade morreu Isaac?

HISTORIA DE JOSÉ

1. **José vendido por seus irmãos** (1862; B.2096). — Jacob amava José acima de todos os outros seus filhos, por havel-o tido de Rachel na sua velhice, e porque o menino bem o merecia por sua gentileza, seu genio brando e affavel, e sua docilidade e obediencia. Elle lhe tinha mandado fazer uma tunica mui vistosa de varias côres. Esta predilecção tornou José odioso a seus irmãos, que o aborreceram ainda mais por tel-os accusado a seu pai de um

1. Rachel moribunda deu a seu filho o nome *Benoni*, que que dizer *filho da minha dôr*; mas Jacob o chamou *Benjamin*, que significa *filho da direita*.

crime enorme, e depois que lhes contara dous sonhos mysteriosos que annunciavam a sua futura grandeza. « Parecia-me, lhes disse elle, que estavamos n'um campo a atar pavêas de trigo; de repente a minha pavêa levantou-se e ficou em pé, enquanto as vossas se inclinavam diante d'ella e como que a adoravam. — Acaso virás tu a ser nosso rei, lhe disseram os irmãos. — Tive um outro sonho, lhes contou ainda José, em que vi o sol, a lua e onze estrellas que me adoravam. » — Um dia que os filhos de Jacob apascentavam seus rebanhos n'um lugar mui afastado, José, que contava então 16 annos, foi enviado por seu pai para saber noticias d'elles. Mal seus irmãos o avistaram, disseram entre si : « Lá vem o sonhador, vamos tirar-lhe a vida, e lancemo-lo em alguma velha cisterna : diremos que uma fera o devorou, e ver-se-ha então de que lhe valeram seus sonhos. » Ruben, que era o mais velho, oppôz-se a este execrando crime, e persuadiu aos irmãos que o lançassem n'uma cisterna sem agua, com intenção de o salvar de suas mãos e de o restituir a seu pai. Como avistassem pouco depois uma cafila de mercadores ismaelitas que se dirigiam para o Egypto com camelos carregados de perfumes, tiraram a José da cisterna, e sem fazerem caso de suas lagrimas e supplicas, venderam-no aos mercadores por 20 mcedas de prata, e elles o levaram para o Egypto. — Os irmãos de José, para occultarem o seu crime, tomaram a tunica do irmão, a ensoparam no sangue de um cabrito, e enviaram-na a seu pai, mandando-lhe dizer : « Achámos esta tunica, vêde se é a de vosso filho. » Jacob, ao vel-a, exclamou : « Esta é a tunica de meu filho; uma fera devorou José ! » E rasgando seus vestidos, cobriu-se com um cilicio, sem querer escutar palavra alguma de consolação : o pobre pai dizia : « Não cessarei de chorar meu filho até que a morte venha reunir-me a elle. »

2. **José em casa de Putiphar.** — Chegados ao Egypto, os Ismaelitas venderam José a Putiphar, general dos exercitos de Pharaó. Deos abençoou a casa de Putiphar em attenção a José, o qual grangeou logo por suas boas qualidades a inteira confiança de seu senhor, a ponto de este nomeal-o intendente geral de sua casa. Ora, José tinha uma linda presença. — A mulher de Putiphar sollicitou-o para commetter uma acção criminosa; e como elle recusasse com horror, ella o segurou pela capa, mas o joven deixou-lh'a e fugiu. Esta depravada mulher serviu-se da capa para accusar José perante seu marido de tel-a querido violentar; e Putiphar, demasiado credulo, mandou encarcerar o innocente moço.

3. **José na prisão.** — No carcere em que foi mettido José, entraram presos dous officiaes da casa de Pharaó, o copeiro-mór e o padeiro-mór. Tiveram elles uma noite certos sonhos que lhes cau-

saram grande turvação, e os contaram a José para que os explicasse. « Via eu, lhe disse o copeiro-mór, uma videira com tres varas, das quaes saíram gomos, depois flores, e porfim cachos maduros; e eu, tendo na mão a taça de Pharaó, tomava os cachos, espremi-os na taça, e lh'a apresentava para beber. — As tres varas da videira, lhe disse José, denotam tres dias depois dos quaes sereis restituído á graça do rei e restabelecido no vosso cargo. Lembrai-vos então de mim, e pedí ao rei que me tire d'esta prisão, em que fui mettido injustamente. » — O padeiro-mór contou tambem o sonho que teve: « Levava en á cabeça tres cestos, e o que ia por cima estava cheio de pães e outras massas, que as aves vinham comer. — Os tres cestos, lhe disse José, denotam tres dias, depois dos quaes mandará Pharaó cortar-te a cabeça e pendurar n'um poste o teu corpo, que será dilacerado pelas aves. » As duas predicções se realizaram; porém o copeiro-mór, uma vez reintegrado no seu cargo, não se lembrou mais de José, que continuou a estar preso.

4. Sonhos de Pharaó; exaltação de José (1849; B.2085).

Dous annos depois teve Pharaó n'uma mesina noite dous sonhos que muito o impressionaram. No primeiro viu sair do Nilo sete vacas mui gordas e corpolentas, que se pozeram a pastar nas suas margens; viu depois sairem do rio outras sete vaccas, extremamente magras, que devoraram as primeiras. No segundo sonho viu sete espigas mui gradas e bem fornidas sustentadas por um mesmo pé; appareceram em seguida outras sete espigas frauzinas e oucas, que devoraram as primeiras. Pharaó accordou sobresaltado, e consultou, porém debalde, todos os adivinhos e sabios do Egypto: não achou nenhum que lhe soubesse explicar os dous sonhos. Lembrou-se então o copeiro-mór de José, e disse ao rei: « Confesso a minha falta; esqueci-me de vos fallar de um joven Hebreu que, na prisão em que estavamos eu e o copeiro-mór, nos explicou os sonhos que ambos tivemos, e tudo veiu a acontecer como elle predisse. » Pharaó fez então vir José á sua presença e contou-lhe o que vira em sonhos. « Os dous sonhos, lhe disse o filho de Jacob, teem ambos a mesma significação: as sete vaccas gordas e as sete espigas gradas annunciam sete annos de extraordinaria fartura; as sete vaccas magras e as sete espigas chupadas annunciam sete annos de esterilidade e de fome, que virão depois. Confiai pois, ó rei, o governo do Egypto a um habil administrador que mande arrecadar nos elleiros publicos a quinta parte da colheita dos sete annos de abundancia que vão começar, assim de remediar a extrema carestia dos outros sete annos. » Pharaó ficou tão satisfeito d'esta explicação e tão admirado da sobedoria d'este alvitre, que disse a seus ministros: « Onde poderíamos achar um homem como este, tão cheio do espirito de Deus? »

rito de Deos? » E dirigindo-se a José, disse-lhe : « Eu te constituo hoje governador de todo o Egypto. » Tirando depois um anel que tinha, mettu-o no dedo de José, fel-o vestir de roupas de linho fino, pôz-lhe ao pescoço um collar de ouro, e fazendo-o subir n'um de seus coches, mandou apregoar por um arauto que todo o povo se ajoelhasse diante de José, que elle era nomeado por Pharaó para administrar tolo o Egypto. Mudou-lhe tambem seu nome por outro que em lingua egypciaca queria dizer *Salvador do mundo*, e fel-o casar com Aseneth, filha do summo sacerdote de Heliopolis, da qual teve dous filhos, *Manassés* e *Ephraim*.

5. **Jacob envia seus filhos ao Egypto.** — Chegaram pois os sete annos de grande fartura, como José havia predito, e segundo as suas ordens, guardou-se nos celleiros publicos o excedente da colheita. Seguiram-se depois sete annos de esterilidade, e a fome fez-se sentir não só em todo o Egypto, como nos paizes circumvisinhos, particularmente na terra de Chanaan. Jacob viu-se portanto obrigado a mandar seus filhos ao Egypto para comprarem trigo ; guardou porém em casa Benjamin, receiando que não lhe acontecesse algum desastre no caminho. Chegados ao Egypto, foram apresentados a José, que reconheceu logo a seus irmãos, mas não foi d'elles reconhecido. Fingindo então tomal-os por espiões, lhes disse : « Viestes sem duvida examinar os pontos mais fracos do Egypto. — Não, senhor, responderam elles ; viemos para comprar trigo. Somos dezoze irmãos, filhos de um morador da terra de Chanaan ; o mais moço ficou com o pai em casa, e o outro ha muito que não existe. — Eu saberei se é verdade o que dizeis, lhes tornou José ; não saireis d'aquí sem que antes venha o vosso irmão mais moço : mandai um de vós a buscal-o. » E os mandou metter na prisão, onde passaram tres dias ; fel-os depois vir á sua presença e lhes disse : « Voltai com o trigo á casa de vosso pai e trazei-me o irmão menor, ficando um de vós em refem. » Puzeram-se então a dizer entre si : « Merecemos bem o que agora soffremos, porque peccámos contra nosso irmão e não tivemos pena d'elle quando nos supplicava. » Cuidavam que José não os entendia, porque lhes fallava por um interprete: José porém, commovido de ver o arrependimento de seus irmãos, retirou-se para chorar. Mandou depois encher de trigo os seus saccos, metter dentro o dinheiro que tinham dado, e ajuntar de mais viveres para a jornada, e deixou-os partir; reteve porém Simeão como refem até vir Benjamin. De volta ao paiz de Chanaan, contaram a seu pai tudo o que lhes havia succedido, e como o vice-rei do Egypto exigia que lhe levassem seu irmão Benjamin. Jacob não quiz consentir em tal, dizendo : « Quereis reduzir-me a ficar sem filhos? José já não vive ; Simeão ficou preso ; e quereis agora

levar-me Benjamin. Não, não o deixarei partir; pois, se lhe viesse a acontecer alguma desgraça, a dôr que causaricis á minha velhice levar-me-ia á sepultura. »

6. Os filhos de Jacob voltam ao Egypto. — Tendo-se acabado os mantimentos que os filhos de Jacob trouxeram do Egypto e continuando a fome, disse-lhes elle que voltassem ao Egypto a comprar trigo; mas os filhos lhe representaram que não podiam lá tornar sem levarem Benjamin. Jacob, depois de viva resistencia, teve de ceder, e confiou Benjamin a Judá, que se obrigou a trazel-o são e salvo. Os filhos de Jacob partiram pois com Benjamin, levando presentes para José e dobrado dinheiro, temendo que a primeira somma lhes tivesse sido restituída por engano. O intendente de José, a quem elles exposeram o caso, disse-lhes que ficassem socagados, que tudo acontecera por ordem de Deos — José, ao saber que seus irmãos estavam de volta e Benjamin com elles, mandou preparar um lauto banquete, e quando foram intrôduzidos á sua presença, perguntou-lhes: « Ainda é vivo vosso pai, esse bom velho de quem me fallastes? passa elle bem de saude? » E avistando Benjamin: « E' este, disse-lhes, o vosso irmão mais moço? Meu filho, Deos te conserve e te proteja sempre. » E deu-se pressa em sair, porque se lhe commoveu o coração de ver Benjamin, filho como elle de Rachel, e não podia mais reprimir as lagrimas. Depois de lavar o rosto, voltou para a sala e, quando foi servido o jantar, assentou-se á mesa com seus irmãos.

7. José dá-se a conhecer a seus irmãos. Depois do banquete, deu José ordem ao seu intendente que enchesse de trigo os saccos de seus hospedes quanto podessem levar, mettendo dentro o dinheiro que haviam trazido, e que escondesse a sua taça de prata no sacco de Benjamin. No dia seguinte pela manhã pozeram-se a caminho os filhos de Jacob, mas iam ainda a pouca distancia da cidade, quando correu após elles o intendente reclamando a taça do seu senhor. Ao que elles disseram: « Tornámos-te a trazer o dinheiro achado em nossos saccos; como podeis julgar-nos capazes de roubar a taça de vosso senhor? Seja punido de morte aquelle em cujo sacco fôr achada a taça, e todos nós seremos escravos de vosso senhor. » Visitados os saccos, foi ella encontrada no sacco de Benjamin. Rasgaram então elles seus vestidos em signal de dôr, voltaram á cidade, e prostraram-se aos pés de José. Este lhes disse: « Por que procedestes para commigo d'esta fórma? Aquelle que furtou a taça ficará sendo meu escravo; quanto a vós outros, voltaí em liberdade para vosso pai. » Mas Judá lhe expôz de um modo mui pathetico a afflicção mortal que sentiria Jacob se elles voltassem sem Benjamin, e contou-lhe o quanto tinha custado

para Jacob consentir na partida d'este seu filho predilecto. « Nosso pai morrerá de dôr, se eu me apresentar a elle sem este menino, porque me obriguei a dar conta d'elle. Seja eu pois o que fique por vosso escravo, e volte elle com seus irmãos. » José, não podendo por mais tempo conter a sua emoção, mandou sair todos os Egyptios que alli se achavam, e dando livre curso ás suas lagrimas, exclamou : « Eu sou José vosso irmão ! Meu pai vive ainda ? » E como os visse aterrados, disse-lhes com ternura : « Chegai-vos para mim ; eu sou José ; não temais, nem vos afflijais de me terdes vendido, porque foi para vos salvar que Deos me enviou ao Egypto. Ide procurar meu pai, annunciai-lhe que seu filho José está vivo e que Deos lhe deu o governo de todo o Egypto, e apressai-vos a m'o trazerdes. Eu vos darei a terra de Gessen e vos sustentarei, porque restam ainda cinco annos de fome. » E lançando-se ao pescoço de Benjamin, o abraçou e beijou chorando ; beijou depois os outros seus irmãos e chorou sobre cada um d'elles, e só então é que elles se animaram a fallar-lhe. — Espalhou-se logo no palacio do rei a noticia de terem chegado os irmãos de José. Pharaó mostrou-se muito satisfeito e mandou carros para conduzir ao Egypto Jacob e toda sua familia com quanto possuian.

8. **A familia de Jacob estabelecida no Egypto** (1810 ; B.2076). — Quando Jacob soube da bocca de seus filhos tudo o que succedera, e viu os ricos presentes de José e os carros mandados por Pharaó, exclamou : « Não tenho mais que desejar uma vez que meu filho José ainda vive ; irei e vel-o-hei antes de morrer. » Partiu pois o patriarcha para o Egypto com sua familia que se compunha de 70 pessoas e com todos os seus bens, e mandou adiante Judá para dar aviso da sua chegada. José veiu-lhe ao encontro, e apenas o avistou, desceu do carro, lançou-se nos seus braços, e o banhó com suas lagrimas. Disse-lhe então Jacob : « Agora morreréi satisfeito, porque tornei a ver o teu rosto, e me has de sobreviver. » José apresentou seu pai e seus irmãos a Pharaó, que os acolheu com muita bondade e lhes deu a terra de Gessen¹, a mais fertil de todo o Egypto.

9. **Morte de Jacob** (1823 ; B.2059). — Jacob viveu ainda 17 annos na terra de Gessen, e quando chegou á idade de 147 annos, sentindo approximar-se o seu fim, chamou a José e fel-o jurar que havia de sepultal-o na terra de Chanaan no jazigo de seus antepassados ; abençoou depois os dous filhos de José, Ephraim e Manassés. Vendo enfim que era chegada sua ultima hora, reuniu todos

1. A terra de Gessen ficava no Baixo-Egypto, ao oriente do Nilo ; era rica em pastagens. Foi a unica isenta das pragas que assolaram o Egypto.

os seus filhos em torno do seu leito, abençoou-os, prophetisando a cada um d'elles o que estava reservado á sua posteridade, e predisse claramente que de Judá nasceria o Messias : « Judá, disse elle, os filhos de teu pai te adorarão. O sceptro não sairá de Judá até chegar Aquelle que deve ser enviado e que será o desejado das nações. » Quando Jacob cessou de fallar, ajuntou os pés e expirou. José, vendo seu pai morto, lançou-se sobre seu rosto e o beijou banhado em lagrimas; mandou depois embalsamar o seu corpo, segundo o costume dos Egyptios, e acompanhado de seus irmãos e dos principaes officiaes da cõrte de Pharaó, o conduziu com grande pompa á terra de Chanaan, e o depositou na caverna de Macphela perto de Hebron.

10. **Morte de José** (1770; B.2005). — Temiam os filhos de Jacob que, depois da morte de seu pai, tomasse José vingança do que lhe haviam feito; mas elle os tranquillizou com muita brandura e carinho. Tinha então José 56 annos, e viveu ainda 54, sempre muito respeitado e honrado no Egypto, de que era o salvador. Antes de morrer, disse a seus irmãos : « Deos vos ha de visitar depois de minha morte e vos fará passar d'esta terra para aquella que elle prometteu a nossos pais; jurai-me que levareis então comvosco d'aqui os meus ossos. » Elles o juraram. Morto pois José na idade de 110 annos, o seu corpo foi embalsamado, posto n'um ataude e guardado religiosamente pelos filhos de Israel, e quando estes saíram do Egypto, o levaram comsigo para deposital-o ao lado de seus antepassados¹.

Exercicios sobre a historia de José.

1. Qual era o filho predilecto de Jacob, e porque lhe tinha elle tanta affeição? — Donde veio o odio que os irmãos de José lhe tinham? — Contai os sonhos que teve José. — Que mal lhe quizeram os irmãos um dia fazer? — Como o venderam e enganaram seu pai? — Contai a dôr de Jacob.

2. Que succedeu a José ao chegar ao Egypto? — Como foi tratado por Putiphar? — Porque mandou Putiphar metter a José no carcere?

3. Que companheiros veio José a ter na prisão? — Que sonhos lhe contaram elles, e que interpretação lhes deu José?

4. Contai os sonhos que teve Pharaó. — Como foi José chamado a interpretar-os? — Como os explicou, e que conselho deu ao rei? — Como ficou satisfeito o rei, e que fez a José? — Com quem se casou José, e que filhos teve?

1. José é talvez a figura mais perfeita que ha de Jesus Christo no Antigo Testamento. José é odiado de seus irmãos porque os accusa de um grande crime e é o filho predilecto de Jacob: J. C. é odiado dos Judeos porque lhes reprehende os seus vicios, se declara Filho de Deos, e o mesmo Deos o proclama seu Filho muito amado. José é vendido a estrangeiros por seus irmãos; a sua tunica é tinta de sangue; Putiphar o condemna e ninguem se interessa por elle; elle soffre em silêncio: J. C. é vendido por trinta dinheiros; entregue aos Romanos pelos Judeos; soffre toda a sorte de injurias e tormentos e enfim uma morte cruenta sem

5. Como se realizou a predição de José? — Porque vieram os filhos de Jacob ao Egypto, e como os tratou José? — De que meio se serviu este para obrigar-os a trazerem Benjamin ao Egypto? — Consentiu n'isto Jacob?

6. Como Jacob deixou afinal partir Benjamin? — Como foram os filhos de Jacob acolhidos por José? — Contai a emoção de José ao ver Benjamin.

7. Que desgosto causou José a seus irmãos quando voltavam para Chanaan? — Que lhe disse Judá quando elle queria reter Benjamin como escravo? — Como deu-se José a conhecer a seus irmãos, e que lhes disse e fez? — Como recebeu Pharaó a noticia de terem chegado os irmãos de José?

8. Como recebeu Jacob as boas noticias que lhe deram seus filhos? — Como partiu para o Egypto, e de que modo foi recebido por José e por Pharaó? — Em que parte do Egypto se estabeleceu Jacob com sua familia?

9. Que pediu Jacob a José antes de morrer? — Como se despediu de seus filhos, e que disse a Judá? — De que idade morreu Jacob, e onde foi sepultado?

10. Como tratou José os irmãos depois da morte de Jacob? — Quantos annos viveu José, e que disse aos irmãos antes de morrer? — Onde foi sepultado?

HISTORIA DE JOB

Pela epocha da oppressão dos Hebreos no Egypto, vivia no paiz de Hus na Iduméa um santo varão chamado Job, da raça de Esaú. Elle era mui poderoso e celebre no Oriente por sua immensa riqueza, que consistia sobretudo em rebanhos e campos, pois possuia sete mil ovelhas, tres mil camelos, quinhentas juntas de bois e quinhentas jumentas. Tinha sete filhos e tres filhas, todos já estabelecidos e ricos, e vivendo na mais perfeita harmonia e união. — Deos, para prova-lo, permittiu a Satanaz que o despojasse de quanto possuia. Um dia que os filhos e filhas de Job comiam juntos em casa de seu irmão mais velho, um mensageiro veio dizer a Job : « Estavam vossos bois lavrando e vossas jumentas pastavam perto, quando appareceram de repente os Sabeos e roubaram tudo e mataram vossos servos; só eu me pude salvar para trazer-vos a noticia. » Fallava ainda elle, quando entrou outro, que disse a Job : « O fogo do céo destruiu os vossos rebanhos de ovelhas e os que os guardavam. » Logo depois chegou um terceiro, dizendo : « Os Chaldeos apoderaram-se de vossos camelos e mataram vossa gente. » Um quarto mensageiro veio dizer : « Estavam vossos filhos e filhas comendo em casa de seu irmão mais velho, quando um furacão derribou a casa, ficando todos esmagados debaixo das ruinas. » Job então levantou-se, rasgou suas vestes, rapou a cabeça, e prostrando-se por terra, adorou a Deos, dizendo : « Nú entrei no mundo e nú d'elle sairei. Tudo quanto eu possuia, o Senhor m'o havia dado;

se queixar. José é posto em prisão com dous criminosos; prediz a um a sua elevação, e ao outro a sua morte proxima : J. C., crucificado entre dous ladrões, salva um, e deixa morrer o outro na impenitencia. Enfim José chega á gloria pelos soffrimentos e humilhações, e é proclamado salvador do Egypto : J. C. teve tambem de soffrer para entrar na gloria, e o nome de *Jesus* significa *Salvador*, e elle o foi de todos os homens.

elle m'o tirou; tudo succedeu por sua divina vontade. Bemdito seja pois o nome do Senhor! » — O demonio irritado da paciencia admiravel de Job, obteve de Deos a permissão de affligil-o em sua propria carne, sem porém tirar-lhe a vida. Feriu-o pois com uma chaga horrivel, que lhe cobria o corpo dos pés á cabeça. Sentado n'um monturo a raspar com um caco de telha o pus que lhe corria das ulceras, o pobre Job viu-se abandonado mesmo d'aquelles que mais o honravam no tempo da sua prosperidade. Sua mulher ficou só junto d'elle; mas não foi senão para tental-o, leval-o a sentimentos de desespero, e excit-o a murmurar e blasphemar contra Deos. « Permaneces ainda, dizia-lhe ella, na tua simplicidade? Amaldiçoa a Deos e morre. — Fallas como uma nescia, lhe respondia Job: se temos recebido os bens da mão de Deos, porque não havemos tambem de aceitar os males que nos envia? »

Tres amigos de Job vieram visital-o com o fim de o consolarem. Apenas o puderam reconhecer, tão desfigurado o encontraram. A dôr suffocou-lhes a voz, e passaram muito tempo a chorar sem lhe poderem fallar. Mas depois, em vez de consolar Job na sua adversidade, affligiram-no ainda mais, querendo-lhe persuadir que a extrema miseria a que elle se achava reduzido era de certo punição de algum grande peccado que elle teria commettido; Job porém, conscio de sua innocencia, provou-lhes que Deos afflige ás vezes os justos para experimentar a sua fidelidade e tornal-os mais perfeitos. No meio da sua extrema miseria, o patriarcha consolava-se com a esperanza de uma vida futura mais feliz que esta: « Sim, eu sei, dizia elle, meu Redemptor vive; no dia derradeiro eu resuscitarei da terra, e revestido da minha carne, verei meu Deos, e o contemplarei com meus proprios olhos. Esta esperanza que me sustem, eu a guardo sempre no fundo do coração. » Deos approvou os sentimentos de Job, e condemnou as injustas supposições dos amigos. Tocado enfim Deos da resignação do santo varão, restituiu-lhe a saude e deu-lhe em dobro tudo o que d'antes possuia. Teve outros sete filhos e tres filhas, cuja descendencia viu até a quarta geração, morrendo em venturosa velhice na idade de 210 annos.

Exercicios sobre a historia de Job.

Quem era Job? — Que riquezas possuia? — Quantos filhos tinha? — Que permittiu Deos a Satanaz para provar Job? — Enumerai as desgraças que lhe sobrevieram. — Como Job as recebeu e que disse? — Que fez o demonio ao ver a paciencia de Job, e a que nova prova foi este submittido? — Como o tratava sua mulher, e que lhe respondia Job? — A que attribuiram os amigos de Job as desgraças d'este? — Qual foi a resposta do santo varão? — Que esperanza o consolava? — Como recompensou Deos a resignação de seu servo? — De que idade morreu Job?

HISTORIA DE MOYSÉS

1. **Perseguição dos Hebreos no Egypto.** — Debaixo do nome de Hebreos ou Israelitas continuaram os descendentes de Jacob a habitar o Egypto, e tornaram-se em breve um povo mui numeroso. Prevenidos já contra elles por causa do seu genero de vida e da sua religião, os Egypcios inquietaram-se com tão rapido crescimento, e um Pharaó, que não conhecera José, começou a perseguil-os cruelmente. Foram condemnados aos mais duros trabalhos; empregavam-nos em construir pyramides e em edificar cidades. Como o seu numero, em vez de diminuir, crescesse sempre, foi-lhes ordenado que lançassem no Nilo todas as crianças do sexo masculino que lhes nascessem. Mas n'esse mesmo momento vinha ao mundo quem os havia de libertar, *Moysés*, filho de Amram e de Jocabed, da tribu de Levi (1705; B. 1725).

2. **Moysés salvo das aguas.** — Sua mãe Jocabed, depois de havel-o escondido por tres mezes, receiando que o descobrissem, collocou a criança em um cestinho de vime, que expôz no meio de uns caniços á beira do Nilo. — A filha de Pharaó, vindo banhar-se ao rio, avistou o cestinho, mandou que li'o trouxessem, e á vista da criancinha que chorava, teve dó d'ella e disse : « É de certo algum menino dos Hebreos. » Maria, irmã da criança, que por recomendação de Jocabed se achava por ali perto a vigiar o que pudesse succeder, correu logo a offerecer á princeza uma ama, e chamou sua mãe. A filha de Pharaó confiou a esta o menino para que o criasse, e depois o adoptou por filho, dando-lhe o nome de *Moysés*, que quer dizer *salvo das aguas*, e mandou-lhe ensinar toda a sciencia dos Egypcios.

3. **Sarça ardente: missão dada a Moysés.** — Embora accumulado de favores e honras, Moysés, ao chegar á idade de 40 annos, deixou o palacio dos Pharaós e voltou para os da sua raça, pois era com indignação que via a sua oppressão. Um dia, vendo um Egypcio maltratar a um Israelita, Moysés matou o Egypcio, e obrigado por isto a fugir, retirou-se para o paiz dos Madianitas, onde passou 40 annos ao serviço do sacerdote Jethro, que lhe deu sua filha Sephora em casamento. Estando um dia Moysés a pastorear os rebanhos de seu sogro, appareceu-lhe o Senhor no monte Horeb no meio de uma sarça que ardia sem se consumir. Approximou-se elle para ver este prodigio, e eis que sáe da sarça uma voz que lhe diz : « Moysés, não te adiantes mais, descalça os sapatos, que é santa a terra que pisas. Eu sou o Deos de teu pai, o Deos de Abrahão, de Isaac e de Jacob. » A estas palavras escondeu Moysés o rosto, por não ousar olhar para Deos. O Senhor continuou : « Chegaram a

min os clamores dos filhos de Israel, vi a sua afflicção, e quero que vás da minha parte ter com Pharaó, e farás sair meu povo do Egypto. — MOYSÉS : Quem sou eu, Senhor, para ir a Pharaó e tirar o povo de Israel do Egypto? — DEOS : Eu serei contigo. — MOYSÉS : E se os filhos de Israel me perguntarem vosso nome, que lhes responderei eu? — DEOS : *Eu sou o que sou*, e lhes dirás : *Aquelle que é* me envia para vos libertar do captiveiro do Egypto e conduzir-vos a uma terra que mana leite e mel. — MOYSÉS : Mas elles não me acreditarão quando lhes disser que vós me apparecesteis. » Deos então mandou-lhe que pozesse no chão a vara que tinha na mão, e ella mudou-se em serpente. Moysés ficou assustado; mas o Senhor lhe disse que lhe pegasse pela cauda, e achou-se elle com a sua vara na mão. Disse-lhe mais Deos que mettesse a mão no seio, e viu a mão toda coberta de lepra; mettu-a de novo no seio, e ficou sã e egual á outra. « Com estas provas, continuou o Senhor, elles acreditarão que sou eu quem te envio. Se porém estes milagres não bastarem para os convencer, toma agua do rio, derrama-a no chão, e se converterá em sangue. » Representou Moysés a Deos ter grande difficuldade no fallar, e Deos lhe respondeu : « Teu irmão Aarão fallará por ti. Com a tua vara obrarás milagres. » — Moysés despediu-se de seu sogro, e voltou para o Egypto. Aarão veio-lhe ao encontro por ordem de Deos; e foram ambos reunir os anciãos de Israel, a quem referiram o que o Senhor dissera a Moysés. A' vista dos milagres que obraram, o povo conheceu que o Senhor se condoera de seus soffrimentos, e prostrado por terra, o adorou.

4. **As dez pragas do Egypto.** — Moysés e seu irmão Aarão apresentaram-se na côrte do Egypto e intimaram a Pharaó em nome de Deos que deixasse partir os Hebreos para irem sacrificar no deserto. O rei recusou, e nem os milagres que Moysés fez em sua presença puderam vencer a sua obstinação; pelo contrario ordenou que os Hebreos fossem tratados com mais dureza e sobrecarregados de maiores trabalhos, porquanto dizia : « Estão ociosos, e por isso pensam em irem ao deserto sacrificar. » Então Deos, pelo ministerio de Moysés e de Aarão, flagellou o paiz com as terriveis calamidades conhecidas pelo nome das *dez pragas do Egypto*, que foram as seguintes : 1º as aguas foram convertidas em sangue; 2º multidões innumeraveis de rãs invadiram tudo e penetraram até no palacio do rei; 3º o pó da terra transformou-se em enxames de mosquitos que atormentaram horrivelmente os homens e os animaes; 4º aos mosquitos succederam moscas malignas e insectos; 5º uma peste destruiu todo o gado; 6º a gente foi affligida com dolorosas ulceras; 7º uma tremenda chuva de pedra devastou os campos; 8º nuvens de gafanhotos devoraram o que não fora des-

truido pela chuva de pedra; 9º trevas espessissimas cobriram o Egypto durante tres dias. Todos estes flagellos não fizeram senão endurecer o coração de Pharaó. A cada uma das pragas que affligia o Egypto, elle prometia que deixaria partir os Hebreos; porém mal cessava a calamidade pelas preces que Moysés fazia a Deos, o rei recusava cumprir o que promettera. Entretanto a terra de Gessen que habitavam os Hebreos ficou preservada de todas essas terribes pragas.

5. A Paschoa; saída dos Hebreos do Egypto (1625; B. 1645).

— Deos, antes de ferir o Egypto com a decima e ultima praga, mandou Moysés e Aarão dizer aos Hebreos: « No dia dez d'este mez tomareis para cada familia um cordeiro sem mancha, macho e de um anno; guardal-o-heis até o dia 14, e o immolareis perto da noite. Com o seu sangue marcareis as portas de vossas casas; e na mesma noite comereis a sua carne assada ao fogo com pães asmos e alfaces silvestres, tendo cingidos vossos rins, calçados os pés e com um bordão na mão; e comereis á pressa, porque é a *Paschoa* isto é, a *passagem* do Senhor. E n'essa noite passarei pela terra do Egypto e matarei todos os primogenitos desde o filho do rei até o filho da mais vil escrava, e até mesmo dos animaes; mas o sangue do cordeiro com que serão marcadas vossas casas, vos preservará. » Cumpriram os Hebreos as ordens do Senhor. No meio da noite o Anjo exterminador tirou a vida a todos os primogenitos dos Egypcios. Levantou-se um clamor universal em todo o Egypto, porque não ficou casa em que não houvesse algum morto. Pharaó mandou chamar na mesma noite a Moysés e Aarão e lhes disse que partissem quanto antes do Egypto com o povo hebreu e seus rebanhos. Os Egypcios instavam tambem com os Hebreos que saíssem logo da sua terra, pelo medo que tinham de morrer. Os Hebreos partiram pois em numero de 600,000, sem contar as mulheres e os meninos, e levaram consigo os ossos de José. O Senhor lhes permittiu ficarem de posse dos vasos de ouro e prata e dos vestidos preciosos que os Egypcios lhes haviam fiado ou emprestado¹.

Exercícios sobre a historia de Moysés.

1. Como se multiplicaram os descendentes de Jacob, e como se chamavam? — Por quem e de que maneira foram perseguidos? — Que ordenou Pharaó para diminuir o numero dos Hebreos? — Quem foi o escolhido por Deos para libertal-os? — De que tribu era Moysés, e quem foram seus pais?
2. Como foi Moysés exposto no Nilo? — Como e por quem foi salvo? — Por quem foi criado? — Como o tratou a filha de Pharaó?
3. De que idade e porque deixou Moysés a corte de Pharaó? — Porque foi

1. Era uma mui pequena compensação dos excessivos trabalhos que os Egypcios tinham injustamente exigido dos Hebreos por longos annos.

brigado a fugir do Egypto. e para onde se retirou? — Que fez Moysés no paiz dos Madianitas? — Que lhe aconteceu de extraordinario no monte Iloreb? — De que missão encarregou Deos a Moysés? — Que colloquio tiveram? — Que milagres obrou então Deos? — Que fez Moysés de volta ao Egypto?

4. Que intimaram Moysés e Aarão a Pharaó? — Consentiu elle? Que fez então Deos? — Enumerai as pragas do Egypto. — Que effeito produziram no animo de Pharaó? — A terra de Gessen foi tambem flagellada?

5. Que significa a palavra *Paschoa*? — Como mandou Deos celebral-a? — Qual foi a decima praga do Egypto? — Que resultado produziu? — Quantos eram os Hebreos ao sairem do Egypto? — Que lhes permittiu Deos?

QUARTA EPOCHA

Da saída do Egypto até o estabelecimento da monarchia, 1625-1096 A. C. (B. 1645-1080).

OS ISRAELITAS NO DESERTO

1. **Passagem do mar Vermelho.** — O Senhor não conduziu os israelitas pelo paiz dos Philisteos, que era o mais curto, com receio de que se arrependessem se se vissem logo empenhados em uma grande guerra, e voltassem para o Egypto. Fel-os pois fazer um longo rodeio pelo caminho do deserto que fica perto do mar Vermelho. Entretanto Pharaó arrependeu-se logo de ter deixado partir os Hebreos, e foi em seu seguimento com 600 carros e um poderoso exercito. Os Hebreos, que se achavam então nas praias do mar Vermelho, julgavam-se perdidos, e proromperam em amargas queixas contra Moysés, dizendo-lhe : « Não havia por ventura bastantes sepulturas no Egypto, e por isso nos conduzistes para morrermos aqui no deserto? » Moysés os tranquillizou assegurando-lhes que Deos combateria por elles. Estendeu depois por ordem de Deos sua vara milagrosa sobre o mar, e um vento impetuoso separou as aguas e abriu uma larga estrada, por onde passaram os Israelitas a pé enxuto, vendo com espanto as aguas do mar suspensas formando a direita e á esquerda como duas muralhas. Os Egypteos, que ardiam por alcançar os Israelitas, seguiram o mesmo caminho; mas quando se achavam no meio do mar, Moysés por ordem de Deos estendeu de novo a mão sobre o mar, e as aguas reunindo-se submergiram Pharaó com todo o exercito. Então Moysés e os filhos de Israel entoaram ao Senhor um magnifico cantico em acção de graças.

2. **Vingem dos Hebreos no deserto.** — Livre assim do captiveiro do Egypto, que durara mais de 200 annos (segundo outros mais de 400), teve o povo hebreo de andar errante 40 annos por um vasto deserto, antes de chegar á terra de Chanaan que lhe fora prometida. A vida dos Hebreos no deserto foi um milagre continuo.

Deos guiava-os de dia por meio de uma columna de nuvens, e de noite por uma columna de fogo. Em *Mara*, Moysés adoçou as aguas amargas, lançando n'ellas certa madeira que Deos lhe indicou. Em *Raphidim*, elle feriu com a sua vara o rochedo de Horeb, e fez d'elle brotar agua copiosa para os Israelitas matarem a sede. — Sendo n'esse logar atacados por um exercito de Amalecitas, para vencel-os bastou que Moysés conservasse durante a batalha seus braços erguidos para o céu. Quando elle os abaixava, o inimigo obtinha superioridade, e foi preciso para alcançar completa victoria que Aarão e Hur lhe sustentassem até ao pôr do sol os braços desfalecidos. — Murmurando um dia o povo contra Moysés com saudades do Egypto, onde tinham carne e pão em abundancia, Deos lhes enviou á tarde quantidade innumeravel de codornizes, e na manhã seguinte a terra appareceu coberta de pequenos grãos brancos parecidos com a geadá que cae no inverno : o povo lhes deu o nome de *manná*¹ e este foi o seu sustento diario durante os 40 annos que passaram no deserto. Era preciso colher o *manná* todas as manhãs antes de nascer o sol, pois mal este começava a despontar, derretia-se o *manná*. Não era permittido guardar nada para o dia seguinte, excepto na vespera do Sabbado, em que se fazia provisão para dous dias, já que no Sabbado não caía *manná*, afim que o povo guardasse o repouso d'esse dia consagrado ao Senhor.

3. Moysés no monte Sinai; o Decalogo. — No terceiro mez depois da saída do Egypto, chegaram os Hebreos ao pé do monte Sinai, e Deos chamou Moysés ao cumie do monte, e disse-lhe : « Eis o que dirás á casa de Jacob : Vistes o que fiz aos Egyptios, e de que modo vos trouxe eu, como a aguia traz seus filhos sobre as azas, e vos escolhi para serdes o meu povo. Se ouvirdes a minha voz e fordes fieis á minha alliança, sereis para mim a porção escolhida entre todos os povos, sereis o meu reino sacerdotal. » O povo de Israel respondeu a Moysés : « Faremos tudo o que o Senhor manda. » Levou Moysés esta resposta ao Senhor, e o Senhor lhe disse : « Vae ter com o povo e purifica-o, e estejam todos promptos para o terceiro dia, porque d'aqui a tres dias descera o Senhor ao monte Sinai á vista de todo o povo. Porás em roda do monte uma barreira que o povo não deve ultrapassar, porque quem tocar no monte será ferido de morte. » Moysés fez o que o Senhor lhe ordenou. Ao amanhecer do terceiro dia, cobriu-se o monte de uma espessa nuvem, da qual partiam relampagos, trovões e o som agudo de uma temerosa trombeta; todo o povo tremia de susto. No meio d'este mages-

1. O *manná* que caía cada dia do céu e servia de sustento aos Israelitas, era a figura do verdadeiro Pão celeste da Eucharistia, que todos os dias na missa desce do céu e sustenta nossas almas para a vida eterna.

o apparatuso fez Deos ouvir a sua voz do alto do Sinai, e promulgo a sua lei formulada nos dez mandamentos seguintes, a que se dá o nome de *Decalogo* :

I. Eu sou o Senhor teu Deus que te tirei da terra do Egypto, da casa da escravidão : não terás deoses estrangeiros diante de mim. — II. Não tomarás em vão o nome do Senhor teu Deus. — III. Lembra-te de sanctificar o dia do sabbado, porque o Senhor fez em seis dias o céu, a terra, o mar e quanto n'elles ha, e descansou no septimo dia, e é por isto que o Senhor abençoou o dia do sabbado e o sanctificou. — IV. Honra teu pai e tua mãe afim de teres longa vida sobre a terra. — V. Não matarás. — VI. Guardarás castidade. — VII. Não furtarás. — VIII. Não levantarás falso testemunho contra teu proximo. — IX. Não desejarás a mulher e teu proximo. — X. Não cobiçarás nem sua casa, nem seu servo, nem suaerva, nem seu boi, nem seu jumento, nem cousa alguma que lhe pertença.

O povo, que tudo via e ouvia, conservava-se a certa distancia do monte, cheio de assombro e de terror, e dizia a Moysés : « Fallamos vós, que vos escutaremos ; mas não nos falle o Senhor, que podemos morrer. » Moysés tranquillizou o povo, e voltou para o monte, onde Deos lhe deu varias ordens e instrucções, que são pela maior parte explicação ou confirmação dos dez mandamentos, e lhe prescreveu as penas reservadas aos transgressores da lei. Desceu Moysés do monte e annunciou ao povo as ordens de Deos, e o povo as aceitou e consentiu na alliança que Deos fazia com elle. Voltou depois Moysés ao cume do Sinai, onde permaneceu 40 dias e 40 noites sem comer nem beber, e durante este tempo recebeu de Deos instrucções circumstanciadas acerca da construcção do tabernaculo, do ministerio dos sacerdotes e das ceremonias do culto. Deos entregou emfim

Moysés duas taboas de pedra em que havia gravado a lei com seu thelo divino.

4. Bezerro de ouro. — Os Hebreos, vendo que Moysés se demorava tanto tempo no monte, obrigaram a Aarão, que governava em sua ausencia, a fabricar-lhes um bezerro de ouro, que adoraram em exemplo dos Egyptios que adoravam o boi Apis. O Senhor irritado queria exterminar o povo infiel, mas deixou-se aplacar pelos ellementes rogos de Moysés. Este, tendo descido do monte, ao avisar o bezerro de ouro e o povo a dançar ao redor, inflamou-se em tanta indignação, e quebrou na raiz do monte as duas taboas da lei que trazia nas mãos. Tomando em seguida o bezerro de ouro, reduziu a pó, lançou este pó na agua e a fez beber ao povo, para lhe inspirar mais desprezo ao idolo. Ordenou depois á tribu de Levi que exterminasse os idolatras ; 23,000 d'elles foram assim passados á espada. Depois da punição dos culpados, Moysés por ordem de Deos talhou duas outras taboas de pedra eguaes ás primeiras, e as levou ao monte Sinai, onde passou outros 40 dias e 40 noites. Desceu depois do monte com as duas taboas em que Deos de novo

gravava a sua lei, e o seu rosto lançava raios luminosos, e como por isto o povo tinha medo de chegar-se a elle, cobriu o rosto com um véo, o qual tirava quando fallava com Deos, e tornava a pôr quando fallava ao povo.

5. Construcção do Tabernaculo e da Arca da Alliança. — O Tabernaculo era um templo portatil revestido de ricos estofos, de que os Hebreos se serviram em quanto não foi construido o templo de Jerusalem. Um grande véo o dividia em duas partes : a primeira chamava-se o *Santo* ou o *Logar Santo*; a segunda parte, a do fundo, chamava-se o *Sanctuario* ou o *Santo dos Santos*. Era no Sanctuario que estava collocada a Arca da Alliança, que consistia em um cofre de madeira preciosa, todo forrado de ouro fino por dentro e por fóra, no qual se guardavam as duas taboas da lei, a vara de Aarão e um vaso com manná. A parte superior da Arca chamava-se o *Propiciatorio* e trazia dous cherubins de ouro, um em cada extremidade, os quaes olhavam um para o outro e com suas azas cobriam o Propiciatorio : era ali que Deos proferia os seus oráculos. No Sanctuario quem unicamente podia entrar era o summo sacerdote, e só uma vez cada anno na festa das Expições. — Na primeira parte do Tabernaculo chamada o Santo, via-se de um lado o *Candelabro de ouro com sete braços*, do outro lado uma meza de ouro com os *doze pães de proposição* que se mudavam cada sabbado, e no meio o *Altar dos perfumes*, em que se queimava incenso de manhã e á tarde. Em frente da entrada do Tabernaculo, da parte de fóra, achava-se o *Altar dos holocaustos*, em que ardia de continuo o fogo sagrado, e sobre o qual se queimava a carne e gordura das victimas. De um lado d'este altar e mais perto do tabernaculo estava uma grande *bacia* ou *mar de bronze*, onde se lavavam os sacerdotes antes de exercerem as funcções de seu ministerio. — Em torno do tabernaculo havia um espaço chamado *atrio*, fechado por cortinas sustentadas em columnas de bronze. Uma nuvem cobria de ordinario o tabernaculo; quando ella desapparecia, punham-se os Hebreos em marcha, e paravam quando ella tornava a apparecer.

6. Sacerdotes e Levitas. — Deos escolheu Aarão e seus descendentes para exercerem as funcções do sacerdocio. A mais alta dignidade sacerdotal era a de summo sacerdote, que foi dada a Aarão, cujos filhos foram feitos sacerdotes ou sacrificadores¹. Toda a sua tribu, que era a de Levi, foi consagrada ao serviço do culto : a

1. Havia pois tres classes de ministros do altar : *summo sacerdote*, dos descendentes primogenitos de Aarão; *sacerdotes* ou *sacrificadores*, da familia de Aarão, e *levitas*, da tribu de Levi. O summo sacerdote era o unico que podia penetrar no Santo dos Santos uma vez no anno; os sacerdotes tinham direito de entrar no Santo; os levitas exerciam suas funcções no atrio.

função dos simples levitas era servir aos sacerdotes em tudo o que dizia respeito ás ceremonias prescriptas pela Lei. A mais importante d'estas ceremonias era o sacrificio, que só os sacerdotes tinham direito de offerecer. Havia varias sortes de sacrificios, que todos não eram senão a figura do sacrificio unico que o cordeiro sem mancha offereceu na Cruz, e renova todos os dias sob as especies de pão e vinho na Missa.

7. Festas dos Hebreos. — Além do Sabbado ou septimo dia de cada semana, que era consagrado ao Senhor, tinham os Hebreos cada anno quatro festas principaes, a saber : 1^a a da *Paschoa*, que se celebrava no dia 14 do primeiro mez, isto é, do mez de Março, em memoria da saída do Egypto; 2^a a de *Pentecoste*, que se celebrava 50 dias depois da Paschoa, em memoria do dia em que Deos promulgou a sua Lei no monte Sinai; 3^a a festa dos *Tabernaculos* ou das *Tendas*, que se celebrava no dia 15 do septimo mez e durava sete dias, que os Israelitas passavam debaixo de tendas, em commemoração do tempo que seus pais passaram no deserto antes de entrarem na Terra da Promissão; 4^a a festa das *Expições*, que se celebrava por um jejum geral cinco dias antes da dos Tabernaculos; era só n'esse dia que o summo sacerdote entrava no Santo dos Santos, e quando d'ahi saia, offerecia pelos peccados do povo dous bodes, um que elle immolava, e o outro que mandava lançar no deserto depois de carregal-o com todos os peccados de Israel : dava-se-lhe o nome de *bode emissario*.

8. Castigos contra os violadores da Lei. — Deos infligiu castigos terriveis contra os violadores da Lei. Assim Nadab e Abiu, filhos de Aarão, foram consummidos por um turbilhão de chammas, por terem posto em seus thuribulos um fogo profano, em vez de se servirem, como ordenava a lei, do fogo que ardia constantemente no altar dos holocaustos. — Um Israelita, por ter blasphemado em um accesso de colera, um outro por ter apanhado lenha no sabbado, morreram apedrejados por ordem de Deos. — Maria, irmã de Moysés, foi coberta de lepra por ter murmurado contra seu irmão, e só foi curada sete dias depois a rogos de Moysés. — 24,000 Israelitas foram mortos no paiz dos Madianitas por haverem adorado os idolos d'este povo. — A terra tragou vivos a Coré, Dathan e Abiron com suas tendas e quanto lhes pertencia, por quererem usurpar o sacerdocio reservado á familia de Aarão, e 250 seus complices, pessoas de muita consideração, foram devorados pelo fogo que saiu da terra. No dia seguinte, tendo-se o povo revoltado contra Moysés e Aarão, a quem attribuia este desastre, um novo incendio devorou 14,700 pessoas, e só cessou com as preces de Aarão, que correu com o thuribulo ao meio do povo, e posto em pé entre mortos e vivos, offe-

recen o incenso e orou pelo povo. — Deos querendo então confirmar por um novo milagre o sacerdocio de Aarão, ordenou a Moysés que collocasse no Tabernaculo doze varas, trazendo cada uma o nome de uma tribu, e uma outra com o nome de Aarão. Moysés obedeceu e no dia seguinte encontrou-se florescente a vara de Aarão com folhas, flores e fructos. Ella foi mostrada ao povo e depois depositada na Arca como testemunho contra as suas murmurações e rebelliões.

9. Os Hebreos condemnados a errarem 40 annos no deserto. — O povo de Deos, depois de passado um anno nas vicinhanças do Sinai, pôz-se em marcha e chegou enfim ás raias da terra de Chanaan. Moysés enviou para explorar o paiz doze espiões, no numero dos quaes se achavam Josué e Caleb. Elles voltaram ao cabo de 40 dias, trazendo entre outros fructos magnificos um enorme cacho de uvas, que era carregado por dous homens, e disseram : « O paiz é delicioso, é uma terra que em verdade mana leite e mel; mas as cidades são fortalezas, e os habitantes são gigantes, a par dos quaes nós somos como gafanhotos; nunca poderemos vencel-os. » Esta relação exagerada provocou uma sedição geral. O povo murmurava amargamente contra Moysés e Aarão, e exclamava : « Nomeemos um chefe que nos torne a conduzir ao Egypto. » Josué e Caleb, que se esforçavam por tranquillisar os animos, escaparam a custo de ser apedrejados. Deos irritado queria exterminar pela peste esse povo ingrato e rebelde; perdoou-lhe todavia de novo commovido pelas supplicas de Moysés; mas declarou que elle andaria errante 40 annos no deserto, e que nenhum dos que então tinham mais de 20 annos entraria na Terra da Promissão, á excepção de Josué e Caleb. No dia seguinte porém os Israelitas tentaram penetrar na terra de Chanaan; mas como o Senhor não era com elles, foram derrotados pelos Amalecitas e Chananeos, e obrigados a tomar de novo o caminho do deserto, onde andaram errantes 40 annos em castigo da sua revolta.

10. Rochedo de Cades; morte de Aarão. — Começava o ultimo dos 40 annos que os Israelitas deviam passar no deserto, quando vieram acampar em Cades. Faltando ali agua, começaram a murmurar, e o Senhor disse a Moysés e a Aarão que reunissem o povo e em sua presença fallassem ao rochedo, que d'elle brotaria agua. Elles obedeceram, mas Moysés feriu com a sua vara duas vezes o rochedo, como se duvidasse da palavra do Senhor. A agua saiu em abundancia, mas Deos declarou a Moysés e a Aarão que, em punição da sua desconfiança, não seriam elles que haviam de introduzir o povo na Terra da Promissão. De facto d'ahi a pouco morreu Aarão no monte Hor, succedendo-lhe no summo sacerdocio seu filho Elea-

zaro; os Hebreos choraram trinta dias a sua morte. Sete mezes mais tarde, como adiante veremos, morreu Moysés no monte Nebo.

11. Serpente de bronze; derrota de Schon e de Og. — Os Hebreos, fatigados de suas viagens incessantes pelo deserto e enfatiados do manná, pozeram-se de novo a murmurar contra Deos e Moysés. O Senhor irritado enviou-lhes serpentes, cujas mordeduras causaram grande mortandade. O mal não cessou senão quando Moysés, por ordem de Deos, erigiu n'um poste uma serpente de bronze, para que todos os que olhassem para ella, ficasseni curados¹. — D'este logar dirigiram-se os Hebreos para os confins do paiz dos Amorrheos. Schon, rei d'este paiz, recusou-lhes a passagem pelo seu territorio e veiu offerecer-lhes batalla; mas foi derrotado pelo povo de Israel, que se apoderou do seu reino. Og, rei de Basan, veiu tambem attacal-o e teve a mesma sorte. Este principe, que era da raça dos gigantes, dormia n'um leito de ferro de nove covados de comprido. Foi assim conquistado todo o territorio da margem oriental do Jordão, no qual depois se estabeleceram as tribus de Ruben e de Gad e parte da tribu de Manassés.

12. Balac, rei dos Moabitas; predições de Balaão. — Balac, rei dos Moabitas, vendo as conquistas dos Israelitas, mandou chamar um adivinho, de nome Balaão, que morava em Pethor nas margens do Euphrates, para elle vir amaldiçoar o povo de Israel, por acreditar que as suas maldições como as suas benções tinham um effeito inevitavel. Deos deu ordem a Balaão de não obedecer a Balac; mas este tentou com grandes presentes a avareza do adivinho, o qual ao segundo recado do rei apparellhou a sua jumenta e partiu. No caminho assustou-se o animal á vista de um Anjo, que se lhe pôz diante com uma espada desembainhada e impediu-lhe caminhar. Balaão, que não via o Anjo, começou a maltratar a jumenta a ponto que caiu no chão, e o Senhor permittiu que ella fallasse para se queixar do trato inhumano que seu dono lhe dava. Continuou depois Balaão a sua viagem e chegou á côrte de Balac. Este o levou ao cume de varios montes donde se avistavam os arraiaes dos Israelitas, e fez tudo para que elle os amaldiçoasse; mas Balaão, cheio do espirito de Deos, em vez de maldições não proferia senão benções. — Balac mostrou-se mui irritado contra Balaão, e este aconsellhou ao rei que mandasse ao acampamento dos Israelitas moças moabitas e madianitas para os seduzir e arrastar á idolatria, e fazel-os assim perder a protecção divina. Balac seguiu este depravado consellho, e os filhos de Israel deixaram-se seduzir e adoraram Beelphegor. Este crime foi punido por Deos com a morte de 24,000 dos culpados.

1. Esta serpente era a figura de Jesus Christó, que, elevado na Cruz, devia curar as feridas que o peccado de Adão causara á humanidade.

13. Morte de Moysés (1585; B.1605). — D'ahi a pouco tempo disse Deos a Moysés : « Sobe á serra de Abarim¹. e contempla de lá a terra que vou dar aos filhos de Israel, e quando a tiveres visto, irás reunir-te a teus pais, como teu irmão Aarão, porque vós ambos me offendestes nas aguas da Contradicção em Cades. » Moysés respondeu : « Escolhei, Senhor, algum homem que vigie sobre este povo e o guie. » E o Senhor lhe disse : « Toma Josué, filho de Num, em quem reside o meu espirito, impõe-lhe as mãos, e apresenta-o a Eleazaro e a todo o povo de Israel para que todos o reconheçam por seu chefe. » Assim fez Moysés, e antes de subir ao monte onde devia morrer, convocou todo o povo e deu-lhe suas ultimas instrucções, exhortando-o a guardar a lembrança das grandes maravilhas que Deos operara em seu favor, e a cumprir fielmente os seus mandamentos, que foram por elle explicados com o mais escrupuloso cuidado. Moysés entoou n'essa occasião um cantico magnifico, que começa por estas palavras : « Ouvi, ó céos, a minha voz; escuta, ó terra, as palavras de minha boca. O Senhor achou o seu povo n'uma terra deserta, n'um logar horroroso, n'uma vasta solidão; cuidou d'elle como da menina dos olhos; e qual a aguia que excita seus filhos a voar voltejando em torno d'elles, o Senhor estendeu as suas azas, o tomou e o carregou sobre seus hombros. » Moysés abençoou em seguida cada uma das dez tribus de Israel, e subiu depois ao monte Nebo, donde o Senhor lhe fez ver da outra banda do Jordão a Terra da Promissão, e ali falleceu na idade de 120 annos; jámais ninguem soube o logar da sua sepultura. Todo Israel pranteou a sua morte por espaço de 30 dias. Moysés não foi só o libertador, o chefe e o legislador do povo de Deos; foi tambem o maior dos prophetas e o mais antigo dos historiadores. Nunca mais se levantou em Israel propheta algum como Moysés que conversasse com o Senhor face a face, nem semelhante a elle em prodigios e maravilhas, como as que fez no Egypto e obrou á vista de todo Israel.

Exercícios sobre os Israelitas no deserto.

1. Por que caminho conduziu Deos os Hebreos á terra de Chanaan? — Que fez Pharaó depois da partida dos Hebreos? — Como escaparam estes á perseguição de Pharaó? — Que foi feito de Pharaó e do seu exercito?

2. Quanto tempo erraram os Israelitas no deserto? Como os guiava Deos? — Que succedeu de notavel em Mara? em Raphidim? — Quem veio atacar os Israelitas n'este logar, e de que modo alcançaram estes a victoria? — Porque murmuraram contra Moysés, e que maravilhas fez Deos n'essa occasião? — Que era o maná, e como era mister colhel-o?

3. Que disse Deos a Moysés quando os Hebreos chegaram ao monte Sinai? — Que succedeu de extraordinario na manhã do 5º dia? — Recitai os manda-

1. A serra de Abarim fica a E. do mar Morto; faz parte d'ella o monte Nebo, ao N. E. do me-mo mar, e sobre o qual morrem Moysés.

mentos. — Que supplica fez o povo a Moisés? — Quanto tempo passou este no monte Sinai? que instrucções recebeu de Deus? e que trouxe de lá?

4. Que fizeram os Israelitas na ausencia de Moisés? — Que fez este ao ver o povo adorar o bezerro de ouro? — Voltou Moisés ao monte Sinai? — Quanto tempo lá ficou e que trouxe? — Que havia de notavel no seu rosto?

5. Que era o tabernaculo? — Em quantas partes se dividia? — Que estava guardado no Santo dos Santos? — Descrevei a Arca da Alliança. — Como se chamava a sua parte superior? — Quem só podia entrar no Sanctuario? — Que objectos continha a parte do tabernaculo chamada o Santo? — Que era o altar dos holocaustos? a grande bacia de bronze? o atrio?

6. Qual era a mais alta dignidade sacerdotal dos Hebreos, e a quem foi dada? — A que foi consagrada a tribu de Levi, e que faziam os Levitas?

7. Quaes eram as festas principaes dos Hebreos? — Quando e em memoria de que acontecimento se celebrava a festa da Paschoa? de Pentecoste? a dos Tabernaculos? — Quando e como se celebrava a festa das Expições? — Que fazia n'este dia o summo sacerdote? — Que era o bode emissario.

8. Que succedeu a Nadab e Abiu? — Como foram punidos um blasphemador e um que ajuntou lenha no sabbado? — Que succedeu á irmã de Moisés por murmurar contra elle? — Como foi castigado o povo por adorar os idolos dos Madianitas? — Que castigo tiveram Coré, Dathan, Abiron e seus complices? — Como foi castigado o povo por se revoltar contra Moisés? — Por que milagre confirmou Deus o sacerdotio de Aarão, e onde foi collocada a sua vara?

9. Que tentaram os exploradores mandados por Moisés á terra de Chanaan? — Que effeito produziu no povo a sua relação? — Como castigou Deus a revolta do povo? — Que tentaram os Israelitas no dia seguinte, e que lhes succedeu?

10. Onde acamparam os Israelitas no principio do quadregésimo anno, e porque se pozeram ali a murmurar? — Que ordenou então Deus a Moisés e a Aarão, e que fizeram elles? — Como puniu Deus a sua desconfiança? — Onde morreu Aarão, e quem lhe succedeu no summo sacerdotio?

11. Como foi punida outra murmuração do povo, e que remedio indicou Deus a Moisés? — Que aconteceu a Sehon rei de Moab e a Og rei de Basan?

12. Quem era Balaão, e porque Balac mandou chama-lo? — Que succedeu a Balaão no caminho? — Pôde Balaão amaldiçoar o povo de Deus? — Que aconselhou elle então ao rei? — Como castigou Deus a idolatria de seu povo?

13. Que disse Deus a Moisés pouco antes da morte d'este? — Quem foi o escolhido para succeder-lhe? — Que fez Moisés antes de subir ao monte Nebo? — Que viu d'ahi? — De que idade falleceu, e como foi pranteada a sua morte? — Que grande homem foi Moisés? fazei o seu elogio.

HISTÓRIA DE JOSUE

1. **Passagem do Jordão.** — Depois da morte de Moisés, disse o Senhor a Josué: « Levanta-te e passa o Jordão para entrares na terra que prometti dar aos filhos de Israel. Eu serei contigo como fui com Moisés; ninguem te poderá resistir. » Josué ordenou aos chefes do povo que preparassem tudo para passarem o Jordão d'ahi a tres dias, e mandou entretanto dous espias a Jerichó para reconhecerem o paiz e a cidade. Uma mulher chamada Rahab os recebeu em sua casa, subtrahiu-os ás buscas do rei de Jerichó e fel-os descer de noite por uma corda de uma janella que dava para fóra dos muros da cidade. Pela relação favoravel dos espões, levantou Josué os arraiaes e veiu acampar nas margens do Jordão, onde se deteve tres

dias. O povo pôz-se depois em marcha para atravessar o Jordão, indo na frente os sacerdotes que levavam a Arca da Alliança. Logo que estes metteram os pés no rio, todas as aguas da parte de baixo correram ao mar Morto, e as da parte superior pararam e ficaram suspensas como uma montanha. Os sacerdotes que levavam a Arca ficaram parados no meio do Jordão, até que todo o povo passou o rio a pé enxuto. Josué entretanto mandou apanhar no seu leito doze pedras e com ellas levantar um altar no meio do rio, no lugar onde estava parada a Arca; e outras doze pedras, com que foi erigido outro altar em Galgala, lugar em frente de Jerichó aonde foram acampar os Israelitas. Estes celebraram ali a Paschoa, e no dia seguinte começaram a comer dos fructos da terra de Chanaan; desde então cessou de cair manná do céu.

2. Tomada de Jerichó. — Deos confirmou por um segundo milagre a missão que confiara a Josué. Por sua ordem, todo o exercito de Israel fez o gyro da cidade de Jerichó durante seis dias, uma vez cada dia; a Arca da Alliança acompanhava o exercito rodeada de sacerdotes tocando trombetas. No septimo dia fez-se sete vezes este gyro; depois todo o povo, por ordem de Josué, levantou um grande grito; todas as trombetas resoaram, e de repente as muralhas de Jerichó caíram por terra. A cidade foi tomada e arrasada, e todos os seus habitantes passados a fio de espada, á excepção de Rahab e sua familia, que foi incorporada ao povo de Deos. O ouro, a prata e o bronze foram consagrados ao serviço do Senhor, e o mais tudo consumido pelo fogo.

3. Victorias de Josué. — Todos os povos do paiz de Chanaan foram vencidos e exterminados. Os Gabaonitas foram os unicos que conseguiram de um modo astucioso fazer aliança com os Hebreos¹; mas viram-se logo atacados por outros povos Chananeos. Josué acudiu em soccorro dos seus aliados, derrotou os inimigos, e para ter tempo de completar a sua victoria, ordenou ao sol que parasse, e o sol obedeceu á sua voz. O paiz de Chanaan não ficou inteiramente submettido senão ao cabo de seis annos.

4. Repartição do paiz de Chanaan (1579; B.1599). O paiz conquistado foi repartido por Josué entre as doze tribus de Israel, decidindo a sorte a porção que a cada uma devia tocar. A de Levi, consagrada ao culto, não recebeu territorio particular, porque Deos lhe havia dado para a sua subsistencia os dizimos e primicias de tudo o que a terra produzia; foram-lhe porém assignadas para residencia 48 cidades nos territorios das diversas tribus. As tribus de

1. Os Gabaonitas enviaram a Josué embaixadores, que lhe persuadiram virem elles de um paiz mui distante. Josué acreditou, e sem consultar o Senhor, fez com elles aliança, que foi jurada pelos chefes do povo.

Ephraim e de Manassés, que descendiam dos dous filhos de José adoptados por Jacob, receberam suas partes como as outras tribus, e mesmo a de Manassés teve duas partes separadas, uma ao oriente, outra ao occidente do Jordão. — Josué morreu na idade de 110 annos, com a consolação de não ter visto o povo de Deos fazer acto algum de idolatria durante o seu governo, que foi de 25 annos. Morreu pelo mesmo tempo o summo sacerdote Eleazaro, filho de Aarão, e foram ambos sepultados no monte de Ephraim (1560; B. 1580).

Exercicios sobre a historia de Josué.

1. Que ordenou Deos a Josué depois da morte de Moysés? — Que pessoas mandou Josué a Jerichó? — Como passaram os Israelitas o Jordão? — Que altares levantaram? — Aonde foram acampar e que festa ali celebraram? — Quando cessou de cair o maná?

2. Que marchas mandou Deos fazer ao exercito de Israel? — Que succedeu no setimo dia? — Como foi tratada a cidade de Jerichó?

3. Que sorte tiveram os povos Chanaeos? — Como procederam os Gabaonitas? — Que grande victoria alcançou Josué e que milagre então operou?

4. Como foi repartido o paiz de Chanaan entre as doze tribus de Israel? — Como foi tratada a tribu de Levi? — De que idade morreu Josué? quanto tempo governou? onde foi sepultado?

GOVERNO DOS ANCIÃOS E DOS JUIZES

1. **Governo dos Anciãos e dos Juizes.** — Depois da morte de Josué, os Israelitas foram governados pelos Anciãos de cada tribu. Mas como não tardaram a esquecer a lei do Senhor, a contrahir alianças com os povos chanaeos que ainda existiam, e a adorar os seus idolos, Deos permittiu que fossem por vezes reduzidos á escravidão por esses povos. Suscitou-lhes porém de quando em quando juizes cheios do seu espirito para libertal-os e chamal-os a si. Contam-se quinze juizes, dos quaes os mais celebres foram *Othoniel*, *Aod*, *Débora*, *Gedeão*, *Jephthe*, *Samsão*, *Heli* e *Samuel*¹.

2. **Othoniel e Aod.** — Tendo Chusan rei da Mesopotamia subjugado os Hebreos, Deos ao cabo de 8 annos teve piedade d'elles e suscitou *Othoniel*, que os libertou e governou em paz por 40 annos. — Mas morto Othoniel, o povo recaiu na idolatria, e o Senhor o entregou nas mãos de Eglon rei dos Moabitas, que o teve sujeito por espaço de 18 annos. Deos a final compadeceu-se do seu povo e lhe mandou *Aod*, que matou o rei Eglon e 10,000 Moabitas.

3. **Débora e Barac.** — Havendo os Israelitas recaído nas au-

1. A Aod succedeu como juiz *Samgar*, que matou 600 Philisteos com a rella de um arado. Depois de Gedeão vem como juizes *Abimelech*, seu filho, *Thola*, que governou 23 annos, e *Jair*, que governou 22. A Jephthe succederam na judicatura *Abезan*, *Abialon* e *Abdon*, que foram successivamente revestidos d'esta dignidade no espaço de 25 annos.

tigas iniquidades, o Senhor os submetteu por 20 annos ao jugo de Jabin rei de Azor, que tinha 900 carros armados de fouces. A prophetiza *Débora*, que julgava então em Israel á sombra de uma palmeira, mandou chamar *Barac*, da tribu de Nephthali, e lhe disse que partisse com 10,000 homens para o monte Thabor, que o Senhor ali lhe entregaria o exercito de Jabin commandado por Sisara. « Irei, respondeu Barac, com a condição que virás commigo. — Eu te acompanharei, disse Débora; mas a victoria não te será attribuida, porque é ás mãos de uma mulher que Sisara será entregue. » Effectivamente este general foi derrotado e refugiou-se na tenda de uma mulher por nome Jahel, a qual, apenas o viu adormecido, tomou um grande prego e lh'o enterrou na fonte com uma martellada, passando assim Sisara do somno á morte.

4. **Gedeão.** — Havia já sete annos que o povo hebreu gemia de baixo do duro captiveiro dos Madianitas, quando Deos para livral-o suscitou *Gedeão*, da tribu de Manassés, o qual obteve do Senhor varios milagres para prova da sua missão. Deos fez descer uma chama que consumiu as victimas que offerecia Gedeão. Este pôz um vello de lã no meio de uma eira, e no primciro dia pediu a Deos que o orvalho do céu caisse no vello e não na eira, e no segundo que caisse na eira e não no vello; e assim succedeu. A' vista d'estes prodigios aceitou Gedeão a missão de que o Senhor o encarregava. Reuniu um exercito de 32,000 homens; mas não querendo Deos que o povo attribuisse o seu livramento ás suas proprias forças, ordenou a Gedeão que despedisse toda a gente cobarde e medrosa. O exercito ficou assim reduzido a 10,000 homens. « É ainda muita gente, disse o Senhor; conduze-os a beber, e não guardes commigo senão os que beberem tomando agua nas mãos e sem dobrarem o joelho. » Ficaram então sómente 300 homens, a quem Gedeão deu por armas trombetas e cantaros com lanternas accesas dentro. Elles penetraram durante a noite no campo dos Madianitas, e ao signal dado por Gedeão, quebraram os cantaros uns contra os outros, tomaram as lanternas na mão esquerda e com a direita começaram a tocar trombeta, gritando : « A espada do Senhor e de Gedeão ! » Tal terror apoderou-se dos Madianitas, que começaram a se matar uns aos outros e fugiram espavoridos, sendo exterminados pelos Israelitas. Depois d'esta victoria Gedeão governou o povo em paz por espaço de 40 annos, e morreu deixando 71 filhos, um dos quaes, *Abimelech*, usurpou por algum tempo a suprema autoridade, matando todos seus irmãos, á excepção de um. Este monstro foi morto por uma grossa pedra lançada por uma mulher do alto das muralhas de uma cidade que elle sitiava.

5. **Voto imprudente de Jephthe.** — *Jephthe*, suscitado por Deos

para livrar o seu povo do jugo dos Ammonitas, fez voto ao Senhor, se saísse victorioso, de sacrificar-lhe a primeira pessoa que de sua casa lhe viesse ao encontro. Elle venceu os Ammonitas, tomou-lhes vinte cidades e devastou o seu paiz. Mas quando voltava victorioso para sua casa em Maspha, a primeira pessoa que se lhe apresentou foi sua filha unica, que saiu a recebel-o dançando ao som de adufes. Jephthe, ao vel-a, rasgou de desespero seus vestidos; mas a joven, ao saber a causa de tamanha dôr, exhortou seu pai a cumprir o que havia promettido ao Senhor, pedindo-lhe sómente que lhe concedesse dous mezes para andar pelos montes chorando com suas companheiras a sua virgindade. Passado este tempo, Jephthe cumpriu o seu voto indiscreto, quer fosse immolando realmente a sua filha, ou, como pensam alguns interpretes, consagrando-a a Deos. D'aqui veio o costume, conservado por muito tempo, de se ajuntarem uma vez cada anno as donzellas de Israel para chorarem por quatro dias a filha de Jephthe.

Exercicios sobre o governo dos Juizes.

1. Como foram governados os Israelitas depois de Josué? que conducta tiveram e como Deos os castigou? — Que libertadores lhes enviou de quando em quando? — Quantos juizes houve e quaes foram os mais celebres?
2. De que cativoiro libertou Othoniel os Hebreos? — Quanto tempo governou elle? — Contai as façanhas de Aod.
3. Quem era Debora? — Para que chamou ella Barac? — Quanto tempo estiveram os Hebreos sujeitos a Jabin? — Como morreu Sisara?
4. De que cativoiro livrou Gedeão os Hebreos? — Que milagres foram precisos para elle aceitar essa missão? — Como o exercito de Gedeão ficou reduzido a 500 homens, e de que modo destroçou os Madianitas? — Quanto tempo governou Gedeão? — Quem era Abimelech? que fez? como morreu?
5. De que jugo livrou Jephthe os Hebreos, e que voto fez? — Que pessoa foi sacrificada? — Que pediu a filha de Jephthe a seu pai? — Cumpriu Jephthe o seu voto? — Que costume se introduziu d'ahi entre os Hebreos?

HISTORIA DE RUTH

Foi provavelmente na judicatura de Abdon que um habitante de Bethlehem, de nome Elimelech, constringido pela fome a expatriar-se, veio estabelecer-se no paiz dos Moabitás, com sua mulher Noemi e dous filhos. Estes, depois da morte de seu pai, casaram com duas moças do paiz chamadas Orpha e Ruth, e morreram ao cabo de dez annos sem deixarem posteridade. Noemi, vendo-se só com as duas noras, resolveu regressar ao paiz natal, e estando já de caminho, instou com ellas que voltassem para as suas familias. Orpha fez o que sua sogra lhe dizia; mas Ruth, vendo Noemi pobre e carregada de annos, recusou abandonal-a dizendo-lhe: « Para onde quer que fordes eu vos acompanharei. Vosso povo é o meu povo, e vosso Deos é o meu Deos; onde morrerdes, ahi quero eu

tambem morrer. » Noemi, vendo a resolução de Ruth, não fez mais opposição. Como chegassem ambas a Bethlehem pelo tempo da ceifa, Ruth, para ter com que sustentar-se a si e a sua sogra, foi respigar no campo de um homem abastado chamado Booz. Este, informado de quem era Ruth, disse aos ceifeiros que a deixassem respigar quanto quizesse, e que podiam mesmo deixar cair de proposito algumas espigas para ella ter mais que ajuntar. Ruth veio a saber de sua sogra que Booz era o parente mais chegado do seu marido, e que como tal tinha pela lei obrigação de casar com ella. Booz aceitou de boa mente a proposta de Ruth pela estima que já lhe tinha, casou com ella, e d'este casamen to nasceu Obed, que foi pai de Isai ou Jessé, e este foi pai de David.

Exercicios sobre a historia de Ruth.

Com quem e porque foi Elimelech estabelecer-se no paiz dos Moabitas? — Que fez Noemi vendo-se só com duas noras, e que lhes disse? — Que fizeram as noras? — Que fez Ruth ao chegar a Bethlehem? — Que disse Booz aos ceifeiros? — Como veio elle a casar com Ruth, e que descendentes teve?

HISTORIA DE SAMSÃO

1. **Nascimento de Samsão.** — Os Israelitas caíram de novo na idolatria, e Deos os submetteu por 40 annos ao jugo dos Philisteos. Foi durante este captiveiro que nasceu *Samsão*. O seu nascimento foi acompanhado de circumstancias milagrosas. Um anjo appareceu á sua mãe, que até então fôra esteril, e lhe disse : « Terás um filho, e sobre a sua cabeça não deve jámais passar navalha, porque elle será desde o seu nascimento Nazareno (isto é, consagrado a Deos). É elle quem começará a livrar o povo de Israel das mãos dos Philisteos. »

2. **Proezas de Samsão.** — Chegado Samsão á idade de 18 annos, dirigia-se um dia com seus pais para Thamnatha, cidade dos Philisteos, para ali pedir em casamento uma joven, quando viu vir a elle bramindo um leão furioso. Samsão embora desarmado, lançou-se ao animal e o matou com a mesma facilidade que se tosse um cabritinho. Passando dias depois pelo mesmo sitio, achou na boca do leão um enxame de abelhas e um favo de mel, que comeu. No dia de seu casamento, propôz a trinta Philisteos que assistiam ao banquete este enigma : « Do comedor saiu a comida, e do forte saiu a doçura ; » dizendo-lhes que se o explicassem nos sete dias das bodas, lhes daria trinta tunicas ; mas se não podessem decifrar, que lhe dariam elles o mesmo numero de tunicas. Os Philisteos insistiram com a noiva para que á força de caricias obtivesse de Samsão a explicação do enigma, o que ella conseguiu e lhes

communicou. Elles então disseram a Samsão : « Que cousa ha mais doce que o mel, e mais forte que o leão? » Samsão, reconhecendo que sua mulher o havia trahido, correu a Ascalon, matou 30 Philisteos, deu seus vestidos aos que haviam decifrado o enigma, e furioso voltou para casa de seu pai, deixando sua mulher. — Passado algum tempo veio elle ver sua mulher, e achando-a casada com um outro, resolveu fazer aos Philisteos todo o mal que podesse. Saiu pois ao campo, e agarrou trezentas raposas, a cuja cauda atou fachos accesos, e soltou-as nas searas d'elles, que foram destruidas pelas chammas. O exercito dos Philisteos veio então atacar a tribu de Judá, e os Israelitas, para se livrarem d'estes terribes inimigos, entregaram-lhes Samsão amarrado de pés e mãos. Samsão rompeu as grossas cordas novas que o ligavam, e pegando n'uma queixada de jumento que por acaso ali achou á mão, matou com ella mil Philisteos e pôz em fuga o resto. Foi depois d'estas proezas que Samsão foi feito juiz de Israel. — Um dia que elle entrara em Gaza para pernoitar, fecharam os habitantes as portas da cidade para fazel-o prisioneiro; mas elle, levantando-se alta noite, arrancou as portas com as ombreiras e ferrolhos, e com ellas ás costas subiu ao cimo de um monte visinho, onde as deixou.

5. Samsão trahido por Dalila. — Samsão amava extremamente uma mulher chamada Dalila. Os principes dos Philisteos vieram ter com ella e lhe prometteram sommas avultadas se conseguisse saber d'elle o segredo da sua força extraordinaria. Por meio de muitas caricias e affagos obteve Dalila o que desejava. Samsão, depois de enganar-a tres vezes, lhe descobriu por fim que o segredo da sua força consistia na sua longa cabelleira, e que se lhe rapassem a cabeça, perderia a sua força extraordinaria e ficaria como os demais homiens. Dalila, aproveitando-se de uma occasião em que Samsão adormecera sobre seus joelhos, cortou-lhe os cabellos e o entregou aos Philisteos, que o prenderam, lhe tiraram os olhos, e carregado de cadeias o levaram a Gaza, onde foi condemnado a fazer girar uma atafona.

4. Morte de Samsão. — Um dia que os Philisteos celebravam uma grande festa em honra do seu deos Dagon, mandaram vir Samsão á sala do festim para servir de divertimento ao povo. O heroe, cuja força começava a renascer juntamente com os cabellos, pediu ao seu guia que o collocasse entre duas columnas que sustentavam todo o edificio. Invocando então o nome do Senhor, pediu-lhe que lhe restituisse a sua primeira força para se vingar dos inimigos que lhe haviam arrancado os olhos, e em seguida sacudiu as columnas com tal força, que o edificio desabou, esmagando a Samsão e tres mil Philisteos, em cujo numero se achavam os prin-

cipes d'esta nação infiel. Assim morreu Samsão, que por 20 annos fôra juiz de Israel.

Exercícios sobre a historia de Samsão.

1. Quanto tempo durou o captiveiro dos Philisteos? — Quem d'elle livrou os Israelitas? — Contai o nascimento de Samsão.

2. Que façanha obrou Samsão aos 18 annos de idade? — Que enigma propôz elle no dia de seu casamento? como o decifraram os Philisteos, e que fez elle então? — Como se vingou Samsão dos Philisteos vendo sua mulher casada com outro? — Contai outras proezas de Samsão. — Como escapou de Gaza?

3. Por quem e como foi trahido Samsão, e que lhe fizeram os Philisteos?

4. Contai a morte de Samsão. — Quantos annos foi juiz de Israel?

HELI E SAMUEL ULTIMOS JUIZES DE ISRAEL

1. **Heli summo sacerdote e juiz de Israel: nascimento de Samuel.** — A Samsão succedeu como juiz de Israel o summo sacerdote Heli. No tempo da sua judicatura vivia nas montanhas de Ephraim um homem chamado Elcana, cuja mulher por nome Anna era esteril. Tendo ella ido um dia com seu marido a Siló, onde estava o tabernaculo do Senhor, fez a Deos o voto, se lhe dêsse um filho varão, de lh'o consagrar para servil-o todos os dias de sua vida. Deos ouviu a sua oração e lhe deu um filho, a quem ella pôz o nome de *Samuel*, que quer dizer *obtido de Deos*. Logo que o menino foi desmamado, ella o levou comsigo a Siló e o apresentou ao summo sacerdote Heli para consagral-o ao serviço do Senhor no seu tabernaculo.

2. **Heli castigado por causa de seus filhos.** — O summo sacerdote Heli, veneravel por sua piedade, vendo-se já muito velho, confiou parte das funcções sacerdotaes a seus dous filhos Ophni e Phinéas, os quaes, em vez de seguirem os exemplos de seu pai, viveram desregradamente e escandalisaram o povo por acções abominaveis. Desprezavam as admoestações de seu pai, que de seu lado se mostrava demasiado indulgente para com elles. O Senhor irritado da sua molleza, ameaçou-o pela boca de um propheta e pela do joven Samuel, a quem fez ouvir a sua voz estando este uma noite deitado no tabernaculo. Mas tudo foi inutil. Então os Philisteos, que desde a morte de Samsão haviam deixado em paz os Israelitas, vieram ataca-los, destroçaram-nos e mataram-lhes 4,000 homens. Os vencidos fizeram então vir de Siló a Arca da Alliança, contando que ella lhes daria a victoria. Deu-se segunda batalha, e os Israelitas foram completamente derrotados: 30,000 d'elles ficaram estendidos no campo, a Arca caiu em poder do inimigo, e os dous filhos de Heli pereceram na acção. Um homem que escapara da batalha veiu correndo a Siló para annunciar a triste nova. Heli

estava assentado á porta do tabernaculo, com o rosto voltado para a estrada, porque seu coração tremia de susto pela Arca do Senhor. Contava elle então 98 annos de idade e era cego. Quando o mensageiro lhe disse : « Israel fugiu diante dos Philisteos, vossos dous filhos foram mortos e a Arca santa foi tomada, » Heli caiu da sua cadeira e expirou. Havia 40 annos que governava Israel, e teve por successor a *Samuel*, que desde a sua infancia servia ao Senhor no tabernaculo.

Os Philisteos transportaram a Arca a Azoth, e pozeram-na como um trophêo no templo de Dagon. No dia seguinte encontraram o idolo prostrado por terra diante da Arca ; reergueram-no, mas no outro dia acharam-no ainda derribado, com a cabeça e as mãos separadas do tronco ; e grandes calamidades pesaram sobre o paiz. Transportaram a Arca a outras cidades ; mas por toda a parte a sua passagem attrahia o castigo do cêo. Tiveram a final ao cabo de sete mezes de reenvial-a ao povo de Israel com dons expiatorios, e para isto collocaram-na n'um carro puxado por duas vaccas, as quaes, sem terem quem as guiasse, a levaram a Bethsames, cidade da tribu de Judá. Mas tendo os Bethsamitas olhado indiscretamente para a Arca, o Senhor feriu de morte 70 dos principaes e 50,000 do povo¹. Os Bethsamitas então mandaram dizer aos habitantes de Cariathiarim que viessem buscar a Arca, e foi ella então transportada para casa de Abinadab em Gabaa, onde permaneceu 83 annos.

3. **Samuel.** — Depois da morte desastrada de Heli, Samuel, que foi o ultimo juiz, percorreu todo o paiz de Israel para banir a idolatria. O povo voltou a Deos, sacudiu o jugo dos Philisteos, e viveu tranquillo e feliz em quanto Samuel governou por si mesmo. Tendo elle ficado muito velho, confiou o governo a seus filhos Joel e Abias. Estes não imitaram seu pai, deixaram-se corromper pela avareza, receberam presentes e administraram mal a justiça. O povo, não os podendo soffrer, quiz ter um rei como as outras nações. Samuel resistiu ao principio e lhe lançou em rosto a sua ingratição para com Deos, que até então fôra o seu rei. Insistindo porém o povo, Samuel consultou o Senhor, que lhe disse : « Faze o que elles te pedem, e dá-lhes um rei. »

Exercícios sobre a historia de Heli e Samuel.

1. Quem succedeu a Samsão como juiz de Israel? — Contai o nascimento de Samuel? — Que fez sua mãe logo que o desmamou?
2. Que conducta tinham os filhos de Heli? — Que admoestações fez Deos ao pai? — Como castigou sua molleza? — Como morreu Heli e de que idade? —

1. A severidade d'este castigo, como de muitos outros do mesmo genero, explica-se pela necessidade de obter para a religião um respeito sufficiente da parte de um povo tão indocil e carnal como era o povo judeo.

Quanto tempo foi juiz de Israel? — Quem lhe succedeu? — Que fizeram os Philisteos da Arca que tomaram? — Como a restituiram ao povo de Deos? — Que aconteceu aos Bethsamitas por causa da Arca? — Onde foi afinal depositada?

3. Que fez Samuel depois da morte de Heli, e como viveu o povo? — Os filhos de Samuel o imitaram? — Que fez o povo não os podendo soffrer? — Como o seu pedido foi recebido por Samuel, e que disse Deos a este?

QUINTA EPOCHA

**Desde o estabelecimento da monarchia até o
cativeiro de Babylonia e fim do reino de Judá,
1096-587 A. C. (B.1080-587).**

REINADO DE SAUL, 1096-1056 (B. 1080-1040)

1. **Saul eleito rei de Israel.** — *Saul*, filho de Cis, homem rico e poderoso da tribu de Benjamin, era o mais alto e galhardo dos filhos de Israel. Tendo-se desgarrado as jumentas de seu pai, Saul, depois de procural-as debalde por toda parte, foi consultar o vidente, isto é, o propheta Samuel, para saber onde as poderia encontrar. O propheta, a quem Deos revelara que Saul era o escolhido por elle para reinar sobre o seu povo, depois de annunciar a Saul que as jumentas eram já achadas, derramou-lhe sobre a cabeça um frasco de oleo sagrado, beijou-o e lhe disse : « O Senhor te sagrou por principe da sua herança, e tu livrarás o seu povo das mãos de seus inimigos. » Saul tinha então 22 annos. — Alguns dias depois, convocou Samuel todo o povo em Maspha, e propôz que se escolhesse o rei por sorte. E como todos consentissem, a sorte designou a tribu de Benjamin, a familia de Cis, e emfim a Saul. Foram então procurar Saul, e quando este chegou, notaram que sobrepujava dos hombros para cima aos homens mais altos. « Vós vedes, disse Samuel ao povo, quem é o que o Senhor escolheu, e que d'entre vós nenhum ha que o eguale. » E todo o povo clamou : « Viva o rei ! » — Um mez depois alcançou Saul uma grande victoria sobre os Ammonitas junto dos muros de Jabés-Galaad. Depois d'esta victoria reuniu-se o povo em Galgala e confirmou a eleição de Saul.

2. **Saul desobedece ao Senhor.** — Havia dous annos que reinava Saul, quando os Philisteos invadiram o territorio de Israel com 50,000 carros, 6,000 cavallos e innumeravel infantaria. Os Hebrêos reuniram-se em Galgala junto de Saul, que ali esperou Samuel durante sete dias, como o propheta lhe ordenara da parte de Deos. Como pouco a pouco as suas tropas o abandonassem, Saul offereceu o holocausto, que devia ser offerecido por Samuel. O propheta chegou no fim da cerimonia, e disse a Saul : « Porque

não compriste a ordem do Senhor, o teu throno não subsistirá; e Deos já escolheu um homem segundo o seu coração para chefe do seu povo. »

5. Saul é rejeitado por Deos. — Samuel ordenou a Saul da parte de Deos que marchasse contra os Amalecitas e exterminasse inteiramente este povo maldito, e que não guardasse para si nada de quanto lhe pertencesse. Saul reuniu um exercito de 200,000 homens, desbaratou os Amalecitas e os exterminou; mas poupou o rei Agag e tomou para si a melhor parte do despojo. Samuel lhe exprobrou a sua desobediencia, e o rei desculpou-se dizendo que guardara os melhores rebanhos dos Amalecitas para offerecel-os em holocausto ao Senhor; ao que Samuel replicou: « Não são victimas que o Senhor pede, senão obediencia ás suas ordens. Porque rejeitaste a palavra do Senhor, o Senhor tambem te rejeitou e não quer que reines mais sobre o seu povo. » E retirando-se Samuel, Saul, para detel-o, pegou-lhe na ponta do manto, que se rasgou: « Assim, disse-lhe o propheta, arrancou-te hoje o Senhor a corda para dal-a a outro melhor que tu. » Samuel ordenou depois que fosse morto Agag, voltou para Ramath, e não tornou mais a ver Saul; não cessava porém de o lamentar, porque o Senhor se arrependera de havel-o feito rei de Israel.

4. David sagrado por Samuel. — Chegado o tempo, disse Deos a Samuel: « Vae á casa de Isai de Bethlehem, e sagra aquelle de seus filhos que eu te indicar. » Isai apresentou ao propheta successivamente sete filhos seus; mas Deos revelou-lhe que nenhum d'elles era o escolhido. Restava ainda um filho, o mais joven de todos, chamado David, que estava a pastorear os rebanhos. Samuel fel-o vir, e quando elle chegou, Deos disse-lhe: « É este, » e o propheta o sagrou no meio de seus irmãos, derramando-lhe oleo sagrado sobre a cabeça. Desde este momento o espirito de Deos desceu sobre David, e abandonou a Saul, que foi agitado por um espirito maligno. Para acalmar os seus furores, aconselharam-lhe que mandasse vir David que era mui destro em tocar harpa. Saul tomou-lhe affeição, fêl-o seu escudeiro, e quando o espirito maligno o atormentava, David sabia tranquillisar o rei com os seus mavyosos que tirava da sua harpa.

5. David vence a Goliath. — Os Philisteos recommçaram a guerra. Estando os exercitos em presença um do outro no valle de Terebintho, um Philisteo de seis covados e meio de altura, de nome Goliath, veiu durante 40 dias desafiar os Israelitas a um combate singular. Saul promettia sua filha em casamento a quem vencesse o gigante; mas ninguem ousava aceitar o desafio. Ora succedeu que David foi mandado por seu pai para levar mantimentos a

seus irmãos que serviam no exercito de Saul. Indignado da arrogancia do gigante, offereceu-se para combatel-o. « Criança como és, lhe disse Saul, como poderás resistir a este Philisteo, exercitado desde a tenra idade nos combates? » David respondeu : « Quando um leão ou um urso salteava os rebanhos de meu pai, sabia eu arrancar-lhes a preza e matal-os; a mesma sorte terá este incircumciso. Deos, que me livrou das garras dos leões e dos ursos, livrar-me-ha tambem das mãos d'este Philisteo. » Saul disse então a David : « Vai, e o Senhor seja contigo; » e vestiu o valente joven de suas armas, pôz-lhe o seu elmo, a sua couraça e cingiu-lhe a sua espada; mas David não achando-se a seu commodo debaixo d'esta armadura, a despiu, e tomando o seu cajado e a sua funda com cinco pedras bem lizas que escolhera n'um ribeiro visinho, avançou para o gigante Golias. Este, ao vel-o, escarneceu-se d'elle, dizendo : « Sou acaso algum cão, para vires a mim com um bastão? Eu darei tuas carnes por pasto ás aves do céu e aos animaes da terra. — Tu vens a mim, respondeu David, armado de espada, lança e escudo, e eu marcho contra ti em nome do Senhor dos exercitos, do Deos de Israel, a quem ousaste insultar. Hoje o Senhor te entregará em minhas mãos, e eu te cortarei a cabeça, afim que todo o universo saiba que ha um Deos em Israel. » Disse, e tomando logo uma pedra, atirou-lh'a com a funda com mão tão certa, que Golias ferido na frente caiu de bruços. Saltou-lhe emcima David, e com a propria espada do gigante decepou-lhe a cabeça. Os Philisteos, vendo que o mais valente d'elles era morto, fugiram espavoridos e foram perseguidos até as portas de Accaron.

6. **Inveja e perseguições de Saul contra David.** — Quando o exercito hebreo voltava da campanha contra os Philisteos, saíram as mulheres de todas as cidades de Israel ao encontro do rei, cantando : « Saul matou mil, e David dez mil. » Estas palavras excitaram a inveja de Saul, que d'ahi em diante não olhou mais a David com bons olhos, e chegou mesmo a querer duas vezes trespassal-o com sua lança, no momento em que o joven com a sua harpa procurava acalmar o rei em um de seus accessos de frenesi. Pouco depois Saul mandou soldados para matal-o em sua cama; mas elle escapou por uma janella, graças a Michol, que Saul seu pai lhe dera em casamento por haver morto 200 Philisteos, que tal foi a condição com que lh'a promettera. — No meio d'estas perseguições, Jonathas, filho de Saul, mostrou-se sempre grande amigo de David. Não cessou de avisal-o de todas as ciladas que lhe armava Saul, e quando viu que não havia mais meios de preserval-o do furor do rei, aconselhou-lhe que fugisse, jurando-lhe de novo uma amizade eterna.

7. Generosidade de David. — David, cruelmente perseguido por Saul, teve duas occasiões de descartar-se d'este inimigo mortal, mas recusou attentar contra a sua vida. A primeira vez, tendo Saul entrado sósinho em uma caverna do deserto de Engaddi, onde se achava escondido David com varios companheiros, estes queriam matal-o, mas David os conteve dizendo : « Deos me guarde de levantar a mão contra o unguido do Senhor. » Contentou-se pois em lhe cortar muito de mansinho um pedaço do manto, e quando o rei saiu da gruta, elle lhe mostrou o retalho de longe, para lhe provar que podera facilmente ter-lhe tirado a vida, se tivesse querido. Saul, tocado da sua generosa acção, lhe disse : « Tu és mais justo que eu ; não me tens feito senão bem, e eu em paga só te tenho feito mal. Como sei com toda a certeza que has de reinar um dia sobre Israel, jura-me diante de Deos que não exterminarás a minha casa depois de mim. » David o jurou, e retirou-se para outro paiz. — Em outra occasião, David acompanhado de Abisai, seu escudeiro, penetrou de noite no acampamento de Saul, e entrando, sem ser apercebido dos guardas, na tenda mesma do rei, que dormia profundamente, tomou a sua lança e a sua taça ; indo postar-se depois n'um monte visinho, chamou por Abner, general de Saul, e mostrando-lhe a lança e a taça do rei, lhe censurou a negligencia com que guardava o seu principe. Saul prometteu então de não perseguir mais á David ; mas este, pouco confiado nas suas promessas, retirou-se para o paiz dos Philisteos.

8. Morte de Saul (1056 ; B.1040). — No anno seguinte, começaram os Philisteos a guerra, e Saul, reunindo todas as suas forças, veiu acampar no monte Gelboé. Assaltado de negros presentimentos, Saul consultou o Senhor, que não lhe deu resposta alguma ; dirigiu-se então á pythionissa que morava em Endor, para que ella evocasse o propheta Samuel, fallecido havia dous annos. Deos permittiu que Samuel apparecesse a Saul. « O Senhor vai executar as ameaças que te fez por minha boca, disse-lhe o propheta ; tirar-te-ha o reino e o dará a David teu rival. Amanhã tu e teus filhos sereis mortos, e o acampamento de Israel cairá em poder dos Philisteos. » Ao ouvir taes palavras caiu Saul por terra como fulminado. A predicção de Samuel cumpriu-se ao pé da letra. Os Israelitas no dia seguinte foram completamente destroçados ; Jonathas e outros dous filhos de Saul morreram combatendo ; e o desditoso rei, vendo-se coberto de feridas, ordenou a seu escudeiro que o acabasse de matar, mas como este não ousasse fazel-o, lançou-se Saul sobre a ponta de sua espada, e morreu. David pranteou amargamente a morte de Saul e de seu grande amigo Jonathas, e compoz em sua honra um bellissimo cantico funebre.

Exercícios sobre o reinado de Saul.

1. Quem era Saul e porque se dirigiu elle ao propheta Samuel? — Como foi por este sagrado? — Como foi depois eleito rei de Israel? — Qual foi a primeira victoria de Saul, e como a sua eleição foi confirmada?

2. Que outra guerra teve de sustentar Saul? — Como desobedeceu elle a Deos, e que castigo lhe annunciou Samuel?

3. Que ordenou Samuel a Saul da parte de Deos, e que fez este? — Como foi Saul rejeitado por Deos? — Que fez depois Samuel?

4. Que disse Deos a Samuel depois de rejeitado Saul? — Como David foi sagrado rei? — Para que chamou Saul a David á sua côrte?

5. Quem era Goliath, e que prometeu Saul a quem o vencesse? — Como David accitou o desafio e venceu o gigante? — Que fizeram então os Philisteos?

6. Que veio excitar a inveja e odio de Saul contra David? — Como elle o perseguiu? — Como veio David a casar com uma filha de Saul? — Que grande amigo teve David, e que serviços prestou a este?

7. Como se mostrou David generoso para com Saul? — Contai dous rasgos de generosidade que praticou na caverna de Engaddi e na tenda do proprio Saul? — Que prometeu enfim este, e para onde se retirou David?

8. Para que consultou Saul a pythonissa de Endor? — Que lhe disse Samuel? — Contai a batalha de Gelboé e como morreu Saul. — Que fez David?

REINADO DE DAVID, 1056-1016 (B. 1040-1001)

1. **David proclamado rei de Israel.** — Depois da morte de Saul, David partiu para Hebron, onde foi proclamado rei pela tribu de Judá; as outras tribus reconheceram por rei a Isboseth, filho de Saul. Rebentou d'ahi uma guerra civil, que durou 7 annos e terminou com a morte de Isboseth. Este principe foi assassinado por dous de seus officiaes, que trouxeram a sua cabeça a David; elles tiveram por recompensa serem condemnados á morte, como mereciam. David foi então reconhecido rei por todas as tribus de Israel: contava elle 37 annos de idade.

2. **David toma Jerusalem e transfere para ali a Arca** (1048; B. 1032). — Vendo-se tranquillo possuidor do reino, David marchou contra os Jebuseos, tomou-lhes Jerusalem, e mandou ali construir para si um magnifico palacio sobre o monte Sião, que se ficou chamando *cidade de David*, por haver elle fixado ali a sua residencia. A Arca Santa, que, depois que voltou do paiz dos Philisteos, ficara depositada em Gabaa em casa de Abinadab, foi transferida com a maior pompa para Jerusalem. No trajecto, a Arca pendeu para um lado e pareceu querer cair do carro que a transportava. A esta vista, um levita por nome Oza, contra o que a Lei ordenava, estendeu a mão para sustel-a, e immediatamente foi ferido de morte. David assustado não ousou receber a Arca no seu palacio, e a depositou em casa de Obbedom; mas, passados tres mezes, informado das benções que a presença da Arca attrahia sobre toda aquella familia, trasladou-a para Sião com a maior solemnidade e

no meio do regozijo de todo o povo de Israel, indo elle mesmo diante dançando e tocando harpa com grande jubilo. David tencionava erigir ao Senhor um magnifico templo para n'elle depositar a Arca, mas Deos avisou-lhe pelo propheta Nathan que esta obra estava reservada a seu filho, e não a elle que tinha como guerreiro as mãos tintas de sangue.

3. Conquistas de David; seu poderio. — David alcançou grandes victorias sobre os povos circumvisinhos; livrou Israel do tributo que desde muito pagava aos Philisteos; submetteu os paizes dos Moabitas e dos Ammonitas, situados ao oriente da Judéa, grande parte da Syria e toda a Iduméa até o mar Vermelho, onde possuia alguns portos, pelos quaes o reino de Israel commerciava com os paizes mais longinquos da Asia e da Africa. Tal era enfim o poderio de Israel, que David, em um recenseamento que fez do povo nos ultimos annos do seu reinado, achou 1,300,000 homens em estado de pegar em armas.

4. Crime de David; morte de Urias. — David deslustrou a sua gloria mandando expôr n'uma guerra a uma morte certa um dos seus mais bravos officiaes de nome Urias, asim de casar com a sua mulher Bethsabée, que era extremamente formosa. O Senhor, offendido por tão nefando crime, enviou ao rei o propheta Nathan, que lhe fallou assim: « Havia n'uma cidade dous homens, um rico, outro pobre. O rico possuia grande numero de bois e ovelhas; o pobre só tinha uma ovelha que comprara pequena e criara em sua casa, e a quem queria como a sua filha. Succedeu vir um forasteiro á casa do rico, e não querendo este tocar em seus bois e ovelhas, tomou a ovelha do pobre e a mandou guizar para regalar a seu hospede. » Ficou David sobre maneira indignado quando tal ouviu, e disse a Nathan: « O autor de tal acção é digno de morte. — Tu és esse homem, lhe tornou o propheta. O Senhor encheu-te de bens, e tu fizeste morrer aleivosamente a Urias e tomaste para ti a sua mulher. Eis porque serás severamente punido na tua propria casa. » David reconheceu o seu crime e exclamou: « Pequei contra o Senhor, » e Nathan lhe disse então: « O Senhor perdoou o teu peccado, mas o filho que tiveste de Bethsabée não ha de viver. » E de facto a criança morreu d'ahi a sete dias, apezar dos jejuns, lagrimas e orações de David. Bethsabée teve um segundo filho, que se chamou *Salomão*, e a quem o propheta Nathan deu o sobrenome de *Amavel ao Senhor*, porque na verdade o Senhor o amava.

5. Revolta de Absalão. — A predicção de Nathan continuou a cumprir-se. Absalão, o filho querido de David, rebellou-se contra seu pai, e uma grande parte de Israel seguiu o seu partido. David

viu-se obrigado a sair de Jerusalem, e foi no caminho insultado por Semei, parente de Saul, que o amaldiçoou e lhe lançou pedradas. Os que acompanhavam David quizeram matar o insolente, mas o rei penitente o impediu. David retirou-se para a outra banda do Jordão, onde logo se lhe reuniram os seus subditos fieis. Absalão veio ataca-lo no bosque de Ephraim, e o seu exercito foi completamente desbaratado. O principe rebelde, vendo perdida a batalha, deitou a fugir montado n'um macho; mas ao passar por baixo de um carvalho mui ramoso, os seus cabellos que eram mui compridos se embaraçaram nos ramos, e como o macho continuasse a correr, ficou Absalão pendurado no ar. Então o general Joab, apezar da ordem que recebera de David de poupar a vida a Absalão, foi-se a elle e atravessou-lhe o coração com tres dardos. A esta noticia, David esqueceu a sua victoria para chorar o seu filho rebelde. « Meu filho Absalão, Absalão meu filho, exclamava elle no seu desespero, quem me dera ter morrido em teu logar ! »

6. Fim do reinado de David. — No anno mesmo da morte de David (1016; B.1001), Adonias, um de seus filhos, revoltou-se contra elle e se fez proclamar rei. Mas David, que por ordem de Deos destinava a corôa a Salomão, fel-o logo sagrar rei e que todo o povo o reconhecesse como tal. Adonias, vendo-se abandonado de seus partidarios, submetteu-se ao novo rei. David deu a Salomão suas instrucções para a construcção do templo que elle devia erigir ao Senhor, e morreu aos setenta annos de idade, depois de haver reinado quarenta sobre Israel. Foi este santo rei quem, animado do Espirito de Deos, compôz os admiraveis Psalmos que a Igreja canta nos officios divinos.

Exercicios sobre o reinado de David.

1. Que guerra civil houve depois da morte de Saul, e como terminou? — Como morreu Isboseth, e que fez depois o povo de Israel?
2. Que guerra emprehendeu David depois de reconhecido rei por todas as tribus? — Para onde transferiu a Arca? — Que succedeu no trajecto? — Onde foi ella primeiramente depositada? — Como David a trasladou para Sião?
3. Que victorias alcançou David e que paizes submetteu? — Que exercito podia elle levantar segundo um recenseamento que fez?
4. Por que grande crime deslustrou David sua gloria? — Que lhe disse o propheta Nathan da parte do Senhor? — Que succedeu ao primeiro filho que David teve de Bethsabé? — Qual foi o segundo filho que teve d'ella?
5. Contai a rebelião de Absalão e o que fez então David. — Como morreu Absalão? — Que pezar teve David ao saber a sua morte?
6. Qual de seus filhos escolheu David para ser seu successor? — Que fez então Adonias? — De que idade morreu David e quanto tempo reinou?

REINADO DE SALOMÃO, 1016-976 (B.1001-962)

1. **Começo do reinado de Salomão.** — Salomão contava

apenas 17 annos quando succedeu a seu pai. Começou o seu reinado por varios actos de rigor, que intimidaram os que podessem ser tentados a renovar os actos de rebellião que tanto agitaram os ultimos annos do reinado de David. Vendo-se assim consolidado no throno, Salomão desposou a filha do rei do Egypto. Um dia que elle tinha offerecido em holocausto mil victimas em Gabaon, onde se achava a Arca santa, Deos lhe appareceu em sonhos e lhe prometteu dar-lhe quanto lhe pedisse. Contentou-se Salomão com pedir-lhe a sabedoria para bem governar o povo de Israel. Este pedido agradou tanto ao Senhor, que lhe concedeu ainda riquezas e gloria. de sorte que veio a ser não só o mais sabio, como tambem o mais opulento e magnifico de todos os reis da terra.

2. Juizo de Salomão. — Salomão não tardou a dar uma prova brilhante da sabedoria que recebera de Deos. Compareceram ante elle duas mulheres pleiteando acerca de uma criança que cada uma sustentava ser seu filho. Moravam ambas na mesma casa e succedera durante a noite ter morrido o filho recém-nascido de uma d'ellas, a qual o trocou furtivamente pelo da companheira. O rei, depois de escutar as razões de ambas, mandou que lhe trouxessem uma espada e ordenou a um de seus guardas que partisse pelo meio o menino vivo e desse metade a cada mulher. A falsa mãe approvou a sentença; mas a verdadeira, não podendo resistir á ternura maternal, exclamou: « Ah! Senhor, por quem sois, dai-lh'o a ella vivo, e não o mateis. » O que ouvindo o rei, reconheceu logo que esta era a verdadeira mãe, e mandou-lhe entregar a criança. Todo o Israel teve noticia d'este julgamento, e concebeu sentimentos de temor e respeito para com o rei, vendo que a sabedoria de Deos o esclarecia.

3. Construção e dedicação do Templo. — No 4º anno do seu reinado, Salomão deu começo á construcção do Templo no alto do monte Moria, ao oriente de Jerusalem. Empregou mais de 200,000 homens n'esta grandiosa obra, para a qual Hiram, rei de Tyro, seu alliado, forneceu as madeiras necessarias que mandava cortar no Libano. Sete annos e meio foram gastos em erigir este sumptuosissimo edificio, que tinha sessenta covados de comprimento, vinte de largo e trinta de alto. Construido segundo o modelo do tabernaculo de Moysés, o Templo estava dividido em tres partes: o *Santo dos Santos*, onde foi depositada a Arca da Alliança; o *Santo*, separado do Santo dos Santos por um véo, e onde foram collocados o altar dos perfumes; e a mesa dos pães de proposição e o candelabro de sete braços; emfim o *Vestibulo*, em que se achava a porta do Templo. Todas as paredes do interior do Templo eram forradas de madeira preciosa coberta de laminas de ouro. Este magnifico edi-

lício estava cercado de outras construcções que formavam dous grandes atrios : o *atrio interior*, reservado aos sacerdotes e levitas, onde se achavam o altar dos holocaustos e o mar de bronze, bacia sustentada por doze bois tambem de bronze, que servia para as purificações; e o *atrio de Israel*, onde se reunia o povo para orar. — No 8º anno (1005; B.991), na festa dos Tabernaculos, fez Salomão com a maior solemnidade e pompa a dedicacão do Templo no meio de um immenso concurso de povo. Quando a Arca foi collocada no Santo dos Santos, Deos manifestou a sua presença por uma nuvem milagrosa que encheu todo o edificio. Salomão, depois de invocar o Senhor, abençoou o povo e immolou 22,000 bois e 120,000 ovelhas como hostias pacificas : a festa durou 14 dias.

4. **Prosperidade de Salomão; sua apostasia.** — Além do Templo, mandou Salomão construir magnificos palacios para si e para a rainha sua esposa. Cercou Jerusalem com fortes muralhas, e fundou muitas cidades, sendo uma das principaes Palmyra, cujas ruinas se admiram ainda hoje no deserto situado ao Nordéste da Palestina. Obedecia-lhe todo o paiz que se estendia das margens do Euphrates á fronteira do Egypto. Uma paz profunda reinava em todos os seus estados. Não havia magnificencia egual á da sua corte. A rainha de Sabá acudiu da Arabia para admirar a sua sabedoria e grandeza. Tanta prosperidade e o luxo no meio do qual vivia Salomão veio porfim a corromper o seu coração. As mulheres estrangeiras com que casou contra a Lei arrastaram-no ao culto das falsas divindades. Deos irritado lhe annunciou que depois da sua morte o seu reino seria dividido e a maior parte d'elle seria dada a um de seus vassallos. Salomão morreu d'ahi a pouco aos 53 annos de idade, havendo reinado 40. Elle é o autor do livro dos Proverbios, do Ecclesiastes e do Cantico dos Canticos.

[Exercicios sobre o reinado de Salomão.

1. Como começou Salomão o seu reinado e que idade tinha então? — Com quem casou? — Que doim precioso pediu e recebeu elle de Deos?
2. Contai o juizo de Salomão e o effeito que produziu em todo o povo.
3. Quando e em que logar levantou Salomão o Templo? — Quanto tempo gastou na obra e quanta gente empregou n'ella? — Dai uma descripção do Templo. — Fallai dos atrios que o cercavam. — Quando e como se fez a sua dedicacão? — Que prodigio fez Deos n'essa occasião? — Que victimas foram immoladas?
4. Que outras obras construiu Salomão? — Fallai do seu poder e prosperidade? — Que veio fazer a rainha de Sabá? — Como caiu Salomão na idolatria, e que lhe annunciou Deos? — De que idade morreu elle e quanto tempo reinou?

PRIMEIROS REIS DE JUDÁ E DE ISRAEL

1. **Schisma das dez tribus** (976; B.962). — A Salomão succedeu seu filho *Roboão*. Este principe orgulhoso e inflexivel, escu-

tando os conselhos insensatos dos jovens cortezãos, não quiz attender ás supplicas do povo, que, reunido em Sichem, lhe pedia diminuisse os tributos que o opprimiam. A dureza da sua resposta provocou uma revolta geral. Dez tribus proclamaram rei a Jeroboão, e formaram um reino á parte com o nome de *reino de Israel*, cuja capital veio a ser *Samaria*. As tribus de Judá e de Benjamin, que foram as unicas que permaneceram fieis a Roboão, constituiram o *reino de Judá*, tendo por capital *Jerusalem*. Estes dous reinos, frequentemente em guerra entre si, acabaram por ser conquistados pelos reis de Ninive e de Babilonia.

2. Os tres primeiros reis de Judá. — *Roboão* (976; B.962) imitou a idolatria de seu pai Salomão, e foi punido pela invasão de Sesac, rei do Egypto, que tomou Jerusalem, saqueou o Templo e levou os thesouros do rei. — Seu filho *Abias* (959; B.946), que não se mostrou melhor que seu pai, esteve sempre em guerra com Jeroboão, e alcançou sobre elle uma victoria assignalada. — *Asa*, filho de Abias (956; B.944), restabeleceu o culto do verdadeiro Deos, e foi por isto recompensado com uma grande victoria que alcançou sobre o rei da Ethiopia, que ameaçava invadir os seus estados; a sua piedade porém esfriou-se nos ultimos annos do seu reinado, que durou 41 annos.

3. Os seis primeiros reis de Israel. — Os seis primeiros reis de Israel, cujos reinados egualaram em duração aos dos tres primeiros de Judá, assignalaram-se todos por seus crimes e sua impiedade. — *Jeroboão* (976), receiando que seu povo, que continuava a ir ao templo de Jerusalem assistir ás festas religiosas, viesse a prestar de novo obediencia aos reis descendentes de David, resolveu arrastalo á idolatria e erigiu dous bezerros de ouro nas duas extremidades do reino, em Dan e em Bethel, e fel-os adorar, dizendo aos Israelitas que eram esses os deoses que os haviam tirado do Egypto. Jeroboão esteve sempre em guerra com os reis de Judá, e reinou 20 annos. — Seu filho *Nadab* (955; B.945) reinou apenas dous annos e foi assassinado por *Baaza*, que exterminou toda a familia de Jeroboão e occupou 25 annos o throno de Israel. — *Ela*, filho e successor de Baaza (951; B.919) foi morto n'um festim por *Zambri*, o qual, vendo-se sitiado por Amri, pôz fogo ao seu palacio e morreu queimado com toda a sua familia. — *Amri* (950; B.918) reinou 12 annos, fundou Samaria, que ficou sendo a capital do reino de Israel e deixou o throno a seu filho Achab.

4. Josaphat, Jorão e Ochozias, reis de Judá. — *Josaphat* (915; B.904), filho de Asa, distinguiu-se por sua eminente piedade, triumphou dos Philisteos, Moabitas e Ammonitas: mas soffreu alguns tevezes por se ter alliado estreitamente com a impia casa que

Tendo entretanto morrido o filho da viuva, Elias compadecido invocou o Senhor e o restituiu cheio de vida á mãe. Elias, tendo escolhido Eliseu por discipulo, e sabendo que pouco tempo lhe restava a passar sobre a terra, partiu com elle em direcção ao Jordão. Quando chegaram ás margens do rio, Elias tomou o seu manto e feriu com elle as aguas, que se abriram, passando assim ambos a pé enxuto para a outra margem. Eliseu pediu então a Elias que lhe deixasse o dom de prophecia e o dos milagres. Como continuassem a discorrer entre si, eis que de repente Elias foi arrebatado ao céu n'um carro de fogo. Eliseu pôz-se a chamal-o com grandes brados: mas o propheta desapareceu á sua vista, deixando-lhe porém o seu manto, com o dom de prophecia e de milagres.

2. **Milagres de Eliseu.** — Eliseu não tardou a reconhecer que seu mestre lhe havia transmittido o dom dos milagres. Voltando ás margens do Jordão, passou o rio dividindo as suas aguas com o manto de Elias. — Ao chegar a Bethel, como fosse insultado por uma chusma de rapazes que faziam burla d'elle chamando-o *calvo*; logo de um bosque visinho saíram dous ursos que mataram 42 d'esses insolentes. — Multiplicou o azeite de uma pobre viuva, que pôde assim pagar aos seus credores e sustentar seus filhos. — A uma Sunamita que lhe dava de comer todas as vezes que elle passava por sua cidade, o propheta obteve que o Senhor lhe dêsse um filho, e alguns annos depois, vindo este a morrer, elle o resuscitou, como Elias havia resuscitado o da viuva. — Enfim curou da lepra ao Syrio Naaman, e depois de haver operado durante sua vida muitos outros prodigios, fez ainda milagres depois de morto; pois sendo por acaso lançado um cadaver no seu sepulchro, mal elle tocou os ossos do propheta, logo recobrou a vida. — Além de Elias e Eliseu, Deos suscitou outros muitos prophetas no tempo dos reis de Judá e de Israel, sobretudo n'este ultimo reino; mas quasi todos foram perseguidos, e alguns mandados matar pelos reis impios que então o governavam.

Exercicios sobre os prophetas Elias e Eliseu.

1. Como foi sustentado Elias no deserto? — Que milagres operou em Sarepta? — A quem escolheu por discipulo? — Como passaram ambos o Jordão? — Como foi Elias arrebatado ao céu e que deixou a Eliseu?

2. Que milagre operou Eliseu voltando ao Jordão? — Como foram castigados os rapazes que se escarneceram d'elle? — Que milagres operou Eliseu na cidade de Sunam? — Que milagre se deu no seu sepulchro? — Como os reis de Judá e de Israel trataram os prophetas enviados por Deos?

CONTINUAÇÃO DOS REIS DE JUDÁ E DE ISRAEL

1. **Athalia, rainha de Judá** (883-877; B. 876-870). — Depois da morte de Ochozias, Athalia sua mãe mandou matar todos os prin-

cipes da casa de David, apossou-se do throno e estabeleceu em Jerusalem o culto de Baal. Durante seis annos gozou ella em paz do fructo de seus crimes. Mas Josabeth, irmã de Ochozias e mulher do summo sacerdote Joiada, conseguira salvar o pequeno Joás, ultimo filho do rei, que apenas contava um anno de idade, e o fazia criar secretamente no Templo. No septimo anno do reinado de Athalia, no dia da festa de Pentecoste, Joiada reuniu no templo os levitas e os chefes do exercito, e em sua presença sagrou rei ao menino Joás, a quem todos prestaram juramento de fidelidade. Ao ruido das acclamações do povo que de toda a parte se reunia em torno do novo rei, Athalia correu ao Templo, e vendo Joás assentado sobre o seu throno e rodeado de guardas, rasgou seus vestidos e gritou : « Traição, traição ! » Mas Joiada ordenou aos officiaes de a prenderem. e elles, arrastando-a fóra do Templo, a mataram.

2. Joás, rei de Judá (877-857 ; B.870-831). — Joás reinou sabiamente e permaneceu fiel ao Senhor em quanto viveu Joiada. Mas depois da morte do pontifice, deu ouvidos a lisonjeiros, caiu na idolatria, e levou a ingratidão até mandar lapidar no vestibulo mesmo do Templo o summo sacerdote Zacharias, filho do seu bemfeitor, por lhe exprobrar a sua infidelidade. Zacharias, ao expirar, exclamou : « Deos é testemunha da minha morte, elle a vingará. » Effectivamente no anno seguinte, os Syrios tomaram Jerusalem, o rei foi tratado com a maior ignominia, e pouco tempo depois assassinado em seu leito por dous de seus proprios officiaes : o seu cadaver foi enterrado sem honras fóra do jazigo dos reis.

3. Jehú e Joachaz, reis de Israel. — *Jehú* (883; B.876), sagrado rei por um discipulo do propheta Eliseu, exterminou toda a familia de Achab, mandou degollar todos os sacerdotes de Baal e destruir o seu templo; mas conservou o culto dos bezerrros de ouro em Dan e em Bethel. Em castigo da sua infidelidade, foi o seu reino devastado por Hazael, rei da Syria. — Succedeu-lhe seu filho *Joachaz* (855; B.848), que foi tão impio como seu pai, e não pôde livrar o paiz das devastações dos Syrios, até que porfim humilhou-se diante do Senhor, e Deos, sempre misericordioso, prometteu dar na pessoa de seu filho Joás um salvador a Israel.

4. Amasias e Ozias, reis de Judá. — Os reinados de Amasias e de seu filho Ozias, que abrangem um espaço de 81 annos, correspondem aos reinados dos seis reis de Israel successores de Joachaz. — *Amasias* (837; B. 831), filho de Joás, vingou a morte de seu pai, praticou ao principio a justiça, e ganhou uma grande victoria sobre os Idumeos no valle das Salinas; entregando-se depois á idolatria, foi vencido e feito prisioneiro por Joás, rei de Israel, e pereceu victima de uma conspiração. — Seu filho *Ozias* (808; B.803)

5. Contai os triumphos de Joás rei de Israel. — Quaes foram os seus successores? — Que fez Manahem para submeter os Israelitas?

6. Quem foi Joathan e como reinou? — Qual foi a impiedade de Achaz e como foi castigado? — Que fez para afastar a Teglah-Phalazar?

7. Como reinou Phacee? — Que fim teve? — Como irritou Oseas a Salmanazar, e que d'ahi resultou? — Quanto tempo durou o reino de Israel? — Que caso haviam feito os reis de Israel dos avisos dos prophetas?

8. Que missão confiou Deos a Jonas? — Como elle a desempenhou? — Porque foi atirado ao mar e que lhe aconteceu de portentoso? — Como pregou a penitencia aos Ninivitas e com que resultado? — Que fez então Deos?

HISTORIA DE TOBIAS

1. **Piedade de Tobias.** — Entre os captivos transferidos á Assyria achava-se Tobias, da tribu de Nephtali; era um varão justo e temente a Deos, que lhe permaneceu fiel no meio dos idolatras, abstendo-se de comer de suas viandas prohibidas e de tomar parte nas suas superstições. Recompensou Deos sua virtude, dando-lhe valimento junto do rei, que, fazendo d'elle grande conceito, lhe concedeu a mais ampla liberdade, de que Tobias se servia para visitar, consolar, assistir a seus irmãos captivos em suas necessidades e dar-lhes saudaveis conselhos. Mas depois da morte de Salmanazar, Sennacherib seu filho pôz-se a perseguir cruelmente os Israelitas, mandando matar muitos d'elles e prohibindo que se lhes dêsse sepultura. Não por isto deixou Tobias de prestar este officio de caridade, pelo que foi denunciado ao rei, que deu ordem que o matassem; mas Tobias escondeu-se com sua familia e escapou assim á colera do rei, o qual pouco tempo depois foi assassinado por dous de seus filhos. Um dia que Tobias havia convidado a um festim alguns da sua tribu fieis ao Senhor, veiu seu filho dizer-lhe que na rua jazia morto um Israelita. Tobias, levantando-se logo da mesa, trouxe o corpo ás escondidas para casa, e apezar dos timidos conselhos de seus amigos, deu-lhe sepultura á noite.

2. **Paciencia de Tobias.** — Um dia que Tobias, mui cansado de seus trabalhos, se tinha adormecido junto de um muro, succedeu-lhe cair nos olhos um pouco de lixo de um ninho de andorinhas, de que ficou cego. O santo varão supportou sem murmurar esta prova que o Senhor lhe enviava, a qual se aggravou muito pela extrema pobreza em que veiu a cair. Sua mulher, de nome Anna, viu-se obrigada a trabalhar duramente como tecedira para dar de comer á familia. A's zombarias que ella e os amigos lhe dirigiam dizendo-lhe: « Que é feito da esperanza que te levava a dar esmolas e a enterrar os mortos, » respondia Tobias: « Não falleis assim, porque nós somos filhos dos santos e esperamos aquella vida melhor que Deos ha de dar aos que lhe guardam inviolavel fidelidade. » Como sua mulher lhe lançasse um dia em rosto os mesmos insultos,

tos, Tobias soltou um profundo suspiro e disse chorando : « Vós sois justo, Senhor; lembrai-vos agora de mim, perdoai meus peccados e recebei em paz minha alma, porque a morte me é preferivel á vida. »

3. Instrucções de Tobias a seu filho. — Tobias, suppondo proxima a sua morte, chamou seu filho e lhe disse : « Quando Deos tiver levado para si minha alma, dá sepultura a meu corpo. Honra tua mãe todos os dias de tua vida, lembrando-te do quanto ella padeceu por ti quando te trazia no seu seio; e quando ella cessar de existir, enterra-a ao pé de mim. Em quanto viveres, traze sempre a Deos presente em teu pensamento, guarda os seus mandamentos e evita o peccado. Dá esmola, e nunca afastes teu rosto do pobre, afim que Deos não afaste tambem seu rosto de ti. Dá muito se tens muito, e pouco se tens pouco, mas dá-o de boamente. Não deixes nunca dominar o orgulho nem em teu coração nem em tuas palavras : o orgulho foi o principio de toda a perdição. Paga ao operario o que lhe é devido, e não retenhas nunca o seu salario. Não faças a outrem o que não quizeras que te fizessem. Reparte teu pão com os que teem fome, e cobre os que estão nus. Pedê sempre conselho ao sabio, ao homem prudente. Bendize a Deos em todas as occasiões, e pede-lhe que encaminhe teus passos, e em todas as tuas empresas procura n'elle o teu appio. » Contou-lhe depois que havia emprestado dez talentos a um seu parente Gabelo que morava em Ragés, no paiz dos Medos, e disse-lhe que os fosse cobrar e que procurasse alguma pessoa capaz que lhe servisse de guia na viagem.

4. Viagem do joven Tobias. — O filho de Tobias em saindo encontrou-se com um mancebo de mui bella presença, que tinha o vestido arregaçado como se estivesse para emprehender uma viagem. Tobias, não sabendo que era um Anjo do Senhor, perguntou-lhe se conhecia o caminho para ir a Ragés. O Anjo respondeu-lhe que o conhecia muito bem, e que havia mesmo morado em Ragés em casa de Gabelo. Encantado de tal resposta, Tobias o apresentou a seu pai, que lhe pediu que acompanhasse seu filho a Ragés, promettendo-lhe recompensal-o bem. Aceita a proposta, ambos se pizeram em caminho, e seguia-os o cão da casa. Logo no fim da primeira jornada, chegaram ás margens do Tigre, e Tobias, descendo a lavar os pés no rio, assustou-se á vista de um peixe enorme que o investiu como para devoral-o. O Anjo o tranquillizou e lhe disse que agarrasse o peixe pelas guelras, o trouxesse á praia, o estripasse e guardasse o coração, o fel e o figado, como remedios mui uteis. A carne do peixe, depois de salgada, lhes serviu de sustento para a viagem.

5. Casamento do joven Tobias. — Chegados que foram a

Ecbatana, o Anjo disse a Tobias : « Mora aqui um de teus parentes chamado Raguel; elle tem uma filha unica de nome Sara : pede-a em casamento, que elle t'a dará. — Ouvi dizer que ella já teve sete maridos, que todos morreram por obra do demonio. » O Anjo disse-lhe que assim acontecera porque D os lhe destinara Sara por esposa, e que, para afugentar o demonio, queimasse o figado do peixe ao entrar na camara nupcial. Os dous viajantes foram mui bem acolhidos por Raguel, que consentiu em dar logo a Tobias a sua filha em casamento e o decidiu a passar quinze dias em sua casa. O Anjo então, a pedido de Tobias, foi cobrar o dinheiro emprestado a Gabelo, e trouxe este para assistir ás bodas. Passados os quinze dias, Raguel quiz ainda reter o joven Tobias; mas representando-lhe este o cuidado e desassocego em que deviam estar seus pais, elle não insistiu mais e o deixou partir com sua esposa, a quem deu por dote a metade de todos os seus bens, declarando que a outra metade lh'a deixava depois da sua morte.

6. Volta de Tobias, que restitue a vista a seu pai. — Entretanto a demora de Tobias affligia sobremaneira os seus pais. Todos os dias a mãe ia sentar-se no alto de um monte visinho a ver se avistava seu filho ao longe. Afinal um dia o avistou e correu a dar a noticia a seu marido. O velho Tobias, tomando então a mão de um de seus servos, saiu ao encontro do filho e o abraçou e beijou chorando de alegria, e o mesmo fez a mãe. Depois que renderam graças a Deos pela feliz volta, o joven Tobias, seguindo as instrucções que o Anjo lhe dera, esfregou com o fel do peixe os olhos a seu pai, que recobrou logo a vista. Para testemunhar a sua gratidão, Tobias offereceu ao guia de seu filho a metade de todos os seus bens; mas o Anjo lhe respondeu : « Bemdizei o Senhor e glorificai-o diante de todos os viventes por ter usado convosco da sua misericordia. Quando oravas com lagrimas e sepultavas tão generosamente os mortos, era eu quem apresentava as tuas orações ao Altissimo, e elle enviou-me para te curar e livrar do demonio a Sara, mulher de teu filho. Eu sou o Anjo Raphael, um dos sete espiritos que assistem constantemente junto ao throno de Deos. » Ao ouvirem taes palavras, tomados de terror, caíram com o rosto em terra; porém o Anjo os tranquillizou e desapareceu.

Tobias tinha 56 annos quando perdeu a vista, e a recobrou aos 60; viveu ainda 42 annos e viu os netos de seu filho. Antes de morrer predisse a destruição de Ninive e recommendou a seu filho que partisse d'aquella cidade depois da morte de sua mãe. O joven Tobias cumpriu fielmente os conselhos de seu pai. Logo que sua mãe morreu, saiu de Ninive com sua mulher, filhos e netos, e foi para casa de seus sogros, que ainda achou com saude em ditosa ve-

lhice ; tomou cuidado d'elles, fechou-lhes os olhos, deu-lhes honrada sepultura, entrou na posse de todos os seus bens e viu os filhos de seus filhos até a quinta geração. Morreu aos 99 annos, deixando á sua posteridade o exemplo de suas virtudes, que tornaram os seus descendentes agradaveis a Deos e aos homens.

Exercicios sobre a historia de Tobias.

1. Quem era Tobias? — Contai as suas virtudes e como Deos o recompensou. — Como foram tratados os Israelitas por Sennacherib? — Que succedeu um dia durante um festim que dava Tobias a seus amigos?

2. Como ficou cego Tobias e que outra desgraça lhe sobreveiu? — Como supportou tudo? — Que respondia ás zombarias que se lhe faziam?

3. Que instrucções deu a seu filho? — De que commissão o encarregou?

4. Quem acompanhou o joven Tobias na sua viagem a Ragés? — Que lhe succedeu nas margens do Tigre e que conselho lhe deu o Anjo?

5. Quando chegaram a Ecbatana, que disse o Anjo a Tobias? — Como foram recebidos por Raguel? — Contai o casamento do joven Tobias.

6. Como estavam os pais de Tobias vendo a tardança do filho? — Que fizeram ao chegar elle da viagem? — Como o velho Tobias recobrou a vista? — Como se deu a conhecer o Anjo? — Que idade tinha Tobias quando recobrou a vista e quanto tempo viveu ainda? — Que fez o joven Tobias depois da morte de sua mãe? — Como foi feliz e de que idade morreu?

ULTIMOS REIS DE JUDÁ

1. **Ezechias** (726 ; B.725). — Bem differente de seu pai Achaz, Ezechias foi um dos reis mais piedosos de Judá. O seu primeiro cuidado foi restabelecer o culto do verdadeiro Deos, e celebrar com a maior solemnidade a festa da Paschoa, que desde muito não se celebrava. Tendo recusado pagar o tributo aos Assyrios, Sennacherib, successor de Salmanazar, veio atacal-o, tomou as praças fortes de Judá e pôz cerco a Jerusalem. Mas o santo rei recorreu a Deos, e n'uma noite o anjo exterminador matou 185,000 homens do exercito assyrio : o que obrigou Sennacherib a retirar-se para Ninive, onde foi assassinado por dous de seus filhos. Acommettido Ezechias por esse mesmo tempo de uma doença mortal, o propheta Isaias veio dizer-lhe : « Põe em ordem a tua casa, porque vás morrer. » Humilhou-se o rei diante do Senhor e derramando copiosas lagrimas supplicou-lhe que lhe prolongasse a vida. E Deos mandou Isaias dizer-lhe : « Escutei a tua oração e vi tuas lagrimas ; serás curado e d'aqui a tres dias irás ao Templo. » O propheta, para confirmar a verdade da sua palavra, fez retrogradar a sombra do sol de dez linhas ou grãos no quadrante de Achaz. Ezechias viveu ainda 15 annos, e depois de um reinado de 29 annos adormeceu no Senhor.

2. **Manassés** (697 ; B.694). — Manassés, longe de imitar a piedade de seu pai Ezechias, foi pelo contrario um dos reis mais

perversos e ímpios de Judá, pois chegou a erigir ídolos no templo do Senhor, derramou rios de sangue innocente e descarregou o seu furor sobre os prophetas que Deos lhe enviou para convertel-o de seus desvarios, e particularmente sobre Isaias, que elle mandou serrar pelo meio. Para punil-o de tantos crimes, Deos o entregou ao rei da Assyria Asahaddon, que tomou Jerusalem e o levou prisioneiro a Babilonia. O principe culpado arrependeu-se então de seus crimes, e foi por Deos restabelecido no throno de Judá, que occupou ainda por 33 annos.

3. Holophernes e Judith. — Manassés, corrigido pela adversidade, reinava em paz, quando Nabuchodonosor I, successor de Asarhaddon, renovou contra o reino de Judá as tentativas de Sennacherib. O seu general Holophernes, á frente de um numerosissimo exercito, invadiu o paiz e pôz cerco á cidade de Bethulia, cujos habitantes, reduzidos á ultima extremidade, prometteram porfim renderem-se dentro em cinco dias. Então uma joven viuva, mui rica e de grande formosura, chamada Judith, a qual depois da morte de seu marido passava seus dias no retiro e na oração, concebeu a idéa de salvar a sua patria. Tomando os seus vestidos de gala, e enfeitando-se com riquissimos adereços, passou-se ao campo inimigo e ganhou a inteira confiança de Holophernes. Aproveitando-se do momento em que este general, depois de uma orgia, estava sepultado no somno da embriaguez, Judith invocou o Deos de Israel, e armando-se da espada do proprio Holophernes, cortou-lhe a cabeça. Os Assyrios, consternados com a morte do seu general, fugiram á debandada, e foram completamente destroçados pelos Hebreos, os quaes saquearam o acampamento assyrio, onde encontraram immensas riquezas. A noticia d'este triumpho inesperado espalhou-se por todas as cidades de Judá. O summo sacerdote Joaquim veiu de Jerusalem com todos os seus sacerdotes para felicitar a Judith, e ao vel-a, romperam todos em bençãos, dizendo a uma voz: « Tu és a gloria de Jerusalem, a alegria de Israel, a honra de nosso povo, e serás bemdita eternamente. »

4. Ultimos reis de Judá. — Amon que succedeu a seu pai Manassés (642; B.640), imitou a sua impiedade, porém não a sua penitencia, e foi assassinado no segundo anno do seu reinado por seus officiaes; mas o povo vingou este attentado pela morte dos assassinos, e collocou no throno a Josias, filho de Amon, que só contava 8 annos de idade. Este principe restabeleceu o culto do verdadeiro Deos, não só em seus estados, como tambem nas terras do antigo reino de Israel, e morreu de uma ferida recebida na batalha de Mageddo, que imprudentemente travara com Necháó, rei do Egypto (609). — Joachaz, seu filho e successor, foi ao cabo de tres

mezes desthronado e levado prisioneiro ao Egypto por Necháo, ao voltar este de uma expedição á Assyria. — *Eliakim*, irmão de Joachaz, foi então collocado no throno pelo mesmo Necháo, que lhe mudou o nome no de *Joaquim*. O piedoso Jeremias, testemunha da impiedade do rei, annunciou as suas ameaçadoras e lugubres prophcias, e Joaquim o perseguiu, em vez de escutar as suas admoestações. Não tardou a vir o castigo. Nabuchodonosor II, rei da Assyria, depois de derrotar Necháo nas margens do Euphrates, invadiu o reino de Judá, tomou Jerusalem, fez prisioneiro a Joaquim, e restituiu-lhe pouco depois a liberdade e a corôa, com a condição de ficar seu tributario. Nabuchodonosor voltou aos seus estados levando parte dos vasos sagrados do Templo e os principaes d'entre os Judeos, entre os quaes se achava o propheta Daniel (606) : começaram então os *setenta annos do captivo de Babylonia* vaticinados por Jeremias. Joaquim, obrigado a um tributo mui oneroso, quiz a todo o custo sacudir o jugo e fez alliança com o rei do Egypto. Nabuchodonosor irritado apoderou-se de novo de Jerusalem, mandou matar o rei e prohibiu que lhe dêssem sepultura, realisando assim, sem o saber, a predicção de Jeremias. — *Jechonias* (598), filho de Joaquim, foi tão impio como seu pai e reinou só tres mezes. Jerusalem foi, depois de um cerco memoravel, tomada pela terceira vez por Nabuchodonosor, que saqueou o Templo e levou captivos a Babylonia o rei e 10,000 Judeos, contando-se no numero os mais valentes guerreiros de Judá e o propheta Ezechiel. — O ultimo rei de Judá foi *Sedecias*, 3º filho de Josias, o qual imitou os seus predecessores e não foi mais fiel ao rei de Babylonia que a Deos. Tendo recusado pagar o tributo e feito alliança com Apries rei do Egypto, Nabuchodonosor veio atacal-o e apoderou-se pela quarta vez de Jerusalem, que sustentou com heroica constancia um assedio de dous annos. O impio Sedecias viu degollar seus filhos, depois do que arrancaram-lhe os olhos e o levaram carregado de ferros a Babylonia, onde morreu em uma masmorra. A cidade santa foi entregue ás chammas; o incendio devorou o Templo e todas as maravilhas do reinado de Salomão. Os habitantes que escaparam á espada e ao fogo foram levados captivos a Babylonia, não ficando na Judéa senão os mais pobres para cultivarem a terra, e Nabuzardan, general de Nabuchodonosor, consummou a destruição de Jerusalem (587). O propheta Jeremias ficou na Judéa para consolar seus irmãos desventurados, e assentado em meio das ruinas da sua patria, entoou as suas sublimes Lamentações, Assim findou o reino de Judá, depois de haver durado 390 annos ou segundo os Benedictinos 375 (976-587; B.962-587).

Exercícios sobre os últimos reis de Judá.

1. Que fez Ezechias logo que subiu ao throno? — Como se salvou das mãos d Sennacherib? — Como sarou de uma doença mortal e que prodigio fez Isaías? — Quanto tempo viveu ainda Ezechias e quanto durou o seu reinado.
2. Quem foi o successor de Ezechias e como governou? — Que fez elle a Isaías — Como o castigou Deos? — Não se arrependeu Manassés?
3. Quem era Holophernes? Quem era Judith? Como salvou ella sua patria?
4. Dizei o que sabeis de Amon. — Que fez Josias e como morreu? — Quem lhe succedeu? — Como procedeu Joaquim com Jeremias e como foi castigado? — Quando começou o captiveiro de Babylonia? — Como acabou Joaquim? — Conta o que sabeis de Jechonias. — Quem foi o ultimo rei de Judá? — Como foi destruida Jerusalem? — Que fim teve Sedecias?

SEXTA EPOCHA

Desde a destruição do reino de Judá até o nascimento de Jesus Christo (587-1).

OS JUDEOS SOB O DOMINIO DOS ASSYRIOS

1. **Daniel e seus companheiros: innocencia de Suzanna.** — Nabuchoonosor tratou os Judeos com humanidade. Embora dispersos pelas provincias do imperio, não cessaram elles de subsistir como nação e continuaram a regerem-se por suas proprias leis. O rei acolheu mesmo em seu palacio para serem educados alguns jovens hebreos de sangue real, os quaes continuaram no meio da côrte a observar escrupulosamente os preceitos do Senhor, abstendo-se das iguarias prohibidas pela lei de Moysés. Deos recompensou essa fidelidade, dando-lhes provas portentosas da sua protecção e concedendo-lhes a sabedoria e dando de mais a Daniel a intelligencia das visões e dos sonhos. Este não tardou a mostrar o espirito divino que o animava. Uma moça extremamente bella e mui virtuosa, de nome Suzanna, foi accusada de adulterio por dous velhos corruptos que exerciam o cargo de juizes do povo e que de balde haviam tentado seduzil-a. Condemnada á morte, conduziama já ao supplicio, quando o joven Daniel, inspirado por Deos, gritou do meio do povo: « Esta mulher é innocente. » E como o povo o convidasse a explicar-se mandou elle separar os dous velhos, e interrogando-os um após outro, os pôz em contradicção, pelo que foram punidos com o supplicio a que fôra condemnada a casta Suzanna.

2. **Sonho de Nabuchodonosor explicado por Daniel.** — Tres annos depois, Nabuchodonosor teve um sonho que muito o assustou, mas que veiu a esquecer de todo. Os sabios do reino, não tendo podido adivinhar o que o rei vira no sonho, foram condem-

nados á morte, como tambem Daniel e seus companheiros, Ananias, Mizaél e Azarias. Mas Daniel, depois de invocar o Senhor, illustrado por uma luz divina, veiu dizer ao rei : « Eis o teu sonho : era uma estatua colossal, tendo a cabeça de ouro, o peito e os braços de prata, o ventre de bronze, as pernas de ferro, e os pés metade de ferro e metade de barro. Estando tu a contemplal-a, uma pedra que se desprendeu da montanha veiu dar-lhe nos pés, e a estatua caiu e reduziu-se a pó. A pedra então foi crescendo e formou uma grande montanha, que cobriu toda a terra. A explicação do teu sonho é esta : O Deos do céo deu-te a força, o imperio e a gloria : tu és pois a cabeça de ouro. Depois de ti surgirá um outro reino, menos poderoso que o teu, elle é figurado na prata; virá em seguida um de bronze; o quarto será de ferro e parte de barro, e reduzirá tudo a pó, mas acabará por se dividir. Então Deos suscitará um reino que jamais será destruido, que absorverá todos os outros e subsistirá eternamente¹. » Nabuchodonosor, arrebatado de admiração, adorou o Deos de Daniel, encheu o joven de ricos presentes e o elevou ás maiores honras e dignidades; os seus tres companheiros participaram tambem do favor regio.

3. Os companheiros de Daniel na fornalha. — Nabuchodonosor erigiu a Babilonia uma estatua de ouro de 60 covados, e ordenou sob pena de morte a todos os seus vassallos que a adorassem. Ananias, Mizaél e Azarias recusaram commetter tal impiedade e foram lançados n'uma fornalha ardente. Mas Deos ostentou n'elles o seu poder : os tres jovens marchavam illesos no meio das chammas, entoando um canticode acção de graças. O rei, informado d'este prodigio, mandou tiral-os da fornalha, reconheceu a omnipotencia do Deos de Israel e ameaçou de morte a quem blasphemasse o seu nome.

4. Nabuchodonosor mudado em bruto. — O rei teve, passados tempos, outro sonho que o aterrou como o primeiro; e como nenhum dos sabios do reino podésse explical-o, contou o a Daniel. Este declarou ao rei que era d'elle Nabuchodonosor que o sonho tratava; que elle seria expulso da sociedade dos homens para ir viver com os brutos, mas que seria restabelecido no throno depois de haver reconhecido o poder celeste. Effectivamente no anno seguinte cumpriu-se a predicção de Daniel. Admirava o rei um dia a magnificencia dos edificios que levantara, e dizia cheio de orgulho : « Esta soberba Babylonia não fui eu quem a edifiquei na grandeza do meu poder e no esplendor da minha gloria? » eis que de repente perdeu a razão, e julgando-se animal irracional, fugiu para

1. Os quatro reinos figurados n'este sonho são os imperios Assyrio, Persa, Macedonio e Romano; e o reino que nunca terá fim é a Igreja de Jesus Christo, que de pequena se tornou immensa e se estendeu por toda a terra.

o campo, onde viveu no meio dos brutos o tempo marcado por Daniel. Levantando depois os olhos ao céu, humilhou-se diante de Deus, e o Senhor lhe restituiu o juizo e o throno.

5. **Daniel na fossa dos leões.** — No reinado de Evilmerodach, filho de Nabuchodonosor, os Babylonios, irritados contra Daniel, exigiram que lhes fosse entregue o propheta e o lançar n'uma fossa profunda onde havia sete leões esfaimados. Passado sete dias, vindo o rei prantear a morte de Daniel, a quem queria muito, viu-o assentado no meio dos leões, e exclamou em alta voz : « Sois na verdade grande, Senhor Deus de Daniel ! » Mandou logo tirar-o da fossa e lançar n'ella os inimigos do propheta, que foram n'um instante devorados pelos leões.

6. **Banquete de Balthazar; tomada de Babylonia.** — No reinado de Balthazar, filho de Evilmerodach, cumpriram-se as ameaças que o Senhor fizera contra Babylonia pela bocca dos prophetas Isaias e Jeremias. Cyro, rei da Persia, veio pôr cerco á cidade. Balthazar, confiado na altura e solidez das muralhas da sua capital, continuara a entregar-se aos prazeres. N'um esplendido banquete que deu aos grandes da côrte, mandou trazer os vasos sagrados de ouro e prata que Nabuchodonosor tirara do templo de Jerusalem. Mas no momento em que os profanava bebendo com os cortezãos em honra dos seus deoses, appareceu de repente uma mão traçando na parede caracteres mysteriosos. O rei, sobremaneira assustado, mandou vir todos os magos de Babylonia, que não poderam decifrar a inscripção. Chamou-se enfim Daniel, que a explicou assim : « Esta inscripção contem tres palavras : *Mane, Thecel, Phares*, que que rem dizer : *Mane*, teus dias estão contados ; *Thecel*, foste pesado e achado demasiado leve ; *Phares*, o teu reino foi dividido e dado aos Medos e Persas. » N'aquella mesma noite entrava Cyro com seu exercito em Babylonia pelo leito do rio Euphrates, ao qual mudara de curso ; Balthazar foi morto, e o seu reino passou para o dominio dos Persas.

Exercicios sobre os Judeos sujeitos aos Assyrios.

1. Como tratou Nabuchodonosor os Judeos ? — Fallai de Daniel e de seus companheiros. — Contai a historia de Susanna e como Daniel a salvou.
2. Como Daniel adivinhou e interpretou um sonho que muito assustara Nabuchodonosor ? — Como foi por este premiado ?
3. Porque foram os companheiros de Daniel lançados n'uma fornallia ardente e como Deus os preservou do fogo ? — Que fez então o rei ?
4. Como explicou Daniel um outro sonho de Nabuchodonosor e como este foi mudado em bruto ? — Como alcançou depois misericordia do Senhor ?
5. Quando e porque foi Daniel lançado na fossa dos leões ? — Como foi tirado de lá e que castigo tiveram os seus inimigos ?
6. Quem era Balthazar ? — Contai o que se passou n'um banquete que elle deu. — Quem era Cyro ? — Como tomou elle a cidade de Babylonia ?

OS JUDEOS SOB O DOMINIO DOS PERSAS

1. Edicto de Cyro e fim do captiveiro de Babylonia. — Pouco depois da tomada de Babylonia, Cyro publicou a favor dos Judeos um edicto que lhes permittia regressar ao seu paiz e reconstruir o Templo de Jerusalem, e restituiu-lhes mesmo os vasos sagrados que Nabuchodonosor d'alli trouxera. Assim terminou o captiveiro de Babylonia no tempo fixado pelos prophetas (536). Partiram primeiramente 42,000 Judeos sob o commando de Zorobabel, principe da casa de David, e occuparam-se logo em lançar os alicerces do novo Templo. Os Samaritanos, povo misturado de colonos assyrios e de Israelitas que haviam ficado na Palestina, contrastaram esta empreza por quantos meios lhes suggeriam o odio e a inveja, de sorte que a obra só pôde ser concluida no reinado de Dario, filho de Hystaspes. Este segundo Templo estava longe de emparelhar em magnificencia com o de Salomão; mas os prophetas Aggêo e Malaquias prophetizaram que elle teria a gloria incomparavel de receber o Desejado das nações, o Messias.

2. Os Judeos debaixo dos successores de Cyro. — Os Judeos foram tratados com benevolencia pelos successores de Cyro. Artaxerxes Longimano permittiu ao sacerdote Esdras voltar a Jerusalem para regular os negocios da religião e do estado. No anno 454, a instancias de Nehemias, que tambem pertencia á raça sacerdotal, elle publicou um edicto autorisando a reconstrucção dos muros de Jerusalem. E' d'este edicto que datam as 70 semanas de annos que, segundo a prophesia de Daniel, deviam preceder a morte do Messias. Apesar de muitos obstaculos e das aggressões dos povos vizinhos, os Judeos reergueram em breve tempo os muros da cidade santa, porquanto trabalhavam com uma mão e com a outra empunhavam a lança. — A Judéa reparou pouco a pouco suas calamidades passadas sob o governo dos summos sacerdotes, assistidos pelo conselho dos 72 anciãos chamado *synhedrim*. Surgiam de novo as cidades e se repovoavam; por toda a parte renascia a prosperidade. Infelizmente o summo sacerdocio excitou no seio da nação funestas rivalidades. Dous irmãos, Jonathan e Jesus, disputaram-se á força d'armas esta dignidade. Jesus foi morto dentro do Templo por seu irmão. Em punição d'este crime, o governador persa da Syria impôz aos Judeos um tributo expiatorio. A esperanza de se livrarem do tributo os levou a tomar parte na revolta dos Phenicios contra Ocho, successor de Artaxerxes Mnemon. Sendo porém esta logo reprimida, o vencedor transportou grande numero de Judeos para a Hyrcania, ao sul do mar Caspio. Este povo extraor-

dinario achou-se assim em breve espalhado por todo o Oriente, levando consigo o deposito de seus livros sagrados e o seu ardente zelo em propagar a sua religião.

Exercícios sobre os Judeos sujeitos aos Persas.

1. Que edicto publicou Cyro e como terminou o captivoeiro de Babylonia? — Quem era Zorobabel? — Como foi erigido o segundo templo de Jerusalem?
2. Dizei o que sabeis de Esdras e de Nehemias? — Como foram reconstruidos os muros de Jerusalem? — Como reparou a Judéa suas calamidades passadas? — Porque foi-lhe imposto um tributo expiatorio? — Como foi reprimida a revolta dos Judeos contra Ocho rei da Persia?

HISTORIA DA RAINHA ESTHER

1. **Assuero casa com Esther.** — Nem todos os Judeos se aproveitaram do edicto de Cyro para voltarem ao seu paiz; muitos continuaram a residir na Assyria, onde viviam tranquillos. Mas no reinado de Assuero (Dario ou Xerxes), foram elles ameaçados de extermínio. O rei, tendo repudiado a rainha Vasthi, ordenou que de todas as provincias lhe enviassem as donzellas mais formosas afim de escolher uma para esposa. Havia então em Suza um virtuoso judêo, de nome Mardocheo, que adoptara uma sobrinha chamada Esther, que se distinguia por sua rara belleza. Ella foi a escolhida por Assuero; mas occultou o seu nascimento e o seu paiz, por conselho de Mardocheo. Este descobriu um dia uma conspiração tramada por dous officiaes, e Esther avisou logo o rei, que puniu os culpados e mandou registrar este facto nos annaes do reino.

2. **Aman e Mardocheo.** — Assuero havia tomado por favorito o Amalecita Aman, a quem todos por ordem do rei curvavam o joelho. Só Mardocheo recusou render a Aman essa sorte de adoração. O favorito irritado obteve do rei um edicto que mandava exterminar todos os Judeos em um dia determinado. Mardocheo deu logo parte a Esther do projecto de Aman, e instou com ella para que se apresentasse a Assuero e intercedesse pela sua gente. Ora havia uma lei que prohibia sob pena de morte comparecer diante do rei sem ser chamado; Esther porém resolveu transgridil-a para salvar o seu povo. Depois de ter jejuado e orado durante tres dias, vestiu-se de suas galas e foi-se apresentar ao rei. Estava Assuero sentado no throno cercado de sua côrte com grande gloria e magestade. Ao ver Esther que se apresentava sem ser chamada, carregou-se no semblante e seus olhos inflammaram-se de furor. A tal aspecto caiu a rainha desmaiada; mas no mesmo ponto tocou Deos o coração do rei. Desceu do throno, chegou-se a Esther e disse-lhe: « Não temas, não morrerás; não é para ti que esta lei foi feita. » E ao mesmo tempo tocou-lhe com seu sceptro de ouro, e quando ella

tornou a si, disse-lhe : « Que queres, Esther, que pedes? Ainda quando me pediras a metade do reino, dar-t'a-hia. » Esther pediu-lhe que viesse acompanhado de Aman a um festim que preparara; e no festim, como o rei instasse com ella para que dissesse o que queria, pediu-lhe Esther que viesse ainda no dia seguinte com Aman jantar com ella, que então lhe declararia o que desejava lhe concedesse.

3. Humilhação de Aman e triumpho de Mardocheo. —

Passou Assuero aquella noite sem dormir e mandou trazer os annaes do seu reinado para que lh'os lessem. Quando se chegou á conspiração descoberta por Mardocheo, perguntou elle : « Que recompensa recebeu esse fiel vassallo? — Nenhuma, responderam os camaristas. — Quem está ahi na antecamara? » tornou o rei. Ora achava-se alli Aman, que viera muito cedo para pedir ao rei que mandasse enforcar Mardocheo; acudiu ao seu chamado e ouviu d'elle esta pergunta : « Que se ha de fazer áquelle a quem o rei deseja honrar? » E Aman, pensando que d'elle se tratava, respondeu : « Convem que elle, coberto das vestiduras e insignias reaes, com um diadema na cabeça, monte n'um dos cavallos do rei, e que o primeiro dos grandes do reino, segurando nas redeas, vá diante dizendo em alta voz : « Assim é que o rei honra a quem lhe apraz honrar. — Vai depressa, lhe tornou Assuero, e faze a Mardocheo o que acabas de dizer. » Forçoso foi obedecer.

4. **Supplicio de Aman.** — Acabada a cerimonia, voltou Aman todo confuso para casa; mas logo vieram chamal-o para ir ao festim da rainha. No fim do banquete repetiu Assuero : « Que desejas, Esther? Ainda que me peças metade do reino, dart'a-hei. — O' rei, respondeu Esther, se achei graça em tua presença, concede-nos a vida a mim e a meu povo, porque temos um inimigo que nol-a quer arrancar. — E quem é esse? — E' Aman. » A estas palavras, Assuero indignado levantou-se e foi ao jardim. O favorito prostrou-se aos pés da rainha, implorando a sua graça. Entrando n'este interrim o rei e vendo-o n'esta attitude, bradou : « Ousa elle em minha presença fazer violencia á rainha! » E informado de que Aman havia mandado preparar para Mardocheo uma forca de 50 covados de alto, ordenou que o enforcassem n'ella. Revogou-se logo o edicto contra os Judeos, e Mardocheo foi elevado ás maiores dignidades.

Exercícios sobre a historia de Esther.

1. Quem era Assuero? — Como veio elle a casar com Esther? — Quem era Mardocheo? — Que grande serviço prestou elle a Assuero?
2. Quem era Aman? — Porque se irritou elle contra Mardocheo e que fez para se vingar d'elle? — Que fez Esther para salvar o seu povo?
3. Que fez Assuero aquella noite não podendo dormir? — Que pergunta fez a Aman e que respondeu este?

4. Que occorreu no fim do banquete dado por Esther, e como foi punido Aman?
— Que foi feito de Mardocheo?

**OS JUDEOS SOB O DOMINIO DE ALEXANDRE MAGNO,
DOS LAGIDAS E DOS SELEUCIDAS**

1. **Alexandre na Judéa.** — Vencido Dario Codomano, ultimo rei da Persia, por Alexandre Magno, rei da Macedonia, a Judéa passou para o dominio do novo conquistador, e como este não tivesse obtido d'ella o soccorro que pedira para o cerco de Tyro, depois da tomada d'esta cidade marchou contra Jerusalem, para punil-a com o maior rigor. Mas o summo sacerdote Jaddo, revestido das vestes pontificaes, saiu-lhe ao encontro, e o introduziu com a maior pompa na cidade toda juncada de flores. Alexandre acolheu com respeito o venerando pontifice e subiu ao Templo, onde offereceu um sacrificio ao verdadeiro Deos e mandou que lhe lessem no livro de Daniel a historia prophetica de suas conquistas. Esta maravilhosa leitura valeu aos Judeos a benevolencia de Alexandre e a liberdade de praticar por toda a parte a sua religião (332).

2. **Os Judeos sob o dominio dos Lagidas.** — Depois da morte do conquistador macedonio, a Judéa foi disputada pelos Lagidas ou Ptolomeos, soberanos do Egypto, e pelos Seleucidas, reis da Syria. Depois da batalha de Ipsos (301), a Judéa passou para o dominio de Ptolomeo Soter, rei do Egypto. Os Judeos preferiam o governo dos Ptolomeos ao dos monarchas syrios. Estabelecidos em grande numero em Alexandria, ali achavam mais facilidade para exercerem o commercio e a sua sciencia era tambem mais apreciada. Ptolomeo Philadelphio, filho de Ptolomeo Soter, mandou mesmo fazer por 72 sabios Judeos a traducção grega dos livros do Antigo Testamento conhecida pelo nome de *Versão dos Setenta*. Os Judeos foram ainda bem tratados por Ptolomeo Evergetes; mas seu filho Ptolomeo Philopator os perseguiu com a maior crueldade, e depois da morte d'este a Judéa passou para o poder de Antiocho o Grande, rei da Syria (201).

3. **Os Judeos sob o poder dos Seleucidas.** — Tratados com brandura por Antiocho o Grande, que queria attrahil-os a si, os Judeos foram depois sobrecarregados de impostos, e as riquezas do Templo excitaram a cobiça dos novos dominadores. Um d'elles, Seleuco Philopator, vencido pelos Romanos, que lhe impozeram um tributo enorme, enviou seu ministro Heliodoro a Jerusalem para apoderar-se do thesouro destinado ás viuvas e aos orphãos. Heliodoro entrou no Templo com seus satellites apezar dos gritos de dôr do povo. Apareceu no mesmo instante um cavalleiro magnificamente armado, que derribou o ministro syrio, e dous galhardos

jovens o açoutaram tão asperamente, que teria succumbido aos golpes se não fossem as orações do summo sacerdote Onias (175). — No reinado de Antiocho Épiphanes levantou-se uma terrivel perseguição contra os Judeos. Querendo este principe estabelecer o culto das divindades do Olympo em todos os seus estados, ordenou que fossem punidos de morte todos quantos professassem uma religião differente da sua. Os Judeos mostraram-se em geral fieis á lei de Moysés, preferindo a morte á apostasia.

4. Martyrio de Eleazaro e dos sete irmãos Machabeos. — Deram-se n'esta perseguição dous exemplos de heroica firmeza. Eleazaro, velho nonagenario e um dos principaes doutores da lei, como quizessem obrigar-o a comer carne prohibida pela lei de Moysés, preferiu uma morte gloriosa a uma vida culpada, e foi entregar-se aos algozes. — Foram presos depois sete irmãos chamados Machabeos com sua mãe, e debalde quiz o rei obrigar os a comer carne de porco. Antiocho mandou dilacerar-lhes as carnes com açoutes; mas o mais velho lhe disse que todos estavam promptos a morrer antes que violar a lei do Senhor. O rei enfurecido mandou cortar-lhe a lingua, arrancar-lhe a pelle da cabeça, cortar-lhe os pés e as mãos e que assim mutilado o deitassem n'uma caldeira fervendo. O segundo soffreu o mesmo martyrio, e antes de expirar disse ao rei : « Tu nos tiras a vida presente, mas o rei do céu, por quem a perdemos, nos dará uma vida que não terá fim. » Os outros quatro irmãos que vinham depois morreram com a mesma coragem. Antiocho vendo que as ameaças e os tormentos nada podiam sobre tuos meninos, recorreu á persuasão, ás promessas e ás caricias para seduzir o ultimo, que era o mais moço; dirigiu-se tambem á mãe para que o induzisse a obedecer. Mas esta mulher corajosa disse ao filho : « Meu filho, tem pena de mim que te trouxe em meu seio, te criei aos meus peitos e te sustentei até esta idade; lembra-te que Deos é o soberano senhor do universo, e não temas este tyranno. Mostra-te digno de teus irmãos e morre com coragem, afim que eu te vá encontrar com elles na gloria. » Animado o menino por estas palavras gritou para o algóz : « Que esperas de mim? Eu não obedeco ás ordens do rei, mas á lei de Deos que nos foi dada por Moysés. » O rei acceso em colera fel-o soffrer uma morte ainda mais cruel que a dos outros. Porfim a mãe recebeu tambem o martyrio com heroica intrepidez.

Exercicios sobre a lição precedente.

1. Como passou a Judéa para o dominio macedonio? — Porque se irritou Alexandre contra ella? — Como entrou em Jerusalem e tratou depois os Judeos?

2. Que sorte coube á Judéa depois da morte de Alexandre? — Como a trataram

os Ptolomeos do Egypto? — Que obra notavel mandou fazer Ptolomeo Philadelphio? — Como os Judeos foram tratados por Ptolomeo Philopator?

5. Como os tratou Antiocho o Grande? — Que ordenou Seleuco Philopator e que aconteceu a Heli doro? — Como Antiocho Epiphanes tratou os Judeos?

4. Contai o martyrio de Eleazaro. Que disse a Antiocho o mais velho dos Machabeos, e como foi martyrisado? — Contai o martyrio dos outros irmãos. Como a mãi exhortou o filho mais moço, e como ambos morreram?

OS MACHABEOS

1. **Judas Machabeo.** — A perseguição fez levantar um grito de dôr e de indignação de todos os pontos da Judéa. Em Modin o sacerdote Mathathias matou o official de Antiocho que queria obrigar os Judeos a apostatar, e em seguida retirou-se para as montanhas, chamando ás armas os seus compatriotas. Succumbindo no meio de suas victorias, este grande varão deixou cinco filhos, cinco heroes, que foram: João, Simão, Judas, Eleazaro e Jonathas. Judas, cognominado Machabeo, que quer dizer exterminador dos inimigos de Deos, succedeu a seu pai no commando (166). Apesar da extrema inferioridade de suas forças, conseguiu desbaratar oito grandes exercitos syrios e reergueu depois com suas mãos victoriosas o altar desde tanto tempo profanado do verdadeiro Deos.

2. **Morte de Antiocho Epiphanes.** — Voltava Antiocho da Persia quando foi informado das victorias de Judas Machabeo. Cego de furor, jurou fazer de Jerusalem a sepultura de todos os Judeos, e apressou a sua marcha para pôr em execução o seu designio. Mas Deos o feriu de uma chaga interna. Tomado de fortissimas dôres de entranhas, caiu do seu carro, e em quanto o transportavam n'uma liteira, o seu corpo era devorado por infinidade de vermes. Em tão horrivel estado, reconheceu a mão do Senhor que o feria, humillhou-se e prometteu reparar os males que causara aos Judeos; mas esse tardio arrependimento não aplacou a colera de Deos, e elle expirou miseravelmente n'uma terra estrangeira. Succedeu-lhe seu filho Antiocho Eupator.

3. **Ultimas victorias e morte de Judas Machabeo.** — Judas Machabeo depois de novas victorias veiu pôr cerco á cidadella de Jerusalem, que se achava ainda em poder dos Syrios. Antiocho Eupator acudiu em seu soccorro á testa de 120,000 homens e 32 elephantes. Judas, depois de implorar a assistencia de Deos por meio do jejum e da oração, ousou atacar esse exercito formidavel. A batalha ficou indecisa. Os Judeos obraram prodigios de valor. Um d'elles de nome Eleazaro, ao ver um elephante maior e mais ricamente ajaezado que os outros, julgou ser o que levava o rei, e precipitando-se no meio dos inimigos, conseguiu traspassar com sua espada o ventre do animal, mas foi por elle esmagado na sua queda.

— Demetrio Soter, successor de Antiocho Eupator, enviou Nicanor á Judéa com um numeroso exercito, que foi completamente destrogado perto de Bethoron. Para vingar esta derrota, o rei fez marchar um segundo exercito sob as ordens de Bacchidas. Judas Machabeo não tinha para oppôr-lhe senão 3,000 homens. Tomados estes de terror panico, abandonaram quasi todos o seu chefe, que só ficou com 800 combatentes. Com essa pequena tropa Judas não hesitou em atacar o exercito de Bacchidas, e desbaratou a sua ala direita; mas envolvido pela ala esquerda, caiu ferido mortalmente (160).

4. **Successores de Judas Machabeo.** — Depois da morte de Judas Machabeo, o supremo poder passou successivamente a seus irmãos *Jonathas* e *Simão*. O primeiro, depois de expulsar os Syrios da Judéa, morreu assassinado n'uma entrevista com Triphon, ministro de Antiocho Theos. Simão consolidou a independencia da Judéa pela alliança com os Romanos, estendeu os limites da sua nação, fez reinar no paiz uma paz profunda, e foi assassinado n'um banquete por seu genro Ptolomeo, governador de Jerichó. O povo, grato aos beneficios recebidos de Simão, decretou que a dupla dignidade de principe e summo sacerdote passaria a ser hereditaria na familia dos Machabeos ou Asmoneos, nome derivado da aldéa de Asmon, logar da sua origem. — *João Hyrcano*, filho e successor de Simão, aproveitando-se das turbulencias que se seguiram á morte de Antiocho Sidetes, rei da Syria, assenhoreou-se da Iduméa e de Samacia. Foi o ultimo heroe da sua raça; os seus successores tomaram o titulo de reis.

Exercicio sobre os Machabeos.

1. Que fez Malthias e que fillos teve? — Quem lhe succedeu no commando? — Contai as proezas de Judas Machabeo.
2. Contai a morte de Antiocho Epiphanes. Quem lhe succedeu?
3. Como venceu Judas Machabeo a Antiocho Eupator? — Contai a proeza de Eleazaro. — Que outra victoria alcançou Judas Machabeo? — Como morreu elle?
4. Quaes foram os successores de Judas Machabeo? — Que fim teve Jonathas? — Como fez Simão prosperar a Judea? — Como morreu elle? — Quem foi o seu successor, e que fez no seu governo? — Que titulo tomaram os successores de João Hyrcano?

OS REIS ASMONEOS. HERODES

1. **Aristobulo I e seus successores.** — O successor de João Hyrcano foi seu filho *Aristobulo I*, que tomou o titulo de rei, que ainda não fôra assumido depois do captivoiro de Babilonia por nenhum dos que governaram a Judéa. Reinou apenas dous annos, e morreu de pesar de ter mandado matar a seu irmão Antigonio, falsamente accusado de traição. — Succedeu-lhe seu irmão *Alexandre Janneo* (106-79), que se tornou execravel por suas crueldades e se

deixou arrastar por sua ambição a guerras intermináveis. Ao mesmo tempo duas seitas religiosas, os Phariseos e os Sadduceos, formavam dois partidos políticos, cuja rivalidade ensanguentou por vezes o reino. Alexandre favoreceu os segundos contra os primeiros. Sua viúva *Alexandra* apoiou pelo contrario os Phariseos, que opprimitam a facção opposta e inundaram de sangue a cidade de Jerusalem. — Depois da morte d'esta princeza (70), como seus filhos *Hyr-cano II* e *Aristobulo II* se disputassem a corôa, intervieram os Romanos no debate. Pompeio, que se havia assignalado por grandes conquistas na Asia, declarou-se a favor de Hyrcano (65), tomou Jerusalem e remetteu a Roma prisioneiro a Aristobulo com seus quatro filhos. Hyrcano deixou-se governar por Antipatro, seu ministro. Os Parthos, um momento vencedores dos Romanos, depozeram Hyrcano e elevaram ao throno Antigono, filho de Aristobulo; mas n'esse mesmo anno o senado romano instituiu rei da Judéa ao idumeo Herodes, filho de Antipatro (40).

2. **Herodes.** — Herodes era natural de Ascalon, cidade da Idumeia, de que seu pai era governador. Logo que subiu ao throno da Judéa, tratou de destruir os restos da familia real. D'est'arte saiu o sceptro da casa de Judá, o que, segundo a prophécia de Jacob, annunciava a vinda proxima do Messias. Herodes, que devia aos Romanos a sua exaltação ao throno, pôz todo o desvelo em manter alliança com elles, chegando a sua baixeza a render honras divinas ao imperador Augusto. O seu caracter sombrio e feroz o precipitou n'uma serie de crimes e desgraças domesticas. A atrocidade de mandar matar sua mulher Marianna, ultima dos descendentes dos Machabeos, e seus filhos immolados a suspeitas infundadas, foi o preludio da matança dos Santos Innocentes, que ordenou que se fizesse em Bethlehem e em seus contornos, afim que fosse comprehendido no numero das victimas o Messias que acabava de nascer. Herodes contudo recebeu o titulo de Grande em razão do seu fausto; reedificou Samaria, aformoseou Jerusalem com monumentos que rivalisavam em magnificencia com os de Roma, e tencionava reconstruir o templo sobre um plano grandioso, quando falleceu de uma horrivel enfermidade um anno depois do nascimento de Jesus Christo.

5. **Sucessores de Herodes; destruição de Jerusalem.** — Herodes deixou tres filhos: *Archeláo*, que obteve a Judéa, a Samaria e a Idumeia; *Herodes Antipas*, a Galilea e a Perea; e *Philippe*, a Gaulanitide, a Trachonitide e a Batanea, paizes situados a E. da Galiléa e ao N. da Perea. Archeláo, que se tornou odioso por suas crueldades, foi esbullado de seus Estados pelo imperador Augusto e substituido por um magistrado romano. No reinado de Tiberio, o

governador Poncio Pilatos abandonou cobardemente o Redemptor do mundo ao rancor dos Judeos. Os outros dous reinos vieram mais tarde a pertencer a um neto de Herodes chamado Herodes Agrippa, que reinou com o apoio dos Romanos até o anno 44 da éra christã: Entretanto as exacções dos proconsules romanos e as promessas enganosas de falsos prophetas excitaram os Judeos á revolta, a qual chamou sobre o paiz horrorosas calamidades. — Vespasiano, antes de ser imperador, emprehendeu o sitio de Jerusalém, e seu filho Tito, apezar da pertinaz defesa d'esta cidade, apoderou-se d'ella no anno 70. O templo foi reduzido a cinzas para nunca mais se reerguer. Assim se realizaram as vinganças do céu e a prophécia do Evangelho. Não sómente os Judeos cessaram de formar uma nação, senão que a sua dispersão foi definitiva e subsiste ainda hoje.

Exercicios sobre a lição precedente.

1. Quem succedeu a Hyrcano? — Que titulo tomou? — Como morreu? — Quem foi o seu successor e como governou? — Quem succedeu a Alexandre Janneo? — Que occorreu depois da morte de Alexandra, e como intervieram os Romanos nos negocios da Judéa? — A quem o senado romano deu a corda da Judéa?

2. Que fez Herodes logo que se viu rei? — Que politica seguiu, e como governou? — Que obras publicas executou? — Quando e como morreu?

3. Quaes foram os successores de Herodes? — Fizei o que sabeis de Herodes Agrippa? — Que causas occasionaram a revolta dos Judeos? — Quando e por quem foi destruida Jerusalem? — Que foi feito dos Judeos?

DOS PROPHETAS

A vinda de Jesus Christo foi constantemente annunciada pelos prophetas e figurada pelos sacrificios e por todas as ceremonias da lei antiga. Os prophetas eram homens que Deus enchia do seu espirito e a quem descobria as cousas occultas, enviando-os aos reis e aos povos para chamal-os ao seu serviço. Assim Moisés, Samuel, David e Salomão eram prophetas; mas dá-se este nome particularmente aos que viviam uma vida austera e retirada, como religiosos, e que appareceram em grande numero durante a divisão dos reinos de Judá e Israel; taes foram: 1º Elias, Eliseo e seus discipulos; 2º o quatro grandes prophetas, Isaias, Jeremias, Ezechiel e Daniel; 3º os doze prophetas menores, a saber: Oseas, Joel, Amos, Abdias, Jonas, Micheas, Nahum, Habacuc, Sophonias, Aggêo, Zacharias e Malachias.

1. ISAIAS é o primeiro dos quatro grandes prophetas; pertencia á raça real de Judá, e prophetizou nos reinados de Ozias, Joathan, Achaz, Ezechias e Manassés. Predisso a Achaz a invasão do seu reino por Phacéa rei de Israel e por Raziu rei da Syria; consolou a Ezechias em sua doença e annunciou-lhe uma prolongação de quinze annos de vida e tambem a derrota milagrosa do exercito de Sennacherib. As prophécias de Isaias distinguem-se pela energia dos pensamentos e perfeição de estylo, e sob o ponto de vista religioso attingem o mais alto grão de elevação e clareza. No tocante á vinda do Messias, entra elle em tantos detalhes sobre seu nascimento, sua

vida, seus padecimentos, que tomal-o-iam antes por um historiador que refere factos já passados do que por um propheta que annuncia o que ha de acontecer 700 annos depois d'elle. O impio Manassés mandou serrar-lhe o corpo pelo meio.

2. JEREMIAS, o segundo dos quatro grandes prophetas, pertencia á raça sacerdotal e começou a prophetizar em Jerusalem no anno 628 A. C., no reinado de Josias. Annunciou ao povo de Judá todos os males terriveis que lhe estavam imminentes, a destruição de Jerusalem e o captiveiro de Babilonia, dictando suas prophecias a Baruch, seu discipulo e secretario. Joaquim, rei de Judá, ao ver esse livro, fel-o em pedaços e lançou-o ao fogo. Sedecias mandou por vezes mettel-o na prisão, o que não impediu que elle continuasse a pre-lizer as calamidades que iam cair sobre o reino de Judá. Depois da destruição de Jerusalem, ficou Jeremias na Judéa para consolar seus irmãos e chorar sobre as ruinas de sua patria; foi depois levado ao Egypto por um bando de Judeos que lá se refugiarão. Ignora-se a epocha e o lugar da sua morte. Além das *Prophecias* existem d'elle as *Lamentações*, em que deplora no estylo mais pathetico as desgraças de sua patria.

3. EZECHIEL, o terceiro dos quatro grandes prophetas, era da raça sacerdotal. Foi um dos que Nabuchodonosor levou captivos a Babilonia com Jeconias rei de Judá. Elle predisse o fim do captiveiro, a volta dos Judeos a Jerusalem, a reedificação do templo, o reino do Messias, a vocação dos Gentios e o triumpho da Igreja. Nada se sabe sobre o fim da sua vida.

4. DANIEL, o ultimo dos quatro grandes prophetas, era da tribu de Judá e da raça de David. Foi ainda menino levado captivo a Babilonia e educado na côrte de Nabuchodonosor. Grangeou immenso credito junto d'esse principe com interpretar-lhe os seus sonhos, e foi por elle nomeado chefe dos magos e intendente do seu palacio. Salvou a casta Suzanna de uma morte infamante, saiu são e salvo da cova dos leões onde fôra lançado pelos Babilonios, e explicou a Balthazar as palavras mysteriosas traçadas na parede da sala do festim. Daniel não voltou á Judea depois do captiveiro, e morreu em Babilonia em idade mui avançada. As suas prophecias fixam a epocha da vinda do Messias, que devia ser depois de passados 70 semanas de annos, e annunciam as revoluções dos quatro grandes imperios.

Os prophetas menores são assim denominados por terem escripto pouco em comparação dos grandes prophetas.

1. OSEAS annunciou durante quasi um seculo a palavra de Deos no reino de Israel, debaixo de Jeroboão II e seus successores, ao mesmo tempo que Isaias prophetizava no reino de Judá. Predisse que o Messias voltaria do Egypto á sua patria, dizendo: « Chamei meu filho do Egypto. »

2. JOEL, que parece ter prophetizado nos reinados de Ezechias e de Manassés, falla do juizo universal e indica o sitio em que se tará (o valle de Josaphat); annuncia tambem que o Messias, o doutor dos doutores, virá instruir os homens e subministrar-lhes grande copia de bens espirituas.

3. AMOS era um pastor de Thecué, perto de Jerusalem, que guardava seus rebanhos quando Deos o enviou a pregar a sua palavra no reino de Israel, no reinado de Jeroboão II. Annunciou o cativoiro e livramento do povo judeu.

4. ABDIAS parece ter sido contemporaneo de Jeremias e annunciou a desolação da Iduméa, por se ter unido aos inimigos de Israel.

5. JONAS prophetizou no reinado de Jeroboão II, e foi mandado por Deos a Ninive para pregar a penitencia.

6. MICHÉAS prophetizou nos reinados de Joathan, Achaz e Ezechias, reis de Judá; predisse a ruina de Samaria e de Jerusalem, e o captiveiro de Babilonia; annunciou que o Messias nasceria em Belem, e predisse tambem a conversão do povo judeu no fim do mundo. Convem não confundir este propheta com outro do mesmo nome que prophetizou no tempo de Achab, rei de Israel, e de Josaphat, rei de Judá.

7. NANUM começou a prophetizar no reinado de Ezechias depois da destruição do reino de Israel. Cem annos antes de dar-se o facto, predisse a tomada e destruição de Ninive, que Deos devia entregar a Nabopolassar, pai de Nabuchodonosor II, pela insolencia com que os Assyrios trataram os Israelitas. Este propheta annunciou o Messias mais de 700 annos antes do seu nascimento, e é o que lhe faz dizer: « Eu vejo os pés d'aquelle que traz a boa nova; vejo-os apparecer sobre a montanha. »

8. HABACUC é o propheta que um anjo transportou da Judéa a Babilonia para dar de comer a Daniel na cova dos leões.

9. SOPHONIAS vivia no reinado de Josias rei de Judá. Elle reprehende aos Judeos seus crimes, exhorta-os á penitencia, prediz a ruina de Ninive, a volta do captiveiro de Babilonia e o estabelecimento da lei nova.

10. AGEO voltou de Babilonia com Zorobabel e animou os Judeos a reedificar o templo de Jerusalem, predizendo que este segundo templo excederia em gloria ao primeiro levantado por Salomão, porque seria honrado pela presença do Messias.

11. ZACHARIAS começou a prophetizar pelo fim do captiveiro e contribuiu muito para a reconstrucção do templo. Elle prediz a vinda do Messias mais claramente que os outros prophetas menores; e vaticina o incendio do templo e os horrores que os Judeos commetteram em Jerusalem durante o cerco que sustentaram contra os Romanos.

12. MALACHIAS, o ultimo dos prophetas menores, prophetizou no tempo de Nehemias (450 annos A. C.). Fallou do Messias e do seu precursor, do mysterio da Incarnação, e da ultima vinda, e annuncia que Deos enviará o propheta Elias para unir os pais com os filhos antes que chegue o grande e terrivel dia do Senhor (o dia do juizo universal).

Vamos agora dar as principaes passagens da Escriptura que se referem ao nascimento, vida e morte do Redemptor:

1. Deos prometteu um libertador a Adão depois do seu peccado. — 2. Esta promessa foi renovada a Abrãã, a Isaac e a Jacob. — 3. Jacob antes de morrer vaticinou que a tribu de Judá daria chefes ao povo hebreu até a vinda do Messias, o que se verificou. — 4. Isaias diz: « Uma virgem conceberá e dará á luz um filho que será chamado *Emmanuel*, que significa *Deos connosco*. » — 5. Michéas annuncia que o Messias nascerá em Belem n'estes termos: « E tu, Belem de Ephrata, és a menor das cidades de Judá; mas de ti ha de sair o Dominador de Israel, cuja geração não tem principio, é desde toda a eternidade. » — 6. O livro da Sabedoria diz positivamente que o Messias nascerá no meio da noite. — 7. Jeremias, prevendo a matança dos innocentes, diz: « Ouviu-se grande alarido em Rama, porque Rachel chora os seus filhos. — 8. Balaão viu uma estrella que annunciava a vinda

do divino Libertador : é a estrella dos Magos. 9. David annunciou que os reis de Tharsis, das ilhas longinhas, da Arabia e de Sabá viriam offerecer-lhe presentes. — 10. Oséas ouviu a voz do Padre que chamava seu Filho do Egypto. — 11. Malachias annuncia o Messias e o seu precursor dizendo : « Eis envio o meu anjo que preparará o caminho diante de mim e logo depois virá o Dominador que esperais e o Anjo da alliança por quem suspirais. » — 12. Isaias, predizendo a missão do Baptista, exprime-se assim : « Ouviu-se no deserto uma voz que bradava : Preparai o caminho do Senhor, endireitai as veredas de nosso Deos ; todo valle será elevado, todo monte será aplanado, e os caminhos tortuosos serão endireitados. » Fallando do baptismo de J.-C., diz : « Derramarei sobre ti agua pura e o Espirito do Senhor repousará sobre ti. » Vendo depois os milagres do Salvador, exclama : « N'esse tempo os cegos verão, os surdos ouvirão, os coxos andarão direito, e desatar-se-ha a lingua dos mudos. » — 13. Zacharias annuncia a sua entrada triumphal em Jerusalem n'estes termos : « Exulta, filha de Sião, alegra-te, filha de Jerusalem : eis-aqui o teu rei, o teu salvador, que vem a ti ; elle é pobre e vem montado n'um jumento. » — 14. David prediz a traição de Judas, dizendo : « Aquelle que me era tão unido, em quem eu tinha tanta confiança e que comia á minha meza, tramou-me uma grande traição. » E Zacharias accrescenta : « E me deram por meu salario trinta moedas de prata. » — 15. Zacharias falla da fugida dos Apostolos quando diz : « O pastor será ferido e as ovelhas dispersar-se-hão. » — 16. David o vê perante os tribunaes e diz : « Elles procuraram crimes para me accusar ; exprobraram-me cousas em que jamais pensara ; insultaram-me com escarneo e rangeram os dentes contra mim. » — 17. Isaias, fallando da paixão do Salvador, exprime-se assim : « Entreguei meu corpo aos que me feriam, e minhas faces aos que me arrancavam as barbas ; não desviei meu rosto dos que o cobriam de esgarros. » Accrescenta depois : « Elle é um objecto de desprezo, o ultimo dos homens, um homem de dores, que conhece o que é soffrer. Verdadeiramente tomou sobre si nossas enfermidades e carregou-se de nossas dores, e nós o tomámos por um leproso, por um homem castigado por Deos e humilhado ; mas elle foi coberto de feridas por causa de nossas iniquidades, e despedaçado por nossos crimes. Deos pôz sobre elle as iniquidades de nós todos. Foi immolado porque bem o quiz, e não abriu sua bocca ; será conduzido á morte como uma ovelha, e emmudecerá como um cordeiro diante do que o tosquia. » — 18. David falla da paixão de Christo nos seguintes termos : « Eu sou tratado como um vil bicho da terra, e não como homem ; sou o opprobrio dos homens e o escarneo da plebe. Todos os que me vêm fazem mofo de mim, dizendo : Elle pôz sua esperanza no Senhor, pois salve-o o Senhor ; e pois que o ama, livre-o de nossas mãos. Traspassaram-me as mãos e os pés, e contaram todos meus ossos ; repartiram entre si meus vestidos e sobre minha tunica deitaram sortes. Deram-me por comida fel, e na minha sede me deram a beber vinagre. » — 19. Amos, fallando dos prodigios que se deram na morte do Salvador, diz : « Pôr-se-ha o sol em pleno meiodia, e o Senhor cobrirá a terra de trevas. » — 20. David exprime-se assim sobre a sepultura e resurreição de Christo : « Não deixarás minha alma no inferno (no seio de Abrahão), e não permittirás que teu Santo

veja a corrupção. Far-me-has conhecer os caminhos da vida, encher-me-has de alegria com a tua presença, e gozarei á tua dextra de delicias eternas. » Oséas diz mais : « Elle resurgirá ao terceiro dia, e viveremos em sua presença. O' morte, eu serei a tua morte. » Enfim David falla assim da ascensão de Christo : « Subiste ao céu e levaste um grande numero de captivos. »

NOVO TESTAMENTO

CAPITULO PRIMEIRO

INFANCIA E VIDA PRIVADA DE JESUS CHRISTO

Annunciação do nascimento de S. João Baptista. — Passara o sceptro de Judá para as mãos de um estrangeiro, de Herodes o Idumeo : era pois chegada a epocha fixada por Deos para a vinda do Messias. Promettido a nossos primeiros pais, annunciado por Jacob, Isaac, Daniel e Malachias, esperado de todas as nações, ia finalmente apparecer sobre a terra o Salvador do mundo. Vivia então na Judéa um sacerdote chamado Zacharias, cuja mulher de nome Isabel era esteril ; eram ambos justos diante de Deos e avançados em idade. Um dia que Zacharias offerecia no Templo perfumes ao Senhor, appareceu-lhe o anjo Gabriel e lhe disse : « Isabel, tua esposa, terá um filho, a quem chamarás João. Elle será grande diante de Deos, e santificado desde o seio de sua mãe. Converterá muitos dos filhos de Israel, e caminhará diante do Senhor no espirito e virtude de Elias para lhe preparar um povo perfeito. » Como Zacharias duvidasse da verdade d'esta promessa, disse-lhe o anjo que ficaria mudo até vir ella a cumprir-se.

Annunciação do Anjo a Nossa Senhora. — Seis mezes depois que Isabel concebera, foi o anjo Gabriel mandado por Deos a Nazareth, cidade da Galiléa, a uma virgem, pobre de bens terrestres, mas mui rica em virtudes. Chamava-se ella *Maria*, e era casada com um santo varão de nome *José*, que exercia a modesta profissão de carpinteiro, se bem que descendesse, como ella, da casa real de David. Entrando o anjo no aposento de Maria, no momento em que estava a orar, disse-lhe : « Eu vos saúdo, ó cheia de graça ; o Senhor é comvosco ; bendita sois vós entre todas as mulheres ! » Como a humilde virgem se turbasse ao ouvir tal saudação, disse-lhe o anjo : « Não temais, Maria, porque achastes graça diante de Deos ; concebereis e dareis á luz um filho, a quem poreis o nome

de Jesus. Elle será grande e será chamado Filho do Altissimo. O Senhor Deos lhe dará o throno de David seu pai, e o seu reino não terá fim. — MARIA : Como é possível que isto aconteça, se consagrei a Deos minha virgindade? — O ANJO : O Espirito-Santo descerá sobre vós, e a virtude do Altissimo vos cobrirá de sua sombra; e é por isso que o fructo santo que nascerá de vós se chamará Filho de Deos. Eis que Isabel, vossa prima, concebeu em sua velhice, e dentro em tres mezes terá um filho, porque a Deos nada é impossível. — MARIA : Eis-aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a vossa palavra. » E o anjo desapareceu. Logo que Maria deu o seu consentimento, concebeu por obra do Espirito-Santo nas suas purissimas entranhas o Homem-Deos, e assim se cumpriu o grande mysterio da Incarnação do Verbo.

Visitação da Senhora a S. Isabel. — A Virgem Maria partiu logo para ir visitar sua prima Isabel, que morava n'uma cidade da Judéa, e ao entrar-lhe em casa, a saudou. Apenas Isabel ouviu a voz de Maria, sentiu no ventre alvoroçar-se seu filho de alegria, e exclamou, cheia do Espirito-Santo : « Bemdita sois vós entre as mulheres, e bemdito é o fructo do vosso ventre! Como mereci esta grande graça que a mãe de meu Senhor me venha visitar? » Maria respondeu por aquelle admiravel cantico que começa por estas palavras : « Minha alma glorifica o Senhor, e meu espirito exultou de alegria em Deos meu Salvador. » Maria deteve-se quasi tres mezes em casa de sua prima, e voltou depois para Nazareth.

Nascimento de S. João Baptista. — Isabel deu á luz um filho, a quem os parentes desejavam dar o nome do pai, mas a mãe se oppôz, querendo que se lhe dêsse o de João. Consultaram pois a Zacharias, o qual, como não podesse fallar, escreveu : « João é o seu nome; » e logo no mesmo instante recobrou a falla, e cheio do Espirito-Santo prophetizou dizendo : « Bemdito seja o Senhor Deos de Israel, porque visitou e remiu o seu povo; elle nos suscitou um poderoso Salvador na casa de David seu servo, como o promettera pela bocca de seus prophetas nos seculos passados. E tu, menino, serás chamado propheta do Altissimo, porque irás diante do Senhor para lhe preparar seus caminhos. » João retirou-se mui joven ao deserto, onde cresceu e se fortificou em espirito até o dia em que appareceu ao povo de Israel.

Nascimento de Jesus Christo. — De volta a Nazareth, meditava Maria em profundo silencio o mysterio que n'ella Deos obrara, e nem a seu esposo contara o succedido; mas como sua gravidez se descobriu aos olhos de José, determinou elle confuso deixal-a occultamente e ir-se. Estando a revolver no pensamento um tal desígnio, eis lhe appareceu em sonhos um anjo que lhe disse : « José,

filho de David, não temas guardar em tua companhia a Maria tua esposa, pois ella concebeu por obra do Espirito-Santo. Dará á luz um filho, a quem chamarás Jesus; será elle quem ha de salvar o seu povo de seus peccados. » José obedeceu á ordem do anjo. — D'ahi a pouco tempo saiu um edicto do imperador Augusto ordenando um recenseamento geral em todo o Imperio Romano; e achando-se a Palestina então sob a dominação romana, tiveram os Judeos de conformar-se ao edicto. Como cada qual devia fazer-se inscrever na cidade da sua origem, José, que descendia de David, partiu com Maria de Nazareth para Bethlechem ou Belem, cidade de David. Quando lá chegaram, não encontraram pousada nas estalagens, pelo que tiveram de procurar um abrigo n'uma estrebaria: foi ali que a Virgem Maria deu á luz o Salvador do mundo, e envolvendo o menino em pobres mantilhas, o reclinou em um presepio. — Perto d'este sitio havia pastores que passavam a noite a guardar seus rebanhos; viram-se elles de repente cercados de uma luz prodigiosa, e appareceu-lhes um anjo que lhes disse: « Não temais; trago-vos uma feliz nova que encherá todo o povo de grande alegria: hoje na cidade de David nasceu o Salvador, Christo Senhor. Eis o signal pelo qual o reconhecereis: achareis um menino envolto em mantilhas e reclinado em um presepio. » E logo uma multidão innumeravel de espiritos celestes reunindo-se ao anjo pozeram-se a cantar louvores ao Senhor, dizendo: « Gloria a Deos nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade. » Apenas retiraram-se os anjos, partiram os pastores pressurosos para Belem, onde encontraram José e Maria com o menino deitado n'um presepio, como lhes dissera o anjo; e depois de o adorarem devotamente, voltaram para os seus rebanhos, glorificando a Deos e publicando quanto tinham visto e ouvido. — No oitavo dia depois de nascido foi o menino circumcidado, segundo a lei de Moisés, e recebeu o nome de *Jesus*, que quer dizer *Salvador*.

Adoração dos Magos — Deos revelou tambem aos Magos¹ do Oriente o nascimento do Messias; elles chegaram a Jerusalem e perguntaram: « Onde está o rei dos Judeos que acaba de nascer? Vimos a sua estrella no Oriente e viemos para adoral-o. » Ao ouvir tal noticia, turbou-se Herodes e toda Jerusalem com elle; e reunindo os principes dos sacerdotes e os doutores da lei, consultou-os acerca do lugar onde devia nascer o Messias. Elles lhe responde-

1. Uns crêm que os Magos eram Chaldeos, outros Arabes, outros Persas. Segundo a opinião mais commum, eram sabios ou philosophos da Persia, a quem chamavam *Magos* porque na sua philosophia entrava muita astronomia, que a simplicidade d'aquelles tempos olhava como uma especie de magia. Seus nomes, segundo uma antiga tradição, eram Gaspar, Melchior e Balthazar.

ran : « Em Belem de Judá, segundo o que foi escripto pelo propheta Michéas : E tu, Belem, terra de Judá, não te debes considerar a ultima das cidades principaes de Judá, porque de ti ha de sair o chefe que governará o meu povo de Israel. » Herodes chamou então occultamente os Magos, perguntou-lhes em que tempo tinha-lhes apparecido a estrella; mandou-os depois a Belem, dizendo : « Ide e informai-vos bem exactamente acerca d'esse menino, e logo que o achardes, dai-me parte, para que eu vá tambem adoral-o. » Os Magos pozeram-se logo a caminho, e eis que de novo lhes appareceu a estrella que viram no Oriente, a qual os foi guiando até que parou sobre o logar onde estava o menino Jesus. Entrando ahí, encontraram o menino com Maria e José, e prostrando-se por terra o adoraram e lhe offereceram ouro, incenso e myrrha¹. Regressaram depois a suas terras sem passarem por Jerusalem, por terem sido avisados em sonhos que não voltassem a Herodes.

Apresentação de Jesus no templo. — Passados 40 dias depois do nascimento de Jesus Christo, que era o tempo fixado pela lei para a purificação de Maria, levaram-no seus pais ao templo de Jerusalem para o apresentarem a Deos, e para offerecerem o sacrificio prescripto pela lei, que para os pobres consistia em um par de rolas². Ora vivia n'aquelle tempo em Jerusalem um veneravel ancião chamado Simeão, varão justo e temente a Deos, a quem fóra revelado que não morreria sem ver o Messias, o Christo do Senhor. Por uma inspiração divina veio elle ao templo quando a Sagrada Familia alli estava, e reconhecendo o menino Jesus pelo Salvador promettido, o tomou em seus braços e bendisse ao Senhor, dizendo : « Agora, Senhor, já posso morrer em paz, segundo a vossa palavra, porque meus olhos viram o Salvador destinado a ser a luz das nações e a gloria de Israel. » Abençoou depois a José e a Maria, e disse a Maria que aquelle menino era destinado para ruina e resurreição de muitos em Israel, que seria alvo de contradicção aos homens, e que quanto a ella uma espada de dôr lhe traspassaria a alma. — Chegou ao mesmo tempo uma prophetiza por nome Anna; era uma viuva de 84 annos de idade, que assistia continuamente no templo, passando os dias e as noites no jejum e na ora-

1. Esses presentes eram mysteriosos : pelo ouro reconheceram elles a realza de Jesus Christo; pelo incenso, a sua divindade; e pela myrrha, que servia para embalsamar os mortos, a sua humanidade n'uma carne passivel e mortal.

2. Havia ahí a cumprir duas leis de Moisés : 1.ª a da *purificação* da mãe, que prescrevia o sacrificio de um cordeiro ou de duas rolas; 2.ª a que mandava que todo primogenito varão fosse consagrado ao serviço do Senhor ou resgatado por uma offerenda em dinheiro. O resgate do menino Jesus foi de 5 siclos de prata (cerca de 35000 réis fracos).

ão. Logo que ella viu o menino Jesus, o reconheceu pelo Messias e tanto suspirado, beñdisse ao Senhor de uma tal graça, e não cessava de fallar do Salvador a quantos esperavam a sua vinda.

Fugida para o Egypto. — José e Maria dispunham-se a voltar a Nazareth, quando um anjo veio em sonhos avisar a José que omiasse o menino e sua mãe e fugisse para o Egypto, porque Herodes andava em busca do menino para matal-o. José obedeceu romptamente e partiu n'aquella mesma noite. Entretanto Herodes, sendo que não voltavam os Magos, ficou possuido de tal colera, ue mandou matar todos os meninos de dous annos para baixo ue se encontrassem em Belém e seus contornos, na esperança de envolver n'essa matança ao novo rei dos Judeos. Não tardou porém castigo divino. O barbaro tyranno morreu d'ahi a pouco tempo e uma terrivel doença no meio das mais atrozes dôes.

Volta a Nazareth; Jesus no meio dos doutores. — Morto Herodes, appareceu de novo o anjo a José no Egypto, e lhe disse ue voltasse ao seu paiz. José obedeceu; mas tendo sabido que na Judéa reinava Archeláo, filho de Herodes, retirou-se a Nazareth na Galiléa. — Segundo o costume dos Judeos, iam José e Maria todos os annos a Jerusalem para celebrarem a festa da Paschoa, e Jesus os acompanhava. Quando contava elle doze annos de idade, ficou em Jerusalem depois da festa, e não voltou com seus pais. Estes levaram tres dias a procural-o, e encontraram-no por fim no templo, sentado no meio dos doutores, que o escutavam cheios de admiração. Como sua mãe lhe representasse a immensa afflicção que elle lhes havia causado, Jesus respondeu: « E porque me procuraveis? não sabeis que é mister que me occupe no que respeita o serviço de meu Pai celeste? » Voltou então com seus pais para Nazareth, onde viveu em sua companhia até a idade de 30 annos na maior submissão e obediencia, crescendo em idade, em sabedoria e em graça diante de Deos e dos homens. Nada mais nos refere o Evangelho da vida occulta que Jesus passou em Nazareth; mas a tradição nos transmittiu que elle ganhava o seu pão quotiliano com o trabalho de suas mãos, exercendo com S. José o humilde officio de carpinteiro.

CAPITULO SEGUNDO

PRINCIPIO DA VIDA PUBLICA DE JESUS CHRISTO

Pregação de S. João Baptista. — Correndo o anno decimo quinto do reinado do imperador Tiberio, sendo Poncio Pilatos governador da Judéa e Herodes tetrarcha da Galiléa, no pontificado

de Annaz e Caiphaz¹, o Senhor fez ouvir a sua voz a João, filho de Zacharias, que vivia no deserto vida mui austera, afim que elle precedesse o Salvador e lhe preparasse o caminho. João, obedecendo a voz divina, veiu ás margens do Jordão pregar o baptismo de penitencia para remissão dos peccados². Seu traje era um sacco de peli de camello com uma correia por cinto; seu sustento consistia em gafanhotos e mel silvestre. Elle bradava : « Fazei penitencia, que se approxima o reino dos céos. » De toda a parte acudia immenso povo, que depois de escutar com grande attenção as palavras do Precursor, confessava os seus peccados e era por elle baptizado nas aguas do Jordão. Vieram tambem phariseos e saduceos, a quem João disse com muita vehemencia : « Raça de viboras, quem vos ensinou a fugir a colera que vos ameaçava? Fazei fructos dignos de penitencia, e não vos contenteis de dizer : Temos Abrahão por pai pois eu vos declaro que facil é a Deos suscitar d'essas mesmas pedras filhos de Abrahão. Já o machado está applicado á raiz das arvores; assim toda arvore que não der bom fructo será cortada e lançada ao fogo. » A santidade de vida de João e a efficacia de suas pregações fizeram tal impressão no povo, que muitos imaginaram que elle poderia bem ser o Messias. Para arredal-os d'esta idéa, elle dizia : « Eu vos baptizo com agua; mas virá depois de mim outro que é mais poderoso que eu, e a quem não sou digno de desatar as correias de suas sandalias : elle vos baptizará no Espirito-Santo. Elle traz na mão o crivo com que alimpará a sua eira; recolherá o trigo no celeiro, e queimará a palha em um fogo que jamais se extinguirá. » Taes testemunhos rendia João a Jesus Christo.

Baptismo e tentação de Jesus. — Quando Jesus contava 30 annos de idade, veiu da Galiléa ás margens do Jordão para receber o baptismo das mãos do seu Precursor. Não podia João soffrer tão profundo abatimento, e penetrado de um vivo sentimento de respeito excusava-se dizendo : « A mim cumpria, Senhor, ser por vós baptizado, e vós vindes a mim ! » Jesus o atalhou com estas palavras : « Faze agora o que te peço para que assim cumpramos com toda a justiça. » João então obedeceu, e Jesus foi por elle baptizado no Jordão. No mesmo instante abriram-se os céos, e o Espirito-Santo desceu sobre elle sob a fórma visivel de uma pomba, e ouviu-se do céu uma voz que dizia : « Este é o meu Filho muito amado, em quem puz todas as minhas complacencias. » — Depois de baptizado, foi Jesus condu-

1. Annaz e Caiphaz, seu genro, exerciam alternadamente o summo pontificado, cada um durante um anno, por uma concordata feita com os Romanos.

2. O baptismo de S. João era uma cerimonia religiosa que não dava a remissão dos peccados, mas dispunha os homens para recebê-la: esta virtude de remir os peccados estava reservada ao baptismo de Jesus Christo.

ido pelo Espirito-Santo ao deserto, onde passou na oração 40 dias e 40 noites sem comer nem beber, e depois de tão longo jejum sentiu fome. Veiu então o demonio a tental-o, e lhe disse : « Se és o filho de Deos, dize a estas pedras que se convertam em pão; » ao que respondeu Jesus : « Não é só de pão que vive o homem, senão e toda palavra que sae da bocca de Deos. » O demonio transportou-o em seguida a Jerusalem, e collocando-o sobre o pinaculo do templo, lhe disse : « Se és o Filho de Deos, lança-te abaixo, porquanto está escripto que Deos encarregou os seus anjos de velarem sobre ti, e que elles te tomarão nas suas mãos para que teu pé não lè contra alguma pedra. » Jesus respondeu : « Está tambem escripto : Não tentarás ao Senhor teu Deos. » O demonio não se deu por batido, e transportou a Jesus ao cimo de um monte mui elevado, e mostrando-lhe todos os reinos do mundo com sua gloria, lhe disse : « Dar-te-hei tudo o que vês se prostrado em terra me adorares. » Então Jesus lhe disse com ar soberano e divino : « Retira-te, Satanaz; que escripto está : Ao Senhor teu Deos adorarás e só a elle servirás. » Retirou-se espantado o demonio, e logo os Anjos desceram do céo e serviram a Jesus ¹.

Os primeiros discipulos de Jesus. — Depois do baptismo de Jesus, não cessou o fiel Precursor de fallar d'elle e de proclamal-o Messias. Vendo-o um dia passar, disse João a seus discipulos : « Eis o cordeiro de Deos, eis o que tira e apaga os peccados do mundo; » e logo dous d'entre elles, André e João, seguiram a Jesus. André foi procurar a Simão, seu irmão, e lhe disse : « Achámos o Messias; » levou-o depois a Jesus, o qual, olhando para elle, disse : « Tu és Simão, filho de Jonas; d'aqui em diante te chamarás Cephas (Pedra, Pedro); » designando-o desde já para fundamento da sua Igreja. No dia seguinte tomou Jesus o caminho da Galiléa, e seguiram-se-lhe outros dous discipulos, Philippe e Bartholomeu.

Bodas de Caná. — Tres dias depois, assistiu Jesus com sua mãe a umas bodas que se celebravam em Caná, pequena cidade da Galiléa, ás quaes elle fora convidado com seus discipulos. Vindo a faltar o vinho, avisou Maria a seu filho, e disse aos criados que seriam á meza que fizessem o que elle lhes ordenasse. Mandou Jesus encher de agua seis grandes talhas de pedra que havia na sala e que serviam para as purificações em uso entre os Judeos; e quando cheias, disse aos criados : « Tirai d'ahi e levai ao mestre-sala. » Provou este, e como achasse que era vinho mui excellente e não

1. Permittiu Jesus que o demonio o tentasse, para mostrar-nos como se ha de repellir o inimigo, que ousou attacal-o pelos tres meios que mais imperio exercem sobre o coração do homem, que são : o prazer sensual, a presumpção, filha do orgulho, e a cobiça dos bens terrenos.

soubesse donde vinha, disse ao noivo que elle ia a revez do uso pois, costumando todos dar o melhor vinho no principio do banquete, elle o dava no fim. Foi este o primeiro milagre que fez Jesus, e assim começou a manifestar a sua gloria, e seus discipulos creram n'elle, isto é, foram confirmados na fé que já n'elle tinham

CAPITULO TERCEIRO

PRIMEIRO ANNO DO MINISTERIO PUBLICO DE JESUS CHRISTO DESDE A PRIMEIRA PASCHOA ATÉ A SEGUNDA

Jesus lança os vendedores do templo. — De Caná passou Jesus a Capharnaum, cidade opulenta situada na margem occidental do lago de Genezareth, da qual fez como o centro de suas missões; mas pouco alli se demorou então, porque partiu para Jerusalem a celebrar a festa da Paschoa, que estava proxima. Achando no atrio exterior do templo mercadores que vendiam bois, carneiros e pombas para os sacrificios, e banqueiros que cambiavam moeda, tomado de uma santa indignação, fez de cordas um acoute com que os espancou a todos do templo, dizendo: « Tirai d'aqui tudo isto e não façais da casa de meu Pai casa de negocio. » Agastaram-se os Judeos de tanto zelo, e lhe disseram: « Que prova nos dás de que tens poder para assim obrar? » E Jesus lhes respondeu: « Destruí vós este templo, e em tres dias eu o reedificarei. » Os Judeos replicaram: « Quarenta e seis annos foram precisos para levantar este templo, e dizes que em tres dias o reedificarias? Mas Jesus fallava de seu corpo, verdadeiro templo de Deos, que pela morte seria destruido e resurgiria ao terceiro dia. Fez elle grande milagres em Jerusalem, pelo que muitas pessoas creram n'elle, sendo d'este numero Nicodemos, senador judeo da seita dos pharisaeos, que veio uma noite ter com Jesus para que o instruisse na sciencia da salvação.

A Samaritana. — Saiu Jesus de Jerusalem e pôz-se a percorrer a Judéa com seus discipulos, annunciando o reino de Deos e baptizando grande numero de pessoas. Dirigiu-se depois para a Galiléa e passou pela Samaria. Quando chegou aos arredores de Sichem (ou Sichem), assentou-se cansado á borda do poço de Jacob, e pediu de beber a uma mulher que viera tirar agua. Não estavam alli os discipulos que tinham ido á cidade comprar mantimentos. Admirada a mulher lhe disse: « Como é que tu sendo Judeo me pedes de beber a mim que sou Samaritana? (os Judeos não communicavam com os Samaritanos). — Jesus: Se souberas quem é o que te pede de beber, tu mesma lhe farias este pedido, e elle te daria a

agua que dá vida. — SAMARITANA : Tu não tens, Senhor, com que tirar agua, e é fundo o poço : donde terias pois essa agua que dá vida? És acaso maior que nosso pai Jacob que nos deu este poço?

— JESUS : O que bebe d'esta agua virá ainda a ter sêde; porém o que beber da agua que eu lhe der, não terá mais sêde por toda a eternidade. — SAMARITANA : Dá-me, Senhor, d'essa agua. — JESUS :

Vai chamar teu marido. — SAMARITANA : Não tenho marido. — JESUS :

Dizes a verdade : tens tido cinco maridos, e aquelle com quem vives agora não é teu marido. — SAMARITANA : Bem vejo, Senhor, que és propheta. » E não cuidando mais senão em seguir a sua voz para voltar a Deos, lhe perguntava ella onde é que se devia adorar a Deos :

os Samaritanos diziam que no monte Garizim, e os Judeos que em Jerusalem. Jesus lhe disse : « Mulher, crê o que te digo; chegada é a hora em que não será nem sobre este monte nem em Jerusalem que cumprirá adorar a Deos. Os verdadeiros adoradores adorarão a Deos em espirito e verdade. Deos é espirito, e os que o adoram devem adoral-o em espirito e verdade. — SAMARITANA : Sei que vai vir o Messias, e que vindo nos ensinará tudo. — JESUS : Eu sou o Messias que fallo contigo. » Correu então ella á cidade e disse aos moradores :

« Vinde ver um homem que me contou quanto eu tenho feito; não seja elle acaso o Messias! » Entretanto faltaram os discipulos e instavam com Jesus que comesse : « Manter tenho para comer, lhes disse, que vós não conheceis, e é fazer vontade d'Aquelle que me enviou. » Chegou n'isto a mulher com os moradores de Sichar, que lhe rogaram que ficasse com elles. Jesus demorou-se alli dous dias, ensinou-lhes a sua doutrina, e foi grande o numero dos que n'elle creram.

Jesus prega em Nazareth. — Saíndo de Sichar, continuou Jesus sua viagem para Galiléa, e foi bem acolhido pelos Galileos que haviam presenciado os grandes prodigios que obrara em Jerusalem na festa da Paschoa. Passando por Caná, curou com uma simples palavra o filho de um regulo. Chegando a Nazareth, entrou, segundo seu costume, na synagoga no dia do sabbado, e como lhe apresentassem o livro de Isaias, abriu-o justamente no lugar em que vem escripto :

« O espirito do Senhor é sobre mim; elle me sagrou com sua unção e me enviou para evangelizar os pobres, curar os corações afflictos, dar a liberdade aos captivos e a vista aos cegos, e publicar o dia da retribuição. » Lidas estas palavras, fechou o livro e começou a dizer : « Hoje se cumpre á vossa vista esta prophecia. » Todos estavam admirados das palavras de graça que saíam da sua bocca, mas diziam entre si : « Não é este o filho de José? » Jesus disse-lhes : « Em verdade vos digo que nenhum propheta é honrado em sua terra; » e provou-lhes com o exemplo

de Elias e Eliseo que muita razão tinha de não obrar entre elles os milagres que obrava em outros logares. Indignaram-se os circumstantes de tal ouvirem, e levaram-no de força ao alto do monte onde estava edificada a cidade para d'alli precipital-o ; mas Jesus passou por entre a multidão com um ar todo divino, e retirou-se.

Milagres de Jesus em Capharnaum. — De Nazareth passou Jesus a Capharnaum, e pôz-se ali a ensinar na synagoga. Achando-se n'ella um dia, começou um possesso a gritar : « Que temos nós contigo, Jesus de Nazareth? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és : és o Santo de Deos. — Cala-te, lhe disse Jesus, e sãe d'esse homem. » E o demonio, depois de atormentar horriavelmente o possesso, saiu do seu corpo. Ficaram todos espantados, e diziam entre si : « Elle tem imperio até sobre os espiritos immundos : manda-os sair, e elles saem. » Foi depois Jesus á casa de Simão e André, onde achou a sogra de Simão de cama com muita febre. Chegando-se a ella, pegou-lhe pela mão e mandou á febre que a deixasse : no mesmo instante a febre a deixou, e ella levantou-se da cama e pôz-se a servir a Jesus e a seus discipulos. — Correu fama por todo Capharnaum dos milagres que fazia Jesus, de modo que ao sol posto, estava toda a cidade á porta da casa, e quantos tinham doentes, lh'os traziam, e Jesus pondo-lhes as mãos os sarava ; lançava tambem os demonios, que saiam dos possessos gritando : « Tu és o Filho de Deos. »

A pesca milagrosa. — Tendo vindo um dia Jesus ás margens do lago de Genezareth para annunciar a palavra de Deos, viu cercado de innumeravel multidão de povo. Entrou então n'uma barca que era a de Simão e André, e posto ao largo se assentou a começar a doutrinar as turbas. Terminada a pratica, disse a mão : « Faze-te mais ao largo e deita a rede. — Mestre, lhe respondeu Simão, toda a noite trabalhámos e nada apanhámos ; sobre vossa palavra deitarei não obstante a rede. » Assim o fez, e d'um só lanço apanharam tanto peixe que a rede se rompia, e não a podiam metter na barca. Chamaram então a Thiago e João que estavam n'uma outra barca para que os viessem ajudar, e as duas barcas ficaram tão cheias que quasi se afundavam. A esta vista, Simão deitou-se aos pés de Jesus, dizendo : « Afastai-vos, Senhor, de mim, que sou um peccador. — Não temas, lhe tornou Jesus, d'ora em diante serás pescador de homens. » Vararam então as barcas em diante, e deixando tudo, o seguiram e nunca mais o abandonaram.

O paralytico. — Jesus voltou a Capharnaum, e ensinava n'uma casa, quando chegaram uns homens trazendo um paralytico, e como não podessem entrar pela immensa affluencia de povo, subiram-no á sotea da casa, fizeram uma abertura no tecto, desceram por ella

o catre do doente e o deozeram aos pés de Jesus. O Salvador, vendo a sua fé, disse ao paralytico : « Tem confiança, meu filho ; teus peccados te são perdoados. » Os doutores e pharizeos que alli se achavam disseram consigo : « Este blasphema, porquanto só Deos pó-le perdoar os peccados. » Jesus, vendo os seus pensamentos, lhes disse : « Qual é mais facil, dizer : Teus peccados te são perdoados, ou dizer : Levanta-te e caminha? Ora, para que saibais que o Filho do homem tem na terra poder de perdoar os peccados : ergue-te (disse ao paralytico), pega no teu leito e vai para casa. » O que immediatamente fez o enfermo com assombro de todos os assistentes.

Eleição dos doze Apostolos e sermão do monte. — Subiu Jesus a um monte perto de Capharnaum, onde passou a noite em oração, e quando raiou o dia, chamou os discipulos e entre elles escolheu doze a quem deu o nome de *Apostolos*, que quer dizer *Enviados*. E foram escolhidos Simão-Pedro, a quem fez chefe dos mais; André, seu irmão; Thiago Maior e João, filhes de Zebedeo; Philippe, Bartholomeo, Thomé, Matheos, Thiago Menor, filho de Alpheo, e seu irmão Judas Thaddeo, Simão o Cananeo e Judas Iscariotes, que veio a trahir a Christo. Veiu depois com elles aonde se achavam as turbas na vertente do monte, e tendo-se sentado, fez-lhes um admiravel sermão, que contem em resumo toda a moral evangelica. Depois de expôr as oito bemaventuranças, accrescentou : « Sereis felizes quando os homens vos amaldiçoarem, vos perseguirem, vos carregarem de calumnias por amor de mim : alegrai-vos então e exultai de prazer, porque uma grande recompensa vos está reservada no céo. — Não julgueis que vim destruir a lei, mas sim preencher-a e aperfeçoal-a. O que guardar os mandamentos e os fizer guardar pelos outros, esse será grande no reino dos céos. Ouvistes que foi dito aos antigos « Não matarás; » e eu vos digo que quem chamar a seu irmão « insensato, » será réo do fogo do inferno. A lei manda não jurar falso, e eu vos digo que nunca jureis; mas contentai-vos com dizer *sim, sim, não, não*. Sabeis que foi dito « Olho por olho, dente por dente; » e eu vos digo que não resistais ao malvado; antes quando alguém vos ferir na face esquerda, apresentai-lhe a direita. Se alguém vos pozer demanda para haver vossa tunica, abandonai-lhe ainda vossa capa. Sabeis que foi tambem dito « Amarás teu proximo e aborrecerás teu inimigo; » e eu vos digo : amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos aborrecem, e orai pelos que vos perseguem e caluniam : d'este modo sereis filhos de vosso Pai celestial, que faz nascer o sol para os bons como para os más, e derranta a chuva sobre os justos e os injustos. — Guardai-vos de fazer vossas boas obras diante dos homens para que vos vejam; do contrario não tereis recompensa alguma de vosso

Pai que está no céu. Assim, quando derdes esmola, não saiba a mão esquerda o que faz a direita. Quando orardes, retirai-vos ao vosso quarto, fechai a porta e rezai em segredo; e vosso Pai celeste que vos vê, vos recompensará. — Não julgueis, e não sereis julgados; não condemneis, e não sereis condemnados: sereis medidos pela medida por que medirdes os outros. — Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que guia á perdição, e muitos por ali entram. Que estreita é a porta e apertado o caminho que guia á vida, e quão poucos acertam com elle! — Guardai-vos dos falsos prophetas que se vos apresentam sob pelles de ovelhas, e por dentro são lobos devoradores. Por seus fructos os conhecereis. Toda arvore que não der bom fructo será cortada e lançada ao fogo. Nem todo o que disser « Senhor, Senhor! » entrará no reino dos céos; mas o que fizer a vontade de meu Pai, esse entrará no reino dos céos. » Quando Jesus acabou o seu discurso, o povo estava profundamente commovido, porque elle ensinava como tendo uma autoridade divina, e não como os escribas e phariseos.

O leproso; o servo do centurião. — Quando Jesus descendeu do monte, lançou-se-lhe aos pés um leproso, que lhe disse: « Senhor, vós me podeis curar; basta quereis. » Jesus tocou-lhe com a mão e lhe disse: « Pois quero; limpo sejas. » E ficou logo curado. — Voltou depois Jesus a Capharnaum. Havia lá um centurião romano muito amigo dos Judeos, que lhes mandara construir uma synagoga. Estando para morrer um seu servo a quem muito queria, mandou pedir a Jesus pelos anciãos dos Judeos houvesse por bem cural-o. E o Salvador foi-se com elles, e quando se approximava da casa do centurião, este lhe saiu ao encontro dizendo: « Não sou digno, Senhor, que entreis em minha morada; mas dizei só uma palavra e meu servo será curado. » Admirou Jesus a fé d'aquelle pagão, e voltando-se para os que o seguiam disse: « Em verdade vos digo que não achei tamanha fé em Israel. » Disse depois ao centurião: « Vai, e assim como creste, se te faça; » e no mesmo instante ficou são o servo.

Jesus resuscita o filho da viuva de Naim. — Um dia que Jesus acompanhado de seus discipulos e de grande multidão de povo se approximava da cidade de Naim, viu que levavam a enterrear o filho unico de uma viuva. Enternecido de ver a afflicção da mãe, disse-lhe: « Não choreis; » e chegando-se ao esquife, fallou: « Ergue-te, mancebo, que t'ó mando eu. » No mesmo ponto sentou-se o morto, começou a fallar, e Jesus o entregou á sua mãe. Todos quantos estavam presentes, ficaram assombrados e glorificaram a Deos, dizendo: « Grande propheta levantou-se entre nós, e Deos visitou o seu povo. »

Os enviados de S. João Baptista. — Reinava em Galiléa Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande que ordenou a matança dos innocentes de Belém; e como dêsse grande escandalo por ter casado com Herodias, mulher de seu irmão que ainda vivia, lançou-lhe em rosto o Baptista este crime, e Herodes o mandou prender. Como chegassem á noticia de João os milagres de Jesus Christo, e querendo dar a seus discipulos um novo testemunho de que elle era o Messias, mandou dous d'elles perguntar-lhe se era elle o Messias ou se deviam esperar por outro. Por resposta obrou o Salvador muitos prodigios diante d'elles e lhes disse : « Ide contar a João o que vistes e ouvistes : os cegos vem, os paralyticos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos resuscitam, o Evangelho é annunciado aos pobres. Felizes os que se não escandalizarem por causa de mim! »

Magdalena penitente. — Um phariseo chamado Simão pediu a Jesus que viesse jantar com elle. Aceitou o Salvador o convite, e quando estavam á meza veio alli uma mulher peccadora, Maria Magdalena, a qual, posta detraz do Senhor, lhe banhava com lagrimas os pés, e com os cabellos lh'os enxugava, beijando-os e unguindo-os com perfumes que derramava de um vaso de alabastro. Vendo isto o phariseo, dizia consigo : « Se este homem fôra propheta, bem saberia que esta mulher é uma peccadora. » Jesus, penetrando-lhe o pensamento, lhe disse : « Olha, Simão, para esta mulher. Entrando eu em tua casa, não me dêste agua para lavar os pés, e ella m'os lavou com suas lagrimas e enxugou com seus cabellos; não me dêste o osculo de paz, e ella, desde que entrou, não cessa de me beijar os pés; não derramaste oleo sobre minha cabeça, e ella me banha os pés com preciosos perfumes. Declaro-te portanto que muitos peccados lhe são perdoados, porque muito amou. » Disse em seguida á mulher : « São-te perdoados teus peccados; tua fé te salvou; vai-te em paz. »

CAPITULO QUARTO

SEGUNDO ANNO DO MINISTERIO PUBLICO DE JESUS CHRISTO
DESDE A SEGUNDA ATÉ A TERCEIRA PASCHOA

Homem que havia 38 annos que estava doente. — Chegada a solemndade da Paschoa, partiu Jesus para Jerusalem. Havia perto do templo um tanque chamado *piscina probatica*, cuja agua todos os annos em certo tempo era revolvida por um anjo, e então o primeiro que n'ella entrava saía são de qualquer molestia que tivesse : razão porque as cinco galerias da piscina estavam pejudadas de enfer-

mos esperando pelo revolvimento da agua. Entre estes estava um que havia 38 annos que padecia. Dirigiu-se a elle Jesus e lhe disse : « Queres sarar? — Não tenho, Senhor, respondeu, quem me leve á piscina quando a agua é revolvida, e emquanto desço, entra n'ella outro. — Levanta-te, tornou Jesus, toma tua cama e vai-te. » No mesmo instante se achou sã. Era n'um sabbado, e os Judeos o arguiam de transgredir a lei levando o leito ás costas; mas elle lhes respondeu : « Quem me curou disse-me que levasse d'alli a minha cama e que me fosse. » Perguntaram-lhe quem o curara; mas elle o ignorava por se ter Christo retirado logo. Succedeu porém encontrar-o o Senhor no templo, e lhe disse : « Eis-te curado; não peques, para que te não aconteça peor. » Partiu elle logo a annunciar aos Judeos que fôra Jesus quem o curara; donde tomaram occasião de perseguir a Jesus não só por ter curado no sabbado, como tambem por se dizer Filho de Deos e igual ao Padre.

Possesso cego e mudo. — Passada a festa da Paschoa, tomou Jesus de novo o caminho da Galiléa, pregando e curando os doentes nas cidades e aldêas. Trouxeram-lhe um dia um homem possesso do demonio, cego e mudo. Jesus o curou, de sorte que via e fallava, e o povo admirado dizia : « Não é este o filho de David? » Confundiu depois os phariseos que diziam que elle expulsava os demonios em nome de Beelzebub. N'essa occasião uma mulher do povo exclamou : « Bemaventurado o seio que vos trouxe, e os peitos que vos deram de mamar! » Ao que respondeu Jesus : « Mais venturosos ainda os que escutam a palavra de Deos e a põem em pratica! »

As parabolos do reino dos céos. — Achando-se um dia Jesus na praia do lago de Genesareth, accudiu immenso povo para ouvi-lo, e elle, entrando n'uma barca, começou a doutrinal-o por meio de parabolos, isto é, de comparações familiares, para melhor se fazer entender do povo rude. A primeira parabola que propoz foi a do sementeiro : « Começou elle a semear, mas com pouca ventura : uma parte da semente caiu na estrada, e pizaram-na os homens e comeram-na as aves : outra parte caiu sobre pedra e apenas nascida seccou-se por falta de humidade; outra parte caiu entre espinhos, e affogaram-na os espinhos; enfim uma parte caiu em boa terra, nasceu e produziu o centuplo. Eis o sentido d'esta parabola. A semente é a palavra de Deos. A que cãe na estrada são os que escutam a palavra; mas o diabo vem e lhes tira dos corações a palavra, afim que não cream e se salvem. A que cãe sobre pedra são os que, ouvindo a palavra, a recebem com alegria; mas, como não teem raizes, crêm por algum tempo, e em chegando a tentação, se retiraram. A que cãe entre espinhos são os que ouviram a palavra; mas a palavra é affogada pelos cuidados mundanos, riquezas e prazeres da

vida, e não pôde fructificar. Mas a semente que cae em boa terra são os que escutam a palavra e a conservam em seus corações, e produzem fructo pela paciencia. » — Propoz Christo outra parábola, em que comparou o mundo a um campo que o dono semeou de trigo, e o vê depois misturado de joio, que o inimigo sobresemeou de noite; e querendo os criados arrancar o joio, o amo os atalha de medo que com elle não arranquem tambem o trigo, e espera a seifa para separar o trigo para o celeiro, e o joio para o fogo. Explicou Jesus o sentido d'esta parábola, dizendo que n'este mundo os bons estão misturados com os máos, mas que no fim dos seculos se fará a separação d'elles, e então os máos serão lançados no fogo eterno, e os bons brilharão como sóes no reino de Deos. A mesma verdade lhes ensinou figurada nos pescadores, que toam em suas redes toda a sorte de peixe, e que sentados depois na praia escolhem o bom e refugam o máo. Comparou ainda o remo de Deos ao grão de mostarda que, sendo mui pequeno, cresce mais que as outras plantas; á levadura que deitada em uma massa de farinha a faz fermentar toda; ao thesouro escondido n'um campo, que quem o descobre vende tudo para comprar o campo; á perola de alto preço, que para possuil-a o mercador vende quanto possue.

Tempestade applanada — Pela tarde do mesmo dia disse Jesus a seus discipulos : « Passemos á outra banda do lago. » Chegou-se então a elle um escriba que lhe disse : « Mestre, para onde fordes vos seguirei; » e Jesus lhe respondeu : « Teem as rapozas suas covas e as aves seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde descansar a cabeça. » A estas palavras retirou-se o escriba. Jesus subiu n'uma barca e muitas outras o acompanharam. Levantou-se de repente tal tempestade que as ondas alagavam a barca em que ia Jesus, emquanto elle dormia na popa. Vieram a elle os discipulos, e acordando-o, disseram-lhe : « Senhor, salvai-nos, que nos afundamos. » Jesus lhes respondeu : « Porque temeis, homens de pouca fé? » Levantando-se então, mandou aos ventos e ás ondas, e tudo ficou calmo. Todos ficaram assombrados e se diziam : « Quem é este a quem os ventos e o mar obedecem? »

A filha de Jairo e a mulher que soffria de um fluxo de sangue. — Quando Jesus voltou da outra banda do lago a Capharnaum, veiu Jairo, chefe da synagoga, e prostrou-se a seu pés dizendo : « Minha filha está para morrer; vinde pôr-lhe as mãos, e ella viverá. » Partiu logo Jesus com elle, acompanhado dos discipulos e de muito povo. Ia na multidão uma mulher que havia doze annos padecia fluxos de sangue e estava já desenganada dos medicos. Rompeu ella pela turba e pondo-se por traz de Jesus, tocou-lhe na orla da tunica, persuadida que só com tocar-lhe no vestido

ficaria curada, e não se enganou. Jesus voltando-se perguntou quem lhe havia tocado nos vestidos. Então a mulher assustada se lançou a seus pés, e declarou o motivo porque o tocara e como logo ficara curada. E Jesus lhe disse : « Minha filha, tua fé te salvou ; vai-te em paz. » Não tinha ainda acabado de fallar, quando chega um criado de Jairo annunciando-lhe a morte da filha, e que escusado era incommodar mais o Mestre ; mas Jesus lhe disse : « Não temas, tem fé, e tua filha viverá. » Quando chegaram á casa, já alli estavam varios musicos e muitas pessoas que pranteavam a defunta. « Porque estes choros e este tumulto ? disse Jesus ; a donzella não está morta, mas dorme. » E mandando que se retirasse a gente, foi com os pais da moça e alguns dos discipulos ao logar onde ella estava deitada, pegou-lhe na mão e disse-lhe : « Filha, levanta-te. » E no mesmo instante pôz-se de pé a moça, pediu de comer e andava pela casa com grande assombro dos pais a quem Christo recommendou que nada dissessem ; mas logo espalhou-se no paiz a fama de um tal prodigio.

Missão dos Apostolos. — Considerando um dia Jesus o immenso concurso de povo que o rodeava para ouvi-lo, teve pena d'elles, porque eram como ovelhas sem pastor, e disse aos discipulos : « Ampla é a colheita, mas poucos são os obreiros. Pedí ao dono da seara que mande obreiros. » E para prover a tamanha necessidade, reuniu os Apostolos e lhes disse : « Ide ás ovelhas perdidas da casa de Israel, e pregai dizendo : O reino dos céos está proximo. Curai os doentes, resuscitai os mortos, expulsai os demonios. Não leveis nada para a jornada, porquanto o operario merece que o sustentem. Em entrando n'uma casa, dizei : Paz seja n'esta casa. E quando n'uma cidade não vos quizerem receber nem escutar, sacudi a poeira de vossos pés ; pois vos declaro que no dia do juizo essa cidade será tratada com mais rigor que Sodoma e Gomorrha. Eis que vos envio como ovelhas ao meio dos lobos ; sede pois prudentes como serpentes, e simples como pombas. Os homens vos farão comparecer em suas assembléas, e vos açoutarão em suas synagogas ; se-reis levados perante os magistrados e reis, e todos vos terão odio por causa de meu nome. O discipulo não é mais que o mestre ; basta-lhe ser como elle. Não temais os que só podem matar o corpo e nenhum poder teem sobre a alma ; temei antes aquelle que pôde mandar a alma e o corpo ao inferno. Quem me confessar diante dos homens, eu tambem o confessarei diante de meu Pai que está nos céos ; e quem me renunciar perante os homens, renuncial-o-hei eu tambem diante de meu Pai. Aquelle que não quizer tomar sua cruz e seguir-me, não é digno de min. Quem vos recebe, me recebe a mim ; e quem me recebe, recebe a quem me enviou. E quem vos

der a beber mesmo um copo de agua fria em meu nome, em verdade vos digo, não perderá o seu galardão. » Os Apostolos partiram pois dous a dous, e foram por todo o paiz pregando a penitencia; e Deos confirmava o que elles diziam, pois expulsaram muitos demônios e curaram muitos enfermos, ungiendo-os com azeite.

Degolação de S. João Baptista. — Herodias, cheia de odio contra o Baptista, procurava occasião de tirar-lhe a vida. No dia de annos de Herodes deu este um grande festim, e a filha de Herodias dançou agradando tanto ao rei que elle lhe disse : « Pede-me o que quizeres, que juro dar-t'o-hei, ainda quando seja metade do meu reino. » Correu ella a consultar sua mãe, e por seu conselho pediu a cabeça do Baptista. Tal petição desagradou muito a Herodes, mas por causa do juramento dado e dos assistentes, não lh'a quiz recusar. Mandou pois cortar na prisão a cabeça do santo, que foi trazida n'um prato e dada á moça, que a levou á mãe. Quando os discipulos de João souberam a morte de seu mestre, vieram buscar o corpo para sepultal-o, e foram dar parte a Jesus.

Multiplicação dos pães. — Chegados os Apostolos da sua missão, disse-lhes Christo : « Vinde ao deserto para descansardes. » E embarcando-se com elles, aportou a um lugar solitario. Mas uma grande multidão de povo pôz-se a seguil-o. Jesus, vendo tanta gente, subiu a uma altura, assentou-se e começou a instruil-os, e deu saude a quantos enfermos lhe apresentaram. Como o dia declinava já muito, pediram-lhe os Apostolos que despedisse aquella gente, pois se via n'um deserto sem ter que comer. Jesus perguntou-lhes quantos pães tinham. André respondeu : « Ha ali um moço que tem cinco pães de cevada e dous peixes. » Jesus disse que lh'os trouxessem, e pegando n'elles, levantou os olhos ao céo, abençoou-os e deu-os aos Apostolos para que os distribuissent pelo povo, que era em numero de cinco mil, sem contar as mulheres e crianças; e depois que todos se saciaram, disse aos Apostolos que recollessem os restos, e d'elles se encheram doze cestas. Todos admirados diziam entre si : « Este é certamente o propheta que deve vir ao mundo ; » e se deliberaram a acclamar-o rei. Jesus, sabendo o seu intento, fugiu para o monte, tendo antes dito aos discipulos que se embarcassem logo para Capharnaum. Durante a noite a barca foi assaltada por um temporal que lhe impedia navegar. Jesus veiu a elles caminhando sobre as ondas, de que ficaram sobremaneira assustados, tomando-o por um phantasma. « Sou eu, lhes disse Jesus, não temais. — Se sois vós, lhe tornou Pedro, mandai que sobre as ondas vá ter convosco. — Vem, » lhe disse Jesus. E Pedro logo desceu da barca para ir a elle; mas, como o vento fosse muito forte, perdeu o animo, e começando a afundir, gritou : « Senhor,

salvai-me. » Jesus lhe travou da mão dizendo : « Homem de pouca fé, porque duvidaste? » Entraram ambos na barca, e serenando logo o vento, abordaram ao logar do seu destino; e os Apostolos se prostraram aos pés do Salvador, dizendo : « Vos sois verdadeiramente o Filho de Deos. » — Algum tempo depois renovou Jesus o milagre da multiplicação dos pães. Sete pães e alguns peixinhos bastaram para sustentar 4,000 homens, e dos sobejos encheram-se sete cestas.

Promessa do sacramento da Eucharistia. — No dia seguinte a gente que tão milagrosamente fôra alimentada por Jesus, foi em busca d'elle a Capharnaum, e o encontrou na synagoga. O Salvador disse-lhes : « Buscais-me porque vos fartei de pão. Trabalhai por grangear, não um sustento que pereça, mas um que dure para a vida eterna e que o Filho do homem vos ha de dar. Eu sou o pão vivo que desci do cêo. Se alguém comer d'este pão, viverá eternamente; e o pão que darei é a minha carne para a vida do mundo. » Os Judeos começaram a dizer entre si : « Como nos pôde elle dar a sua carne a comer? » E Jesus, para que nenhuma duvida podesse haver sobre o sentido preciso e formal das suas palavras, accrescentou : « Em verdade, em verdade vos digo, se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis vida em vós. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o resuscitarei no ultimo dia : porquanto a minha carne é realmente sustento, e o meu sangue é realmente bebida. Quem come a minha carne e bebe o meu sangue mora em mim, e eu n'elle. » Ao ouvirem este discurso, muitos dos discipulos se retiraram da companhia de Jesus para não mais segui-lo. E como Jesus perguntasse aos Apostolos se tambem elles o queriam abandonar, Pedro lhe respondeu em nome de todos : « E a quem iriamos nós, Senhor? Vós tendes palavras de vida eterna; cremos e sabemos que vós sois o Christo, Filho de Deos. »

CAPITULO QUINTO

TERCEIRO ANNO DO MINISTERIO PUBLICO DE JESUS CHRISTO
DESDE A TERCEIRA ATÉ A ULTIMA PASCHOA

A Chananea. — Indo Jesus pelos confins de Tyro e Sidonia, recorreu a elle uma mulher Chananea dizendo : « Senhor, filho de David, tende piedade de mim, que minha filha é horrivelmente atormentada pelo demonio. » Uma só palavra lhe não deu Jesus, e como os discipulos, para se verem livres das importunações d'ella, intercedessem em seu favor, o Senhor respondeu que fôra mandado ás

velhas desgarradas da casa de Israel. Prostrando-se então a mulher sobre seus pés, o Salvador lhe disse : « Não é bem que eu tire o pão dos filhos para lançal-o aos cães. — Assim é, Senhor, respondeu ella ; mas aos cães é permittido comer as migalhas que caem da meza de seus donos. » — Aqui lhe disse Jesus : « Mulher, grande é a tua fè ; seja-te feito como desejas. » E no mesmo instante ficou curada a mulher.

Promessa feita a S. Pedro. — Percorrendo Jesus os arredores de Cesaréa de Philippe, perguntou um dia a seus discipulos o que elle dizia a gente. Responderam que uns diziam ser o Baptista, outros Elias, outros Jeremias ou algum dos prophetas. « E vós, lhes disse Jesus, quem dizeis que eu seja? — Vós sois, disse Pedro, o Christo, Filho de Deos vivo. — Bemaventurado, lhe tornou Jesus, és tu, Simão, porque nem a carne nem o sangue te revelou o que tu fizés, mas meu Pai que está nos céos. E eu te digo : Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ella ; e dar-te-hei as chaves do reino dos céos, quanto ligares na terra será também ligado no céu, e o que desligares na terra será igualmente desligado no céu. »

Transfiguração de Christo. — Seis dias depois, subiu Jesus com Pedro, Thiago e João ao monte Thabor, e pondo-se em oração, transfigurou-se em presença d'elles. Seu rosto tornou-se resplandecente como o sol, e suas vestiduras brancas como neve, e viram com elle Moysés e Elias, que fallavam do que elle havia de soffrer em Jerusalém. Enlevado em tão magnifico espectáculo, disse Pedro a Jesus : « Senhor, levantemos aqui tres tendas, uma para vós, uma para Moysés e uma para Elias. » Ainda fallava, quando uma nuvem luminosa os envolveu, e da nuvem saiu uma voz que dizia : « Este é o meu Filho muito amado em quem puz todas as minhas commendações ; escutai-o. » Os discipulos aterrados caíram com os rostos em terra ; e Jesus, chegando-se a elles, lhes disse : « Erguei-vos, não temais. » Levantando elles os olhos, não viram senão Jesus. Quando desciam do monte, recommendou-lhes o Senhor que nada vissem do que tinham visto até que o Filho do homem resurgisse dos mortos.

Jesus abençoa os meninos. — Vindo um dia mulheres com seus filhinhos para Jesus impôr-lhes as mãos e orar por elles, foram repellidas pelos discipulos ; mas o Senhor lhes disse : « Deixai vir a mim os meninos, porque para elles é o reino dos céos. » Abençoou-os depois e os abençoou. Disse em outra occasião a seus discipulos : « Se não vos fizerdes meninos, não entrareis no reino dos céos. Quem se humilha como um menino, esse é grande no reino dos céos ; e quem recebe um menino em meu nome, a mim recebe.

Mas quem scandalizar um d'estes pequenos que crêm em mim, mais lhe valera ser lançado no fundo do mar com uma mó ao peçoço. Guardai-vos de desprezar a qualquer d'estes pequenos, pois vos digo que os seus anjos vêm sem cessar a face de meu Pai que está nos céos. »

Perdão das injurias. — Perguntando Pedro a Christo quantas vezes devia perdoar a seu irmão, se sete vezes, respondeu-lhe o Senhor que não só sete, mas setenta vezes sete. E propoz a parabol do rei que, tomando contas a seus servos e achando um que lhe devia dez mil talentos e não tinha com que lhe pagar, mandou que o vendessem, como também sua mulher, seus filhos e quanto possuía; mas o servo, lançando-se a seus pés, supplicou-lhe que esperasse, que pagaria tudo. O rei compadecido perdoou-lhe a dívida. Encontrando porém elle um seu companheiro que lhe devia cem dinheiros, agarrou-o pelo pesçoço, e sem lhe ouvir rogos fel-o encarcerar. Apenas o rei soube isto, chamou o servo deshumano e lhe disse: « Não servo, perdoei-te toda tua dívida, porque me supplicaste: não devias tu também ter piedade de teu companheiro? » E indignado o entregou aos algozes até pagar a dívida inteira. « Assim, disse Jesus, meu Pai celeste vos tratará, se cada um de vós não perdoar bem de coração a seu irmão. »

Missão dos setenta e dous discipulos. — Voltando Jesus da Galiléa para a Judéa, escolheu para ajudar os Apostolos setenta e dous discipulos, que mandou dous a dous diante de si, e lhes disse: « Quem vos ouve a mim ouve, e quem vos despreza a mim despreza. » Voltaram elles mui contentes, dizendo: « Os mesmos demonios em vosso nome, Senhor, nos obedecem. » E Jesus lhes respondeu: « Não vos alegreis por vos obedecerem os demonios; alegrai-vos antes porque vossos nomes estão escriptos no céo. » Convidou então a todos a segui-lo, dizendo: « Vinde a mim, vós todos que soffreis e estais carregados de trabalhos, e eu vos alliviarei. Tomai o meu jugo, e aprendei de mim a ser manso e humilde de coração; e achareis a paz de vossas almas, porque o meu jugo é suave e a minha carga leve. »

Amor do proximo: o bom Samaritano. — Atravessava Jesus a Judéa dirigindo-se para Jerusalem, quando se chegou a elle um doutor da lei para tental-o, dizendo: « Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? — Jesus: Que está escripto na lei? — Doutor: Amarás o Senhor teu Deos de todo teu coração, com todas as forças de tua alma, e o proximo como a ti mesmo. — Jesus: Obra assim, e viverás. — Doutor: Quem é o meu proximo? » Jesus expôz então a parabol do Judeo que foi roubado e deixado por morto na estrada. Passa um sacerdote, passa um levita por elle, sem o

ocorrerem. Vem depois um Samaritano, que compadecido lan-
 çou azeite e vinho nas feridas, ata-as, e leva-o em seu cavallo a
 uma hospedaria, paga adiantado e recommenda que o tratem como
 si proprio. « Qual d'estes, perguntou Christo, pensas ser o proximo
 o ferido? — E' o que usou de misericordia, disse o doutor. — Pois
 ai, lhe tornou Jesus, e obra como elle. »

Maria e Martha. — Chegado Jesus a Bethania, perto de Jeru-
 alem, hospedou-se em casa de Maria e Martha. Em quanto esta pre-
 parava tudo para recebê-lo dignamente, estava Maria aos pés de
 Jesus ouvindo as suas palavras. Queixou-se d'isto Martha e pediu a
 Jesus que mandasse a irmã ajudá-la; mas elle lhe respondeu :
 « Martha, Martha, de muito te occupas e te inquietas, quando uma
 só cousa é necessaria; Maria escolheu a melhor parte, que lhe não
 será tomada. »

O bom pastor. — Veiu Jesus a Jerusalem pela festa dos Taber-
 náculos, e ensinava no templo, dizendo : « Eu sou a luz do mundo;
 quem me segue não anda em trevas. Eu sou o bom pastor; conheço
 as minhas ovelhas, como ellas me conhecem a mim. O bom pastor
 dá a vida por suas ovelhas; o mercenario abandona-as e foge, quando
 vê vir o lobo. Tenho outras ovelhas que estão em outro redil, e é
 mister que as vá buscar; ellas ouvirão minha voz, e não haverá
 mais que um só rebanho e um só pastor. » Para confundir os pha-
 riseos e doutores da lei que tratavam com o maior desprezo os pu-
 blicanos e peccadores que se convertiam attrahidos pela irresistivel
 doutrina do Salvador, disse-lhes : « Qual é o pastor que, tendo cem
 ovelhas, e vindo a perder uma, não deixa as outras noventa e nove
 para correr atrás da que se desgarrou até encontrá-la? E encon-
 rando-a, a toma aos hombros, e de volta a casa, chama seus ami-
 gos e vizinhos, e lhes diz : Alegrai-vos comigo porque encontrei a
 ovelha que estava perdida. Da mesma sorte haverá no céo mais alegria
 por um só peccador que se converte do que por noventa e nove
 justos que perseveram. »

A mulher adúltera. — Os phariseos trouxeram a Jesus uma
 mulher apanhada em adulterio, e lhe disseram : « Esta mulher adul-
 tera, segundo a lei de Moysés, deve ser apedrejada : que dizes tu? »
 Queriam fazê-lo passar ou por inimigo da lei se absolvesse a cul-
 pada, ou por um homem cruel e sanguinario se mandasse apedre-
 já-la. Jesus não respondeu, e inclinando-se pôz-se a escrever no
 chão com o dedo; e como persistissem em interrogá-lo, ergueu-se
 e disse-lhes : « Quem de vós se achar sem culpa, atire-lhe a pri-
 meira pedra; » e continuou a escrever. Foram-se todos retirando
 attonitos da resposta, e quando Jesus ficou só, perguntou á mulher :
 « Onde estão os que te accusavam? Ninguem te condemna? — Não,

Senhor, lhe respondeu ella. — Nem eu tambem te condemnar disse Jesus; vai-te e não tornes a peccar. »

O filho prodigo. — Eis outra parabola que Christo propoz, he consoladora para os peccadores. Tinha um homem dous filhos, e o mais moço pediu-lhe a parte da herança que lhe cabia, e a foi dissipar em devassidões n'um paiz distante. Achando-se sem recursos guardou porcos, e então disse comsigo : « Os servos em casa de meu pai teem pão em abundancia, e eu morro aqui de fome. Vou a meu pai e lhe direi : « Pequei contra o céo e contra vós, não naço e não receo o nome de filho vosso; tratai-me como um de vossos servos. E em dizendo isto, voltou a seu pai. Quando ainda estava longe seu pai o avistou, e compadecido correu a elle, lançou-se-lhe ao pescoço e o beijou, e o filho lhe disse : « Meu Pai, pequei contra o céo e contra vós, não sou digno de ser chamado filho vosso. » Mas o pai disse aos criados : « Trazei-lhe os mais ricos vestidos; e matai uma vitella gorda e matai-a. Regalem-nos e regozijemo-nos pois este meu filho estava morto e resuscitou, estava perdido e achado. » Entretanto chegou do campo o filho mais velho e entristeceu-se, não se tendo nunca feito por elle, que sempre se mostrava bom filho, o que faziam por um ingrato e dissoluto. Ao que o pai respondeu : « Meu filho, tu sempre estiveste commigo, e teu quanto possuo; mas cumpria banquetear-nos por teu irmão que estava morto e reviveu, estava perdido e voltou a casa. »

O não rico e o pobre Lazaro. — Para excitar á caridade e reprimir a avareza, propôz Christo a parabola seguinte : « Havia um homem rico que trajava purpura e linho fino, e dava cada dia muitos banquetes. A' sua porta jazia um mendigo chamado Lazaro, coberto de chagas, a quem regalariam as migalhas que caíam da meza do rico, mas ninguem nada lhe dava. Veiu a morrer o pobre e foi levado pelos anjos ao seio de Abrahão; o rico tambem morreu e foi precipitado no inferno, donde por maior pena via a Lazaro venturoso. « Pai Abrahão, clamava elle, tende piedade de mim; mandai a Lazaro que molhando n'agua a ponta do dedo me venha refrescar a lingua, que horriveis são os tormentos que aqui soffro n'estas chammas. — ABRAHÃO : Meu filho, lhe disse Abrahão, lembra-te que em vida nadaste em riquezas e delicias, e que a Lazaro só lhe couberam males e soffrimentos; justo é pois que elle agora esteja consolado e tu soffras. — Rico : Peço-vos que mandeis Lazaro á casa de meu pai avisar meus cinco irmãos de quanto aqui soffro, a fim que não venham tambem a cair n'este logar de supplicios. — ABRAHÃO : Elles lá teem Moysés e os prophetas; escutem-nos. — Rico : Elles não os escutarão, mas se algum dos mortos lhes fôr advertir, farão penitencia. — ABRAHÃO : Se não escutam a Moysés

e aos prophetas, ainda quando um morto resuscite, não lhe darão mais fé. »

O cego de nascimento. — Passava um dia junto de Jesus um cego de nascimento e os discipulos disseram : « Mestre, é por peccados seus ou de seus pais que elle cegou? — Não cegou por peccados seus, respondeu Christo, nem de seus pais, mas para que n'elle mais se manifeste o poder divino. » E cuspindo em terra fez lodo, com que esfregou os olhos ao cego, e lhe disse : « Vai lavar-te na piscina de Siloé. » E mal se lavou, viu claramente. Os phariseos não quizeram crer que elle tivesse nascido cego e recobrado a vista, e interrogaram os pais, que disseram : « Sabemos que este é o nosso filho que nasceu cego; mas como elle agora enxerga é o que ignoramos. Interrogai-o, elle tem idade para responder. » Dirigiram-se de novo os phariseos ao moço, o qual lhes respondeu : « Cousa pasmosa é que não saibais que é Filho de Deos quem dá olhos a um cego de nascimento, cousa que jámais se ouviu desde que existe o mundo. » Espancaram-no então de si, mas Jesus veio a elle e lhe disse : « Crês no Filho de Deos? — Creio, Senhor, » disse o moço, e prostrando-se o adorou.

Christo ensina a orar. — Saindo de novo Christo de Jerusalem, foi orar em um lugar retirado, e ali um dos discipulos lhe disse : « Senhor, ensinai-nos a orar, como João ensinou a seus discipulos. » Jesus ensinou-lhes então a oração do *Padre nosso*, e acrescentou : « Pedí, e recebereis; buscai, e achareis; batei, e abri-vos-hão. Qual é o homem que dará a seu filho uma pedra, quando lhe pede pão; ou uma serpente, quando lhe pede peixe? Se pois vós que sois peccadores sabeis dar cousas boas a vossos filhos, por quanto mais forte razão vosso Pai celestial vos enviará o bom Espirito aos que lh'o pedirem. »

Parabola do homem rico. — Voltou ainda Jesus a Galiláa, e um dia alguém do meio do povo lhe disse : « Mestre, dizei a meu irmão que reparta commigo da herança que nos coube? — Amigo, lhe respondeu, quem me estabeleceu juiz para fazer vossas parti-lhas? » E dirigindo-se ás turbas, disse : « Acautelai-vos contra a avareza; » e propoz a parabola do homem rico que, não tendo lugar para guardar sua immensa colheita, projectava construir celleiros mais vastos, e se dizia a si : « Como tens agora bens de sobra para muitos annos, descansa, come, bebe, regala-te. » Mas Deos lhe disse : « Insensato, esta mesma noite morrerás, e para quem será o que amontoaste? »

Os dez leprosos. — Voltava Jesus a Jerusalem, quando encontrou dez leprosos que pararam longe d'elle e lhe bradaram : « Jesus, nosso mestre, tende piedade de nós. » E elle lhes disse : « Ide

e mostrai-vos aos sacerdotes: » e elles obedecendo partiram sãos. Um d'elles que era Samaritano voltou glorificando a Deos, e prostrou-se aos pés de Jesus, dando-lhe graças. Então Jesus disse: « Não sararam todos os dez? onde estão os outros nove? Só entrastes se achou um que voltasse e rendesse gloria a Deos, que foi este estrangeiro. Ergue-te e vai-te, que tua fé te salvou. »

O phariseo e o publicano. — Como alguns se reputavam justos e desprezavam os outros, propôz Jesus esta parábola: « Dou-vos homens, um phariseo e outro publicano, subiram ao templo para orar. O phariseo ficou em pé e dizia: « Dou-vos graças, Senhor, não ser como os mais homens que são ladrões, injustos, adulteros nem como este publicano; jejua duas vezes na semana, e pago dizimo de quanto possuo. » O publicano estava n'um canto sem ousar levantar os olhos, e batia nos peitos dizendo: « Meu Deos, tem piedade de mim peccador. » Eu vos digo, este tornou a casa justificada, e não o outro: porque o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado. »

Festa da Dedicção. — Jesus, que viera a Jerusalem para a festa da Dedicção, passeava no portico do templo, quando os Judeos o rodearam para perguntar-lhe: « Até quando nos terás na incerteza? Se és Christo, dize-nos abertamente. » Jesus respondeu: « Juro-vos, e não me crêdes. As obras que faço em nome de meu Pai dão testemunho de mim. Eu e meu Pai somos um só. » N'esta occasião os Judeos tomaram pedras para apedrejal-o; mas Jesus lhes escapou das mãos e passou para a outra banda do Jordão.

Quão difficil é salvar-se os ricos. — Apresentou-se a Jesus um moço rico, e prostrando-se lhe disse: « Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna? — Jesus: Guarda os mandamentos. — Moço: Todos desde a infancia tenho guardado; que mais hei de fazer? — Jesus: Uma cousa te falta ainda. Se queres ser perfeito, vende quanto possues, dá-lo aos pobres, e terás um thesouro no céu; torna depois e segue-me. » O moço foi-se triste, pelo apego que tinha ás riquezas. Jesus disse aos discipulos: « Mui difficil é entrar um rico no céu; é mais difficil do que passar um camello pelo fundo de uma agulha. » Attonitos os discipulos disseram: « Quem poderá salvar-se? » Jesus respondeu: « E' impossivel aos homens, mas não a Deos. » Disse-lhe então Pedro: « E nós que tudo deixámos para seguir-vos, que recompensa teremos? » Jesus respondeu: « Quando no dia da resurreição o Filho do homem se assentar no throno da sua gloria, assentar-vos-heis com elle em doze thronos para julgar as doze tribus de Israel. E qualquer que tiver por mim deixado casa, parentes e possessões, receberá o centuplo e terá por herança a vida eterna. » Propôz Jesus depois a parábola

seguinte : « Um homem saiu de madrugada a buscar obreiros, com quem ajustou o preço para lhe amanharem a vinha ; saiu de novo ás nove horas a buscar outros, outros ao meio dia, ás tres horas, e até a uma hora antes de acabar o dia. Chegada a noite, mandou vir os trabalhadores, e começando pelos ultimos, pagou a todos tanto quanto ajustara com os que vieram de madrugada. Então estes começaram a murmurar ; mas o dono os convenceu que, dando-lhes o jornal ajustado, nada lhes devia, e que era senhor do seu dinheiro para o dar a quem lhe aprovesse. Assim, concluia Jesus, os ultimos serão os primeiros, e os primeiros serão os ultimos : porque muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos. »

Resurreição de Lazaro. — As duas mulheres de Bethania, Maria e Martha, tinham um irmão chamado Lazaro, a quem Jesus muito amava. Tendo elle caído doente gravemente, suas irmãs Martha e Maria mandaram dizer ao Salvador : « Senhor, aquelle a quem quereis tanto está bem doente. » Jesus demorou-se dous dias no lugar onde se achava ; disse depois a seus discipulos : « Voltemos para a Judéa. » Elles porém procuravam dissuadil-o de lá ir, dizendo : « Mestre, ha pouco queriam os Judeos lapidar-vos, e quereis lá voltar ! » Ao que Jesus respondeu : « Nosso amigo Lazaro dorme, e eu vou despertal-o do somno. — Senhor, se elle dorme, ha de sarar. » Jesus então disse-lhes claramente : « Lazaro está morto ; mas alegre-me de não me ter achado junto d'elle, afim que vossa fé se fortaleça. » Quando Jesus chegou a Bethania, Lazaro era já fallecido de quatro dias. Martha saiu ao encontro do Salvador e lhe disse : « Se aqui foreis, Senhor, não morrerá meu irmão ; mas sei que vos concederá Deos quanto lhe pedirdes. — Teu irmão resuscitará, lhe respondeu Jesus. » Martha correu a avisar a irmã. Quando Jesus viu as suas lagrimas e as dos Judeos que as acompanhavam, enterneceu-se até chorar, e disse : « Onde o haveis posto ? » E chegando-se ao sepulchro, mandou arredar a pedra que lhe fechava a entrada. Martha observou que morto de quatro dias o cadaver já cheirava mal. Arredada a pedra, ergueu Jesus os olhos ao céo, e disse : « Graças vos dou, meu Pai, de me terdes ouvido ; que bem sei eu que sempre me ouvís ; mas por este povo o digo, para que creiam que vós me enviastes. » E ditas estas palavras, bradou : « Lazaro, sae do tumulo. » Saiu logo o morto todo atado na mortalha. « Desatai-o, disse Jesus, e deixai-o ir. » Um grande numero de Judeos que presenciaram este prodigio, creram n'elle ; mas os principes dos sacerdotes e os phariseus tiveram conselho para assentarem como haviam de mandal-o matar. Jesus retirou-se com seus discipulos a Ephrem, cidade perto do deserto.

Jesus prediz sua morte e resurreição ; Zacheo. — Entre-

tanto approximava-se a Paschoa e era chegado o tempo em que Jesus devia morrer pela redempção do mundo. Elle disse aos Apostolos: « Vamos agora a Jerusalem, e vai-se cumprir tudo quanto os prophetas escreveram do Filho do homem: será entregue aos principaes dos sacerdotes e aos escribas; elles o condemnarão á morte e o porão nas mãos dos Gentios; e estes o insultarão, cuspir-lhe-hão no rosto, o açoitarão e o crucifearão; mas ao terceiro dia resurgirá. Partiu pois com elles para Jerusalem e passou por Jerichó. Morava ali Zacheo, chefe dos publicanos, homem muito rico, que desejava muito ver a Jesus, e como o tropel era grande e elle pequeno d'estatura, trepou a um sycomoro, e Jesus passando por alli, pô n'elle os olhos e disse: « Zacheo, dá-te pressa a descer, que em tua casa tenho hoje de alojar-me. » Desceu logo Zacheo, e mui contente o acolheu, enquanto outros murmuravam de que fosse alojar-se em casa tão mal reputada. Zacheo convertido disse a Jesus que dava a metade de seus bens aos pobres, e que, se a alguém tinha prejudicado, o resarciria com quatro vezes tanto; ao que o Senhor disse: « Hoje entrou n'esta casa a salvação. » Ao sair de Jerichó deu Jesus vista a dous cegos que gritavam: « Jesus, filho de David, tende compaixão de nós. »

Jesus em Bethania. — De Jerichó passou Jesus a Bethania, comeu em casa de Simão o leproso; estava Lazaro á meza com elle e Martha servia. Chegou-se então a Christo Maria com um vaso de alabastro cheio de perfume precioso, e derramou-lh'o sobre a cabeça e depois sobre os pés, enxugando-os com seus cabellos. Os Apostolos murmuravam, e Judas Iscariotes disse: « Para que tal despendicio? Podia-se ter vendido esse perfume por trezentos dinheiros que seriam dados aos pobres. » Jesus defendeu Maria, dizendo: « Porque affligís esta mulher? O que ella me fez é uma boa acção de antemão embalsamou meu corpo para a sepultura. Tendes sempre pobres convosco; mas a mim não me tereis sempre. Em verdade vos digo, por toda a parte onde se pregar este Evangelho contar-se-ha em seu louvor o que acaba de praticar. »

Entra Jesus triumphante em Jerusalem. — Partiu Jesus no dia seguinte de Bethania, e chegando a Bethphage, villa situada na raiz do monte Olivete, disse a dous discipulos: « Ide a esse povoado fronteiro, onde achareis atado um jumento em que ninguem montou ainda, desatai-o e trazei-o; e se alguém perguntar porque o desatais, dizei-lhe que o Senhor tem d'elle precisão, e voldeixará levar. » Obedeceram os discipulos, trouxeram-lhe o jumento e cobriram-no com seus mantos, e Jesus montou n'elle. Uma multidão immensa de povo que viera a Jerusalem para a celebração da Paschoa saiu ao seu encontro com ramos de palmas; uns estendiam

por terra seus mantos na sua passagem, e outros cortavam ramos de arvores com que juncavam o caminho. E todo o povo, tanto os que iam diante de Jesus, como os que o seguiam, clamavam : « Hosanna ao Filho de David! Bemdito o que vem em nome do Senhor! Hosanna no mais alto dos céos! » Havia alli alguns phariseos que indignados disseram a Jesus : « Mestre, manda calar a teus discipulos. — As pedras clamarão, respondeu, se elles se calarem. » Ao chegar Jesus perto de Jerusalem, chorou sobre esta cidade, dizendo : « Ah! se ao menos n'este dia que te é dado conheceras o que te póde assegurar a paz! Mas teus olhos estão cerrados á luz. Virá tempo em que teus inimigos te cercarão com trincheiras, te porão em aperto, te arrazarão, exterminarão teus filhos, e não deixarão pedra sobre pedra, porque não conheceste o tempo em que o Senhor te visitava. » — Quando Jesus entrou em Jerusalem, toda a cidade se alvorçoou, e perguntavam quem era elle, e as turbas que o acompanhavam respondiam : « E' Jesus, o propheta de Nazareth em Galiléa. » O Salvador dirigiu-se ao templo, donde expulsou os vendedores e compradores, dizendo : « Está escripto : Minha casa é casa de oração, e vós a fizestes espelunca de ladrões¹. » Os principes dos sacerdotes e os escribas, indignados de ouvir-o fallar assim, procuravam meios de mata-lo, mas não ousavam prendel-o em razão do muito povo que o cercava e proclamava seus louvores. Entretanto vieram a elle no templo os enfermos, os cegos, os coixos, e elle os curou a todos. Recomeçaram então os meninos a bradar : « Hosanna ao Filho de David! » Pelo que indignados os principes dos sacerdotes e escribas, lhe perguntaram : « Não ouves o que elles dizem! — Sim, tornou Christo; não lestes esta sentença : Da bocca dos meninos e das crianças de mama tiraste os mais perfeitos louvores? »

As bodas reaes. — Sobre a tarde saiu Jesus de Jerusalem e foi pernoitar em Bethania. Nos dias seguintes voltou á cidade e continuou a ensinar no templo. O que o affligia era o endurecimento dos Judeos. Propôz-lhes pois esta parábola : « Mandou um rei seus criados chamar os que convidara para as nupcias de seu filho, e recusando estes vir, mandou outros criados instar-lhes e advertir-lhes que tudo estava prompto; mas elles não fizeram caso, partindo um para a sua quinta, outro para o seu negocio, e outros

1. O mesmo já praticara Christo no principio do seu ministerio. Que respeito não se deve guardar no logar santo, quando se vê com que severidade trata o Filho de Deos aos profanadores? Foi só contra este abuso que o Salvador se accendeu em santa colera, e todavia tal abuso só era praticado no atrio exterior do templo e sob pretexto do serviço mesmo do culto, pois que os animaes que ali se vendiam eram destinados aos sacrificios.

injuriaram os criados e até mataram alguns. O rei indignado mandou gente armada dar cabo dos matadores; disse depois aos criados que fossem pelas ruas e encruzilhadas chamar para as bodas a quantos encontrassem. Cheia assim a meza de convidados, entrou o rei na sala do banquete, e avistando um homem sem a veste nupcial, perguntou-lhe como viera sem ella, e logo o mandou atar de pés e mãos, e lançal-o nas trevas exteriores, onde só haverá prantos e ranger de dentes. »

O dinheiro de Cesar. — Com o fito de comprometter a Jesus, perguntaram-lhe os phariseos se era permittido pagar tributo a Cesar. Se dissesse que sim, tornar-se-ia odioso ao povo que de máo grado pagava esse tributo; se dissesse que não, passaria por rebelde ao imperador, e como tal seria condemnado á morte. Conhecendo Jesus sua malicia, disse-lhes: « Hypocritas, porque me tentais? Mostra-me a moeda do tributo; » e elles lhe apresentaram um dinheiro. Jesus perguntou: « De quem é esta imagem e inscripção? — De Cesar, disseram. — Dai pois a Cesar, lhes tornou, o que é de Cesar, e a Deos o que é de Deos. » Admirados da resposta, se foram.

O maior dos mandamentos; a esmola da viuva. — Chegou-se a Jesus um doutor da lei e lhe perguntou qual era o maior dos mandamentos; respondeu-lhe o Salvador: « Amarás o Senhor teu Deos de todo teu coração, de toda tua alma, de todo teu espirito e com todas tuas forças: este é o maior e o primeiro dos mandamentos. Ha um segundo que lhe é semelhante: Amarás o teu proximo como a ti mesmo. N'estes dous mandamentos se encerram toda a lei e os prophetas. » — Reparava Jesus no dinheiro que o povo deitava no mealheiro do templo, e vendo uma pobre viuva deitar dous reaes, disse aos discipulos: « Aquella pobre deu mais que os ricos; estes deram do superfluo, e ella deu da sua indigencia quanto possuia. »

Ruina de Jerusalem: fim do mundo. — Quando Jesus saiu do templo, os discipulos admirados da sua magnificencia lhe disseram: « Mestre, olhai que pedras e que fabrica! — Tempo virá, lhes respondeu, que d'esse soberbo edificio não ficará pedra sobre pedra. » Chegado ao monte Olivete, assentou-se com seus discipulos, que lhe disseram: « Dizei-nos quando será essa destruição e quaes os signaes do fim do mundo. » Jesus respondeu-lhes: « Quando virdes um exercito pôr cerco á cidade, sabei que sua ruina está proxima. Quando virdes a abominação da desolação no lugar santo: então o que se achar na Judea, fuja para os montes; o que estiver dentro d'ella, se retire; o que estiver fóra, não entre. A tribulação n'aquelles dias será tal como nunca a houve nem haverá equal. Os Judeos serão passados ao fio da espada, serão levados captivos a to-

dos os paizes, e Jerusalem será calcada aos pés pelos Gentios. » Passando depois a fallar do fim do mundo, disse : « Apparecerão então falsos christos, falsos prophetas que farão grandes prodigios e seduzirão muita gente. As nações levantar-se-hão umas contra as outras; haverá pestes, fomes, terremotos; mas tudo isto não será senão o principio das dôres. Porque, quando o Evangelho fôr pregado a todas as nações da terra, escurecer-se-ha o sol, a lua não dará mais sua luz, cairão as estrellas, abalar-se-hão as bases dos céos. Na terra haverá grande consternação por causa do estrondo horrendo das ondas do mar, e os homens seccarão de susto na expectativa das catastrophes que hão de succeder em todo o universo. Apparecerá então no céu o signal do Filho do homem, e verão vir o Filho do homem sobre as nuvens com grande poder e magestade. Elle enviará seus anjos com trombetas, os quaes reunirão os elcitos dos quatro ventos do mundo. »

Parabolas das dez virgens e dos talentos. — Para avisar-nos que devemos estar sempre preparados para a grande viagem da eternidade, propôz Christo duas parabolas. A primeira é a parabola das dez virgens, que com suas lampadas accesas foram ao encontro do esposo e da esposa para serem da boda. Cinco eram loucas e contentaram-se com accender as lampadas; as outras cinco, que eram prudentes, precaveram-se de azeite para o caso que suas lampadas se apagassem. Tardou o esposo, e umas e outras adormeceram. Pela meia noite ouviu-se um grito : « Eis o esposo, ide ao seu encontro. » Levantaram-se logo todas, prepararam as lampadas, e então as cinco loucas, vendo apagar-se-lhes as suas, pediram azeite ás prudentes, que as enviaram aos tendeiros, e enquanto ellas correram a compral-o, chegou o esposo e entraram com elle na sala do festim as virgens prudentes. Pouco depois chegaram as companheiras, e achando a porta fechada, bateram, dizendo : « Senhor, abri-nos; » mas elle lhes respondeu : « Não vos conheço. » Vigiai pois, concluiu Jesus, que não sabeis o dia nem a hora em que o Filho do homem ha de vir.

Eis a segunda parabola. Um homem tinha de ir a longes terras e deu a seus servos, segundo a capacidade de cada um, diversas quantias de dinheiro a render; e achando quando voltou que tinham feito render o dobro, disse a cada um : « Servo bom e fiel, que em pequenas cousas foste fiel, eu te confiarei grandes cousas; entra na alegria de teu senhor. » Achando porém um que escondera n'um buraco o talento recebido, lh'o tirou e mandou lançar esse servo inutil nas trevas exteriores, onde haverá pranto e ranger de dentes.

Juizo final. — Eis como Jesus Christo fallou do juizo final :

« Quando o Filho de homem vier em todo o esplendor de sua magestade, acompanhado de seus anjos, todas as nações se reunirão perante elle. E elle separará uns dos outros como um pastor separa as ovelhas dos cabritos; e collocará as ovelhas á sua direita e os cabritos á sua esquerda. Então o rei do céo dirá aos da direita : « Vinde, benditos de meu Pai, possuir o reino que vos está preparado desde o principio do mundo : porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era peregrino, e me hospedastes; estava nú, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e viestes a mim. » Os justos admirados lhe perguntarão : « Senhor, quando padeceste vós essas necessidades, e quando vos acudimos nós? — Em verdade vos digo, lhes responderá, o que haveis feito ao menor de meus irmãos, a mim o fizestes. » Dirá depois aos da esquerda : « Ide, malditos, ao fogo eterno que para o diabo e seus anjos está preparado : » dando por motivos da sentença não o terem soccorrido na pessoa de seus irmãos.

CAPITULO SEXTO

ULTIMA PASCHOA; PAIXÃO E MORTE DE JESUS CHRISTO

Céa do Senhor: lava os pés aos Apostolos. — Dous dias antes da Paschoa disse Jesus a seus discipulos : « Sabeis que d'aqui a dous dias é a Paschoa, e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. » Entrou então Satanaz em Judas Iscariotes, que foi ter com os principes dos sacerdotes e os anciãos do povo, e lhes disse : « Que me quereis dar para que eu vol-o entregue? » Prometteram-lhe trinta moedas de prata. Desde esse momento pôz-se Judas a espreitar occasião opportuna para entregar seu mestre sem amotinar o povo. No dia seguinte, primeiro dia dos Azymos, em que devia ser immolado o cordeiro paschal, perguntaram os Apostolos a Jesus onde queria que preparassem a Paschoa. Jesus, dirigindo-se a Pedro e a João, lhes disse : « Ide á cidade, e á sua entrada encontrareis um homem com uma bilha d'agua; segui-o e dizei ao dono da casa onde entrar : O Mestre te manda dizer : Onde poderei comer a Paschoa com meus discipulos? E elle vos mostrará uma sala vasta, e n'ella preparareis o que fôr preciso. » Ao anoitecer pôz-se Jesus á meza com os doze Apostolos, e lhes disse : « Desejei ardentemente comer convosco esta Paschoa antes de padecer; pois d'ella não comerei mais até que seja cumprida no reino de Deos. » — Depois de comerem, levantou-se Jesus da mesa, depôz suas vestes, cingiu uma toalha, deitou agua n'uma bacia e pôz-se a lavar os pés dos Apostolos. Chegando a vez de Pedro, disse-lhe

este : « Vós, Senhor, me lavareis os pés? — JESUS : Não sabes agora o que faço ; sabel-o-has mais tarde. — PEDRO : Jámais consentirei que me laveis os pés. — JESUS : Se t'os não lavar, não terás parte commigo. — PEDRO : Lavai-me, Senhor, não só os pés, mas ainda as mãos e a cabeça. » Depois que lavou os pés a todos os Apostolos, tomou suas vestes, e tornando á meza lhes disse : « Sabeis o que acabo de fazer? Chamais-me Mestre e Senhor, e com razão, porque o sou. Se pois vos lavei os pés, eu vosso Mestre e Senhor, vós deveis tambem lavar-vos os pés uns aos outros : dei-vos o exemplo para que façais como eu vos fiz. »

Instituição da Eucharistia. — Tomou depois Jesus o pão que estava diante d'elle, e rendendo graças a seu Pai abençoou-o, partiu-o e o deu aos Apostolos, dizendo : « Tomai e comei ; este é o meu corpo. » Pegando depois no calis que continha vinho, rendeu igualmente graças, abençoou-o e lh'o deu, dizendo : « Bebei d'elle todos, que este é o meu sangue, sangue da nova alliança, que será derramado por vós e por muitos para remissão dos peccados. Fazei isto em minha commemoração. » Depois de pronunciar estas palavras, Jesus turbou-se e disse : « Em verdade, em verdade vos digo, um de vós me trahirá! » Contristaram-se elles, e cada um perguntou : « Sou eu, Senhor? » Jesus respondeu : « Um de vós doze que mette commigo a mão no prato, me venderá. E' preciso que o Filho do homem vá á morte, como d'elle está escripto ; mas desgraçado de quem o trahir : melhor lhe fôra não ter nascido. » Pedro fez signal a João, o discipulo amado, que estava reclinado sobre o peito de Jesus, de lhe perguntar de qual d'elles fallava ; e Jesus respondeu que d'aquelle a quem dêsse o pedaço de pão que molhasse, e molhando um pedaço, deu-o a Judas Iscariotes. Este ousou tambem perguntar se era elle, e depois da resposta affirmativa do Salvador, cujo corpo e sangue acabava de profanar por uma communhão sacrilega, saiu para ir consummar o crime nefando a que o arrastara insensivelmente a sua avareza : pois era elle o economo, quem trazia a bolsa.

Ultimas instrucções de Jesus Christo. — Jesus dirigiu então aos Apostolos estas affectuosas palavras : « Meus filhinhos, pouco tempo me resta de estar convosco ; mas antes de deixar-vos, eis o mandamento que vos dou : « Amai-vos uns aos outros como eu vos amei ; é por este amor mutuo que todos conhecerão que vós sois meus discipulos. » Ao que Pedro acudiu : « Senhor, aonde ides? — JESUS : Não podes agora seguir-me aonde eu vou, mas um dia me seguirás. — PEDRO : E porque agora não posso seguir-vos? Por vós darei a vida. — JESUS : Darias a vida por mim? Em verdade te digo que esta mesma noite, antes que o gallo cante pela

segunda vez, tu me negarás tres vezes. » E procurando consolar os Apostolos, lhes fallou assim : « Não se perturbem vossos corações. Ha muitas mansões em casa de meu Pai, e eu vou lá apparellhar-vos um logar. Não vos deixarei orphãos; tornarei a vós. Se algum me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e viremos a elle, e faremos n'elle nossa morada. Quando eu lá estiver, pedirei a meu Pai, e elle vos dará outro Consolador, que permanecerá com-vosco eternamente, o Espirito de verdade, o Espirito Santo, que vos ensinará todas as cousas e vos lembrará tudo quanto vos tenho dito. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou. Já pouco fallarei com-vosco, porque ali vem o principe d'este mundo, posto que nenhun outro direito sobre mim tenha senão o que por mim lhe foi dado. » E dito o hymno de acção de graças, saiu e foi com os Apostolos ao monte Olivete.

Agonia de Jesus Christo no monte Olivete. — Encaminhando-se Jesus para o monte Olivete, passou a torrente de Cedron e entrou com os Apostolos no horto ou jardim de uma quinta chamada Gethsemani, e disse-lhes : « Ficai aqui enquanto vou lá orar; » e tomando consigo Pedro, Thiago e João, penetrou mais adentro no horto. Entrou então a tomar-se de grande pavor e afflicção, e lhes disse : « Minha alma é triste até a morte; ficai aqui, velai e orai commigo. » E arredando-se d'elles um tiro de pedra, prostrou-se com a face por terra, e orava dizendo : « Meu Pai, meu Pai, afastai de mim este calis, se é possível; mas não se faça a minha vontade, senão a vossa. » Feita esta oração, veiu a seus discipulos, e achando-os dormindo, disse a Pedro : « Dormes, Simão? Nem sequer uma hora podeste velar commigo? Vigiai e orai para não cairdes em tentação : porque o espirito está prompto, mas a carne é fraca. » Retirou-se e pôz-se de novo em oração, dizendo : « Meu Pai, se não póde este calis passar sem que eu o beba, faça-se a vossa vontade. » Voltou outra vez aos discipulos e achando-os a dormir, deixou-os e orou pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Entrou então em agonia, e lhe veiu um suor como gotas de sangue que chegaram a regar a terra; mas elle orava com mais vehemencia. En'isto lhe appareceu um anjo do céo confortando-o. Voltou por fim a seus discipulos e lhes disse : « Dormi já agora e descansai; chegada é a hora em que o Filho de homem vai ser entregue nas mãos dos peccadores. Levantai-vos, vamos, que já está perto quem me ha de trahir. »

Traição de Judas. — Ainda não havia acabado de fallar, quando chegou Judas Iscariotes com gente armada de espadas e páos e trazendo lanternas e archotes. Judas lhes dera a senha : « Aquelle que eu beijar, esse é; prendei-o. » Chegando-se pois a

Christo, lhe disse : « Eu vos saúdo, Mestre; » e o beijou. Jesus lhe disse : « Amigo, a que vieste? Assim trahes com um beijo o Filho do homem! » Adiantando-se para os soldados, lhes perguntou : « Quem procurais? — Jesus Nazareno, disseram elles. — Eu o sou, » tornou Jesus, e subito cairam todos como fulminados. Perguntou-lhes de novo : « Quem procurais? » e dizendo elles que a Jesus Nazareno, tornou-lhes : « Já vos disse que sou eu; deixai portanto ir estes. » Então elles o prenderam. Perguntaram os discipulos se metteriam mãos ás espadas para o defenderem, e Pedro, desembainhando a sua, cortou a orelha a Malcho, criado do summo sacerdote; mas Jesus lhe disse : « Mette a espada na bainha. Pensas por ventura que, se recorresse eu a meu Pai, não me enviaria logo mais de doze legiões de anjos? Como pois se hão de cumprir as Escripturas? » E tocando na orelha de Malcho, lh'a sarou. Estendeu depois as mãos e deixou-se atar. Os Apostolos então o desampararam e fugiram.

Jesus diante de Annaz e Caiphaz. — Os que prenderam a Jesus o levaram primeiramente a Annaz, sogro de Caiphaz, que era summo sacerdote d'aquelle anno e que dissera aos Judeos que convinha que morresse um homem para salvar o povo inteiro. Annaz o mandou a Caiphaz, que havia reunido em conselho os sacerdotes, doutores da lei e anciãos do povo, afim de acharem um pretexto plausivel para condemnarem Jesus á morte. O summo sacerdote interrogou Jesus acerca de seus discipulos e de sua doutrina, e o Salvador lhe respondeu : « Fallei em publico a todos, sempre ensinei no templo e nas synagogas onde todos os Judeos assistem, e nada disse em segredo. Porque me interrogais? interrogai antes os que me ouviram, elles sabem o que tenho ensinado. » A estas palavras um dos servos de Caiphaz lhe deu uma bofetada dizendo : « Assim respondes ao summo sacerdote? » Jesus lhe tornou : « Se fallei mal, diz-me em que; e se não, porque me feres? » Entretanto tinham os do conselho angariado varias testemunhas falsas para deporem contra Jesus, mas os seus depoimentos não concordavam. Porfim apresentaram-se dous que disseram : « Nós lhe ouvimos dizer que destruiria o templo e em tres dias o reedificaria. » Como Jesus nada respondesse em sua defesa, ergueu-se Caiphaz e lhe disse : « Pelo Deos vivo te adjuro que nos digas se és o Christo, Filho de Deos. » Jesus lhe respondeu em tom solemne : « Sim, eu o sou, e um dia vereis o Filho do homem sentado á destra da magestade de Deos e vindo sobre as nuvens do céu. » Ao ouvir isto, rasgou o pontifice suas vestes dizendo : « Blasphemou! Que necessidade temos de testemunhas? Julgai-o vós que o ouvistes blasphemar. » E todos responderam : « Merece a morte. » Depois d'este

interrogatorio foi Jesus entregue á brutalidade da soldadesca, que lhe fez soffrer toda a sorte de ultrages. Uns lhe escarravam no rosto, outros lhe davam murros, outros vendavam-lhe os olhos, e esbofeteadando-o, lhe diziam por mofa : « Adivinha, Christo, quem te bateu. » E proferiam muitas outras injurias contra elle.

Negação de S. Pedro; desespere de Judas. — Pedro e João haviam seguido de longe a Jesus até a casa do summo sacerdote. Havia no pateo fogo acceso a que se aqueciam os criados e os que prenderam a Jesus. Vendo uma criada do pontifice a Pedro entre os que se aqueciam, perguntou-lhe se elle não era discipulo de Jesus Nazareno. Pedro teve a fraqueza de negal-o até tres vezes diante de todos. N'isto cantou o gallo pela segunda vez, e voltando-se Jesus para Pedro, pôz n'elle os olhos; lembrou-se então Pedro do que lhe predissera Jesus, e retirando-se, chorou amargamente. — Logo que foi manhã reuniram-se de novo em conselho os principes dos sacerdotes, os escribas e os anciãos do povo, e declararam segunda vez Jesus réo de morte. Ao saber isto, arrependeu-se Judas do que fizera e restituiu aos principes dos sacerdotes e anciãos do povo os trinta dinheiros por que vendera a seu Mestre, dizendo : « Pequei entregando o sangue innocente. » Ao que elles responderam : « Que nos importa? Lá te avenhas. » Elle porém atirou no templo o dinheiro, saiu e enforcou-se.

Jesus perante Pilatos e Herodes. — O grande conselho não podia condemnar ninguem á morte, e por isto os principes dos sacerdotes e os anciãos do povo levaram Jesus ao pretorio a Pilatos, que governava então a Judéa. O governador romano lhes perguntou de que o accusavam, e elles disseram que Jesus amotinava o povo, impedia que pagassem tributo a Cesar, e se intitulava Messias e rei. Pilatos entrou no pretorio, e mandando vir Jesus, lhe perguntou : « E's tu o rei dos Judeos? E Jesus respondeu : « Sim, sou rei, mas o meu reino não é d'este mundo. » Pilatos voltou aos Judeos e lhes disse : « Não acho crime algum n'este homem. » Mas elles insistiram, dizendo que Jesus sublevava o povo desde a Galiléa até Jerusalem. Vindo Pilatos a saber que elle era Galileo, e como tal da jurisdicção de Herodes, enviou-o a este principe, que então se achava em Jerusalem por occasião da festa da Paschoa. Herodes alegrou-se muito de ver a Jesus, esperando presenciar algum de seus milagres: fez-lhe pois muitas perguntas, ás quaes Jesus nada respondeu, nem ás accusações dos Judeos. Herodes então o tratou com desprezo, e mandou pôr-lhe por zombaria uma vestidura branca, como se fôra um doudo, e o remetteu assim a Pilatos : donde resultou que Herodes e Pilatos se tornaram amigos, de inimigos que eram.

Jesus flagellado, coroado de espinhos e condemnado á morte. — Vendo Pilatos que Jesus era innocente e que só por odio o tinham trazido os Judeos ao seu tribunal, procurava meio de salvá-o. Era costume dar o governador na festa da Paschoa soltura a um preso á escolha dos Judeos, e havia então no carcere um famoso malleitor por nome Barabbás, que com outros commettera morte n'uma sedição. Dirigindo-se Pilatos ao povo reunido, disse-lhe : « Qual quereis que eu vos solte, Barabbás ou Jesus? » Mas o povo, excitado pelos sacerdotes e anciãos, gritou : « Barabbás. — E que farei a Jesus, tornou Pilatos. — Seja crucificado, clamou o povo. — Mas que mal fez elle? continuou Pilatos. Nada encontro n'elle que mereça morte. Castigal-o-hei e depois o soltarei. — Seja crucificado, » gritava o povo cada vez mais forte. Então Pilatos, para dar de algum modo satisfação ao povo e assim desarmá-lo e movê-lo a sentimentos mais humanos, entregou Jesus aos soldados para que o açoitassem, o que elles executaram com a maior barbaridade, atando-o a uma columna; cobriram-no depois com um manto de purpura, cingiram-lhe a cabeça com uma corôa de espinhos, e nas mãos lhe pozeram uma cana por sceptro, e por zombaria se ajoelhavam diante d'elle, dizendo : « Salve, rei dos Judeos; » lhe davam bofetadas, lhe cuspiam no rosto, e com a cana lhe feriam a cabeça. Ficou Jesus em um estado tão lastimoso que Pilatos persuadiu-se que só a sua vista inspiraria compaixão aos Judeos. Trouxe pois a Jesus fóra e o mostrou ao povo, dizendo : « Eis o homem; » mas o povo gritou como d'antes : « Crucificai-o, crucificai-o; » ao mesmo tempo que os sacerdotes e anciãos bradavam a Pilatos : « Se soltais esse homem, não sois amigo de Cesar, porque todo aquelle que se intitula rei é contra Cesar. » Estas palavras triumpharam da fraqueza do governador; elle mandou vir agua e diante do povo lavou as mãos, dizendo : « Sou innocente do sangue d'este justo. » E o povo bradou : « Cáia seu sangue sobre nós e sobre nossos filhos. » Então Pilatos soltou Barabbás, e lhes entregou Jesus para que o crucificassem.

Jesus no Calvario. — Os soldados encarregados da execução, tiraram ao Salvador o manto de purpura, tornaram a vestil-o com sua roupa, pozeram-lhe aos hombros a cruz em que devia ser crucificado, e o conduziram atravez das ruas de Jerusalem ao monte Calvario ou Golgotha, logar do supplicio. Levaram tambem para serem crucificados com elle a dous ladrões reos de homicidio. Jesus caiu varias vezes sob o peso da cruz, pelo que os soldados obrigaram um certo Simão Cyreneo, que por alli passava, a levar a cruz detraz d'elle. Uma grande multidão de povo e muitas mulheres o acompanhavam chorando e batendo nos peitos. Voltando-se Jesus

para as mulheres, disse-lhes : « Filhas de Jerusalem, não chorcis sobre mim, porém sobre vós mesmas e sobre vossos filhos : que se assim é tratado o madeiro verde, que será do secco? » Chegadas ao cume do Calvario, deram-lhe vinho misturado com fel e myrrha, e tendo-o provado, não quiz beber. Arrancaram-lhe depois os vestidos e o pregaram na cruz ; crucificaram ao mesmo tempo os dous malfeitores, um á sua direita, outro á sua esquerda. Os soldados que o crucificaram repartiram entre si os seus vestidos, e lançaram sorte sobre a sua tunica, que era inconsutil, sem costura. Pilatos mandou collocar no alto da cruz uma inscripção em hebrêo, grego e latim, que declarava a causa da sua condemnação e era concebida n'estes termos : *Jesus Nazareno rei dos Judeos*. Como d'isto se offendessem os principes dos sacerdotes, pediram a Pilatos que não pozesse *rei dos Judeos*, mas sim *que se dizia rei dos Judeos* : ao que elle respondeu : « O que escrevi está escripto. » Jesus na cruz foi alvo dos insultos e blasphemias do povo. Diziam-lhe os passantes abanando as cabeças : « Tu que destróes o templo de Deos e em tres dias o reedificas, salva-te a ti mesmo. Se tu és o Filho de Deos, desce da cruz. » Da mesma sorte os principes dos sacerdotes, os doutores da lei e os anciãos do povo escarneciam d'elle, dizendo : « Elle salvou os outros, e não póde salvar-se a si. Se elle é rei de Israel, o Christo escolhido de Deos, desça agora da cruz, e creremos n'elle. » Mas Jesus orava pelos seus perseguidores, dizendo : « Perdoai-lhes, meu Pai, que não sabem o que fazem. » Um dos ladrões crucificados a seus lados tambem blasphemou : « Se és Christo, salva-te e a nós contigo. » O outro ladrão o reprehendeu : « Não temes a Deos? Quanto a nós, padecemos o que por nossos crimes temos merecido; mas este que mal fez elle? » E recorreu a Jesus : « Senhor, lembrai-vos de mim quando chegardes ao vosso reino. — Em verdade te digo, lhe respondeu Jesus, hoje serás commigo no Paraizo. » — Perto da cruz achavam-se Maria Santissima e João, o discipulo amado. Vendo-os Jesus, disse a sua Mãe : « Mulher, eis teu filho; » e a João : « Eis tua mãe. » E desde aquelle momento João a considerou como sua mãe e a tomou em sua companhia. Pelo meio-dia escureceu-se o sol e as trevas cobriram a face da terra até as tres horas da tarde. Começou então a luta suprema. Assim que Jesus bebesse até as fezes o calis de sua Paixão, seu Pai celestial o abandonou inteiramente, privando-o de toda consolação interior, a ponto de Jesus bradar : « Meu Deos, meu Deos, porque me haveis desamparado? » Disse depois : « Tenho sêde; » e logo um soldado correu a molhar uma esponja em vinagre e lh'a apresentou na ponta de uma cana; e tendo Jesus provado, disse : « Tudo está consummado. » Bradou em seguida com uma voz forte : « Meu Pai.

em vossas mãos encomendo o meu espirito. » E inclinando a cabeça, expirou. — No mesmo instante rasgou-se o véo do templo de alto abaixo, tremeu a terra, fenderam-se as pedras, abriram-se os sepulchros, e muitos santos resuscitaram e appareceram em Jerusalem. O centurião e os soldados que guardavam a Jesus, á vista de tantos prodigios, ficaram mui aterrados e exclamaram : « Verdadeiramente era elle Filho de Deos ! » E todo o povo que assistira a tão commovente espectáculo, voltava a Jerusalem em silencio e batendo nos peitos.

Jesus é sepultado. — Não querendo os Judeos que os corpos dos suppliciados ficassem na cruz no dia do sabbado, pediram a Pilatos que lhes fossem quebradas as pernas e tirados d'alli. Vieram pois os soldados e quebraram as pernas aos dous ladrões, e não a Jesus, por vel-o já morto; mas um d'elles lhe atravessou o lado com uma lança, e d'elle saiu sangue e agua. Já perto da noite, um discipulo encoberto de Jesus chamado José de Arimathéa, homem rico e poderoso, membro do grande conselho, entrou corajosamente no palacio de Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus para sepultal-o, no que Pilatos consentiu. Então José e o senador Nicodemus desceram o corpo de Jesus da cruz e o envolveram com perfumes preciosos em um lençol novo, amortalhando-o ao modo judaico. Havia alli perto um horto e n'elle um sepulchro que José mandara talhar na rocha e ainda não servira, e foi n'elle que collocaram o corpo de Jesus, e fecharam a entrada com uma grande pedra. No dia seguinte foram os principes dos sacerdotes e os phariseos a Pilatos e lhe disseram : « Este impostor quando vivo disse que tres dias depois de morto resurgiria. Mandai pois guardar o seu sepulchro até o terceiro dia, para que não venham os discipulos de noite roubar o corpo e digam depois ao povo que elle resurgiu dos mortos. » Pilatos concedeu-lhes o que pediam, e elles sellaram a pedra do sepulchro e lhe puzeram guardas.

CAPITULO SEPTIMO

RESURREIÇÃO E ASCENSÃO DO SENHOR

Resurreição do Senhor. — Pela madrugada do terceiro dia sobreveiu um grande tremor de terra, e no mesmo instante saiu Jesus vivo e glorioso do sepulchro. Um anjo de rutilante face e nevadas roupas baixou do céu, derribou a pedra do sepulchro, e sentou-se encima; de cuja vista espavoridos os soldados, caíram por terra como mortos. Voltando depois a si, correram á cidade a contar o succedido aos principes dos sacerdotes. Estes lhes deram muito di-

nheiro para que dissessem que de noite, em quanto dormiam, vieram os discipulos e roubaram o corpo. — Na madrugada do mesmo dia, algumas santas mulheres dirigiram-se ao sepulchro levando aromas para embalsamar o corpo de Jesus, e quando lá chegaram, acharam arredada a pedra que fechava a entrada, e entrando no sepulchro, não encontraram o corpo de Jesus. Estavam ellas na maior consternação, quando avistaram dous anjos com refulgentes vestiduras, que lhes disseram : « Não temais. Buscais a Jesus Nazareno a quem crucificaram ; não está aqui, resuscitou como tinha dito. Ide annunciar isto a Pedro e a seus discipulos. »

Jesus apparece a Maria Magdalena, a Pedro e a dous discipulos. — Entre as santas mulheres que foram ao sepulchro achava-se Maria Magdalena. Ella, logo que viu arredada a pedra, sem entrar no sepulchro, correu a Jerusalem a dar parte aos Apostolos. Voltou depois ao sepulchro, e quando entrava n'elle debullhada em lagrimas, viu dous anjos que lhe disseram : « Mulher, porque choras ? — Levaram-me o meu Senhor, respondeu ella, e não sei onde o pozeram. » Em dizendo isto, olhou para traz e viu a Jesus ; tomando-o porém por um hortelão, lhe disse : Se és tu quem d'aqui o tirou, dize-me onde o pozeste. » Disse-lhe Jesus com sua voz bem conhecida : « Maria ! » Então ella o reconheceu, e caindo a seus pés, exclamou : « Meu Mestre ! » Jesus disse-lhe : « Não me toques, que ainda não subi a meu Pai ; mas vai a meus irmãos (os Apostolos) e dize-lhes que eu vou subir a meu Pai e vosso Pai, a meu Deus e vosso Deus. » — No mesmo dia appareceu Jesus a S. Pedro, e tambem a dous discipulos que se dirigiam a Emaús, povoação perto de Jerusalem, com os quaes sentou-se á meza e tomando o pão, benzeu-o, partiu-o e o deu a ambos, e foi então que elles reconheceram a Jesus, que logo desapareceu.

Jesus apparece aos Apostolos reunidos. — Estavam sobre a tarde os Apostolos reunidos em um mesmo lugar, com as portas fechadas por medo dos Judeos, quando de repente appareceu Jesus no meio d'elles e lhes disse : « A paz seja convosco ; sou eu, não tenhais medo. » Assustaram-se os Apostolos, imaginando ver um phantasma, e Jesus, para os socegar, lhes disse : « De que vos assustais ? Olhai minhas mãos e meus pés. Sou eu mesmo ; tocaime e considerai que um espirito não tem carne nem ossos, como em mim vedes ; » e em dizendo isto, lhes mostrou as chagas das mãos, dos pés e do lado. Mas como ainda não acreditassem no que viam, pediu-lhes Jesus de comer, e apresentando-lhe elles um pedaço de peixe assado e um favo de mel, comeu e lhes deu os restos. Disse-lhes depois pela segunda vez : « A paz seja convosco. Como meu Pai me enviou, eu vos envio. » E soprando sobre elles, acres-

centou : « Recebei o Espirito-Santo. Serão remettidos os peccados a quem vós o remettirdes, e retidos a quem os retiverdes. » Thomé estava ausente quando Jesus appareceu aos Apostolos, e quando estes lhe contaram que tinham visto o Senhor, disse : « A não ver nas suas mãos os signaes dos cravos, e a não metter o meu dedo nas aberturas d'elles, e a minha mão na chaga do seu lado, não creio. » Passados oito dias, achando-se Thomé com os mais Apostolos reunidos no mesmo lugar, entrou Jesus apezar das portas fechadas, e os saudou : « A paz seja convosco. » Dirigindo-se depois a Thomé, lhe disse : « Repara nas minhas mãos e mette aqui o teu dedo ; chega a tua mão, mette-a no meu lado aberto, e não sejas mais incredulo, porém fiel. » Thomé lançou-se a seus pés, exclamando : « Meu Senhor e meu Deos ! — Thomé, lhe disse Jesus, creste porque viste ; bemaventurados os que não viram e creram ! »

Jesus confere a Pedro o cargo de supremo pastor. — Tinham ido os Apostolos, por ordem do Senhor, de Jerusalem á Galiléa. Appareceu-lhes lá um dia Christo na praia do lago de Genezareth, e depois de uma pesca milagrosa, comeu com elles. Quando acabaram de comer, disse Christo a Pedro : « Simão, filho de João, amas-me tu mais que estes ? — Senhor, respondeu Pedro, bem sabeis que eu vos amo. — Apascenta os meus cordeiros, lhe tornou Christo. » Perguntou Jesus segunda vez : « Simão, filho de João, amas-me ? — Senhor, bem sabeis que eu vos amo, tornou a responder Pedro. — Apascenta os meus cordeiros, » lhe disse de novo Jesus. E fazendo-lhe o Senhor terceira vez a mesma pergunta, Pedro contristado de que seu Mestre parecia duvidar do seu amor, lhe disse : « Senhor, vós conheceis tudo e sabeis que eu vos amo. » Jesus lhe tornou : « Apascenta as minhas ovelhas. » Foi assim Pedro estabelecido pastor supremo de todo o rebanho de Jesus Christo.

Promessa do Espirito Santo ; segunda missão dos Apostolos ; ascensão do Senhor. — Christo appareceu assim frequentes vezes a seus Apostolos depois de resuscitado, e lhes fallava do reino de Deos, isto é, de tudo o que era concernente á fundação e ao governo da sua Igreja. No quadregésimo dia depois da sua resurreição, manifestou-se Jesus pela ultima vez em Jerusalem a todos os seus Apostolos, e ordenou-lhes que esperassem em Jerusalem a vinda do Espirito Santo. « Dentro em poucos dias, lhes disse, baixará o Espirito Santo sobre vós, e d'elle recebereis a força para dardes testemunho de mim em Jerusalem, em toda a Judéa e Samaria, e até as extremidades da terra. » Proferidas estas palavras, Jesus os conduziu ao monte Olivete, e lhes disse : « Todo o poder me foi dado no céo e na terra. Ide pois e ensinai a todas as nações

e povos, baptizando-os em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, e ensinando-os a guardar tudo o que vos mandei. Eu serei sempre convosco até a consummação dos seculos. Ide por todo o mundo e pregai o Evangelho a todas as creaturas. Aquelle que crer e fôr baptizado, será salvo; quem não crer, será condemnado. » Ergueu depois Jesus as mãos, abençoou os Apostolos, e emquanto os abençoava, separou-se d'elles e subiu ao céu, onde está sentado á direita de Deus Padre. Elles oram seguindo com a vista, e continuavam a olhar para o céu, mesmo depois que uma nuvem o tinha escondido a seus olhos, quando dous anjos vestidos de branco lhes appareceram e disseram : « Varões de Galilea, porque estais a olhar para o céu? Este Jesus que em vossa presença se elevou ao céu, assim virá um dia como o vistes subir. » A estas palavras, prostraram-se os Apostolos, adoraram a Jesus e voltaram a Jerusalem, louvando e bendizendo a Deus.

CAPITULO OITAVO

HISTORIA DOS APOSTOLOS

Eleição de S. Mathias em lugar de Judas. — Depois da Ascensão de Jesus Christo, voltaram os Apostolos a Jerusalem e se retiraram no cenaculo a orar em companhia da Santissima Virgem, de outras santas mulheres e de grande numero de discipulos. O primeiro acto dos Apostolos reunidos debaixo da autoridade de S. Pedro, que ficou sendo o chefe visivel da Igreja, foi escolher um novo Apostolo para preencher o lugar de Judas Iscariotes. Puzeram-se todos em oração para que Deus fizesse conhecer a sua vontade, e a sorte designou a Mathias, que foi associado aos onze Apostolos.

Descida do Espirito Santo. — No dia de Pentecostes, isto é, dez dias depois da Ascensão do Senhor, achando-se os Apostolos e os discipulos reunidos no cenaculo, eis que de repente ouviu-se um grande ruido como de um vento impetuoso que vinha do céu e que encheu toda a casa; e ao mesmo tempo appareceram no ar linguas de fogo que pousaram sobre as cabeças dos Apostolos e dos discipulos. Ficaram todos cheios do Espirito Santo e começaram a fallar differentes linguas.

Primeira pregação. — Havia então em Jerusalem Judeos de todas as nações, que tinham vindo para a festa. Ao ouvir aquelle grande ruido acudira immenso povo á casa onde estavam os Apostolos e ficaram todos pasmados de ouvir-lhes fallar suas diversas linguas. Então Pedro saiu do cenaculo com os outros Apostolos, e fallou ao povo, lembrando-lhe os prodigios operados por Jesus

Christo, e terminou dizendo : « Saiba pois toda a casa de Israel que Deos fez Senhor e Christo a esse Jesus que haveis crucificado. » N'este primeiro sermão converteram-se tres mil pessoas. Pedro e João foram depois ao templo, e encontrando á porta um paralytico de nascimento que lhes pediu esmola, Pedro lhe disse : « Não possuo ouro nem prata, mas o que tenho, t'o dou : em nome de Jesus de Nazareth, levanta-te e caminha. » E no mesmo instante o pobre ergueu-se, entrou com os dous Apostolos no templo e pôz-se a louvar a Deos. Tendo este milagre attrahido muito povo, Pedro aproveitou o ensejo de lhe dirigir de novo a palavra, e converteram-se d'esta vez cinco mil pessoas. Então os sacerdotes e anciãos do povo mandaram prender os dous Apostolos e os fizeram comparecer no dia seguinte perante o grande conselho da nação, e ali prohibiram-lhes que pregassem e ensinassem em nome de Jesus, ao que elles responderam com firmeza : « Julgai vós mesmos se é justo obedecer antes ás vossas ordens do que ás de Deos, pois não podemos deixar de fallar do que vimos e ouvimos. » Os juizes tomaram o partido de dar-lhes soltura, por medo que tinham de irritar o povo se os castigassem.

Ananias e Saphira. — Os primeiros Christãos viviam todos na maior harmonia, não tendo seuão um mesmo coração e uma mesma alma; nada possuíam em proprio. Os ricos vendiam voluntariamente os seus bens e vinham trazer o dinheiro aos Apostolos para ser distribuido a cada um segundo suas necessidades. Ananias e Saphira, tendo vendido um campo que lhes pertencia, guardaram parte do dinheiro que por elle receberam, e Ananias levou o resto aos Apostolos, affirmando ser o preço total do campo. « Ananias, lhe disse Pedro, não eras livre de guardar o preço total do campo? Mentiste, não aos homens, mas a Deos. » E ouvindo estas palavras, caiu Ananias ferido de morte, e levaram-no para o sepultar. Sua mulher, não sabendo do occorrido, mentiu da mesma fórma e recebeu de Deos o mesmo castigo.

Os Apostolos na prisão. — O numero dos fieis crescia de dia para dia, á vista dos milagres que continuamente operavam os Apostolos, e particularmente Pedro, cuja sombra bastava para curar os enfermos que o povo expunha nas ruas por onde elle devia passar. Os principes dos sacerdotes exasperados mandaram prender os Apostolos; mas durante a noite veiu um anjo e lhes abriu as portas da prisão, dizendo : « Ide ao templo e annunciai ao povo as palavras de vida que vos foram ensinadas. » Na manhã seguinte estavam elles já no templo a pregar, pelo que foram de novo presos e levados perante o sanhedrim ou grande conselho, e ahí Pedro confessou em nome de todos os Apostolos a fé de Jesus Christo. O sa-

nhedrim, indignado de tanta coragem e firmeza, deliberou se con-vinha mandar matal-os. Então Gamaliel, um dos doutores da lei, disse : « Deixai essa gente, que, se a sua empreza é obra dos ho-mens, cairá de si mesma; mas se é obra de Deos, de balde procura-reis destruil-a. » O sanhedrim abraçou este parecer, e depois de mandar açoutar os Apostolos, pôl-os em liberdade. Elles saíram ju-bilosos de haverem soffrido pelo nome de Jesus.

Os sete diaconos; martyrio de S. Estevão. — Tendo-se tornado mui consideravel o numero dos fieis, disseram-lhes os Apostolos que escolliessem sete pessoas de reconhecida probidade para se incumbirem da distribuição das esmolas, afim que elles Apostolos podessem entregar-se inteiramente ao ministerio da pa-lavra. Foram assim eleitos sete diaconos, um dos quaes era Estevão, que fazia grandes milagres por causa de sua grande fé. Como elle pregava com muita força e ninguem podia resistir ao Espirito que fallava pela sua boca, accusaram-no de blasphemia perante o sanhe-drim. Estevão representou com que amor havia Deos sempre tratado o povo de Israel e como este se mostrara constantemente ingrato e rebelde, e concluiu dizendo : « Homens de dura cerviz, resistis sempre ao Espirito Santo, e não differís de vossos pais : elles per-seguiram e mataram os prophetas que annunciavam a vinda do Messias; mas vós haveis trahido e morto o mesmo Messias; » e como elles bramiam de raiva, Estevão levantou os olhos ao céo e exclamou : « Vejo os céos abertos e o Filho do homem á direita de Deos ! » Então elles, tapando os ouvidos e soltando grandes gritos, lançaram-se furiosos a elle e o arrastaram fôra da cidade para o apedrejarem. Estevão pôz-se de joelhos e disse em alta voz : « Meu Deos, não lhes imputeis este crime. » E tendo dito estas palavras, dormiu no Senhor.

Conversão de S. Paulo. — Entre os que haviam pedido a morte de Estevão notava-se um phariseo chamado Saulo, que se mostrava um dos inimigos mais encarniçados dos discipulos de Jesus. Era elle natural de Tarso, colonia romana na Cilicia, e portanto cida-dão romano. Indo a Damasco para perseguir os Christãos, viu-se de repente no caminho cercado de uma luz celeste mais brilhante que a do sol, e caíndo do cavallo em que ia montado, ouviu uma voz que lhe dizia : « Saulo, Saulo, porque me persegues? — Quem sois vós, Senhor, perguntou Saulo. — Eu sou, respondeu a voz, Jesus Nazareno a quem persegues. » Tremulo e aterrado, disse Saulo : « Que quereis, Senhor, que eu faça. — Levanta-te, foi-lhe respon-dido, entra na cidade, e lá se te dirá o que has de fazer. » Quando levantou-se, estava cego, e então os companheiros o conduziram a Damasco, onde um discipulo chamado Ananias, por ordem que re-

chebera do céo, foi ter com elle, restituiu-lhe a vista e o baptizou. Elle partiu de Damasco pregando a Jesus Christo a quem viera perseguir, e tornou-se sob o nome de Paulo um dos maiores Apostolos. Sua principal missão foi converter os Gentios, aos quaes acabava Pedro de abrir as portas da Igreja na pessoa do centurião Cornelio, conferindo-lhe o baptismo. Paulo, antes de começar suas grandes viagens apostolicas, veio a Jerusalem apresentar-se a Pedro; percorreu depois a Syria e a Cilicia, e propagou o Christianismo em Antiochia, onde os fieis começaram a chamar-se *Christãos*.

Martyrio de S. Thiago Maior; prisão de S. Pedro. — Por esse tempo foi a Igreja de Jerusalem cruelmente perseguida (44.) Herodes Agrippa, que se tornara rei da Judéa pelo favor do imperador Caligula, desejando agradar aos Judeos, começou a perseguir os Christãos, mandou cortar a cabeça a Thiago, irmão de João, e prender a Pedro, a quem queria mandar matar publicamente depois da festa da Paschoa. A Igreja orava sem interrupção pelo seu supremo pastor, e eis que na vespera do dia em que devia ser martyrisado, foi milagrosamente tirado da prisão por um anjo. O perseguidor morreu d'ahi a pouco devorado de bichos.

Trabalhos apostolicos de S. Paulo. — Paulo embarcou-se com Barnabé para a ilha de Ghypre, onde converteu o proconsul Sergio Paulo, e foi então que trocou o nome de Saulo pelo de Paulo. Passou depois com Barnabé ao sul da Asia Menor, cujos povos quizeram ora apedrejal-os, ora adoral-os como deoses. D'alli voltou Paulo a Antiochia e depois a Jerusalem, onde se celebrou o primeiro concilio (51,) que decidiu não se dever impôr a circuncisão aos Gentios convertidos, por não ser necessaria á salvação. Depois do concilio, separou-se Paulo de Barnabé e percorreu com zelo infatigavel a Syria e quasi todos os paizes da Asia Menor (a Cilicia, a Lycaonia, a Phrygia, a Galacia, a Bithynia, a Mysia.) Chegando por fim á Troada, como estivesse indeciso sobre o caminho que devia seguir, teve uma visão, em que lhe appareceu um homem vestido á mancira dos Macedonios, que lhe disse: « Passa á Macedonia e soccorre-nos. » Obedeceu logo Paulo á ordem do céo, e partiu para a Macedonia com Silas, Lucas e Timotheo. Chegando a Philippes, livrou uma pythionissa do poder do demonio, e foi por isto açoitado e posto a ferros; mas Deos o livrou milagrosamente. Fundou em seguida as Igrejas de Thessalonica e de Berea, e foi depois a Athenas, onde annunciou diante do Areopago o Deos desconhecido, e converteu entre outros a Dionisio Areopagita. De Athenas passou a Corintho, onde se demorou anno e meio, e escreveu d'ahi duas epistolas aos Thessalonicenses. Voltou a Antiochia, passando por Epheso; visitou outra vez a Asia Menor, e d'ahi tornou a Epheso. Demorou-

se n'esta cidade cerca de tres annos, e tendo ali sabido as dissensões que haviam surgido no meio dos Corinthios e dos Galatas, escreveu-lhes para pôr termo ás controversias que os agitavam. Tornou a visitar as Igrejas da Macedonia, expediu uma segunda epistola aos habitantes de Corinto, e foi em pessoa a esta cidade abafar todas as sementes de discordia que o espirito das trevas n'ella espallhara. De Corinto escreveu Paulo aos Romanos. De volta a Jerusalem foi Paulo muito perseguido pelos Judeos, de cujas mãos o arrancou o tribuno Lysias. Levado a Cesaréa, compareceu perante os governadores romanos Felis e Festo e diante do rei Agrippa. Usando dos direitos que lhe conferia sua qualidade de cidadão romano, appellou Paulo para Cesar, e foi por isto remettido a Roma n'um navio que naufragou nas costas de Malta. Foi emfim absolvido em Roma, onde passou dous annos com S. Pedro, fazendo milagres e pregando o Evangelho até no palacio do imperador. De Roma escreveu Paulo aos Ephesios, aos Colossenses, aos Philippenses e aos Hebreos. Visitou ainda uma vez as Igrejas do Oriente, e regressando a Roma, foi involvido na perseguição de Nero contra os Christãos, e como era cidadão romano, foi decapitado : isto aconteceu no mesmo dia em que S. Pedro soffreu o martyrio (29 de junho do anno 67.)

Trabalhos apostolicos de S. Pedro. — A Sagrada Escrip-tura é menos noticiosa acerca das missões do principe dos Apostolos do que sobre as missões de S. Paulo; parece que o Espirito Santo que a dictou quiz especialmente fazer sobresair pelos factos a sua primazia de honra e de jurisdicção. Assim vemos a Pedro á testa de todos os negocios importantes : elle preside á eleição do Apostolo Mathias; é o primeiro que abre as portas da Igreja aos Gentios baptizando o centurião Cornelio; Paulo depois da sua conversão vai a Jerusalem apresentar-se a Pedro; é Pedro quem preside o primeiro concilio reunido em Jerusalem; e é sempre elle quem os Evangelistas nomeam em primeiro logar. — Quanto aos seus trabalhos apostolicos, sabemos que elle fundou a Igreja de Jerusalem e que lhe deu por bispo a Thiago Menor; estabeleceu depois a sua séde em Antiochia, capital do Oriente; evangelizou depois successivamente o Ponto, a Cappadocia, a Galacia, a provincia d'Asia e a Bithynia. Tendo-se o reino de Christo estendido tanto no Occidente como no Oriente, transferiu Pedro sua sé de Antiochia para Roma, capital então do mundo. Durante 25 annos fez Pedro frequentes viagens de Roma a Jerusalem e de Jerusalem a Roma, para defender, sustentar e governar a Igreja universal, de que era chefe e pastor. Por ultimo alcançou na capital do mundo christão a gloria do martyrio no mesmo anno e dia que o Apostolo S. Paulo, sendo

crucificado no monte Janiculo com a cabeça para baixo, como pedira por humildade e por respeito a seu divino mestre.

Missão dos outros Apostolos. — Foi pelo anno 40 da era christã que os Apostolos se separaram para irem pregar o Evangelho por todo o mundo, havendo antes composto o credo, que é como a substancia da fé christã. S. André, irmão de S. Pedro, foi evangelizar a Scythia, o Epiro e a Thracia, passou depois á Achaia, onde foi crucificado em Patras por ordem do proconsul romano. — S. Philippe pregou o Evangelho na Phrygia e morreu em Hierapolis. — S. Thomé levou a fé aos Parthos e recebeu o martyrio na India. — S. Bartholomeu evangelizou a India, a Lycaonia, e foi martyrizado na Armenia, sendo segundo uns crucificado, segundo outros esfolado vivo. — S. Thiago Maior foi, como já dissemos, decapitado em Jerusalem por ordem de Herodes Agrippa. — S. Thiago Menor foi o primeiro bispo de Jerusalem, cuja Igreja regeu por 29 annos com admiravel sabedoria, sendo por fim precipitado pelos Judeos do alto do templo, enquanto glorificava a Jesus Christo. — S. Judas Thadeo e S. Simão Chananeo pregaram a fé na Mesopotamia, Arabia, Syria, Idumea e Libya, e foram martyrizados na Persia. — S. Matheos evangelizou a Ethiopia e foi martyrizado tambem na Persia. — S. Mathias, que succedeu a Judas Iscariotes, percorreu a Cappadocia, o Ponto-Euxino, e alcançou a palma do martyrio na Colchida.

Apostolado de S. João Evangelista. — S. João Evangelista sobreviveu a todos os Apostolos, não porque elle faltasse ao martyrio, senão porque o martyrio faltou a elle. Preso, açoutado por ordem dos principes dos sacerdotes, não cessou jámais de annunciar Aquelle de quem fôra o discipulo amado. Os Judeos espalhados pelas margens do Euphrates e do Tigre ouviram sua voz; passou depois á Asia Menor e ahi fundou todas as Igrejas da Ionia, excepto a de Epheso onde achou a Timotheo estabelecido bispo por S. Paulo. Nesta cidade fixou sua residencia com Maria Magdalena e com a Santissima Virgem, que fôra confiada do alto da Cruz á sua ternura filial. Levado a Roma durante a perseguição de Domiciano, saiu illeso de uma caldeira de azeite fervendo, perto da porta Latina, onde hoje se eleva em sua honra a basilica de S. João de Latrão. Foi então desterrado para a ilha de Patmos, onde escreveu o Apocalypse. Voltando para Epheso depois da morte de Domiciano, achou S. João aquella Igreja viuva de seu bispo, e a governou perto de tres annos. Foi então que escreveu o seu Evangelho como uma resposta aos heresiarchas que negavam a divindade de Jesus Christo. S. João escreveu ainda tres epistolas que respiram o amor de que o seu coração estava abrazado. Na idade de perto de cem annos,

quando já não podia pregar aos fieis, fazia-se transportar á igreja n'uma cadeira, e contentava-se com dizer : « Meus filhinhos, amai-vos uns aos outros. » E como seus discipulos se queixassem de ouvir-lhe repetir sempre as mesmas palavras, respondeu-lhes : « N'isto se resumem todos os preceitos do Senhor. »

CAPÍTULO NONO

HISTORIA DO POVO JUDEO DESDE A MORTE DE JESUS CHRISTO ATÉ A SUA INTEIRA DISPERSÃO

Os Judeos no reinado de Herodes Agrippa I. — Na morte de Jesus Christo, governavam ainda partes da Judéa dous filhos de Herodes o Grande, a saber, Herodes Antipas e Philippe. Vindo este a morrer sem posteridade (anno 56), as provincias que governava foram reunidas á Syria. Herodes Antipas, ficando só, foi a Roma para pedir o titulo de rei; mas o imperador Caligula o havia já prometido a um neto de Herodes o Grande, ao joven Herodes Agrippa. Este conseguiu fazer desterrar o seu competidor e tomou posse do throno no anno 59. Pouco tempo depois mandou Caligula collocar sua propria estatua no templo de Jerusalem para ser adorada em lugar de Jehovah. Resistiram porém os Judeos com coragem, e Agrippa escreveu ao imperador uma carta contendo timidas representações, que lhe teriam comtudo custado a vida, se o tyranno romano não tivesse sido assassinado. Herodes Agrippa I morreu em Cesaréa devorado de bichos no meio de horriveis dores de entranhas, no anno mesmo em que mandara cortar a cabeça a S. Thiago Maior e carregar de ferros a S. Pedro (44).

Os Judeos no reinado de Herodes Agrippa II: tomada de Jerusalem por Tito. — Herodes Agrippa II, filho do precedente, contava apenas 17 annos quando seu pai morreu. Sendo muito moço para reinar, ficou em Roma, e foram mandados á Judéa governadores romanos que alli exerceram um poder tyrannico. Na morte de Herodes, rei de Chalcis (49), que tambem recebera uma parte da administração d'aquella provincia, Herodes Agrippa II, seu sobrinho, entrou na posse de todo o reino. Não escapou ao odio profundo que os Judeos nutriam contra a dominação romana; verdade é que elle o provocou construindo um palacio tão elevado que dominava o atrio interior do templo; e enquanto elle procurava apaziguar uma das frequentes revoltas do povo, foi por elle assaltado ás pedradas e expulso de Jerusalem. Retirou-se então para junto do governador Cestio Gallo, que se uniu a elle contra a cidade santa. A Galiléa ligou-se com a Judéa para a resistencia. No anno 67 che-

gou Vespasiano e em dous annos assenhoreou-se do paiz e de todas as cidades, á excepção de Jerusalem. Esta grande cidade resistiu e lutou a principio com vantagem ; mas devia infallivelmente perecer pelas dissensões que n'ella reinavam. Vespasiano, tendo sido proclamado imperador, voltou a Roma (69), e entregou a seu filho Tito o commando do exercito com ordem de exterminar os Judeos. Tres flagellos o favoreceram successivamente : um incendio devorou as provisões de trigo, e bem depressa no meio d'aquella multidão innumeravel de Judeos que a solemnidade da Paschoa havia atraído a Jerusalem, a fome foi tal que viram-se mãis comerem seus proprios filhos. Seguiu-se emfim a peste, proveniente da putrefacção de monções de cadaveres insepultos. Entretanto Tito, senhor já de uma parte da cidade, mandou attacar o templo e pôr fogo ás portas, ordenando porém que se conservasse o corpo do edificio ; mas um soldado romano lançando mão de um tição acceso, o atirou por uma janella dentro do templo, e o fogo se communicou logo a todas as partes do edificio e o consumiu inteiramente, por mais esforços que fizesse Tito para combater o incendio. Elle salvou o candelabro de sete braços, a mesa dos pães de proposição e o altar dos perfumes, que eram de ouro e serviram de ornamento ao seu triumpho. Apesar da destruição do templo, os Judeos refugiados na cidade alta, resistiram ainda um mez, vindo ella tambem a cair em poder dos Romanos (70). Os vencedores mataram a quantos encontraram na cidade e pozeram tudo a ferro e fogo : assim cumpriu-se a prophesia de Jesus Christo. O proprio Tito declarou que aquella conquista não era obra sua, e que elle só fôra instrumento da divina vingança. Pereceram n'este cerco mais de um milhão e cem mil Judeos.

Inteira dispersão dos Judeos no reinado de Adriano. —

Tão horroroso desastre não abriu os olhos aos obstinados Judeos ; mais que nunca esperavam com impaciencia o Messias libertador que os devia livrar do jugo dos Romanos, e continuaram a morar no meio das ruínas de Jerusalem. O imperador Elio Adriano mandou levantar ali uma nova cidade a que deu o nome de *Elia Capitolina*, e erigiu um templo a Jupiter Capitolino no local do antigo templo de Jehovah ! Tamanha profanação sublevoou os restos da malfadada nação. Reunidos sob o commando de um aventureiro que se intitulava Barcochebas (filho da estrella) e se fazia passar pelo Messias, pegaram de novo em armas contra os Romanos. N'esta luta desesperada que durou tres annos pereceram seis centos mil Judeos. Finalmente ficou Adriano vencedor no anno 136, e para prevenir novas revoltas, prohibiu a entrada em Jerusalem a todos os Judeos. Ficou assim consummada a ruina da nação judaica, que, dispersa

desde então por toda a terra, subsiste como um testemunho vivo do cumprimento das prophcias e da verdade da religião christã.

CAPITULO DECIMO

DAS PERSEGUIÇÕES CONTRA OS CRISTÃOS; TRIUMPHO DO CHRISTIANISMO.

Das perseguições em geral. — A religião christã foi desde o primeiro seculo levada a todas as partes do mundo conhecido dos antigos, mas não se estabeleceu em nenhum paiz sem grandes contradicções. Por toda a parte foi perseguida e teve de triumphar das potencias humanas que se lhe oppunham. Os supplicios mais horribes que a crueldade mais refinada podia inventar, foram debalde empregados contra os Christãos. As perseguições eram de ordinario suscitadas pelos edictos dos imperadores romanos e pelo odio particular dos magistrados, e ás vezes tambem pela sublevação dos povos.

As dez perseguições; principaes martyres. — Contam-se dez perseguições principaes contra os Christãos nos tres primeiros seculos até a conversão de Constantino.

1º A primeira perseguição contra os Christãos foi ordenada por Nero, o mais malvado e cruel de todos os imperadores romanos, o qual imputou aos Christãos um horrivel incendio que consumiu a maior parte da cidade de Roma. Entre os principaes martyres d'esta perseguição contam-se os Apostolos S. Pedro e S. Paulo. Este, em sua qualidade de cidadão romano, foi decapitado, ao passo que S. Pedro foi condemnado ao supplicio da cruz, e a seu pedido o crucificaram com a cabeça para baixo, por se julgar elle indigno de morrer do mesmo modo que o seu divino Mestre. S. Marcos Evangelista soffreu o martyrio em Alexandria; S. Gervasio e S. Protasio em Milão. Esta perseguição durou desde o anno 64. até 68.

2º A segunda perseguição occorreu no reinado do imperador Domiciano e durou do anno 91 a 96; foi ordenada por haverem os Christãos recusado pagar um imposto estabelecido pelo imperador para a reconstrucção do templo de Jupiter Capitolino. Esta perseguição é celebre pelo supplicio de S. João Evangelista, que foi lançado perto da porta Latina em Roma n'uma caldeira de azeite fervendo, da qual saiu milagrosamente illeso, e foi depois desterrado para a ilha de Pathmos, onde escreveu o seu Apocalypse. Cita-se entre as outras victimas d'esta perseguição o consul Flavio Clemente, primo de Domiciano.

3º A terceira perseguição teve logar no reinado de Trajano, pelo

anno 100. Este imperador não promulgou edicto algum particular contra os Christãos; mas tinha prohibido as assembléas secretas, e d'ahi tomaram os governadores das provincias occasião de perseguirem os Christãos que se reuniam para orar. Os martyres mais illustres d'esta 5ª perseguição foram S. Simeão, bispo de Jerusalem e proximo parente de Jesus Christo, que contava 120 annos; e S. Ignacio, bispo de Antiochia, que foi condemnado a ser devorado pelas feras em Roma.

4º A quarta perseguição foi ordenada pelo imperador Marco Aurelio no anno 162. Os martyres mais celebres foram : em Roma, S. Justino, que dirigira duas eloquentes apologias da religião christã, uma ao imperador Antonino, outra a Marco Aurelio; em Smyrna, S. Polycarpo, que foi queimado vivo; em Lyão, S. Pothino, primeiro bispo d'esta cidade.

5º A quinta perseguição foi movida pelo imperador Septimio Severo no anno 202. Entre os principaes martyres que n'ella morreram citam-se S. Irenêo, bispo de Lyão, e Santa Perpetua e Santa Felicidade, ambas martyrizadas em Carthago.

6º A sexta perseguição começou em 255 no reinado de Maximino, foi dirigida sobretudo contra os bispos e os padres.

7º A septima perseguição, uma das mais violentas, foi ordenada por Decio em 249. O imperio tinha soffrido grandes desastres, e os pagãos os attribuiam á colera dos deoses irritados pelos progressos do Christianismo. Entre os confesores de Christo contam-se tres papas, S. Fabiano, S. Cornelio e S. Lucio.

8º O autor da oitava perseguição foi o imperador Valeriano, que ordenou no anno 257. N'ella morreram gloriosamente por Christo papa S. Sixto, o diacono S. Lourenço e o eloquente doutor S. Hippriano, bispo de Carthago.

9º A nona perseguição começou no anno 275 no reinado de Aureliano e terminou em 275 com a morte d'este imperador. Entre os martyres cita-se S. Dionisio, 1º bispo de Paris.

10º A decima perseguição, que foi a mais longa e a mais cruel de todas, é designada pelo nome de *era dos martyres*; durou dez annos, desde 305 até 315, e foi ordenada pelo imperador Diocleciano, por instigações do seu collega Gallerio, os quaes se gloria-
vam, em medalhas cunhadas em sua honra, de haverem exterminado o nome christão. Foi o ultimo esforço do paganismo espirante e a ultima prova que teve de soffrer a Igreja antes do seu triumpho. Foi nesta perseguição que se deu o exterminio da legião thebana, a qual se compunha só de christãos e tinha por chefe a S. Mauricio. Como o imperador Maximiano, collega de Diocleciano, quizesse obrigal-a a tomar parte nos sacrificios solemnes que elle offerecia

aos falsos deoses, recusou ella obedecer-lhe e foi toda passada á espada, sem fazer a menor resistencia, posto que contasse cerca de 6000 homens.

Conversão de Constantino; edicto de Milão. — Durante tres seculos de perseguições, o Christianismo tinha augmentado sem cessar o numero de seus proselytos, até que enfim o imperador Constantino Magno abraçou tambem a religião do Crucificado. Esta conversão foi decidida por um estupendo milagre : marchava elle contra o tyranno Maxencio, que se assenhoreara de Roma, e ao encontrar o exercito inimigo junto á ponte Milvia sobre o Tibre, viu apparecer no céu uma cruz luminosa com esta inscripção : *In hoc signo vinces* (por este signal triumpharás). Todo o exercito viu tambem a cruz milagrosa. Constantino fê-la reproduzir juntamente com essas palavras propheticas n'um estandarte chamado *labarum*, e conseguiu derrotar completamente o seu rival, que morreu afogado no rio (312). Desde então não cessou Constantino de trabalhar para o progresso e propagação da religião de Christo. No anno 313 elle publicou o famoso edicto de Milão, que permittia aos Christãos o livre exercicio do seu culto. Reconheceu tambem á Igreja o direito de possuir bens e de ter seus tribunaes particulares. Em todas as occasiões, testemunhava um respeito profundo aos bispos. Admittia-os no seu palacio, junto á sua pessoa, no seu cortejo habitual ; e quando se reuniu o concilio geral de Nicéa, não quiz assistir a elle senão depois de convidado e rogado por aquella augusta assembléa.

Juliano Apostata. — Todavia a Igreja teve ainda de soffrer bastante no reinado do imperador Juliano, sobrinho de Constantino, o qual, tendo abjurado a fé christã em que nascera, moveu contra a Igreja uma guerra de genero novo. Empreendeu restaurar o paganismo, aperfeiçãoando-lhe a doutrina e cercandoo com o prestigio da magia e da sciencia, e para desmentir a palavra de Jesus Christo, tentou reedificar o templo de Jerusalem, mas, segundo o testemunho de um historiador pagão, saíram da terra chammas que impediram aos trabalhadores continuar na impia empreza. Felizmente o reinado de Juliano foi mui curto, apenas de dous annos (361-363), e todos os imperadores que se succederam depois d'elle foram christãos.

PEQUENA GEOGRAPHIA SAGRADA

A Palestina era limitada ao N. pela Phénicia e a Syria, a E. pela Arabia Deserta, ao S. pela Arabia Petréea, e ao O. pelo Mediterraneo. Ella recebeu varios nomes; foi chamada *Terra de Chanaan*, porque primitivamente era habitada pelos descendentes de Chanaan, filho de Cham e neto de Noé¹; *Terra da Promissão*, porque Deos prometten a Abrahão dal-a á sua descendencia; *Terra de Israel*, porque foi habitada pelo povo de Israel, que tomou o nome dado pelo anjo a Jacob; *Judéa*, por causa da tribu de Judá, a mais importante das que formavam o povo hebreo; *Palestina*, nome derivado dos Philisteos que habitavam a costa meridional; e enfim *Terra Santa*, porque foi sanctificada pelo nascimento, vida e morte do salvador do mundo. A Palestina faz hoje parte da Syria, provincia da Turquia Asiatica.

Quando os Israelitas sob as ordens de Josué conquistaram a terra de Chanaan, foi ella dividida entre as doze tribus. As de *Ruben*, de *Gad* e metade da tribu de *Manassés* estabeleceram-se a E. do Jordão; todas as mais tribus estabeleceram-se ao O. do mesmo rio e do mar Morto, na ordem seguinte do N. para o S. : *Aser*, *Nephtali*, *Tabulon*, *Issachar*, meia tribu de *Manassés*, *Ephraim*, *Din*, *Benjamin*, *Judá* e *Simeão*. As tribus de Ephraim e Manassés descendiam de José, filho de Jacob. A tribu de Levi, consagrada ao culto, não recebeu territorio particular; mas assignaram-se-lhe para residencia 48 cidades das diversas tribus, e deu-se-lhe o dizimo dos productos da terra.

Nos reinados de David e de Salomão, epocha do maior esplendor da nação hebreo, dilataram-se consideravelmente os limites do reino, que se estendia então do mar Vermelho e da fronteira do gypto até as margens do Euphrates. Depois da morte de Salomão, eu-se o schisma das dez tribus, vindo assim a formar-se dous reinos distinctos : o de *Judá*, que comprehendia só duas tribus, de Judá e de Benjamin, e o de *Israel*, que se compunha das outras dez tribus, e se denominou tambem reino de *Samaria*, por ser Samaria a sua capital.

1. No tempo da conquista a terra de Chanaan era habitada pelos Amorrheos, Chibuseos, Heethos, Phereoseos, Gergeseos, Cananeos propriamente ditos, Hamatheos, etc. Os Israelitas os exterminaram; mas não poderam por muitos seculo abmetter os Philisteos, que habitavam ao S. O. no litoral.

No tempo de N. S. Jesus Christo, a Palestina achava-se sob a dominação dos Romanos e estava dividida em seis partes, a saber : a *Judea*, a *Samaría*, a *Galiléa*, as tres ao O. do Jordão; a *Peréa*, a *Decápole* e a *Gaulanítida*, do outro lado do rio.

A **Judéa** comprehendia os territorios das tribus de Benjamin, Judá, Dan, Simeão e o paiz dos Philisteos. Sua capital era *Jerusalem*¹, no S. da tribu de Benjamin, perto da fronteira da de Judá; ella foi tambem cap. do reino de Judá e da monarchia dos Hebreos nos reinados de David e de Salomão. Jerusalem encerrava quatro collinas : *Sião* ao S., *Acra* ao O., *Bezetha* ao N., e *Moria* a E. Foi sobre o monte Moria que Salomão construiu o Templo. Jerusalem era rodeada de valles que a separavam de outros montes notaveis, taes como o *Calvario* ou *Golgotha* ao O., onde morreu o Redemptor, e o monte *Olivet* a E., onde elle subiu ao céo.

As outras cids. princ. da Judéa erão, na TRIBU DE BENJAMIN : *Bethania*, a E. e perto de Jerusalem, famosa pela residencia de Maria e de Martha, e pela resurreição de Lazaro; *Jericó*, tomada por Josué; *Gaba*, patria de Saul; *Gabaon*, cap. dos Gabaonitas; foi ali que Josué fez parar o sol; *Ramatha*, patria e residencia de Samuel. — Na TRIBU DE JUDÁ : *Bethlehem*, celebre pelo nascimento de Jesus Christo e de David; *Hebron*, junto da qual foram sepultados Abrahão, Isaac e Jacob, e onde foi sagrado David. — Na TRIBU DE DAN : *Lydda*; *Mo lin*, patria dos Machabeos; *Joppe* (Jaffa), porto de mar onde se embarcou Jonas. — No PAIZ DOS PHILISTEOS : *Azot*, celebre por seu templo de Dagon; *Ascalon*, patria de Herodes o Grande; *Gaza*, principal cidade dos Philisteos, cujas portas Sansão carregou ás costas.

A **Samaría** comprehendia os territorios da meia tribu occiden- tal de Manassés e da tribu de Ephraim. Suas cids. princ. eram, na TRIBU DE MANASSÉS : *Samaría* (depois *Sebaste*), que foi cap. do reino de Israel; *Cesarea da Palestina*, porto de mar; *Mageddo*, onde Josias foi derrotado por Necháo rei do Egypto. Na TRIBU DE EPHRAIM : *Siehem*, que foi a primeira cap. do reino de Israel; ficava perto do monte *Garizim*, onde se elevava o famoso templo samaritano; *Silo*, onde permaneceu muito tempo a Arca da alliança; *Bethel*, onde Jeroboão erigiu um bezerro de ouro.

A **Galilea** comprehendia os territorios das tribus de Aser, Neph- tali, Zabulon e Issachar. Suas cids. princ. eram, na TRIBU DE ZABULON : *Tiberiades*, cap. da Galiléa, sobre o lago de seu nome

1. Foi fundada por Melchisedech, contemporaneo de Abrahão, e chamava-se então *Salem*; recebeu depois o nome de *Jebus*, dos Jebuseos que d'ella se asse- thoraram. Das palavras *Jebus* e *Salem* formou-se *Jerusalem*, mudado o *b* em *r*. David a tomou aos Jebuseos, e fel-a capital do seu reino.

Caná, onde J. C. operou o seu primeiro milagre; *Sephoris* ou *Dio-cesaréa*, residencia dos pais da SS. Virgem; *Nazareth*, residencia da sagrada familia; monte *Thabor*, celebre pela transfiguração de J. C. — Na TRIBU DE ASER: *Acco* ou *Ptolemaida* (S. João d'Acra), porto de mar. — Na TRIBU DE NEPTALI: *Genezareth*, sobre o lago de seu nome; *Bethsaida*, sobre o mesmo lago, patria dos Apostolos Pedro, André e Philippe; *Capharnaum*, sobre o mesmo lago; *Dan*, onde Jeroboão erigiu um bezerro de ouro. — Na TRIBU DE ISSACHAR: *Endor*, onde Saul consultou a pythonissa; *Nain*, onde J. C. resuscitou o filho da viuva; *Bethulia*, illustrada pela coragem de Judith; *Sunam*; *Jezrael* ou *Esdreton*, notavel pelo palacio de Achab e pela morte de Jezabel; *Bethsean* ou *Scythopolis*; monte *Gelboé*, onde Saul foi derrotado e morto pelos Philisteos.

A **Peréa** correspondia ás tribus de Ruben e de Gad. Suas cids. prins. eram: na TRIBU DE RUBEN: *Hesebon*, que foi uma das principaes cidades dos Amorrheos; *Betharan* ou *Julias*; o monte *Nebo*, ao N. E. do mar Morto, onde morreu Moisés. — Na TRIBU DE GAD: *Rabbath-Ammon* ou *Philadelphia*, que foi cap. dos Ammonitas; *Ramoth-Galaad*, citada nas guerras do povo de Deos; *Mahanaim*, perto do bosque de Ephraim onde foi morto Absalão.

Na meia tribu oriental de Manassés, de que se formaram depois a Decápole, a Gaulanitida, etc., notavam-se: *Gerasa*, de que restam bellas ruínas; *Edrei*, celebre pela derrota de Og, rei de Basan; *Ashtaroth*, no paiz de Basan; *Cesaréa de Phéltipe*.

Os **lagos** da Palestina são: o mar *Morto*, ao S., formado no sitio onde foram destruidas Sodoma e Gomorrha, e chamado tambem lago *Asphaltite* pela copia de asphalte ou bitume de que são impregnadas suas aguas; o seu nivel fica 420 metros abaixo do do Mediterraneo; o lago de *Genezareth*, chamado tambem mar de *Tiberiades* e mar de *Galiléa*, situado a E. da Galiléa, e cujas margens eram mui férteis e bem povoadas.

O **rio** principal da Palestina é o *Jordão*, que nasce no Anti-Libano, atravessa o lago de Genezareth e vai desaguar no mar Morto, percorrendo a Palestina de N. a S.

O deserto que os Israelitas percorreram durante 40 annos depois da saída do Egypto acha-se na Arabia Petréea, no S. da qual fica o monte *Sinai*, onde Deos deu a sua lei a Moisés.

Os **paizes limitrophes** da Palestina eram: 1º a PHENICIA, ao N., que se compunha de uma faixa de terra apertada entre a serra do Libano e o Mediterraneo, e cujas cids. prins. eram *Tyro*, *Sarepta*, *Sidonnia*, *Beryto* (Beirut), *Biblos*, *Tripoli* e *Arado*; — 2º a SYRIA, ao N. e N. E., que se compunha da *Cele-Syria* e de outros paizes, e cujas cids. prins. eram *Danasco*, *Antiochia*, *Apamea*, *Hamath*, *Thap-*

saco, *Heliopolis* (Baalbek), *Palmyra* ou *Tadmor*, etc.; — 3º o paiz dos AMMONITAS e a ARABIA DESERTA, a E.; — 4º os paizes dos MOABITAS, dos MADIANITAS, dos NABATHEOS, dos IDUMEOS e dos AMALECITAS, ao S. — Os Ammonitas e os Moabitas descendiam de Ammon e Moab, filhos de Lot; os Madianitas descendiam de Madian, filho de Abrahão e de Cethura; os Nabatheos de Nabajoth, filho de Ismael; os Idumeos de Esaú, que se chamava tambem Edom; os Amalecitas, de Amalec, neto de Esaú.

Os outros paizes mencionados frequentemente na Biblia são : 1º a ARMENIA, que conserva ainda o seu nome, e que contem o monte Ararat, onde parou a arca de Noé; é na Armenia que estava situado o Paraizo ou Eden; — 2º a MESOPOTAMIA, situada ao S. da Armenia e ao N. E. da Syria, entre os rios Tigre e Euphrates, e que corresponde á provincia da Turquia Asiatica chamada Al-Djezireh; — 3º a ASSYRIA, situada ao S. da Armenia e a E. da Mesopotamia, e cuja cap. era *Ninive*, sobre o Tigre; corresponde ao Kurdistan actual; — 4º o paiz de BABYLONIA, ao S. da Assyria, que tinha por cap. *Babylonia*, sobre o Euphrates, e comprehendia ao S. a CHALDEA propriamente dita; corresponde á provincia de Irak-Arabi na Turquia d'Asia; — 5º a MÉDIA, a E. da Assyria, que tinha por cap. *Ecbatana*; está comprehendida no actual reino da Persia; — 6º a PERSIA, que se estendia do S. da Média até o golfo Persico, e cujas cid. prins. eram *Persepolis* e *Susa*; — 7º o EGYPTO, que se dividia em tres partes : o *Baixo-Egypto* ou *Delta*, cid. prins. *Alexandria*, *Tanis*, *Heliopolis*, etc.; o *Médio-Egypto* ou *Heptanómide*, cid. princ. *Memphis* sobre o Nilo; o *Alto-Egypto* ou *Thebaida*, cid. princ. *Thebas* sobre o Nilo; — 8º a ETHIOPIA, ao S. do Egypto, que corresponde hoje á Nubia e á Abyssinia; — 9º a ASIA-MENOR, chamada hoje tambem *Anatolia*, a qual se dividia em 14 paizes : tres ao N., ao longo do Ponto Euxino (mar Negro) : o *Ponto*, a *Paphlagonia* e a *Bithynia*; — tres ao O., ao longo do mar Egêo (Archipelago) : a *Mysia*, a *Lydia* e a *Caria*; — tres ao S., na costa do mar Interior (Mediterraneo) : a *Lycia*, a *Pamphylia* e a *Cilicia*; — cinco no interior : a *Phrygia*, a *Pisidia*, a *Galacia*, a *Lycania* e a *Capadocia*. — O littoral da Mysia tomou o nome de *Eolida* ou *Eolia*, o da Lydia e parte do da Caria o nome de *Jonia*, e a outra parte do littoral da Caria com as ilhas de Rhodes e Cos, o nome de *Dorida*, por se terem ahí fundado numerosas colonias gregas de Eolios, Jonios e Dorios.

TABOEA CHRONOLOGICA DA HISTORIA SAGRADA

A. de Chron. J. C. Bened.	A. de Chron. J. C. Bened.
1158 4963 Creação do mundo.	1212 Sexto cativoiro.
5082 5908 Nascimento de Noé.	1191 Nascimento de Samsão.
2482 3508 Diluvio universal.	1162 Judicatura de Samsão.
2152 2958 Morte de Noé.	1142 Morte de Samsão.
2150 2366 Nascimento de Abrahão.	1112 Punição de Heli.
2055 2296 Vocação de Abrahão.	1092 Judicatura de Samuel.
2044 2280 Nascimento de Ismael.	1096 1080 Samuel sagra rei a Saul.
2051 2267 Lei da circumcisão. Destruição de Sodoma.	1067 1051 Samuel sagra rei a David.
2050 2266 Nascimento de Isaac.	1064 1048 David mata a Golias.
2005 2241 Sacrificio de Abrahão.	1036 1040 Derrota e morte de Saul no monte Gelboé. David reconhecido rei pela tribu de Judá, e Isboseth, filho de Saul, pelas outras tribus.
1990 2226 Isaac casa com Rebecca.	1049 1033 Morte de Isboseth; David é reconhecido rei por todas as tribus.
1970 2206 Nascimento de Jacob.	1032 1017 Nascimento de Salomão.
1955 2191 Morte de Abrahão.	1025 1010 Morte de Absalão.
1893 2129 Isaac abençoa Jacob.	1016 1001 Morte de David; succede-lhe seu filho Salomão.
1886 2122 Jacob casa com Lia e Rachel, filhas de Labão.	1005 991 Dedicacão do Templo.
1879 2113 Nascimento de José.	976 962 Morte de Salomão. Schisma das dez tribus: formação dos reinos de Judá e de Israel.
1862 2096 José vendido pelos irmãos.	REIS DE JUDA. REIS DE ISRAEL.
1849 2085 José ministro de Pharaó.	976 962 Robcão. Jeroboão I.
1840 2076 Jacob e sua familia estabelecidos no Egypto.	959 946 Abias.
1825 2059 Morte de Jacob.	956 944 Asa.
1770 2005 Morte de José.	955 943 Nadab.
1705 1725 Nascimento de Moisés.	953 942 Baaza.
1665 1685 Fugida de Moisés para o paiz dos Madianitas.	951 919 Ela.
1625 1645 As 10 pragas do Egypto; Passagem do mar Vermelho; promulgação da Lei no Sinai.	950 918 Zaari; Amri.
1585 1605 Morte de Moisés. Josué: entrada dos Israelitas na Terra da Promissão.	919 907 Achab.
1579 1599 Partilha do paiz de Chanaan entre as 12 tribus.	915 904 Josaphat.
1560 1580 Morte de Josué.	896 888 Ochozias.
1562 1º cativoiro dos Hebreos.	895 887 Jorão
1554 Othoniel primeiro juiz.	891 880 Jorão.
1514 2º cativoiro dos Hebreos.	884 876 Ochozias.
1496 Judicatura de Aod.	883 876 Athalia. Jehú.
1416 3º cativoiro dos Hebreos.	877 870 Joás.
1396 Judic. de Debora e Barac.	855 848 Joachaz
1356 Quarto cativoiro.	859 852 Joás.
1349 Judicatura de Gedeão.	857 851 Amasias.
1261 Quinto cativoiro.	825 817 Jeroboão II.
1243 Judicatura e voto imprudente de Jephthe.	808 803 Ozias.

PARTE SEGUNDA

DA HISTORIA UNIVERSAL

COMPREHENDENDO

- 1° HISTORIA DO BRAZIL
 - 2° HISTORIA ANTIGA
 - 3° HISTORIA DA EDADE MÉDIA
 - 4° HISTORIA DOS PRINCIPAES
POVOS MODERNOS
 - 5° MYTHOLOGIA
-

ADVERTENCIA

A' *Historia do Brazil* cabe o primeiro logar, porque depois da *Historia Sagrada* a que mais deve interessar aos meninos é a *historia nacional*, a *historia da patria*. Para facilitar o seu estudo, accrescentamos a cada artigo o competente questionario. — A *Historia antiga* abrange a *historia dos principaes povos da antiguidade*, Egypcios, Assyrios, Medos, Persas, Phenicios, Gregos, Romanos, e vai até a divisão do Imperio Romano. — Na *Historia da edade média* só damos os factos capitaes, os acontecimentos mais salientes, de mais importancia ou influencia, tendo sempre presente que escrevemos para os principiantes. — A *Historia dos principaes povos modernos* dá a *historia resumida* de cada povo em separado. — Para facilitar o estudo da *historia* vem taboas *chronologicas* depois da *historia do Brazil*, *antiga*, da *edade média* e *moderna*.

Em ultimo logar vem um pequeno tratado de *Mythologia* grega e romana, que é bem indispensavel para entender os poetas e apreciar as obras d'arte.

INDICE DA SEGUNDA PARTE

HISTORIA DO BRAZIL

1º PERIODO. Do descobrimento do Brazil até o dominio hespanhol	4	até a chegada da familia real ao Brazil.	2
2º PERIODO. O Brazil debaixo do dominio hespanhol.	11	5º PERIODO. Desde a chegada da familia real ao Brazil até a independencia d'este paiz.	2
3º PERIODO. Da restaur. de Portugal até a trasladação da cap. do Brazil para o Rio de Janeiro.	16	6º PER. Reinado de D. Pedro I.	2
4º PERIODO. Desde esta trasladação		7º PER. Reinado de D. Pedro II.	5
		TABOA CHRONOLOGICA	5

HISTORIA ANTIGA

Introduccção á historia geral.	37	HISTORIA ROMANA	
HISTORIA DO EGYPTO	38	Reis de Roma	5
HISTORIA DOS ASSYRIOS	40	O consulado.	5
HISTORIA DOS MEDOS E PERSAS.	41	Conquista da Italia.	5
HISTORIA DOS PHENICIOS	43	Conquistas fóra da Italia.	5
HISTORIA DA GRECIA.	45	As guerras civis.	5
Guerras medicas	46	Imperadores da fam. de Augusto.	6
Preponderancia de Sparta e de Thebas.	49	Os Flavios e os Antoninos.	6
Reinos formados do imperio de Alexandre	50	Anarchia militar.	6
		O imperio monarchico.	6
		TABOA CHRONOLOGICA	6

HISTORIA DA EDADE MÉDIA

1º PERIODO : do seculo V ao VIII	69	4º PERIODO : do meiado do sec. XIII ao meiado do seculo XV	7
2º PERIODO : do seculo VIII ao X	72	DATAS MEMORAVEIS da historia da Edade Média	8
3º PERIODO : do fim do seculo X ao meiado do seculo XIII.	74		

HISTORIA DOS POVOS MODERNOS

I. Portugal.	87	XVI. Grecia. — XVII. Est.-Unidos	11
II. Hespanha	92	XVIII. Mexico.	12
Descobrimto da America.	96	XIX. America Central	12
III. França	98	XX. Republica de Venezuela.	12
IV. Grã-Bretanha e Irlanda.	100	XXI. Colombia ou Nova-Granada.	12
V. Allemanha.	105	XXII. Perú e Bolivia.	12
VI. Austria-Hungria	106	XXIII. Chile	12
VII. Prussia	107	XXIV. Republica Argentina.	12
VIII. Russia	108	XXV. Rep. Oriental do Uruguay.	12
IX. Suecia e Noruega	110	XXVI. Republica do Paraguay.	12
X. Dinamarca.	111	XXVII. India ou Hindo-tão	12
XI. Hollanda. — XII. Belgica	112	XXVIII. Imperio Chinez	12
XIII. Suissa	115	XXIX. Japão	12
XIV. Italia	114	DATAS MEMORAVEIS da Historia Moderna	12
XV. Turquia ou Imperio Ottoman.	116		

PEQUENO TRATADO DE MYTHOLOGIA

Divindades de primeira ordem.	129	Guerra de Troia.	143
Divindades de segunda ordem.	135	Jogos publicos entre os Gregos e os Romanos	144
Dos heroes e semideoses.	138		

HISTORIA DO BRAZIL

PERIODO I

Desde o descobrimento do Brazil até o dominio hespanhol (1500-1580).

Descobrimto do Brazil. — Havendo voltado a Lisboa Vasco da Gama em 1499 com a gloriosa noticia de haver descoberto a navegação da India pelo cabo da Boa-Esperança, resolveu el-rei D. Manuel enviar uma segunda armada afim de estreitar relações de amizade com os reis da India e fundar ali feitorias. A armada, que constava de 10 caravellas e 3 navios redondos sob o commando do fidalgo Pedro Alvares Cabral, partiu do Tejo a 9 de Março de 1500. Depois de passar as ilhas de Cabo-Verde, Cabral, para evitar as calmarias que reinam na costa d'África, afastou-se tanto d'ella, que no dia 22 de Abril veiu avistar do lado do Occidente uma montanha, a que deu o nome de *monte Paschoal*, por ser então o oitavario da Paschoa. A armada foi fundear na enseada de *Porto-Seguro*, onde se demorou 8 dias, seguindo depois para a India. De Porto-Seguro despachou Cabral um navio para levar a el-rei a noticia do inesperado descobrimento, e tomou ali posse solemne para a corôa de Portugal da nova terra a que chamou *Vera-Cruz*. Este nome foi em breve mudado no de *Terra da Santa-Cruz*, e mais tarde no de *Brazil*, em razão da grande abundancia que na terra havia de pau *brazil*, empregado na tinturaria e cuja côr vermelha se parece com *brazza*. — Foi em Porto-Seguro que o guardião franciscano frei Henrique de Coimbra celebrou no domingo de Paschoela a primeira Missa que se disse no Brazil (26 de Abril).

Que fez el-rei D. Manuel depois de descoberta a navegação da India? Que armada mandou e a quem deu o commando? Quando partiu ella do Tejo? Como e quando foi descoberto o Brazil? Em que ponto da costa fundeou a armada de Cabral? Que occorreu ali de notavel? Que nomes foram successivamente dados á nova terra? Qual é a origem do nome *Brazil*?

Povos indigenas do Brazil. — O Brazil, na epocha do seu descobrimento, era habitado por numerosas nações de indios selva-

gens. A principal d'ellas era a nação dos *Tupís*, que dominava em grande extensão do littoral e se dividia em muitas tribus distinctas, das quaes as mais importantes eram : os *Tamoyos*, na provincia do Rio-de-Janeiro; os *Carijós*, entre Santos e o Rio-Grande-do-Sul; os *Tupinambás* e os *Tupiniquins*, na prov. da Bahia; os *Cahetés* e os *Tabajares*, em Pernambuco; os *Pitagoares*, na Parahyba etc. — As outras principaes nações indigenas eram : a dos *Tapuyas*, no norte do Brazil, que contava muitas tribus, sendo a dos *Aymorés* a mais feroz; a dos *Goytacazes*, que occupava parte das provs. do Rio-de-Janeiro e Minas; a dos *Guayanazes*, em S. Paulo; a dos *Guaycurús*, indios cavalleiros, no Matto-Grosso, etc.

Usos e costumes dos selvagens. — Os indios viviam errantes; andavam em nudez quasi completa, trazendo apenas enfeites de pennas de varias côres; alimentavam-se da caça, da pesca, de fructas e raizes; não tinham governo regular; desconheciam o direito de propriedade; guerreavam-se de continuo umas tribus ás outras; e antropóphagas pela maior parte, devoravam os prisioneiros. — As armas de que se serviam eram o arco e flecha, que manejavam com admiravel destreza, e a clava ou maça, feita de pau mui duro e pesado, a que chamavam *tacape*. Algumas tribus usavam de escudos de couro. — Póde-se dizer que os indios do Brazil não tinham religião ou culto algum. Os seus *pagés* eram pretendidos feiticeiros e adivinhadores, que viviam retirados em palhoças ou em grutas, e exerciam immenso imperio nos animos dos selvagens.

Que povos habitavam o Brazil na epocha do seu descobrimento? Qual era a principal nação indigena? Em que tribus se dividia? Quaes eram as outras nações mais importantes? Descrevei os seus usos e costumes. De que armas se serviam? Que religião professavam e que eram os seus *pagés*?

Primeiras explorações na costa do Brazil. — El-rei D. Manuel mandou duas expedições explorar a costa do Brazil : a primeira em 1501 sob o commando de Gonçalo Coelho, a outra em 1505 ás ordens de Christovão Jacques, vindo em ambas como piloto o famoso Americo Vespucci, que deu o seu nome á America.

El-rei D. João III, filho e successor de D. Manuel, expediu em 1526 Christovão Jacques com uma esquadra de uma nau e 5 caravellas para guardar a costa do Brazil contra os estrangeiros que ali vinham fazer carregamentos de pau brazil. Elle fundou em Pernambuco uma feitoria á margem do rio *Iguaraçu*. — Em 1550 partiu de Lisboa Martim Affonso de Souza com uma esquadra de 5 vasos para dar principio á colonisação do Brazil e impedir que os Francezes ou outra qualquier nação estrangeira ali fundassem estabelecimentos. Na altura do cabo de S. Agostinho aprisionou 3 navios

francezes, e seguindo para o sul, explorou toda a costa até o Rio da Prata, sem encontrar nenhum estabelecimento de Hespanhóes. Na volta, fundou na ilha de S. Vicente a colonia do mesmo nome, e na terra firme, nove leguas para o interior, a colonia de Piratininga, que foi origem da cidade de S. Paulo (1552).

Que expedições mandou el-rei D. Manuel ao Brazil? Que outra expedição partiu no reinado de D. João III? Que commissão foi dada a Martim Affonso de Souza? Que praticou elle digno de menção? Que colonias fundou?

Aventuras de Caramurú. — Em 1510 naufragou nos baixos do norte da Bahia de Todos os Santos um navio portuguez, perecendo nas ondas parte da tripolação e sendo os demais devorados pelos Tupinambás. O unico que escapou foi Diogo Alves Corrêa, que conseguira salvar de bordo um mosquete e alguma polvora, ao que deveu não só a vida, senão tambem o immenso ascendente que obteve sobre os selvagens. Matando um dia um passaro com um tiro, começaram elles aterrados a gritar « *Caramurú! Caramurú!* » que quer dizer, segundo uns, *homem de fogo, filho do trovão*, e segundo outros, *dragão do mar*. Alves Corrêa, que se ficou chamando Caramurú, tornou-se desde então o arbitro da tribo selvagem; os seus principaes chefes lhe prestaram obediencia e lhe offerceram suas filhas por esposas. Elle tomou por mulher a famosa Paraguassú, filha de um dos maiores, e estabeleceu-se no lugar onde depois foi fundada *Villa-Velha*. — Varios autores contam que Caramurú embarcou-se para Europa com sua mulher em um navio francez que apontara á Bahia, que foi bem acolhido na côrte de Henrique II rei de França, e que Paraguassú recebeu ali o baptismo, tendo por madrinha a rainha Catharina de Medicis, que lhe deu o nome de Catharina. Esta viagem é contestada por outros autores, e com fundamento.

Que naufragio aconteceu em 1510? Não se salvou ninguem? Que nome deram os Tupinambás a Diogo Alves e em que occasião? Que vantagens lhe resultaram ali? A quem tomou por mulher e onde se estabeleceu? Não voltou á Europa?

HISTORIA DA FUNDAÇÃO DAS CAPITANIAS

Divisão do Brazil em capitánias. — Por muito tempo esteve o Brazil por assim dizer esquecido e abandonado, até que por fim D. João III, para colonizal-o, dividiu o seu territorio em 12 capitánias hereditarias de 50 e mais leguas de costa, sem limites para o interior, e doou-as com extraordinarios poderes e privilegios a vassallos benemeritos, que se obrigaram a colonizal-as á sua custa.

Eis os nomes dos donatarios : Martim Affonso de Souza, donatario da capitania de *S. Vicente*; Pero Lopes de Souza, seu irmão, da capitania de *S. Amaro*; Pedro de Goes da Silveira, da capitania da *Parahyba do Sul*; Vasco Fernandes Coutinho, da capitania do *Espirito-Santo*; Pedro do Campo Tourinho, da capitania de *Porto-Seguro*; Jorge de Figueredo Corrêa, da capitania dos *Ilhéos*; Francisco Pereira Coutinho, da capitania da *Bahia de Todos os Santos*. Duarte Coelho Pereira, da capitania de *Pernambuco*; Antonio Cardoso de Barros, da capitania do *Ceará*; João de Barros, Ayres da Cunha e Fernando Alvares de Andrade, que se associaram e formaram de suas capitancias a grande capitania do *Maranhão*.

Que fez D. João III para colonizar o Brazil? A quem foram doadas as capitancias? Dizei os nomes dos donatarios e das suas respectivas capitancias.

Capitania de S. Vicente. — Esta capitania, que contava 100 leguas de costa, foi uma das que mais prosperaram. Martim Affonso de Souza concluiu alliança com Tibyrecá chefe dos Guayanazes por intermedio do portuguez João Ramalho, o qual, havendo naufragado na costa de Pernambuco, teve a fortuna de agradar a Tibyrecá, que lhe deu uma filha em casamento. Foi n'esta capitania que se plantaram as primeiras cannas de assucar, vindas da ilha da Madeira, e se criou o primeiro gado, de sorte que foi d'ella que as outras capitancias se abasteceram. Em 1533 Martim Affonso tornou para Portugal, e em seu nome governaram a capitania Gonçalo Monteiro no littoral, e João Ramalho no interior.

Capitania de S. Amaro. — Pero Lopes de Souza, seu irmão, não foi tão feliz em sua empreza. A sua capitania, que tinha 80 leguas de costa, compunha-se de dous senhorios mui distantes um do outro com dous estabelecimentos, um na ilha de *S. Amaro*, proxima a *S. Vicente*, e o outro na ilha de *Itamaracá*, na costa de Pernambuco. Pero Lopes voltou para Portugal, deixando para administrar a sua capitania a Gonçalo Affonso em *S. Amaro*, e a João Gonçalves em *Itamaracá*. O donatario pereceu em um naufragio perto de Madagascar, na Africa.

Capitania da Parahyba do Sul. — Constava de 30 leguas de costa entre as de *S. Vicente* e do *Espirito Santo*, e foi uma das que não vingaram. O seu donatario Pedro de Goes da Silveira, depois de 5 annos de guerra com os Goytacazes, viu-se obrigado a evacual-a.

Capitania do Espirito Santo. — Vasco Fernandes Coutinho, que obteve 50 leguas de costa, trouxe de Portugal muitos colonos, contando-se entre elles varios fidalgos, e fundou em uma bahia ao

norte do Rio-de-Janeiro a povoação do *Espirito-Santo*, donde depois passou a capital da colônia para a povoação de N. Sra. da *Victoria*, nome que lhe foi dado pelos triumphos obtidos sobre os Goytacazes. A colônia soffreu muito das desavenças e insubordinação dos colonos, e os ataques dos selvagens a reduziram a tal extremidade que tiveram de pedir socorro ao governador geral Mem de Sá. Este enviou seu filho Fernão de Sá, que morreu combatendo contra os índios. Fernandes Coutinho renunciou por fim os seus direitos de donatario, e morreu em extrema pobreza.

Capitania de Porto-Seguro. — Contava 50 leguas de costa ao norte da do *Espirito-Santo*. Seu donatario Pedro de Campos Tourinho veio de Portugal com sua familia e grande numero de colonos, e aportou na mesma enseada em que Cabral desembarcara. Travou ali relações amigaveis com os Tupiniquins, e fez prosperar a colônia, a qual começou a declinar no governo de seu filho. Por morte d'este passou ella á sua irmã, que a vendeu ao duque de Aveiro.

Capitania dos Ilhéos. — Media 50 leguas de costa entre a capitania de Porto-Seguro e a barra da Bahia de Todos os Santos. O donatario Jorge de Figueredo Corrêa, não querendo resignar o emprego que exercia em Portugal de escrivão da fazenda, confiou a administração da capitania ao castelhano Francisco Romero. Este foi feliz nas guerras com os Aymorés; indispoz-se porém com os colonos, pelo que não pôde prosperar a capitania. O filho de Figueredo vendeu-a a Lucas Giraldes, sob cuja administração fez notaveis progressos.

Capitania da Bahia de Todos os Santos. — Estendia-se por 50 leguas de costa desde a barra da Bahia até a foz do S. Francisco. O donatario Francisco Pereira Coutinho, que se distinguira nas guerras da India, veio com muita gente estabelecer-se na *Villa-Velha*, onde residia Diogo Alves o Caramurú. Praticando os colonos toda sorte de violencias e rapinas, os Tupinambás lhes fizeram encarniçada guerra e obrigaram o donatario a refugiar-se com os seus na capitania dos Ilhéos. Sentindo porém os selvagens a falta de certos generos europeus a que se tinham habituado, fizeram a paz com Coutinho. Embarcou-se então o donatario para a Bahia, mas um temporal o arrojou á ilha de Itaparica, onde elle e os seus pereceram ás mãos dos Tupinambás (1547). Por morte de Coutinho reverteu a capitania á coroa.

Capitania de Pernambuco. — Tinha 60 leguas de costa da foz do S. Francisco até o rio Iguarassú. Duarte Coelho Pereira veio com sua familia e muitos colonos, e fundou o seu primeiro estabelecimento em *Olinda*. Teve de sustentar porfiada guerra com os

Cahetés, e triunfou com o auxilio dos Tabayares. Por sua sabia administração esta capitania attingiu um grau de prosperidade a que nenhuma outra chegou.

Capitania do Ceará. — O seu donatario Antonio Cardoso de Barros não fez empenho algum para colonizal-a.

Capitania do Maranhão. — Esta capitania, a maior e a mais septentrional de todas, foi doada ao celebre historiador João de Barros, o qual se associou com Fernando Alvares de Andrade e Ayres da Cunha. A grande expedição que mandaram para colonizal-a, sob o commando de Ayres da Cunha, perderam-se ao chegar no Brazil em uns baixios, perecendo quasi toda a gente.

Que extensão tinha a capitania de S. Vicente? Que sorte teve ella? Que fez o donatario para a sua prosperidade? A quem confiou a sua administração quando voltou para Portugal? — Que territorios abrangia a capitania de S. Amaro? Que resultado obteve o seu donatario? — Quaes a extensão e situação da capitania da Parahyba do Sul? Que sorte teve? — Que extensão tinha a capitania do Espirito Santo? Contai a historia da sua fundação. Porque não prosperou? Como acabou o seu donatario? — Quantas leguas de costa tinha a capitania de Porto-Seguro? Como foi colonisada? A quem veio a pertencer? — Que extensão tinha a capitania dos Ilhéos? Como foi colonisada? Porque não prosperou? — Que extensão tinha a capitania da Bahia de Todos os Santos? Onde se estabeleceu o donatario e que desgraças soffreu? — Que extensão tinha a capitania de Pernambuco? Como foi colonisada? Que resultados obteve o donatario? — Que me dizeis acerca da capitania do Ceará? — A quem foi doada a capitania do Maranhão e com quem se associou o donatario? Que succedeu á expedição que mandaram para colonizal-a?

PRIMEIROS GOVERNADORES GERAES DO BRAZIL

Primeiro governador geral (1549-1553). — Tornava-se cada vez mais urgente a necessidade de crear no Brazil um poder central, em roda do qual podessem os colonos das diversas capitancias reunir seus esforços, tanto para conter os selvagens, como para mallograr qualquer tentativa das outras nações europeas contra o Brazil. Attendendo a estas e outras considerações, resolveu D. João III instituir um governador geral com plena autoridade civil e criminal, e restringir os poderes quasi illimitados dos chefes das capitancias. O primeiro investido d'este eminente cargo foi Thomé de Souza, que se distinguira nas guerras da Africa e da India. Elle partiu de Lisboa a 2 de Fevereiro de 1549 com seis navios, trazendo muitas familias, 600 homens de armas e 400 degradados; acompanharam-no tambem seis missionarios Jesuitas, os primeiros que vieram á America, tendo por superior o padre Manuel da Nobrega. A expedição chegou á Bahia a 19 de Março, e o velho Caramurú veio logo prestar obediencia ao governador geral e asse-

gurar-lhe a amizade dos Tupinambás. Com o concurso d'estes fundou Thomé de Souza a cidade de S. Salvador em uma altura escarpada pouco distante da praia e da Villa-Velha. A nascente cidade cresceu rapidamente com os soccorros vindos da metropole. Entre os seus principaes edificios notava-se o collegio dos Jesuitas. — Em 1552 visitou Thomé de Souza as capitánias do sul, inspeccionando as suas fortificações e regulando a administração da justiça.

Que razões moveram D. João III a crear um governo geral no Brazil? Quem foi o primeiro investido d'este cargo? Quando veio elle e que gente trouxe? Que fez Caramurú á chegada do governador? Que cidade fundou Thomé de Souza? Progrediu ella? Que fez Thomé de Souza em 1552?

Serviços prestados pelos Jesuitas. — Desde a sua chegada, empregaram-se os Jesuitas com infatigavel zelo na conversão e civilisação dos indios. N'esta ardua empreza tiveram que lutar não só com immensos obstaculos da parte dos selvagens, cuja inclinação para a antropophagia era quasi invencivel; mas sobretudo contra a cobiça e devassidão dos colonos, que reduziã á escravidão os indios e lhes tomavam as mulheres e filhas. Á força de paciencia e com o exemplo de uma vida edificante e desinteressada, conseguiram converter varias tribus, extirpando d'ellas os seus usos abominaveis. Além da cathequeze dos indios occupavam-se os Jesuitas em corrigir a immoralidade dos colonos, e em instruil-os na religião e na pratica das virtudes christãs. Abriram tambem excellentes collegios para a instrucção da mocidade.

Em que se empregaram logo os Jesuitas? Que obstaculos encontraram? Que resultados obtiveram? Que outros serviços prestaram além da cathequeze dos indios?

Segundo governador geral (1553-1558). — A Thomé de Souza succedeu no governo geral do Brazil Duarte da Costa em 1553. Vieram com elle 16 Jesuitas, entre outros José de Anchieta, destinado a ser o Apostolo do Brazil. Este santo missionario fundou nas planicies de Piratininga um collegio que recebeu o nome de *S. Paulo*, por ter sido erecto no dia da conversão do grande Apostolo (25 de Jan. de 1554). Este nome estendeu-se mais tarde á cidade alli fundada e a toda a capitania. Os Jesuitas, pro'ectores constantes dos indios, viram-se logo perseguidos pelos Mamelucos¹, os quaes, excitando algumas das tribus vizinhas, atacaram o col-

1. Eram assim chamados os mestiços descendentes das raças portugueza e indigena. Eram elles os maiores inimigos dos indios, que elles capturavam para vender aos colonos.

legio, mas foram repellidos pelos indios convertidos, a quem Anchieta fizera pegar em armas. Duarte da Costa mostrou-se pouco severo para com os aggressores, e d'ahi surgiram serias desavenças entre elle e D. Pedro Fernandes Sardinha, 1.^o bispo da Bahia. Em tal conjunctura embarcou o prelado para Lisboa a fim de pedir providencias a el-rei; porém, naufragando entre os rios S. Francisco e Cururipe, elle e toda a tripolação foram devorados pelos Cahetés (1556). — Outro facto notavel que se deu no governo de Duarte da Costa foi que o calvinista francez Nicolau Durand *Villegagnon* levantou o forte Coligny em um illhéu da bahia do Rio-de-Janeiro, que hoje tem o nome do seu fundador (1555). — Em 1557 falleceu el-rei D. João III, e succedeu-lhe o seu neto D. Sebastião que contava apenas tres annos de idade, tomando as redeas do governo como regente sua avó a rainha D.^a Catharina d'Austria.

Quem succedeu a Thomé de Souza no governo geral do Brazil? Que Jesuitas vieram com elle? Que collegio fundou Anchieta? Que perseguição soffreu o collegio? Como puniu Duarte da Costa os aggressores? Que resultou d'ahi? Que fez o bispo da Bahia e que desgraça lhe aconteceu? — Que outro facto notavel se deu n'este governo? — Quando falleceu D. João III e quem lhe succedeu?

Tercero governador geral (1558-1572). — O 5.^o governador geral do Brazil foi Mem de Sá, que succedeu a Duarte da Costa em 1558, e governou 14 annos com grande energia e tino administrativo. Incumbido de expulsar os Francezes da bahia do Rio-de-Janeiro, partiu de S. Salvador em 1560 com uma esquadra de dez navios, e tendo recebido os reforços que o padre Nóbrega fôra buscar em S. Vicente, atacou e tomou o forte de Coligny, que mandou demolir. — Marchou depois contra os Aymorés, que assolavam as capitánias dos Ilhéos e de Porto-Seguro, destroçou-os em varios combates, obrigando-os a retirarem-se muito para o interior (1561).

Quem foi o 5.^o governador geral? Quanto tempo governou? Que fez para expulsar os Francezes da bahia do Rio-de-Janeiro? Que outro triumpho alcançou?

Guerra com os Tamoyos. Peste e fome na Bahia. — Em quanto Mem de Sá batia os Aymorés, surgiu no sul do Brazil outra lucta muito mais seria. Os Tamoyos, senhores de todo o paiz entre o Rio de Janeiro e S. Vicente, formaram uma formidavel confederação contra os Portuguezes. Repellidos no ataque da villa de S. Paulo pelos indios convertidos, á cuja frente se achava o velho Tibyregá, foram victoriosos em S. Vicente e na capitania do Espirito-Santo, onde morreu combatendo Fernão de Sá,

filho do governador geral. A guerra continuava com incrível tenacidade da parte dos Tamoyos; todas as hordas tinham-se reunido para um ataque geral, quando os padres Nobrega e Anchieta, cheios de zelo e patriotismo, foram ter com os selvagens, e após longos padecimentos e sacrificios de todo genero conseguiram fazer a paz com elles, salvando assim as colonias portuguezas do sul do Brazil (1563). — Por esse mesmo tempo passou a Bahia por terribes provações. A epidemia das bexigas e depois a fome fizeram horribes estragos nos colonos e sobretudo nos indios domesticados, que em grande numero fugiram para os matos.

Que nova guerra surgiu no sul do Brazil? Que factos a assignalaram? Como acabou? Que calamidades pesaram por esse tempo sobre a Bahia?

Expulsão dos Francezes do Rio-de-Janeiro. — Ao receber a noticia da paz concluida com os Tamoyos, resolveu a côrte de Lisboa expellir inteiramente os Francezes da bahia do Rio-de-Janeiro e fundar n'ella uma colonia. Mem de Sá não fizera mais que desalojar-os da ilha de Villegagnon, pois fortificaram-se no continente e reoccuparam a dita ilha apenas os Portuguezes se retiraram. O encarregado de expulsar os Francezes foi Estacio de Sá, sobrinho do governador geral. Elle desembarcou em Março de 1565 no porto do Rio-de-Janeiro junto ao Pão d'Assucar, com as forças que trouxera de Portugal e as que foi possivel reunir nas diversas capitánias. Os Francezes repelliram todos os ataques dos Portuguezes e sustentaram a lucta por quasi dous annos. Tendo enfim chegado o governador geral com reforços a 18 de Janeiro de 1567, foram dous dias depois investidas e tomadas todas as posições dos Francezes. A victoria custou a vida a muitos bravos, entre outros a Estacio de Sá, que foi ferido no rosto por uma flecha. Mem de Sá lançou em seguida os fundamentos da cidade de *S. Sebastião*, assim chamada por ter sido no dia d'este glorioso martyr (20 de Janeiro) que se alcançou a victoria, e deu-lhe por governador seu sobrinho Salvador Corrêa de Sá.

Que fez a côrte de Lisboa quando soube da paz concluida com os Tamoyos? Quem foi encarregado de expulsar os Francezes do Rio-de-Janeiro e que medidas tomou para isto? Como foram expulsos os Francezes? Que fez Mem de Sá depois d'esta victoria?

Fim tragico de D. Luiz de Vasconcellos. — D. Luiz de Vasconcellos, nomeado para succeder a Mem de Sá como governador geral do Brazil, vinha tomar posse do seu cargo, acompanhado de 10 religiosos da Companhia de Jesus, quando a sua frota foi a-

cada pelos corsarios protestantes francezes Jacques Sore e João Capdeville. Vasconcellos morreu combatendo, e dos Jesuitas só um escapou para dar noticia do martyrio dos seus companheiros (1570).

Quem foi nomeado para succeder a Mem de Sá? Que fim tragico teve?

Divisão do Brazil em dous governos. — Á vista dos rapidos progressos que fizera o Brazil, a côrte de Lisboa resolveu em 1572 dividil-o em dous governos distinctos. A cidade da Bahia ficou sendo a séde do governo geral do Norte, que comprehendia as capitánias ao norte de Porto-Seguro; e a cidade do Rio-de-Janeiro foi designada para capital do novo governo geral do Sul, que abrangia as capitánias meridionaes. Succederam assim a Mem de Sá dous governadores geraes : Luiz de Brito e Almeida, para o governo do Norte, e o Dr. Antonio Salema, para o governo do Sul. Este exterminou quasi inteiramente a nação dos Tamoyos, e obrigou os Tupinambás a emigrarem para os sertões do norte, onde se estabeleceram na margem meridional do Amazonas. — Em 1577 o governo do Rio-de-Janeiro foi de novo subordinado ao da Bahia.

Que alteração foi feita na administração do Brazil depois da morte de Vasconcellos? Quaes foram as sedes dos 2 governos? Que territorios comprehendia cada um? Quem foram os dous governadores geraes? Como procedeu Salema com os indigenas? Quando o governo do Rio-de-Janeiro foi de novo subordinado ao da Bahia?

O Brazil passa para o dominio hespanhol. — A Luiz de Brito succedeu Lourenço da Veiga em 1578, no mesmo anno em que perderam os Portuguezes na Africa a batalha de *Alcacer-quivir*, na qual pereceu el-rei D. Sebastião com a flôr da sua nobreza. Succedeu-lhe no throno o velho cardeal infante D. Henrique, que falleceu em principios de 1580. A corôa de Portugal coube então ao rei de Hespanha Philippe II, que foi aclamado rei de Portugal nas côrtes de Thomar, passando assim o Brazil e as mais colonias portuguezas para o dominio hespanhol.

Quem succedeu a Luiz de Brito no governo do Brazil? Que fim teve el-rei D. Sebastião? Quem lhe succedeu? Como e em que anno passou Portugal com suas colonias para o dominio de Hespanha?

PERIODO II

**O Brazil debaixo do dominio hespanhol
(1580-1640).**

INCURSÕES DOS PIRATAS INGLEZES

Estado do Brazil em 1580. — Consideraveis eram já os progressos que o Brazil fizera nos 80 annos decorridos desde o seu descobrimento. A cidade da Bahia contava já cerca de 10,000 hab., e os engenhos de a-sucar do Reconcavo montavam a 56, além de outros estabelecimentos agrarios. Pernambuco offerencia um aspecto mui florescente, devido sobretudo á cultura da canna d'assucar, cujos engenhos não eram menos de 66. Na capitania de S. Vicente a villa d'este nome ia em decadencia; mas em compensação prosperavam a villa de S. Paulo e a de Santos, que era o seu principal porto. As outras capitánias apresentavam aspecto pouco animador, á excepção do Rio-de-Janeiro, que pela fertilidade do solo e vantajosa situação da sua magnifica bahia fazia presagiar a sua grandeza futura. — Quanto aos indios, á excepção dos Aymorés e Guayanaes, as demais tribus selvagens estabelecidas ao longo da costa, desde Pernambuco até S. Vicente, haviam sido exterminadas, submettidas ou repellidas para os sertões do interior.

Qual era o estado do Brazil quando passou para o dominio hespanhol? Como prosperava a Bahia? Pernambuco? A capitania de S. Vicente? As outras capitánias? Que me dizeis dos indios? Eram ainda formidaveis aos colonos?

Sexto governador geral (1583-1591). — A Lourenço da Veiga succedeu Manuel Telles Barreto, que foi o primeiro governador geral nomeado por Philippe II. Na sua administração começaram as piratarias dos corsarios inglezes na costa do Brazil, por char-se a Hespanha em guerra com a Inglaterra, e teve logar a conquista e colonisação da Parahyba (1586). Telles Barreto falleceu em 1587, e succedeu-lhe um governo interino que durou 4 annos. Em 1588 chegou á Bahia uma expedição ingleza sob o commando de Roberto Withrington, a qual depois de assolar o Reconcavo tentou o ataque da cidade, donde foi repellida, graças á energia do jesuita Christovão de Gouvêa, que fez pegar em armas aos indios convertidos.

Quem succedeu a Lourenço da Veiga? Que occorreu de notavel na sua administração? Em que anno falleceu Telles Barreto e quem lhe succedeu? Que hostilidades praticaram os Inglezes em 1588?

Séptimo governador geral (1591-1602). — D. Francisco de Souza veiu render o governo interino em 1591. Empenhou-se debalde em encontrar as minas de prata descobertas por Roberio Dias. Este descendente de Caramurú tinha ido á côrte de Madrid offerecer o descobrimento de ricas minas de prata com condição de lhe ser conferido o titulo de marquez das Minas. Foi-lhe negada esta mercê, e Roberio Dias resentido morreu sem revelar o seu segredo. Os factos mais importantes que occorreram no governo de D. Francisco de Souza foram : a expedição do corsario inglez Cavendish contra S. Vicente e Espirito-Santo (1591), a dos inglezes Lancaster e Venner contra Pernambuco (1595), e a conquista e colonisação do Rio-Grande-do-Norte (1597). — Thomaz Cavendish surprehendeu os habitantes de Santos a ouvir Missa, e como estes de noite tivessem fugido para o interior com suas riquezas, por se terem entregado os Inglezes aos excessos da intemperança, mandou incendiar S. Vicente e fez-se ao mar. Arrojado por um temporal á costa de Santos, perdeu ahi 25 homens que desembarcaram, e seguiu para o Espirito-Santo, donde foi repellido vigorosamente. — Os corsarios Jayme Lancaster e João Venner, reunindo as suas forças, apoderaram-se do Recife, donde partiram carregados de despojos, havendo porém perdido grande parte de sua gente em uma emboscada.

Quem foi o 7º governador geral do Brazil? Em que se empenhou debalde? Quem era Roberio Dias? Que occorreu de notavel n'este governo? Que fez Cavendish? Que hostilidades praticaram Lancaster e Venner?

Successores de D. Francisco de Souza. — O 8º governador geral do Brazil foi Diogo Botelho, nomeado em 1602 por Philippe III, que succedera a seu pai Philippe II em 1598. No seu governo os Aymorés, que assolavam as capitánias dos Ilhéos e Porto-Seguro, foram pacificados e convertidos pelo jesuita Domingos Rodrigues. — A Diogo Botelho succedeu em 1608 D. Diogo de Menezes, cujo governo foi assignalado pela criação do primeiro tribunal da Relação na cidade da Bahia, pela colonisação do Ceará e pelo estabelecimento dos Francezes na ilha do Maranhão. — A D. Diogo de Menezes succedeu em 1615 Gaspar de Souza, em cujo governo foram os Francezes expulsos do Maranhão por Jeronymo de Albuquerque e Alexandre de Moura (1615). O outro facto importante que occorreu foi a conquista do Pará e a fundação da cidade

de Belém (1616). — A Gaspar de Souza succedeu em 1617 D. Luiz de Souza, filho de D. Francisco de Souza. Philippe IV, que subiu ao throno em 1621, formou das capitánias do Pará, Maranhão e Ceará um governo á parte, a que chamou *Estado do Maranhão* (1621).

Quem succedeu a D. Francisco de Souza? Por quem foi nomeado? Que occorreu de notavel no seu governo? — Quem succedeu a Diogo Botelho? Que factos assignalaram o seu governo? — Que se passou de notavel no governo de Gaspar de Souza? — Quem lhe succedeu? Que alteração se fez então na administração do Brazil.

Tomada da Bahia pelos Hollandezes. — No governo de Diogo de Mendonça Furtado que tomou posse do seu cargo em 1622, achando-se a Hespanha em guerra com a Hollanda, foi a Bahia tomada sem resistencia por uma esquadra hollandeza ao commando de Jacob Willekens, que fez prisioneiro o governador geral (10 de Maio de 1624). Os Hollandezes não tardaram porém a ser sitiados na Bahia pelos Bahianos animados pelo exemplo e palavras do seu digno bispo D. Marcos Teixeira. Por fim a côrte de Madrid, acordando-se do seu lethargo, expediu uma grande armada sob as ordens do almirante hespanhol D. Fradique de Toledo. Os Hollandezes tiveram então de capitular e embarcaram para a Europa em navios que para este fim lhes foram concedidos (Maio de 1625). — No governo de Diogo Luiz de Oliveira, o almirante hollandez Pieter Heyn entrou duas vezes no porto da Bahia, onde tomou muitos navios mercantes e assolou o Reconcavo.

Quando e como foi a Bahia tomada pelos Hollandezes? Como foram expulsos d'ali? Que fizeram elles no governo de Diogo Luiz de Oliveira?

Occupação de Pernambuco pelos Hollandezes (1630-1654). — No dia 15 de Fevereiro de 1630 appareceu diante de Olinda uma grande frota hollandeza de 70 velas sob o commando de Henrique Loncq. Em quanto os navios entretinham as baterias da costa com sua artilharia, o general hollandez Weerdenburch desembarcou com 5,000 homens no Pau Amarello, e seguindo por terra, apoderou-se de Olinda no dia 16 de Fevereiro. Mathias de Albuquerque, governador de Pernambuco, vendo que não podia defender o Recife pelo terror que se apoderara dos seus, pôz fogo aos armazens e aos navios ancorados no porto, e retirou-se para a outra margem do Capibaribe. Ainda assim para occuparem o Recife, tiveram os Hollandezes de tomar o forte de S. Jorge, que lhes resistiu heroicamente 10 dias, e só capitulou quando reduzido a um montão de ruinas. Mathias de Albuquerque fundou entretanto a uma legua do Recife, na planicie que se estende entre esta povoação

e Olinda, um arraial bem fortificado, a que deu o nome de *Campo Real do Bom Jesus*, donde os Hollandezes debalde tentaram desalojá-lo; e organisou as famosas guerrilhas conhecidas pelo nome de *companhias de emboscada*, que tanto molestaram os Hollandezes e impediram que elles se internassem pelo paiz.

Talvez ficasse Pernambuco abandonado ás suas proprias forças, se a côrte de Madrid não tivesse recebido informação de que se apresentava em Hollanda uma grande expedição contra o Brazil. Decidiu-se então a mandar para defendel-o uma poderosa armada ás ordens de D. Antonio Oquendo. As duas armadas encontraram-se ao norte da Bahia, e travaram renhida batalha, ficando a victoria indecisa (1631). O almirante hollandez Adrião Pater, vendo a sua nau incendiada, atirou-se ao mar envolto no seu pavilhão, exclamando : « O oceano é a unica sepultura digna de um almirante batavo. » Depois da batalha, Oquendo desembarcou 700 homens sob as ordens do conde Bagnuolo, e regressou para a Europa. Os Hollandezes entretanto, julgando o reforço muito mais consideravel, incendiaram Olinda e concentraram-se no Recife.

A fortuna continuou a mostrar-se adversa aos Hollandezes, que foram repellidos nos ataques que dirigiram contra a Parahyba, o Rio-Grande-do-Norte e o Pontal de Nazareth no cabo de S. Agostinho. Infelizmente um brasileiro veiu mudar a face da guerra, e foi o desertor Domingos Fernandes Calabar, homem de côr, nascido em Pernambuco, que conhecia perfeitamente todo o territorio da capitania. Guiados por seus conselhos, recobram os Hollandezes o seu primeiro ascendente; surprenderam e saquearam a villa de Iguarassú, e tomaram o forte do Rio Formoso, que oppoz a mais heroica resistencia (1652). No anno seguinte, por conselho de Calabar, atacaram o campo do Bom Jesus; mas foram rechaçados, perecendo na acção o seu chefe Rembach. Sigismundo van Schoppe, que lhe succedeu no commando, foi tambem repellido em um segundo ataque contra o mesmo campo. Mas em compensação d'estes revezes, tomaram os Hollandezes no mesmo anno o forte do Rio-Grande-do-Norte, ficando assim senhores d'esta capitania, e conquistaram em 1634 a Parahyba. Em 1655 o campo do Bom Jesus e o forte de Nazareth, que eram os unicos pontos que ainda restavam aos Portuguezes em Pernambuco, foram obrigados a capitular. Mathias de Albuquerque evacuou então a capitania e retirou-se para as Alagoas, acompanhado de 8,000 emigrantes. Passando perto da villa de Porto Calvo, tomou-a por um ardil de Sebastião do Souto, morador da mesma, e fez prisioneiro a Calabar, que pagou com a vida sua traição n'este logar do seu nascimento. Não podendo conservar a praça, Albuquerque arrasou as suas fortificações, e prose-

guiu a sua marcha para as Alagoas. — A Mathias de Albuquerque succedeu no commando do exercito de Pernambuco D. Luiz de Rojas y Borja, que trouxe da Europa um reforço de 1,700 homens. Tomando logo a offensiva, tratou de reoccupar Porto-Calvo; reduzido assim de forças, foi batido em uma batalha mui renhida pelo general hollandez Artichofski, e morto no conflicto (1656). O conde Bagnuolo, seu successor, fortificou-se no Porto-Calvo, e começou uma guerra de emboscadas e guerrilhas, na qual se distinguiram o chefe indio Philippe Camarão e o negro Henrique Dias.

Em 1657 chegou a Pernambuco o principe hollandez João Mauricio de Nassau com um poderoso reforço. O primeiro cuidado do novo governador foi atacar Porto-Calvo, que capitulou depois de porfiada batalha, retirando-se Bagnuolo com seu exercito para a Bahia. — Em Abril de 1658 o conde de Nassau appareceu na Bahia com uma armada de 40 navios e muita tropa de desembarque, e pôz cerco á praça; mas o conde Bagnuolo, que acudira em seu auxilio, o obrigou a levantar o cerco e regressar a Pernambuco com grandes perdas no fim do mez de Maio. Era então governador geral do Brazil Pedro da Silva, depois conde de S. Lourenço, que tomara posse em 1655.

Assustada a côrte de Madrid pela audaciosa tentativa de Nassau contra a Bahia, mandou uma grande esquadra ás ordens de D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre, que veio na qualidade de governador geral e chegou á Bahia em Janeiro de 1659. Elle travou em Janeiro do anno seguinte quatro combates navaes com os Hollandezes, que afinal saíram victoriosos, e voltando a Lisboa, foi ali encarcerado na torre de S. Julião. As forças que tinham marchado da Bahia por terra, seguindo os movimentos da esquadra portugueza para proteger o desembarque, tiveram então de regressar, effectuando uma marcha de mais de 400 leguas de ida e volta. E foi isto quasi uma felicidade, porque a não terem assim praticado, talvez a Bahia teria sido presa do almirante hollandez Jol, que veio devastar o Recovevo. — Ao conde da Torre succedeu D. Jorge de Mascarenhas, marquez de Montalvão, que veio com o titulo de vice-rei do Brazil (1640). Em Dezembro d'este mesmo anno rebentou em Lisboa uma revolução que restituiu a Portugal a sua independencia, sendo proclamado rei o duque de Bragança, que tomou o nome de D. João IV. O dominio hespanhol tinha durado 60 annos.

Que occorreu de notavel em 1650? Como tomaram os Hollandezes Olinda? Que fez então Mathias de Albuquerque? Como os Hollandezes se apossaram do Recife? Que posição occupou Albuquerque? Que providencias tomou a côrte de Madrid? Contai a batalha naval entre as esquadras hespanhola e hollandeza? Que fez depois Oquendo e que fizeram os Hollandezes? Como continuou a guerra? Quem

era Calabar? Que victorias alcançaram os Hollandezes em 1652? Que emprehen-
deram em 1635? Que vantagens conseguiram em 1654 e em 1655? Que reso-
luçã tomou então Albuquerque? Que fim teve Calabar? Quem succedeu a Albu-
querque no commando? Como se houve Rojas y Borja? Que plano de guerra
seguiu o seu successor? Qual foi o novo governador hollandez que chegou a Per-
nambuco em 1657? Que victoria alcançou no mesmo anno? Que tentou em 1658?
Quem era então governador geral do Brazil? Quem veio lhe succeder? Como se
houve elle com os Hollandezes? Quem succedeu ao conde da Torre e com que
título? Que succedeu de extraordinario em Portugal em 1640?

PERIODO III

Desde a restauração de Portugal até a transferencia da capital do Brazil para o Rio-de-Janeiro (1640-1763).

O Brazil entra de novo no dominio portuguez. — O Brazil reconheceu immediatamente a autoridade de D. João IV, que foi aclamado com enthusiasmo na Bahia e em todas as capitánias não sujeitas ao dominio hollandez. O marquez de Montalvão, apesar de mostrar-se n'essa occasião patriota e bom portuguez, foi deposto e remettido preso para Lisboa, formando-se um governo interino que funcionou desde Abril de 1644 até á chegada do governador geral Antonio Telles da Silva em Agosto de 1642.

Como receberam o Brazil a noticia da restauração de Portugal? Que aconteceu ao marquez de Montalvão? Quem lhe succedeu no governo do Brazil?

Expulsão dos Hollandezes do Brazil. — A decadencia do dominio hollandez no Brazil data da retirada de Mauricio de Nassau para a Hollanda em 1645. Os outros governadores que succederam a este habilissimo administrador provocaram com seus vexames uma insurreição, que foi promovida por André Vidal de Negreiros, natural da Parahyba, e João Fernandes Vieira, natural do Funchal na Madeira (1645). Este derrotou os Hollandezes no monte das *Tabocas*; e tendo-se-lhe reunido as forças de Camarão, Henrique Dias, Vidal de Negreiros e Soares Moreno, tomou o engenho de With (conhecido depois pelo nome de *Casa Forte*), onde o inimigo estabelecera o seu quartel general. Depois d'estas victorias os Independentes (chamavam-se assim os insurgentes de Pernambuco) occuparam Nazareth, Olinda, Porto Calvo e o forte Mauricio sobre o rio S. Francisco. O exemplo de Pernambuco foi imitado pela

Parahyba, que se insurgiu, não deixando em poder dos Holandezes senão o forte de Cabedello. — No entretanto el-rei D. João IV, que havia concluído um armistício de dez annos com a Hollanda, ordenou (sinceramente ou não) ao governador geral Telles da Silva que fizesse cessar a insurreição de Pernambuco, ordem a que não se submeteram os chefes dos insurgentes.

Em circumstancias bem criticas achavam-se já os Holandezes, quando em Agosto de 1646 chegou ao Recife uma esquadra hollandeza trazendo o general Sigismundo van Schoppe com 4,000 homens. Sigismundo, depois de um ataque mallogrado contra Olinda e de outros revezes, apoderou-se da ilha de Itaparica onde levantou um forte. Irritado o governador-geral por ver o inimigo tão perto da capital, ordenou ao mestre de campo Francisco Rebello que com 1,200 homens o fosse desalojar. Os Portuguezes foram rechaçados, ficando mortos o bravo Rebello e 600 soldados. Sigismundo não tirou vantagem alguma d'esta victoria, porque, chamado com instancia para o Recife, arrazou o forte e abandonou a ilha. — No entanto a côrte de Lisboa, temendo pela segurança da Bahia, expediu uma esquadra sob o commando de Antonio Telles de Menezes, conde de Villapouca, nomeado para succeder no governo do Brazil a Telles da Silva, que D. João IV julgou conveniente chamar para dar uma especie de satisfação á Hollanda; mas pouco antes havia o rei despachado secretamente a Barreto de Menezes com algum reforço para tomar o commando do exercito de Pernambuco. Barreto, na altura da Parahyba, caiu com suas caravellas em poder do inimigo, e foi levado preso para o Recife, donde conseguiu evadir-se, e chegando em Janeiro de 1648 no novo arraial do Bom Jesus, tomou logo o commando das forças. A 19 de Abril do mesmo anno ganharam os Independentes uma importantissima victoria, derrotando nos montes *Guararapes* o exercito hollandez commandado por Sigismundo. Outra ainda mais brilhante victoria alcançou Barreto de Menezes a 19 de Fevereiro de 1649 nos mesmos montes *Guararapes*, ficando de tal sorte destroçados e abatidos os Holandezes que nunca mais ousaram medir-se em campo raso com os Independentes. — A guerra continuou frouxamente, por persistir D. João IV em não auxiliar a estes, até que a 20 de Dezembro de 1655 Pedro Jacques de Magalhães chegou á vista de Pernambuco com uma esquadra de mais de 60 navios esquipada pela *Companhia do Commercio do Brazil*, e pôz-se logo em comunicação com os chefes dos Independentes. Apertou-se então tão vigorosamente o cerco do Recife por mar e por terra, que os Holandezes capitularam a 26 de Janeiro de 1654, obrigando-se a entregar a cidade e todas as praças que ainda occu-

pavam no Brazil. A paz com a Hollanda foi celebrada sete annos depois em 16 de Agosto de 1661, no reinado de D. Afonso VI, que succedera em 1656 a seu pai D. João IV : por este tratado de paz a Hollanda cedeu a Portugal todas as conquistas que fizera no Brazil mediante a indemnisação de 5 millhões de cruzados e outras vantagens.

De quando data a decadencia do dominio hollandez no Brazil? Como se portaram os governadores que succederam a Nassau? Que victorias alcançaram os Independentes? Que fez a Parahyba? Que ordens recebeu o governador geral? Que reforço receberam os Hollandezes em 1646? Que feitos militares praticou Sigismundo? Que providencias tomou então a côrte de Lisboa? Quem foi nomeado para commandar o exercito de Pernambuco? Que victorias alcançaram os Independentes em 1648 e 1649? Como continuou a guerra nos annos seguintes? Quando chegou e que fez a esquadra de Jacques de Magalhães? Como e quando terminou o dominio hollandez no Brazil? Quando se celebrou a paz com a Hollanda?

Factos notaveis da historia do Brazil nos 50 annos que decorreram depois da paz com a Hollanda. — Em 1676 foi elevado o bispado da Bahia a arcebispado metropolitano do Brazil, e foram creados os bispados do Rio-de-Janeiro, de Pernambuco e do Maranhão. — Em 1680 o governo portuguez, desejoso de estender a fronteira meridional do Brazil até á margem esquerda do Rio da Prata, mandou fundar n'ella a *Colonia do Sacramento*, que foi durante um seculo o pomo de discordia entre Portugal e Hespanha. — No governo de D. João de Lencastre (1694-1702), descobriram os Paulistas ricas minas de ouro na provincia de Minas-Geraes, e foi destruida em 1697 a formidavel republica de negros dos *Palmares*, que se formou na serra da Barriga nas Alagoas, e chegou a contar mais de 20,000 escravos fugidos. N'esse mesmo anno de 1697 falleceu na Bahia o famoso jesuita padre Antonio Vieira, que se distinguiu muito por seus escriptos e por seu zelo na cathecheze e defeza dos indios. — Em 1706 subiu ao throno de Portugal D. João V por morte de seu pai D. Pedro II. — Em 1708 rebentou em Minas-Geraes uma guerra civil entre os Paulistas e os *Emboabas* (eram assim alcunhados pelos Paulistas os Portuguezes que a descoberta de ricas minas de ouro havia ali attrahido em grande numero). — No reinado de D. João V foram creadas as capitancias de Minas-Geraes, Goyaz, Matto-Grosso, Piauhy e Santa-Catharina. Existiam já as do Pará, Maranhão, Ceará, Rio-Grande-do-Norte, Parahyba, Pernambuco, Bahia, Ilhéos, Porto-Seguro, Espirito-Santo, Rio-de-Janeiro e S. Pauló. As capitancias dos Ilhéos e Porto-Seguro reverteram á corôa e foram incorporadas á da Bahia, no reinado de D. José I. N'este reinado foram creadas a capitania

do Rio Negro (no Alto-Amazonas) e a do Rio-Grande-do-Sul; e no reinado de D. João VI, as das Alagoas e de Sergipe.

Que bispados se crearam em 1676 e a que foi elevado o bispado da Bahia? Onde e quando foi fundada a Colonia do Sacramento? Que factos notaveis occorreram no governo de D. João de Lencastre? Quem era o padre Antonio Vieira e quando alleceu? Que guerra rebentou em Minas-Geraes em 1708? Em que anno subiu ao throno D. João V? Que capitánias existiam já? Que outras capitánias foram creadas nos reinados subsequentes?

Expedições dos Francezes contra o Rio-de-Janeiro. —

Em Setembro de 1710 appareceu no porto de Guaratiba o francez Carlos Duclerc com uma flotilha de seis navios, e tendo ali desembarcado com uma força de mil homens, marchou sobre o Rio-de-Janeiro, onde penetrou sem encontrar resistencia, pela culpavel inacção do governador Francisco de Castro Moraes. Sendo porém repellidos os Francezes no ataque do palacio do governo, em cuja defesa morreu gloriosamente Gregorio de Castro Moraes, irmão do governador, e acudindo então este com suas tropas, acudaram-se aquelles no trapiche da cidade, e como o governador os ameaçasse de pôr fogo ao edificio, renderam-se prisioneiros. Seis francezes depois foi Duclerc de noite assassinado na casa que se lhe lera para morar. O que havia dado motivo á expedição de Duclerc foi a alliança que Portugal continuava a manter com a Inglaterra contra Luiz XIV rei de França na guerra da successão de Hespanha.

A outra expedição contra o Rio-de-Janeiro foi a do famoso Duguay-Trouin, um dos maiores homens de mar que a França produziu, o qual, tomando por pretexto a morte de Duclerc e os maus tratamentos soffridos pelos prisioneiros francezes, penetrou no porto do Rio-de-Janeiro a 12 de Setembro de 1711 com 16 navios de alto bordo e 5,000 homens de desembarque, favorecido do vento e de um denso nevoeiro, perdendo 500 homens no combate com as fortalezas, que se achavam sem guarnição sufficiente. Duguay-Trouin apossou-se logo da ilha das Cobras, que fôra abandonada, e d'ali começou a bombardear a cidade; desembarcando depois na praia do Valongo com todas as suas forças, atacou-a em uma noite tempestuosa e tomou-a, depois de havel-a o governador cobardemente abandonado com suas tropas. Vendo porém que não podia conservar a cidade, mesmo por não ser outro o fim da sua expedição senão tirar vingança e grandes lucros, propoz o seu resgate, que foi estipulado em 610,000 cruzados em dinheiro, 500 caixas de assucar e 200 bois, além do que pagaram os particulares para resgatar os seus effeitos, obrigando-se o governador a realisar o pagamento dentro do prazo de 15 dias. Logo no dia seguinte

depois de assignado este vergonhoso contracto, chegou de Minas o governador Antonio de Albuquerque com 5,000 homens. Cumpriu-se porém o que se havia estipulado, e Duguay-Trouin partiu do Rio-de-Janeiro no dia 15 de Outubro do mesmo anno 1711. Avalia-se em mais de seis mil contos a perda dos particulares, porque os Francezes, apenas tomaram a cidade, pozeram-se a saqueal-a, além de toda a esquadra portugueza encalhada e parte incendiada pelos proprios Portuguezes. O governador Francisco de Castro Moraes, em punição da sua ignobil conducta, foi deposto e condemnado a prisão perpetua em uma das fortalezas da Ilha.

Quem foi o chefe da primeira expedição franceza contra o Rio-de-Janeiro? Como penetrou na cidade? Qual foi o resultado d'esta expedição? — Qual foi a outra expedição dos Francezes contra o Rio-de-Janeiro? Como se apoderou da cidade? Por que preço foi ella resgatada? Quando se retiraram os Francezes? Em quanto se avalia a perda dos particulares? Como foi punida a conducta indigna do governador do Rio-de-Janeiro?

Factos mais notaveis da historia do Brazil desde a partida de Duguay-Trouin até a trasladação da capital do Brazil para o Rio-de-Janeiro. — Em 1713 celebrou-se a paz geral de *Utrecht*, que reconciliou Portugal com a França e fixou os limites entre o Brazil e a Guyana franceza, desistindo a França de suas pretensões sobre o territorio situado entre os rios Amazonas e Oyapock. — No governo de Fernandes Cesar de Menezes, 4º vice-rei do Brazil (1720-1735), descobriram-se as minas de ouro de Cuyabá e as de diamantes do Serro do Frio. — Em 1735 foi nomeado governador do Rio-de-Janeiro o illustre Gomes Freire de Andrade, conde de Bobadella, que no seu governo que durou até 1765 deu provas exuberantes de grande tino administrativo. — Em 1735 tomou posse do governo geral do Brazil o conde das Galvêas, 5º vice-rei, o qual deu grande impulso á exploração das minas de ouro. No seu governo foram creados em 1746 os bispados de S. Paulo e de Marianna. — Ao conde das Galvêas succedeu o conde de Atouguia, 6º vice-rei, em 1749. No anno seguinte concluiu-se em Madrid um tratado de limites entre a Hespanha e Portugal, pelo qual este cedia a Colonia do Sacramento em troca de algumas Missões formadas pelos Jesuitas nas margens do Uruguay. Foi encarregado da sua execução Gomes Freire de Andrade, que submetteu á força as ditas Missões (1756), sem poder effectuar a demarcação da fronteira do sul, pelo que foi annullado o tratado de Madrid em 1761. — Por morte de D. João V em 1750 subiu ao throno de Portugal seu filho D. José I, que entregou a direcção dos negocios publicos ao celebre marquez de Pombal. — Ao

conde de Atouguia succedeu o conde dos Arcos, 7º vice-rei, que tomou posse em 1755, no mesmo anno em que teve logar o espantoso terremoto de Lisboa, que destruiu quasi toda a cidade. No seu governo foram os Jesuitas expulsos de Portugal e do Brazil (1759). — O 8º vice-rei foi o marquez do Lavradio, que tomou posse em 1760 e governou apenas seis mzes, succedendo-lhe um governo provisorio. — Em 1762 rompeu a guerra com a Hespanha, e D. Pedro Cevallos, governador de Buenos-Ayres, tomou a Colonia do Sacramento e invadiu o Rio-Grande do Sul. Apezar do tratado de paz celebrado em Pariz em 1763 que mandava restituir todas as conquistas, Cevallos restituiu só a Colonia do Sacramento, conservando os territorios que occupara no Rio-Grande.

Que decidiu a paz de Utrecht relativo ao Brazil? Que houve de notavel no governo de Cesar de Menezes? Que governador foi nomeado para o Rio-de-Janeiro em 1755? Que occorreu de notavel no governo do conde das Galvêas? Quem lhe succedeu? e que tratado se concluiu com a Hespanha no seu governo? Quem foi encarregado da sua execução? e porque foi elle annullado? Quem succedeu a D. João V? Quem foi o primeiro ministro de D. Jose I? Que occorreu de bem notavel no governo do conde dos Arcos? Quem lhe succedeu? Quando rompeu a guerra com os Hespanhoes? e quaes foram as hostilidades da parte d'elles?

PERIODO IV

Desde a trasladação da capital do Brazil para o Rio-de-Janeiro até a chegada da familia real ao Brazil (1763-1808).

Vice-reis do Brazil depois da trasladação da capital do Brazil para o Rio-de Janeiro. — El-rei D. José I transferiu em 1763 a capital do Brazil da Bahia para o Rio-de-Janeiro, afim que os vice-reis de mais perto attendessem e mais facilmente acudissem ás guerras do sul. — O 1º vice-rei nomeado para o Rio-de-Janeiro foi o conde da Cunha, que creou no Rio-de-Janeiro os arsenaes de marinha e de guerra. — O 2º vice-rei foi o conde de Azambuja, que tomou posse em 1767. — O 3º vice-rei foi o marquez do Lavradio, que tomou posse em 1769, e foi um dos melhores administradores que teve o Brazil pelo impulso que deu á agricultura e ao commercio.

Quando e porque foi transferida a capital do Brazil da Bahia para o Rio-de-Janeiro? Quem foram os tres primeiros vice-reis nomeados para o Rio-de-Janeiro?

Guerra com os Hespanhóes; tratado de S. Ildefonso. — A despeito da paz de Pariz de 1763, continuaram as hostilidades na America do Sul. Em 1775 fundaram os Portuguezes o presidio de *Nova-Coimbra* sobre o rio Paraguay. No anno seguinte foram os Hespanhóes expulsos do Rio-Grande. A Hespanha mandou então uma poderosissima armada e 20,000 homens de desembarque sob o commando de D. Pedro Cevallos. Este tomou a 20 Fevereiro de 1777 a ilha de S. Catharina, capitulando indignamente o seu governador Furtado de Mendonça; e a 31 de Maio apoderou-se quasi sem resistencia da Colonia do Sacramento, cujas fortificações mandou arrazar. Tencionava levar avante suas conquistas, quando lhe chegou a noticia de ter-se assignado no 1º de Outubro de 1777 o tratado de paz de *S. Ildefonso*, que fixava os limites entre o Brazil e as colonias hespanholas e dava á Hespanha a Colonia do Sacramento. Reinava então em Portugal D. Maria I, que succedera a seu pai D. José I em Fevereiro de 1777. O principio d'este reinado foi assignalado pela demissão e desterro do grande ministro marquez de Pombal.

Que occorreu de notavel na guerra com os Hespanhoes? Que vantagens obteve Cevallos? Quando foi assignado o tratado de S. Ildefonso e que decidiu elle? Quando subiu ao throno D. Maria I, e qual foi o primeiro acto do seu reinado?

Vice-reinado de Vasconcellos; conspiração do Tira-dentes. — Ao marquez do Lavradio succedeu em 1779 na qualidade de vice-rei (4º) Luiz de Vasconcellos e Souza, a quem muito deve a cidade do Rio-de-Janeiro. Durante a sua administração que durou 11 annos, tramou-se em Minas-Geraes uma conspiração para proclamar a independencia d'aquella capitania. Os principaes que n'ella tomaram parte foram os poetas Ignacio de Alvarenga Peixoto, Claudio Manuel da Costa, Thomaz Antonio Gouzaga, e o alferes Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado o *Tira-dentes*. Os conspiradores resolveram aproveitar-se da cobrança das dividas atrasadas do quinto do ouro para levantarem o grito de revolta, por ser essa cobrança muito odiosa ao povo. A conspiração porém não teve exito, porque um dos conjurados, de nome Joaquim Silverio dos Reis, denunciou-a em Março de 1789 ao visconde de Barbacena, que era então governador de Minas-Geraes. Este suspendeu então a dita cobrança das dividas atrasadas, mandou prender os denunciados e os remetteu para o Rio-de-Janeiro, onde se installara a alçada que os devia julgar. Os principaes conjurados foram condemnados

á morte; mas esta pena foi-lhes commutada em degredo para a Africa, á excepção do Tira-dentes, que foi enforcado e esquartejado, sendo a sua casa arrazada e seus filhos declarados infames.

Que occorreu de bem notavel no governo de Vasconcellos? Quaes foram os principaes personagens que figuraram na conspiração? Porque mallogrou-se ella? Como foram punidos os conjurados?

Vice-reinado do conde de Rezende e de seus successores. — O 5º vice-rei nomeado para o Rio-de-Janeiro foi o conde de Rezende, que tomou posse em 1790. Foi um contraste do seu predecessor, alheando de si as sympathias do povo por sua administração arbitraria e inepta. No ultimo anno do seu governo (1801), rebentou de novo a guerra entre a Hespanha e Portugal, e os principaes factos que n'ella se deram foram a conquista dos sete povos das Missões pelos Portuguezes, e o ataque mallogrado dos Hespanhóes contra o forte de Nova Coimbra. As hostilidades cessaram com a noticia do tratado de paz concluido em Badajoz no mesmo anno. — Ao conde de Rezende succederam o marquez de Aguiar em 1801, e o conde dos Arcos em 1806.

Tendo em 1807 mandado Napoleão I o marechal Junot com um exercito para occupar Portugal, resolveu a côrte de Lisboa transferir-se para o Rio-de-Janeiro. O principe regente partiu portanto de Lisboa com a familia real e toda a côrte a 29 de Novembro de 1807 com uma esquadra de 7 naus, 5 fragatas, 4 brigues, além de muitos navios mercantes. Um temporal dispersou a esquadra, tribando parte d'ella á Bahia, onde o principe regente desembarcou a 23 de Janeiro de 1808.

Quem foi o 5º vice-rei nomeado para o Rio-de-Janeiro? Como governou? Que succedeu no ultimo anno do seu governo? Quem foram os successores do conde de Rezende? Quando e porque a côrte de Lisboa se transferiu para o Rio-de-Janeiro?

PERIODO V

Desde a chegada da familia real ao Brazil até a independencia d'este paiz (1808-1822).

Primeiros actos do principe regente. — Logo depois da sua chegada á Bahia, o principe regente, aconselhado pelo brazileiro Silva Lisboa (depois visconde de Cayrú), promulgou um decreto bloqueando os portos do Brazil a todas as nações amigas (28 de

Janeiro). Partiu depois para o Rio-de-Janeiro, aonde chegou a 7 de Março, sendo recebido pelo povo com o mais vivo enthusiasmo. No 1º de Maio do mesmo anno (1808) publicou D. João um manifesto declarando guerra á França; expediu-se portanto um corpo de 900 praças ao mando do coronel Manuel Marques contra a praça de Cayena (na Guyana franceza), a qual se rendeu em Janeiro de 1809. — Além dos tribunaes superiores e de todas as outras repartições necessarias á nova capital da monarchia, creou D. João um banco nacional, uma imprensa regia, uma bibliotheca publica, academias para a marinha e o exercito, uma escola medico-cirurgica, uma academia de bellas artes e varios outros estabelecimentos de summa utilidade. O principal inspirador de tão sabias medidas foi o ministro conde de Linhares. — Por decreto de 16 de Dez. de 1815 foi o Brazil elevado á categoria de reino unido ao de Portugal e Algarves. Em Março do anno seguinte, por morte de D. Maria I, subiu ao throno o principe regente com o nome de D. João VI.

Qual foi o 1º acto do principe regente ao chegar á Bahia? Quando chegou elle ao Rio-de-Janeiro e como foi recebido? Como tomaram os Portuguezes Cayena? Que estabelecimentos creou o principe regente no Rio-de-Janeiro? Quando foi o Brazil elevado a reino? Quando subiu ao throno o principe regente?

Guerra no sul do Brazil; annexação da Banda-Oriental.

Ao saber da revolução que rebentara no Rio-da-Prata contra o dominio hespanhol, mandou o governo do Rio-de-Janeiro organizar na fronteira do Rio-Grande-do-Sul um exercito de observação sob as ordens de D. Diogo de Souza, depois conde do Rio Pardo (1811). No entanto vieram tropas de Buenos-Ayres ás ordens do coronel Rondeau pôr cerco a Montevideo; e o general hespanhol Elio, que commandava a praça, pediu auxilio ao general portuguez. Entrou então D. Diogo de Souza na Banda-Oriental, occupou Serro Largo e continuou a sua marcha victoriosa até Maldonado, onde recebeu um expresso de Elio, participando-lhe o armisticio concluido com Rondeau e reclamando a retirada das tropas portuguezas. Como D. Diogo não annuisse a este pedido, levantou Rondeau o cerco e repassou o Rio-da-Prata. — No anno seguinte (1812) partiu D. Diogo de Maldonado para Paysandú, e bateu em varios recontros as forças de Artigas e de outros caudilhos. Tendo porém recebido participação do armisticio concluido em Maio do mesmo anno entre a junta de Buenos-Ayres e o enviado portuguez Rademaker, deu ordem ás suas tropas de cessar as hostilidades e de recolher-se para o territorio brasileiro.

Tendo em 1814 caído Montevideo em poder dos Argentinos, mandou o principe regente vir de Portugal a divisão dos *Voluntarios*

d'el-Rei, a qual, unida ás tropas brazileiras debaixo do commando do general Lecor, depois visconde da Laguna, teve ordem de occupar toda a Banda-Oriental. Emquanto Lecor marchava sobre Montevidéo, Artigas e outros caudilhos eram batidos em S. Borja e em outros pontos pelas forças brazileiras estacionadas no Rio-Grande-do-Sul. O general Lecor, depois de ter desbaratado Fructuoso Rivera em *India Morta* e occupado Maldonado, marchou sobre Montevidéo, onde entrou triunfante a 20 de Jan. de 1817. Mandou em seguida occupar a Colonia do Sacramento e Serro-Largo, e bater as guerrilhas que infestavam as margens do Uruguay. A 22 de Jan. de 1820 alcançou o conde da Figueira a brilhante victoria de *Taquarembó* sobre as forças de Artigas. Este caudillo, tendo por esta derrota perdido todo o prestigio, refugiou-se no Paraguay, onde foi retido prisioneiro pelo doutor Francia. — Em Abril de 1821 reuniram-se em Montevidéo os deputados das diversas povoações da Banda-Oriental, e resolveram incorporar este paiz ao Brazil com o nome de *Provincia Cisplatina* (31 de Julho).

Que fez o governo do Rio-de-Janeiro quando soube da insurreição do Rio-da-Prata? Que deu motivo á entrada das tropas portuguezas na Banda Oriental? Que fez D. Diogo de Souza? Como acabou a guerra? Que fez o principe regente quando em 1814 Montevidéo caiu em poder dos Argentinos? Que triunfos alcançaram as armas luso-brazileiras? Quando foi occupada a cidade de Montevidéo pelo general Lecor? Como continuou a guerra? Como a Banda-Oriental foi annexada ao Brazil?

Revolução de Pernambuco em 1817. — A rivalidade sempre crescente entre Portuguezes e Brazileiros, a parcialidade do governo a favor d'aquelles, e o exemplo das colonias hespanholas, que se haviam declarado independentes, foram as verdadeiras causas d'esta revolução, que era promovida pelas sociedades secretas de Pernambuco. Um facto de pouca entidade deu-lhe principio, que foi a ordem de prisão contra alguns officiaes brazileiros. No acto de pôr-se ella em execução, o capitão de artilharia José de Barros Lima atravessou com a espada o brigadeiro Barbosa de Castro, insurgindo-se logo a tropa (Março de 1817). O governador da provincia, Miranda Montenegro, refugiou-se então na fortaleza do Brum, onde capitulou e seguiu para o Rio-de-Janeiro. A revolução estendeu-se á Parahyba, ao Rio-Grande-do-Norte e ás Alagoas. Logo que chegou á Bahia a noticia da revolução de Pernambuco, o conde dos Arcos, seu governador, expediu por terra uma columna ás ordens do marechal Cogominho de Lacerda, e alguns navios que, reunidos á esquadra de Rodrigo Ferreira Lobo, bloquearam o Recife. Não tardou a declarar-se a reacção contra os insurgentes na Parahyba, Rio-Grande-do-Norte e Alagoas, e o governo illegal do Recife, vendo-se

pouco apoiado, tratou de capitular. Entabulavam-se as negociações para este fim, quando o dictador Domingos Theotónio retirou-se do Recife com a guarnição (19 de Maio): a cidade foi em seguida occupada pelas forças legaes. Domingos Theotónio, ao saber esta noticia, fugiu, e a sua tropa debandou-se. Começaram então crueis perseguições contra os compromettidos: as cadeias do Recife não foram sufficientes para conter os presos; confiscaram-se-lhes os bens, e muitos foram condemnados á morte.

Quaes foram as causas da revolução de Pernambuco de 1817? Que foi o que lhe deu principio? Que fez o governador Miranda Montenegro? Que provincias adheriram á revolução? Que providencias tomou o governador da Bahia? Como foi abalada a revolução?

Revolução de Portugal em 1820: seus effeitos no Brazil. — Portugal não podia ver com bons olhos os portos do Brazil abertos ao commercio estrangeiro com grave prejuizo seu, e a sua antiga colonia elevada á categoria de reino e sendo residencia da côrte; nem supportar o governo despotico e militar que o opprimia. O exemplo de Hespanha que acabava de adoptar um governo constitucional excitou o partido portuguez, de sorte que em Agosto de 1820 rompeu na cidade do Porto uma revolução, que se estendeu por todo o reino e triunfou em Lisboa, onde se reuniram as côrtes para elaborar uma constituição politica. — Apenas chegou ao Brazil a noticia da revolução de Portugal, pronunciaram-se a favor da futura constituição o Pará, a Bahia e outras provincias. No Rio-de-Janeiro, a exigencias das tropas de guarnição, os principes D. Pedro e D. Miguel juraram, em nome d'el-rei seu pai e nos seus proprios, a constituição que as côrtes de Lisboa houvessem de promulgar (26 de Fev. de 1821). Alguns dias depois, por decreto de 7 de Março, manifestou D. João VI a sua resolução de regressar para Portugal, e mandou proceder á eleição dos deputados ás côrtes de Lisboa. Reunidos os eleitores na Praça do Commercio, excederam logo as suas attribuições, exigindo que el-rei adoptasse a constituição hespanhola e tomando outras medidas extraordinarias, por cujo motivo um destacamento da divisão portugueza invadiu a Praça do Commercio e dispersou a assembléa. A 22 de Abril promulgou D. João VI um decreto nomeando o príncipe D. Pedro regente e seu logar-tenente no reino do Brazil, e a 26 do mesmo mez partiu com a familia real para Portugal.

Quaes foram as causas que deram motivo á revolução de Portugal de 1820? Como teve ella logar? Que effeitos produziu no Brazil? Que se passou de notavel no Rio-de-Janeiro? Que resolução tomou depois D. João VI? Como se portaram os eleitores? Quando partiu a côrte para Portugal?

Medidas tomadas pelas côrtes de Lisboa a respeito do Brazil. — Para reduzir o Brazil ao antigo estado colonial, as côrtes de Lisboa por lei de 24 de Abril de 1821 declararam independentes do Rio-de-Janeiro todos os governos provinciaes, ficando estes sujeitos tão sómente a Portugal, o que fez que algumas provincias não quizeram reconhecer a autoridade do principe D. Pedro, chegando a junta da Bahia a pedir reforço de tropas ao governo portuguez. Continuaram as côrtes no seu plano oppressivo : aboliram os tribunaes mais importantes do Rio-de-Janeiro, deram ordem ao principe D. Pedro de voltar para Portugal, nomearam para cada provincia um governador das armas, delegado do poder executivo de Lisboa, e decidiram que se enviassem reforços de tropas para Pernambuco e Rio-de-Janeiro. Actos tão arbitrarios exasperaram os animos dos Brasileiros, inspirando-lhes desejos de independencia. As juntas de S. Paulo e Minas-Geraes dirigiram ao principe regente representações, pedindo-lhe que não regressasse para Portugal. A 9 de Jan. de 1822 a camara municipal do Rio-de-Janeiro apresentou ao principe uma petição do povo no mesmo sentido, e D. Pedro respondeu ao seu presidente José Clemente Pereira : « *Como é para bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico.* » Esta declaração produziu geral satisfação, excepto nos militares portuguezes. A divisão auxiliadora em numero de 2,000 homens occupou o morro do Castello; mas teve de capitular diante das numerosas forças brasileiras que se reuniram no campo de Sant'Anna, retirando-se para Nitheroy, onde embarcou para Portugal a 15 de Fev. do mesmo anno.

Depois da sua declaração D. Pedro nomeou José Bonifacio de Andrada ministro do reino e dos negocios estrangeiros, e convocou um conselho dos procuradores das provincias. Chegando entretanto ao Rio-de-Janeiro no dia 5 de Março a esquadra portugueza que devia conduzir D. Pedro a Portugal, só se lhe permittiu entrar no porto no dia 10 com a condição de voltar immediatamente para a Europa sem tocar porto algum do Brazil. A 13 de Maio aceitou D. Pedro o titulo de *Defensor perpetuo do Brazil*, a pedido da camara municipal do Rio-de-Janeiro, e a 3 de Junho convocou uma Assembléa constituinte.

Que medidas tomaram as côrtes de Lisboa para reduzir o Brazil ao antigo estado colonial? Que effeitos produziram no Brazil esses actos arbitrarios? Que representações foram dirigidas ao principe regente, e que resposta deu este ao presidente da camara municipal do Rio-de-Janeiro? Que fez então a guarnição portugueza do Rio? Que fez D. Pedro depois da sua declaração? Como foi recebida a esquadra portugueza que devia conduzir D. Pedro a Portugal? Que fez o principe depois da partida d'essa esquadra?

Independencia do Brazil. — Ao receber a noticia que se iam expedir de Portugal novas forças ao Brazil, publicou D. Pedro o manifesto do 1º de Agosto em que exhortava os Brasileiros a se unirem para conseguir a sua independencia. Partiu depois a 14 do mesmo para S. Paulo, onde reinavam graves dissensões, e voltava para o Rio-de-Janeiro, quando, recebendo noticias da attitude que contra elle tomavam as côrtes de Lisboa, resolveu proclamar logo a independencia do Brazil. Foi no dia 7 de Set. de 1822 sobre as margens do Ypiranga (ribeiro perto de S. Paulo), que o principe D. Pedro soltou o grito de *Independencia ou morte*, grito que ecoou em todas as provincias e constituiu o Brazil nação independente. De volta ao Rio de Janeiro foi D. Pedro aclamado imperador constitucional do Brazil no dia 12 de Out., e a sua coroação teve logar no 1º de Dez. do mesmo anno 1822.

Que manifesto publicou D. Pedro no 1º de Agosto? Que viagem empreheudeu depois? Quando e em que logar foi proclamada a independencia do Brazil? Quando foi D. Pedro aclamado imperador do Brazil?

PERIODO VI

Reinado de D. Pedro I (1822-1831).

Evacuação do Brazil pelas tropas portuguezas. — Para expulsão das tropas portuguezas da Bahia, lord Cochrane, a quem se deu o commando da esquadra brasileira, bloqueou-a por mar, apezar da superioridade da esquadra portugueza, em quanto por terra a sitiava o exercito imperial ás ordens do general Labatut. Reduzidas a extrema penuria, as tropas portuguezas commandadas pelo general Madeira evacuaram a Bahia no dia 2 de Julho de 1825, e embarcaram-se na esquadra portugueza, que foi perseguida até a foz do Tejo por navios da divisão de lord Cochrane. Seguindo este para o Maranhão, fez esta provincia adherir á causa da independencia, e expediu ao Pará o capitão Pascoe Grenfell que obteve alli o mesmo resultado. — Na Provincia Cisplatina, vendo o general D. Alvaro de Castro que não restava tropa portugueza em ponto algum do Brazil, evacuou Montevidéo, embarcando com a sua divisão para Portugal. A 29 de Agosto de 1825 assignou-se no Rio-de-Janeiro um tratado pelo qual Portugal reconheceu a independencia do Brazil.

Como foram expulsas as tropas portuguezas da Bahia? Que outros serviços prestou lord Cochrane á causa da independencia? Que fez o general portuguez que commandava na Provincia Cisplatina? Quando foi reconhecida por Portugal a independencia do Brazil?

Separação da Provincia Cisplatina que se constitue em estado independente. — Quem deu principio á sublevação da Provincia Cisplatina foi Lavalleya que com 52 Argentinos saltou em Abril de 1825 no territorio Oriental, onde ateou a revolução em toda a campanha. O primeiro combate com as tropas brazileiras deu-se a 12 de Out. em Sarandy, onde Bento Manuel Ribeiro que as commandava foi derrotado. A 4 de Nov. o governo de Buenos-Ayres dirigia ao governo brazileiro uma nota declarando a Banda-Oriental incorporada á Republica Argentina, o que equivalia a uma declaração de guerra. A esquadra brazileira bloqueou então o Rio-da-Prata, onde obteve em Julho de 1826 uma victoria contra a esquadilha de Buenos-Ayres commandada por Brown. Entretanto o exercito brazileiro ao mando de Lecor permanecia inactivo em Montevideo. A vista d'este estado de cousas D. Pedro I partiu a 24 de Nov. para o Rio-Grande-do-Sul; mas a morte da imperatriz o obrigou logo a regressar ao Rio-de-Janeiro, conferindo o commando do exercito ao marquez de Barbacena. — A 20 de Fev. de 1827 deu-se a batalha de *Ituzaingo*, em que as tropas brazileiras sem algum motivo receberam ordem de retirada. Ao mesmo tempo uma divisão da esquadra brazileira foi destruida no Uruguay por Brown, e uma expedição á Patagonia caiu em poder do inimigo. A guerra continuou frouxamente até que a 27 de Agosto de 1828 foi assignado um tratado de paz que reconhece a independencia do Estado Oriental do Uruguay.

No principio d'esta guerra chegou a noticia da morte de D. João VI, fallecido a 10 de Março de 1826, e da aclamação de D. Pedro como rei de Portugal. Para não despertar desconfiança nos Brazileiros, abdicou o imperador a corôa de Portugal em sua filha D. Maria da Gloria, nomeando seu logar-tenente no reino de Portugal a seu irmão D. Miguel.

Em Junho de 1828 sublevaram-se no Rio-de-Janeiro as tropas allemãs e irlandezas ao serviço do Brazil, e restabeleceu-se a ordem pelo emprego da força e depois de uma luta sanguinolenta, sendo transportados os revoltosos para a Europa. Em Julho do mesmo anno chegou ao Rio-de-Janeiro o almirante francez Roussin com uma nau e duas fragatas, e exigiu com os morrões accesos a entrega dos navios francezes apresados durante o bloqueio do Rio-da-Prata e uma indemnisação por perdas e damnos. O governo imperial, vendo-se sem forças, cedeu ás reclamações.

Quem deu principio á sublevação da Prov. Cisplatina? Qual foi o primeiro combate que se deu? Que nota dirigiu o governo argentino por essa occasião? Que fez então o Brazil? Que resolução tomou D. Pedro I? Que batalha deu o Marquez de Barbaena? Que outros revezes soffreram os Brazileiros? Quando se concluiu a paz? Que noticias importantes chegaram de Portugal em 1826 e que decidiu D. Pedro I? Que desordens se deram no Rio de Janeiro em 1828? Que veio fazer ao Rio o almirante francez Roussin?

Fim do reinado de D. Pedro I: sua abdicção. — Como encontrasse graves obstaculos o reconhecimento de D. Maria da Gloria por rainha de Portugal, D. Pedro I sel-a voltar para o Rio-de-Janeiro, aonde chegou a 16 de Out. de 1829, vindo em sua companhia a princeza D. Amelia de Leuchtemberg para casar com o imperador. Celebrou-se este casamento no dia seguinte, instituindo-se por esta occasião a ordem da Rosa.

A revolução franceza de 1830 produziu tal excitação nos animos, que D. Pedro I resolveu partir para Minas-Geraes, onde o descontentamento e o espirito de revolta haviam assumido grave caracter. Não tendo alli recebido o acolhimento entusiastico que esperava, e vendo o mau effeito que produzira a sua proclamação de Ouro-Preto, voltou desgostoso para a cõrte, aonde chegou a 11 de Março de 1831. Parte da população, na qual avultavam os Portuguezes, resolveu festejar a volta do imperador, o que provocou um conflicto sangui-nolento com o partido exaltado na noite de 13 para 14 de Março, chamada *noite das garrafadas*. Revivendo assim todo o antigo odio contra os Portuguezes, o imperador demittiu o ministerio e nomeou outro composto de seis titulares mui impopulares. Reuniram-se então os descontentes no campo de Sant'Anna, pedindo a reintegração do ministerio demittido. O imperador recusou, e vendo o aspecto serio que tomavam os negocios, abdicou a 7 de Abril de 1831 em seu filho o principe D. Pedro que só contava 5 annos de idade, e nomeou-lhe por tutor a José Bonifacio de Andrada. Retirou-se em seguida para a nau ingleza *Warspite*, da qual passou depois para a fragata *Volage* da mesma nação, que partiu para a Europa no dia 13 do mesmo mez.

Quando e porque voltou ao Rio-de-Janeiro D. Maria da Gloria, e quem com ella veio? Quando se celebrou o casamento? Porque foi D. Pedro I a Minas, e como d'alli voltou? Que desordens occorreram na cõrte na sua volta? Que foi o que motivou a abdicção do imperador? Que fez elle depois?

PERIODO VII

Reinado de D. Pedro II.

Minoridade de D. Pedro II; regentes que governaram o Brazil. — No mesmo dia da abdição nomeou-se uma regencia provisoria composta do Marquez de Caravellas, do brigadeiro Lima Silva e do senador Vergueiro. A regencia permanente foi nomeada a 17 de Junho e compunha-se de tres membros: o brigadeiro Lima Silva, e os deputados Costa Carvalho e Bráulio Moniz. Occorreram durante esta regencia revoluções provocadas pela soldadesca insuordinada no Pará, Maranhão, Pernambuco, Ceará, Rio-de-Janeiro e Minas. A 24 de Set. de 1834 falleceu em Lisboa o Senhor Dom Pedro I.

A 7 de Abril de 1855 foi eleito regente do Imperio o padre Diogo Antonio Feijó, que tomou posse do cargo a 12 de Out. O acontecimento de mais vulto occorrido n'esta regencia foi a revolução do Rio Grande do Sul, que rebentou em Set. de 1855 e durou cerca de dez annos: o seu pacificador foi o barão de Caxias. O padre Feijó deixou a regencia em Set. de 1857, transmittindo-a ao ministro do Imperio o senador Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda, que foi nomeado regente effectivo a 22 de Abril de 1858. Os factos mais importantes que occorreram n'esta regencia foram as revoluções que rebentaram na Bahia em 1857 e no Maranhão em 1858, a derrota que em Abril de 1858 soffreram as armas imperiaes na Ilha do Rio Pardo, no Rio-Grande-do-Sul. N'este mesmo anno de 1858 foram fundados o collegio de Pedro II e o Instituto historico geographico do Brazil.

Quando foi nomeada a regencia permanente e de que membros se compunha? De que revoluções se deram durante esta regencia? Depois d'ella quem foi eleito regente do Imperio? Qual foi o principal acontecimento occorrido na regencia do Padre Feijó? Quem lhe succedeu como regente? Que se passou de mais notavel na regencia do Marquez de Olinda?

Proclamação da maioridade de D. Pedro II. — Continuava a guerra civil no Rio-Grande-do-Sul e a situação do Maranhão insinuava serios receios, quando no seio da Assembléa geral de 1840 puzilou-se a questão de proclamar-se a maioridade do imperador antes de completado o tempo assignado pela Constituição. O que

apressou a sua solução foi o decreto do adiamento das camaras apresentado a 22 de Julho pelo ministro do Imperio Bernardo Pereira de Vasconcellos. Reuniram-se então no senado os deputados e senadores que pugnavam a favor da maioridade, e enviaram uma deputação ao imperador para pedir-lhe que tomasse as reideas do governo. Em quanto o imperador deliberava sobre o assumpto, chegou ao paço de S. Christovão o regente e o consultou se elle queria ser aclamado no dia 2 de Dezembro ou já, ao que o imperador respondeu: *Quero já*; e mandou convocar para o dia seguinte Assembléa geral. Esta proclamou a maioridade de D. Pedro II no meio do maior enthusiasmo de todos, prestando este Senhor no mesmo dia o juramento ordenado pela Constituição (23 de Julho de 1840). No dia 22 de Agosto concedeu D. Pedro II uma amnistia geral para os crimes politicos, a qual concorreu efficazmente para a pacificação do Maranhão. O acto solemne da sagração e coroação do joven monarcha teve logar a 18 de Julho de 1841.

Qual era o estado do Brazil quando se tratou da maioridade de D. Pedro II? Que veiu apressar a solução d'esta questão? Que deputação foi enviada ao imperador e qual foi a decisão d'elle? Como e quando foi proclamada a maioridade de D. Pedro II? Qual foi um dos primeiros actos do seu governo? Quando se celebrou a sua sagração e coroação?

Revolução em S. Paulo e Minas-Geraes. — As causas que suscitaram a revolução de S. Paulo foram: a promulgação de duas leis para creação de um novo conselho de estado e reforma do codigão do processo, votadas em 1841 pela Assembléa geral, e a dissolução da camara dos deputados em Maio de 1842. Os rebeldes aclamaram presidente de S. Paulo ao brigadeiro Raphael Tobias de Aguiar. Logo que o governo teve conhecimento d'estes factos, mandou forças ás ordens do barão de Caxias, o qual depois de alguns combates conseguiu suffocar a rebellião. Mas no entanto a insurreição tinha-se declarado tambem em Minas-Geraes, nomeando os rebeldes presidente da provincia a Feliciano Pinto Coelho. Para debellal-a foi mandado o barão de Caxias, que derrotou completamente os rebeldes em *Santa-Luzia* em Agosto de 1842: esta victoria pôz termo a rebellião. — A 4 de Set. de 1843 celebrou-se o casamento de D. Pedro II com D. Thereza Christina, princeza de Napoles.

Quaes foram as causas da revolução de S. Paulo? Como foi ella suffocada? Que outra provincia se insurgiu contra o governo imperial? Quem foi encarregado de pacifical-a? Que occorreu de notavel em Set. de 1843?

Pacificação do Rio Grande-do-Sul. — Ao pacificador do Maranhão, de S. Paulo e de Minas-Geraes coube ainda a gloria de ter

minar a guerra intestina que desde longos annos assolava a provincia de S. Pedro do Rio-Grande. O barão de Caxias partiu para o seu destino em fins de 1842, e por suas victorias e mórmente por sua moderação conseguiu em 1845 pacificar a provincia, para o que muito concorreu a amnistia concedida pelo imperador aos rebeldes em fins de 1844. Pouco depois emprehenderam Suas Magestades Imperiaes uma viagem ao sul do Imperio, visitando as provincias de S. Catharina, Rio Grande e S. Paulo. (Out. de 1845 — Abril e 1846).

Revolução de Pernambuco em 1848. — A organização do gabinete de 29 de Set. de 1848 e as numerosas demissões de empregados que a acompanharam, exacerbaram os animos dos Pernambucanos a ponto de levantarem o estandarte da rebellião. Depois de varios combates, atacaram os rebeldes o Recife e foram derrotados, morrendo na acção um dos seus principaes chefes o desembargador Nunes Machado (2 de Fev. de 1849). Este revez enfraqueceu extremamente o partido rebelde, e a ordem não tardou a estabelecer-se na provincia.

A quem coube a gloria de pacificar o Rio-Grande-do-Sul? Como e quando conseguiu elle este resultado? Que viagem emprehenderam depois SS. MM. II.? — Que deu occasião á revolução de Pernambuco de 1848? Como foi ella soffocada?

Guerra contra Rosas. — Em 1851 declarou o Brazil guerra ao dictador de Buenos-Ayres D. Manuel Rosas, cujo agente Oribe sitiava havia 9 annos a praça de Montevidéo, ameaçando assim a independencia do Estado Oriental. O Brazil alliou-se com Urquiza, governador de Entre-Rios, o qual se declarara contra o tyranno de Buenos-Ayres. A 6 de Set. de 1851 entrou no territorio Oriental o exército de Caxias com 18,000 homens de tropas brazileiras; e a 1 de Out. rendeu-se Oribe com todo o seu exercito, ficando assim assegurada a independencia do Estado Oriental. Destacou-se então o exercito brazileiro uma divisão de 4,000 homens sob as ordens do brigadeiro Manoel Marques de Souza, depois conde de Porto-Aleire, para reforçar o exercito de Urquiza. A esquadra brazileira que transportou a divisão forçou victoriosa o passo de *Tonelero*, sob o commando do almirante Grenfell. Reunidas as forças alliadas, marcharam sobre Buenos-Ayres, e destroçaram as forças de Rosas na batalha de *Monte-Caseros*, devendo-se a victoria ao denodo da divisão brazileira. Rosas, para não cair em poder dos alliados, teve de fugir e embarcou-se para a Europa. Uma das principaes vantagens que o Brazil retirou d'esta gloriosa campanha foi a demarcação de limites com o Estado Oriental do Uruguay.

Porque declarou o Brazil guerra a Rosas? Qual foi o seu alliado n'esta guerra?

Como começou a campanha? Que serviços prestou a esquadra brasileira? Que triumpho alcançaram os alliados? Que foi feito de Rosas? Que vantagem retirou o Brazil d'esta campanha?

Guerra do Paraguay (1861-1870). — O facto de maior vulto occorrido no reinado de D. Pedro II é a guerra que o Brazil sustentou por 5 annos contra Francisco Solano Lopes, presidente do Paraguay, guerra por este injustamente provocada sob o pretexto de haverem as tropas brasileiras invadido o Estado Oriental do Uruguay. Tratemos pois primeiramente d'esta campanha, para depois fallarmos da guerra do Paraguay.

Como o governo de Montevidéo recusasse pôr cobro aos repetidos vexames e offensas que soffriam os Brasileiros residentes n'aquelle Estado, o governo imperial, depois de esgotados todos os meios conciliatorios, viu-se forçado a recorrer ás armas para desaffrontar a honra nacional. Um exercito brasileiro sob o commando do general Menna Barreto entrou no territorio Oriental, tomou *Paysandú* (2 de Jan. de 1865), e obrigou a capitular a praça de Montevidéo, que foi entregue ao general oriental Flores, alliado do Brazil (20 de Fev. do mesmo anno).

O presidente do Paraguay quiz intervir na contenda, e julgando a invasão do Estado Oriental como contraria ao equilibrio dos estados do Prata, sem prévia declaração de guerra, mandou capturar o paquete brasileiro *Marquez de Olinda*, que levava o coronel Carneiro de Campos, nomeado presidente do Matto-Grosso, o qual com os demais passageiros e tripulação foram encarcerados. Tal foi a origem d'esta longa e encarniçada guerra. Não achando-se o Brazil preparado para ella, teve o governo imperial de empregar medidas extraordinarias: mandou construir navios encouraçados, creou corpos de voluntarios da patria, chamou ao serviço activo a guarda nacional, e enviou por terra uma expedição ao Matto-Grosso.

Os principaes acontecimentos da guerra do Paraguay foram, em 1865: a invasão pelos Paraguayos da provincia de Corrientes (Abril); — o tratado de triplice alliança entre o Brazil e as republicas Argentina e Oriental, assignado em Buenos Ayres no 1º de Maio; a invasão da prov. do Rio-Grande-do-Sul (Junho); a brilhante victoria naval de *Riachuelo*, alcançada no rio Paraná a 11 de Junho pela esquadra brasileira ao mando do chefe de divisão Barroso (barão do Amazonas); a partida do imperador para o Rio-Grande-do-Sul em Julho; a rendição de *Uruguayana* a 18 de Set., ficando prisioneiro todo o exercito paraguayano que havia invadido o Rio-Grande. — Os principaes feitos militares da campanha de 1866 foram: a entrada do exercito brasileiro, ás ordens do general Ozorio (marquez do Herval), no territorio do Paraguay pelo Passo da

Patria (Abril); a batalha de 24 de Maio, em que foi derrotado o exercito de Lopez em numero de 18,000 homens; a tomada de *Turuzú* pelo visconde de Porto-Alegre; e o ataque mallogrado de *Turupaity*, em que foi rechaçado o exercito alliado com grandes perdas. Em Nov. do mesmo anno foi o marquez de Caxias nomeado commandante em chefe das forças brazileiras. — Em 1867 o feito mais importante foi a derrota dos Paraguayos que vieram atacar o acampamento de *Tuyuti*. — Em 1868 os principaes successos foram: a brilhante passagem de *Humaitá* pela esquadra brazileira a 19 de Fev.; o reconhecimento das fortificações d'esta praça, cujo resultado foi a sua evacuação pelos Paraguayos a 25 de Julho; a concentração do exercito de Lopez entre Angostura e Villeta, onde foi batido pelas tropas brazileiras nos combates de *Itororó*, *Villeta* e *Lomba-Valentina* (Dezembro); e a 30 do mesmo a tomada de *Angostura*, que abriu aos alliados as portas de Assumpção. — O que occorreu de mais notavel em 1869 foi: a entrada solemne dos Brazileiros em Assumpção a 5 de Jan.; a retirada do marquez de Caxias por molestia, e a nomeação do conde d'Eu para succeder-lhe no commando em chefe (Março); e o estabelecimento de um governo provisorio no Paraguay (Agosto). — Depois de una serie de gloriosos combates, deu-se em fim no dia 1º de Março de 1870 o ataque de *Cerro-Corá*, á margem do Aquidaban, perecendo o commandador Lopez, cuja morte pôz termo á guerra do Paraguay.

Que deu occasião á guerra do Paraguay? Por que motivo entraram as tropas brazileiras no Estado Oriental e que feitos notaveis assignalaram esta campanha? Quaes foram as primeiras hostilidades da parte do governo do Paraguay? Que medidas tomou o governo brazileiro? Quaes foram os factos mais memoraveis da guerra do Paraguay em 1865? em 1866? em 1867? em 1868? em 1869? em 1870?

TABOA CHRONOLOGICA DA HISTORIA DO BRAZIL

Reis de Portugal.

5. D. Manuel o Venturoso.
1. D. João III, filho de D. Manuel.
7. D. Sebastião, neto de João III.
8. O cardeal D. Henrique, irmão de D. João III.

Reis de Hespanha e Portugal.

9. Philippe II, filho de Carlos V.
8. Philippe III, filho de Philippe II.
1. Philippe IV, filho de Philippe III.

Reis de Portugal.

1610. D. João IV, duque de Bragança.
1656. D. Affonso VI, filho de D. João IV.
1683. D. Pedro II, filho de D. João IV.
1706. D. João V, filho de D. Pedro II.
1730. D. José I, filho de D. João V.
1777. D. Maria I, filha de D. José I.
1816. D. João VI, filho de D. Maria I.

Imperadores do Brazil.

1822. D. Pedro I, filho de D. João VI.
1831. D. Pedro II, filho de D. Pedro I.

Governadores geraes do Brazil.

1549. 1° Thomé de Souza.
 1555. 2° Duarte da Costa.
 1558. 3° Mem de Sá.
 1572. 4° Luiz de Brito.
 1578. 5° Lourenço da Veiga.
 1585-87. 6° Manuel Telles Barreto; succedeu-lhe um governo interino.
 1591. 7° D. Francisco de Souza.
 1602. 8° Diogo Botelho.
 1608. 9° D. Diogo de Menezes.
 1615. 10° Gaspar de Souza.
 1617. 11° D. Luiz de Souza.
 1622. 12° Diogo de Mendonça Furtado.
 1624. 13° Mathias de Albuquerque.
 1625. 14° D. Francisco de Moura Rolim.
 1627. 15° Diogo Luiz de Oliveira.
 1635. 16° Pedro da Silva (o Duro).
 1659. 17° D. Fernando de Mascarenhas, conde da Torre.
 1640. 18° D. Jorge de Mascarenhas, m. de Montalvão, 1° vice-rei do Br.
 1642. 19° Telles da Silva.
 1647. 20° Telles de Menezes, conde de Villapouca.
 1650. 21° Rodrigues de Vasconcellos, conde de Castello-Melhor.
 1654. 22° D. Jeronimo de Atahide, conde de Alouguia.
 1657. 23° Francisco Barreto de Menezes.
 1665. 24° D. Vasco de Mascarenhas, conde de Obidos, 2° vice-rei.
 1667. 25° Alexandre de Souza Freire.
 1671-75. 26° Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena; succedeu-lhe um governo interino.
 1678. 27° Roque da Costa Barreto.
 1682. 28° Antonio de Souza de Menezes.
 1684. 29° Tello de Menezes, marquez das Minas.
 1687. 30° Mathias da Cunha.
1690. 31° Gonçalves da Camara Coutinho.
 1694. 32° D. João de Lencastre.
 1702. 33° D. Rodrigo da Costa.
 1705. 34° Luiz Cesar de Menezes.
 1710. 35° D. Lourenço de Almeida.
 1711. 36° Pedro de Vasconcellos e Souza.
 1714. 37° D. Pedro de Noronha, marquez de Angeja, 5° vice-rei.
 1718. 38° D. Sancho de Faro, conde de Vimiêro.
 1720. 39° Fernandes Cesar de Menezes, 4° vice-rei do Brazil.
 1755. 40° André de Mello e Castro, conde das Galvêas, 5° vice-rei.
 1749. 41° D. Luiz Menezes de Atahide, conde de Atouguia, 6° vice-rei.
 1755. 42° D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos, 7° vice-rei.
 1760. 43° D. Antonio de Almeida Soares e Portugal, marquez do Lavradio, 8° vice-rei; governou só 6 mezes, succedeu-lhe um governo provisório.
- Vice-reis nomeados para o Rio de Janeiro.*
1765. 1° D. Antonio Alvares da Cunha, conde da Cunha.
 1767. 2° D. Antonio Rolim de Moura Teles, conde de Azambuja.
 1769. 3° D. Luiz de Almeida Portugal, marquez do Lavradio.
 1770. 4° Luiz de Vasconcellos e Souza.
 1790. 5° D. José Luiz de Castro, conde de Rezende.
 1801. 6° D. Fernando de Portugal e Castro, marquez de Aguiar.
 1806-1808. 7° D. Marcos de Noronha, conde dos Arcos.

Datas memoráveis da historia do Brazil.

1500. Descobrimto do Brazil.
 1549. Fundação da cidade da Bahia.
 1567. Expulsão dos Francezes do Rio de Janeiro; fundação da cidade de S. Sebastião.
 1580. Portugal e suas colonias passam para o dominio hespanhol.
 1650. Occupação de Pernambuco pelos Hollandezes.
 1640. Restauração de Portugal.
 1654. Fim da dominação hollandeza.
 1711. Expedição de Duguay-Trouin.
1765. Trasladação da capital do Brazil da Bahia para o Rio de Janeiro.
 1808. Chegada da familia real ao Brazil.
 1815. O Brazil elevado a reino unido.
 1822. Independencia do Brazil.
 1825. Guerra com a Repub. Argentina.
 1851. Abdicação de D. Pedro I.
 1840. Maioridade de D. Pedro II.
 1851-52. Guerra contra Rosas.
 1864-70. Guerra do Paraguay.
 1871. Abolição da escravatura.

HISTORIA GERAL

DOS PRINCIPAES POVOS ANTIGOS E MODERNOS

INTRODUCCÃO

A *Historia geral* é a narração dos factos e acontecimentos mais notaveis que teem occorrido desde a criação do mundo até nossos dias. Ella basea-se na chronologia, que classifica os factos segundo ordem dos tempos, e na geographia, que descreve os logares em que os factos se deram.

A *Historia geral* divide-se em *Historia antiga*, *Historia da edade média* e *Historia moderna*.

A *Historia antiga* começa com a criação do mundo e acaba na divisão definitiva do Imperio Romano em Imperio do Oriente e Imperio do Occidente, no anno 395 da era christã. A *Historia antiga* subdivide-se : 1º em *tempos primitivos*, desde a criação do mundo até a fundação dos primeiros imperios; 2º em *tempos mythologicos*, desde o estabelecimento dos primeiros imperios até a fundação de Roma (2000-754 antes de J. C.); 3º em *tempos historicos*, desde a fundação de Roma até a divisão definitiva do Imperio Romano (754 A. C. - 395 D. C.). Os povos mais conhecidos d'esta epocha são os Hebreos, os Egyptios, os Phenicios, os Indios, os Assyrios, os Persas, os Medos, os Gregos, os Macedonios, os Romanos, os cartaginizeses, os Gaulizes, etc.

A *Historia da edade média* começa na divisão do Imperio Romano, e termina na tomada de Constantinopla pelos Turcos (395-1453). — A *Historia moderna* abrange o tempo decorrido desde a tomada de Constantinopla até nossos dias.

O mundo conhecido dos antigos reduzia-se á Europa meridional, occidental e parte da Europa central, ao norte da Africa e á Asia occidental e meridional até o rio Ganges. A Europa oriental a partir dos rios Oder e Dnieper, como tambem as vastas regiões da Asia situadas ao N. e a E. do mar Caspio, a maior parte da Africa, e toda a America e Oceania eram-lhes desconhecidas.

HISTORIA ANTIGA

I. — HISTORIA DO EGYPTO

O Egypto, que foi o berço da civilisação, dividia-se em tres partes: o *Alto-Egypto* ou *Thebaida* ao sul, o *Médio-Egypto* ou *Heptanómide* no centro, e o *Baixo-Egypto* ou *Delta* ao norte. A historia dos primeiros tempos do Egypto é summamente obscura. Os historiadores contam 27 dynastias até a conquista do paiz por Cambyses. — O 1º rei foi *Menes* ou *Misraim*, da raça de Cham, a quem se attribue a fundação da cidade de Memphis, perto da qual foram erigidas as famosas pyramides do Egypto. — Um rei da 6ª dynastia chamado *Meris* mandou excavar o celebre lago de seu nome, destinado a supprir á inundação do Nilo quando fosse insufficiente para a rega das terras, e receber o superfluo das aguas quando elle fosse excessiva.

No tempo da 15ª dynastia teve logar a invasão dos *Hycsos*, reis pastores, vindos da Arabia, os quaes dominaram por 4 ou 5 seculos no Baixo e Médio Egypto, e foram expulsos pelo anno 1700 antes de J. C. por *Amosis*, com o qual começou a 18ª dynastia. Debaixo dos *Amenophis* e *Thutmosis*, seus successores, as artes egypcias chegaram ao seu apogeu e o paiz tornou-se mui poderoso. — O mais illustre dos reis do Egypto pertence á 19ª dynastia e foi *Sesostris*, que conquistou a Lybia, a Ethiopia e grande parte da Asia, e levantou os templos de Isambul, os obeliscos de Luqsor e outros grandiosos monumentos. — O fundador da 22ª dynastia foi *Sesac*, que invadiu o reino de Judá e venceu a Roboão.

No anno 741 o Egypto foi invadido pelos Ethiopes, cujo rei *Sabacón* fundou a 25ª dynastia. Depois da retirada dos Ethiopes e da morte do rei *Sethos*, sacerdote de Vulcano, o Egypto foi governado por 12 reis. Mas *Psammetico*, um d'elles, conseguiu com o auxilio de aventureiros Gregos supplantal-os e tornar-se unico rei do Egypto; elle franqueou os seus portos aos estrangeiros e foi o chefe da 26ª dynastia. *Necháo*, seu filho, emprehendeu a abertura de um canal de communicação entre o Nilo e o mar Vermelho, e mandou fazer pelos Phenicios uma viagem ao redor da Africa. *Apries*, neto de *Necháo*, foi desthronado por *Amasis*, chefe da 27ª dynastia. A este succedeu *Psanmenito*, o ultimo dos Pharaós

(chamavam-se assim os antigos reis do Egypto) : no seu reinado, que só durou seis mezes, foi o Egypto conquistado por Cambyses rei da Persia no anno 526 antes de J. C.

O Egypto desde a conquista de Cambyses até nossos dias.

— O Egypto fez parte do imperio Persa até o anno 332, no qual se submetteu sem resistencia a Alexandre Magno, rei da Macedonia, que n'elle fundou a cidade de Alexandria. Na morte d'este, o Egypto coube a Ptolomeu, um de seus generaes, fundador da dynastia dos *Lagidas*, e formou debaixo d'esta um reino florescente que durou tres seculos. Augusto o uniu ao imperio Romano no anno 30 antes de J. C. Comprehendido depois no imperio do Oriente, foi no sec. vii conquistado pelos Arabes mahometanos e esteve até fins do sec. ix sujeito aos califas de Bagdad. Foi depois successivamente governado pelos califas *Fatimitas*, pelos sultões *Ayubitas*, cuja dynastia foi fundada por Saladino em 1171, e pelos *Mamelucos*, milicia recrutada de escravos estrangeiros, que os sultões *Ayubitas* haviam escolhido para sua guarda de corpo, e por quem foram desthronizados em 1254. — O sultão Selim I submetteu em 1517 os Mamelucos e annexou o Egypto ao imperio Ottomano, deixando porém a administração das provincias entregue aos seus beys, debaixo do commando de um pachá nomeado pela Porta; os beys dos Mamelucos conseguiram afinal recobrar o seu poder antigo. Em 1798 os Francezes commandados por Bonaparte tomaram o Egypto, porém 3 annos depois foram d'alli expulsos pelos Turcos com o auxilio dos Inglezes. Mehemet-Ali, nomeado pachá em 1806, exterminou em 1811 os Mamelucos, e tornou o Egypto uma nação civilizada e florescente, que fórma um vice-reinado hereditario em sua familia, e tributario da Turquia.

Governo e civilisação do Egypto. — O Egypto teve desde antes do tempo de Abrahão uma administração regular, e era já então uma nação bem civilizada. Um uso que subsistiu por muito tempo temperava o governo absoluto : os reis eram julgados depois de mortos, e se haviam commettido actos de injustiça e oppressão, eram privados das honras da sepultura. A nação estava dividida em classes, das quaes a dos sacerdotes e a dos guerreiros gozavam de grandes privilegios; de ordinario os filhos seguiam o estado e condição de seus pais. Os sacerdotes, a quem pertencia a administração da justiça, distinguiam-se por seus vastos conhecimentos, e o Egypto era então uma escola em que se iam instruir os grandes sabios da Grecia, taes como Thales, Pythagoras, Lycurgo, Solon, Platão, etc. Os Egypcios cultivaram especialmente a mechanica, a geometria, a astronomia; inventaram a escriptura dos *hieroglyphos*, signaes symbolicos que só em nossos dias puderam ser deci-

frados. Na pintura empregaram côres vivas que o tempo não tem podido apagar. Algumas de suas estatuas são de notavel belleza, e a sua architectura não tem rival quanto ao aspecto imponente e grandioso, embora cheio de simplicidade, como podem servir de prova os templos de Thebas, a salla de Karnak, cujo tecto era sustentado por 140 columnas collossaes, as pyramides, os obeliscos, o labyrintho composto de 12 palacios, etc.

Os Egypcios reconheciam primitivamente um Deos unico; passaram depois a adorar o sol, sob os nomes de *Ammon* e *Osiris*; a lua, sob o nome de *Isis*; o boi *Apis*, o crocodilo, o hippopotamo, o gato e outros animaes, e até as plantas. O cuidado extremo que punham em embalsamar os cadaveres prova que acreditavam n'uma vida futura.

II. — ASSYRIOS

Primeiro imperio Assyrio (2000-759). — Depois da dispersão do genero humano, *Nemrod*, neto de Cham, fundou *Babylonia* nas margens do Euphrates perto da torre de Babel, e *Assur*, filho de Sem, edificou nas margens do Tigre a cidade chamada depois *Ninive*, cujo paiz circumvisinho tomou o nome de *Assyria*. Uma obscuridade quasi impenetravel envolve a historia d'este primeiro imperio. *Nino*, filho de Belo, augmentou muito *Ninive*, uniu o territorio *Babylonio* á *Assyria*, submetteu os Medos e Persas, e apodevou-se da *Bactriana* pelos conselhos de *Semiramis* sua esposa.

Nino deixou ao morrer um filho em menoridade, chamado *Ninias*; mas *Semiramis* usurpou o supremo poder e dilatou muito o imperio da *Assyria*, levando as suas armas até á *India* e á *Ethiopia*. Attribute-se-lhe a construcção dos muros e jardins suspensos de *Babylonia*, que são contados entre as sete maravilhas do mundo. *Ninias*, que a desthronizou, e os seus successores entregaram-se á molleza e aos prazeres, e foram perdendo os territorios conquistados por *Nino* e *Semiramis*. A vida effeminada de *Sardanapalo* provocou a revolta de *Arbaces*, governador da *Media*, e de *Belesis*, sacerdote chaldeu, governador de *Babylonia*, os quaes depois de varias batalhas o obrigaram a encerrar-se em *Ninive*. Tendo uma enchente do Tigre demolido parte dos seus muros, *Sardanapalo*, para não se entregar aos rebeldes, mandou accender no seu palacio uma grande fogueira, na qual se precipitou com suas mulheres e seus thesouros. Assim acabou o primeiro imperio Assyrio no anno 759 antes de J. C.

Segundo imperio Assyrio (759-625). — Do extincto im-

perio da Assyria formaram-se tres reinos : o de Ninive ou da Assyria, o de Babylonia ou da Chaldéa, e o da Media. O primeiro rei do 2º imperio Assyrio foi *Phul* ou *Sardanapalo II.* — Seu successor *Teglath-phalazar* (742) apoderou-se da Syria e da Galilea, e impoz tributo a Achaz rei de Judá. — Seu filho *Salmanazar* (729) destruiu o reino de Israel, levando os habitantes captivos para a Assyria. — *Sennacherib*, que lhe succedeu (713), tendo invadido o reino de Judá, viu exterminado o seu exercito por um anjo, e foi depois assassinado por seus filhos. — *Assarhaddon* (711) derrotou Manassés rei de Judá e o levou prisioneiro a Babylonia, que se achava já reunida ao reino de Ninive. — *Saosduchin* ou *Nabuchodonosor I* (667) derrotou e matou a Phraorte rei dos Medos; mas o seu general Holophernes foi morto por Judith no cerco de Bethulia. — No reinado de *Sarac* (647) Nabopolassar governador de Babylonia e Cyaxaro rei dos Medos tomaram e destruíram Nive (625), pondo assim fim ao 2º imperio Assyrio.

Imperio Babylonio (625-538). — A *Nabopolassar*, seu fundador, succedeu seu filho *Nabuchodonosor*, o qual venceu o rei do Egypto Necháó nas margens do Euphrates, destruiu Jerusalem e o reino de Judá (587), levando os habitantes captivos para Babylonia, e apoderou-se de Tyro depois de um cerco de 15 annos. Tendo ficado louco, o imperio foi governado sabiamente pela rainha Nitocris; passados porém sete annos, Nabuchodonosor recobrou o juizo e morreu pouco depois em 561. — No reinado de *Balthazar*, seu segundo successor, o imperio Babylonio foi destruido por Cyro rei dos Persas, que tomou Babylonia em 558.

Governo e civilização dos Assyrios e Chaldeos. — O governo era despotico; a religião era o sabeismo ou adoração dos astros. Os sacerdotes Chaldeos passavam por grandes astrónomos : a elles devemos o zodiaco, a divisão do circulo em 360 grãos e outros descobrimentos, como tambem as loucuras da astrologia. A industria estava bem desenvolvida : eram afamados os tapetes de Babylonia, seus tecidos, sua louça esmaltada, etc.; a architectura e a escultura attingiram um alto grau de perfeição.

III. — MEDOS E PERSAS

Média (759-559). — Este reino foi fundado por *Arbaces*, que se revoltara contra Sardanapalo. Depois de um periodo de anarchia foi proclamado rei *Dejoces* (709), o qual fundou Ecbatana e reinou 55 annos em profunda paz. Seu filho *Phraortes* fez os Persas tributarios, mas foi vencido e morto por Saosduchin rei da Assyria.

Cyaxaro o vingou pela destruição de Ninive, e conquistou a Asia Menor até o rio Halys. Esta poderosa monarchia dos Medos foi conquistada no reinado de *Astyage*, filho de *Cyaxaro*, pelo persa *Cyro* (559).

A Persia debaixo de *Cyro* (559-529). — A Persia, paiz pobre, esteve por muito tempo sujeita aos Medos; mas *Cyro*, neto de *Astyage* por sua mai *Mandane*, a elevou ao mais alto grau de poder, apoderando-se da Média, da Lydia, da Syria e do imperio Babilonio. Os seus estados estendiam-se assim desde o Indo até o Archipelago, e desde o mar Caspio até a Arabia. Querendo tambem submeter os Massagetas, povo nomade que vagava ao norte das suas provincias orientaes, *Cyro* foi por elles derrotado e morto no anno 529 antes de J. C.

Creso. — *Creso*, rei da Lydia, dominava então sobre a Asia Menor e as colonias gregas do littoral, e era o monarcha mais rico do Oriente; mas teve a loucura de declarar guerra a *Cyro*, que o derrotou em *Thymbréa* (546), apoderou-se da sua capital *Sardes* e fez-o prisioneiro. *Creso* foi tratado com clemencia pelo vencedor.

A Persia debaixo de *Cambyses* e de *Dario* (529-490). — *Cambyses* continuou n'uma outra direcção as conquistas de seu pai: emprehendeu submeter a Africa. Apoderou-se facilmente do Egypto; quiz atacar Carthago, mas os Phenicios lhe recusaram a frota necessaria para uma tal expedição; tentou occupar o oasis de Ammon, mas o exercito que enviou pereceu nos areaes; voltou-se depois contra a Ethiopia, mas esta expedição tambem mallogrou-se. Exasperado por tantos revezes, opprimiu horripelmente o Egypto, ordenou a morte de seu irmão *Smerdis* e matou sua propria irmã. Voltava á Persia para reprimir uma revolta, quando morreu de uma ferida que se fizera com sua espada no momento de montar a cavallo (522).

Um mago, que sob o nome de *Smerdis* se fazia passar pelo irmão de *Cambyses*, usurpou o throno; mas sete dos maiores senhores da Persia o mataram e proclamaram rei a *Dario* filho de *Hystaspes*, que teve de suffocar muitas insurreições (521). Este monarcha estendeu até o Indo o imperio Persa, que então attingiu o seu apogêo; submetteu de novo as colonias gregas da Asia Menor que se haviam revoltado, e para castigar os alliados dos rebeldes enviou uma grande expedição contra a Grecia, na qual foi infeliz, sendo o seu exercito desbaratado por *Milciades* nos campos de *Marathona* (490). Esta foi a origem das guerras *Medicas*, que tanta gloria deram á Grecia. A historia da Persia acha-se d'esta epocha em diante estreitamente ligada á da Grecia, e portanto receberá o seu complemento quando tratarmos d'este paiz.

IV. — OS PHENICIOS

Os Phenicios, estabelecidos n'um pequeno territorio apertado entre o monte Libano e o Mediterraneo, descendiam de Chanaan, e tornaram-se desde a mais remota antiguidade famosos por sua industria e seu commercio maritimo : sobresaíam sobretudo na arte de tingir de purpura, na fabricação do vidro e no trabalho de metaes preciosos; attribue-se-lhes a invenção da escritura. As ilhas e costas do Mediterraneo receberam d'elles numerosas colonias, das quaes a que se tornou mais importante foi Carthago. A Phenicia formava uma confederação de pequenos estados, sendo as principaes cidades *Tyro* e *Sidonia*. Conquistada por Nabuchodonosor, rei de Babilonia, ella passou depois successivamente para o dominio dos Persas, dos Macedonios, dos Syrios, dos Romanos, dos Arabes, e faz hoje parte da Turquia Asiatica.

V. — HISTORIA DA GRECIA

Geographia da Grecia. — A Grecia antiga dividia-se em 4 partes distinctas : 1º a *Hellade* ou *Grecia propria*, que comprehendia a Attica, a Megárida, a Beocia, a Phócida, a Lócrida, a Dórida, a Etólia e a Acarnania; — 2º a península do *Peloponeso*, que comprehendia a Achaia, a Corinthia, a Argolida, a Laconia, a Messenia, a Elida e a Arcadia; — 3º a *Grecia septentrional*, que comprehendia a Thessalia e o Epíro; — 4º as *Ilhas da Grecia*, entre as quaes se distinguíam as ilhas Jonias, Creta, Eubéa, as Cycladas, e as ilhas do Archipelago perto da costa da Asia-Menor, a saber : Lesbos, Chios e as Spóradas com Samos e Rhodes.

Origens da Grecia. — Entre os habitantes primitivos da Grecia os principaes foram os *Pelasgios*, que vieram da Asia, fundaram na Grecia muitas cidades e reinos, e enviaram colonias a diversas ilhas do Mediterraneo e ás costas de Italia.

Varias colonias procedentes do Egypto, da Phenicia e da Asia-Menor introduziram na Grecia a civilisação e as instituições do Oriente. *Inacho*, vindo do Egypto ou da Phenicia, fundou Argos (19 seculos antes de J. C.). — O Egypcio *Cecrops* estabeleceu-se na Attica (1643), onde fundou doze povoações, de que Athenas foi capital. — Pouco depois veio fixar-se em Argos o Egypcio *Danao*, e apórtou á Beocia o Phenicio *Cadmo*, que introduziu na Grecia a es-

criptura alphabetica. — *Deucalião*, rei da Thessalia (1454), foi o pai de *Helleno*, que deu o seu nome á poderosa raça hellenica, que se compunha de 4 tribus, Eolios, Dorios, Jonios e Achêos, e a qual veio a submeter e absorver as demais raças estabelecidas na Grecia. — *Pelops*, principe Phrygio, estabeleceu-se na Elida (1550), e deu o nome ao Peloponeso, no qual dominaram os Pelópidas seus descendentes.

Tempos heroicos. — A esses tempos heroicos e semi-fabulosos pertencem as proezas dos heroes que se illustraram limpando o paiz de salteadores e de animaes ferozes; as façanhas de Hercules e de Theseu; a expedição dos Argonautas commandada por Jasão principe da Thessalia, a qual tinha por fim a conquista dos thesouros do rei da Colchida (1226); a creação das assembleas geraes da Grecia chamadas *Amphictyonias*; as duas guerras de Thebas (1214 e 1197); e enfim a guerra de Troia.

Guerra de Troia (1193-1184). — Troia era capital de um reino poderoso situado ao NO. da Asia-Menor. Tendo Paris, filho de Priamo rei de Troia, raptado Helena, mulher de Menelau rei de Sparta, levantou-se a Grecia inteira para vingar tamanha injuria, e um poderoso exercito, sob o commando de Agamemnon rei de Argos e de Mycenas, veio sitiar Troia. Depois de dez annos de heroica resistencia, morto já Heitor, seu mais bravo defensor, a cidade foi tomada e reduzida a cinzas pelos Gregos. Custou porém a estes bem caro a victoria. Varios dos seus chefes, como Achilles, morreram no cerco; outros, como Idomeneu, ao regressarem aos seus estados, não foram reconhecidos por suas familias ou viram-se repellidos por seus vassallos e obrigados a irem estabelecer-se na Italia; outros, como Ulysses, vagaram largo tempo sobre os mares; de todos porém o mais infeliz foi Agamemnon, o qual, ao entrar no seu palacio de Mycenas, foi assassinado por Egistho, amante de sua mulher Clytemnestra. A guerra de Troia foi celebrada por Homero nos immortaes cantos da Iliada.

Invasão dos Dorios no Peloponeso (1104). — Os Heraclidas ou descendentes de Hercules, que haviam sido expulsos do Peloponeso, invadiram este paiz á frente dos Dorios, occuparam a Laconia, expulsaram os Eolios da Messenia, os Acheos da Argolida, apoderaram-se de Corintho e marcharam contra Athenas, onde dominava a raça Jonia. Um oraculo havia predito que seria victorioso o exercito cujo chefe percesse. *Codro* rei de Athenas entrou pois no mais renhido da peleja e succumbiu; os Dorios foram então batidos e tiveram de evacuar a Attica. Essas guerras intestinas determinaram a emigração de numerosas colonias gregas, que se estabeleceram nas ilhas do Archipelago e nas costas da Asia-

Menor, da Sicilia, da Italia meridional, e até da Hespanha e da Africa.

Sparta antes de Lycurgo. — Depois da conquista dos Dorios, reinaram em Sparta simultaneamente dous reis heraclidas pertencentes ás duas familias dos *Proclidas* e dos *Agidas*. A historia de Sparta não offerece nada de memoravel até Lycurgo. Os Dorios concentrados em torno de Sparta (donde lhes veiu o nome de *Spartanos*) eram os unicos que tinham parte nos negocios publicos, de que eram excluidos os *Laconios*, descendentes dos antigos habitantes. Quanto aos *Ilotas*, que formavam a parte mais numerosa da população, eram servos da gleba condemnados a lavrar a terra para seus senhores.

Lycurgo e sua legislação (884). — Lycurgo, da raza dos Heraclidas, governou Sparta na minoridade de seu sobrinho Charilau. Havendo concebido o projecto de reformar o seu paiz, viajou muitos annos para estudar as leis das outras nações, e apoiado pelo oraculo de Delphos, deu a Sparta uma nova legislação, a qual conservou a monarchia com dous reis, temperada pelo senado e pela assembléa do povo. Os dous reis eram chefes da religião, tinham o commando do exercito e faziam executar as leis formuladas pelo senado e aceitas pelo povo. Para estabelecer a egualdade entre todos os cidadãos, fez-se uma nova partilha das terras. Lycurgo ordenou que se usasse só de moeda de ferro, quiz que o povo comesse em mesas publicas para obrigar a todos á frugalidade, e occupou-se especialmente da educação physica dos meninos, procurando todos os meios de dar á sua patria uma raza róbusta e guerreira. Estabelecida esta grande reforma, Lycurgo declarou ao povo que tinha de fazer uma grande viagem e fel-o jurar que cumpriria as suas leis até a sua volta; deixou depois a sua patria para nunca mais tornar.

Guerras de Messenia (743-668). — Houve duas guerras de Messenia. A primeira durou 20 annos (745-725): n'ella *Aristodemo* immolou a propria filha para obedecer a um oraculo; mas não obstante os Messenios foram vencidos. — A segunda guerra, que durou 17 annos (685-668), é assignalada pelas façanhas do Messenio *Aristomenes*, que afinal foi vencido depois de haver resistido 11 annos na fortaleza de Ira. Os Messenios que puderam escapar á morte ou á escravidão refugiaram-se na Sicilia, onde fundaram Messina. Sparta saiu ainda victoriosa nas guerras com a Arcadia e Argos, adquirindo assim a supremacia no Peloponeso.

Athenas antes de Solon. — Na morte de Codro os Athenienses aboliram a realeza, substituindo-lhe o *archontado*. Esta dignidade, a principio perpetua e depois decennat, tornou-se annual em 685.

e foi então exercida em commum por 9 magistrados. Este governo dividido foi inefficaz para reprimir os abusos da aristocracia e manter a ordem publica. O archonte *Dracon* redigiu um código de leis, que não pôde ter applicação pela sua extrema severidade, pois punia de morte todos os crimes, e a anarchia continuou assim até o tempo de Solon.

Legislação de Solon (594). — Encarregado de reformar as leis, Solon dividiu os cidadãos, segundo as suas fortunas, em 4 classes, das quaes ó as tres primeiras eram admittidas aos altos cargos; os da quarta deliberavam com as outras nas assembleas do povo, a quem competia nomear os magistrados e adoptar as leis, que eram preparadas por um senado de 400 membros. O tribunal supremo do Areopago velava sobre a constituição e a moralidade publica.

Pisistrato (560). — Depois de fazer jurar aos Athenienses que guardariam a nova legislação, Solon esteve dez annos longe da patria. Na sua ausencia *Pisistrato* usurpou o supremo poder, de que usou porém com tanta moderação que o exerceu 50 annos e o transmittiu a seus dous filhos *Hipparco* e *Hippias* (528). Tendo o primeiro sido assassinado, o outro tornou-se um tyranno cruel, e foi afinal expulso; retirou-se então para a côrte de *Dario* e foi o principal instigador das guerras Medicas.

Guerras Medicas (500-449).

Origem das guerras Medicas. — Estas guerras foram as mais terriveis que a Grecia teve de sustentar: duraram 50 annos, e eis o que lhes deu occasião. Os Jonios, povo grego estabelecido na costa da Asia-Menor, sublevaram-se contra *Dario* rei de Persia, e sendo auxiliados pelos Athenienses, reduziram a cinzas a cidade de Sardes (500); mas o grande rei prompto submetteu a Jonia e enviou uma formidavel expedição contra a Grecia sob o commando de *Mardonio*.

Primeira guerra Medica. Marathona (490). — Tendo sido a frota persa destruida por uma tempestade perto do monte Athos, *Mardonio* viu-se obrigado a voltar para a Asia. Um segundo exercito composto de 110,000 homens desembarcou na ilha de Eubéa, devastou-a e d'alli passou á Attica; mas *Milciades*, á frente de 10,000 Athenienses e 1,000 Platéos, o desbaratou completamente na planicie de *Marathona* (490), salvando a Grecia. Enprehendeu depois *Milciades* a conquista das Cycladas e soffreu um revez no ataque de Paros; foi por isto accusado de traição e condemnado a uma multa enorme; e como a não pudesse pagar, acabou seus dias na prisão, victima da ingratição de seus concidadãos. Por uma in-

justiça não menos revoltante foi desterrado o virtuoso *Aristides* por denúncias de *Themistocles* seu rival. Este, na previsão de outra guerra com a Persia, empregou todos os recursos de Athenas em augmentar a sua frota.

Segunda guerra Medica. Salamina (480). — *Xerxes*, successor de *Dario* (485), atacou a Grecia com um exercito de 1 milhão de homens e uma frota de 1200 navios. O rei *Leonidas* com 500 Spartanos succumbiram heroicamente na defeza do desfiladeiro das *Thermopylas*. *Xerxes* começou então a devastar a Grecia, tomou e incendiou Athenas, que seus habitantes haviam abandonado para embarcar-se em seus navios; mas a immensa frota persa foi destruida no estreito de *Salamina* pela dos Gregos commandada por *Themistocles*. Este desastre obrigou *Xerxes* a voltar logo para a Asia, deixando na Grecia *Mardonio* com 500,000 homens. Estes foram derrotados em *Platée* por 100,000 Gregos commandados pelo Spartan *Pausanias* e pelo Atheniense *Aristides* (479). No mesmo dia a frota grega incendiava em *Mycale* na Jonia o resto da frota dos Persas.

Fin das guerras Medicas. — O Atheniense *Cimon*, digno filho de *Milciades*, encarregado de continuar a guerra, foi procurar os Persas na Asia, destruiu a sua frota e o seu exercito na foz do *Eurymedon* (466), expulsou-os da Thracia, das costas da Asia-Menor, e obrigou enfim a *Artaxerxes Longimano*, successor de *Xerxes*, a assignar um tratado de paz que reconhecia a independencia das colonias gregas da Asia-Menor e fechava o mar Egeu aos navios persas (449).

Pericles. — O denodo e poder que Athenas mostrou nas guerras Medicas, grangeou-lhe a preponderancia na Grecia: seus navios dominavam o mar Egeu; suas colonias cobriam as costas da Thracia, e o seu commercio estendia-se á maior parte do littoral do Mediterraneo. *Pericles*, que, por seu talento e eloquencia, e apoiado pelo povo, governou por muitos annos a republica de Athenas, elevou a sua patria ao mais alto grau de poder e legou o seu nome ao mais bello seculo litterario e artistico da Grecia: vivam-se então florescer os poetas *Eschylo*, *Pindaro*, *Sophocles*, *Euripides* e *Aristophanes*; o orador *Lysias*, os historiadores *Herodoto* e *Thucydides*, o pai da medicina *Hippocrates*, os philosophos *Anaxagoras* e *Socrates*, o esculptor *Phidias*, os pintores *Zeuxis* e *Parthasio*, e um pouco mais tarde o historiador *Xenophonte* e os philosophos *Platão* e *Aristoteles*.

Guerra do Peloponeso (431-421). — Depois das guerras Medicas, Athenas começou a perceber os impostos que seus allia-dos lhe pagavam para ajudal-a a combater os Persas; e esse

dinheiro, se em parte servia para manter uma frota formidavel, era tambem empregado pelos Athenienses em aformosear e fortificar a sua cidade. Os alliados, cançados por fim de pagar tantas despezas, dirigiram-se a Sparta, que formou contra Athenas uma liga continental, em que entraram Thebas, Corinthe e quasi todo o Peloponeso.

A guerra ficou muito tempo indecisa. Archedamo rei de Sparta invadiu a Attica com 60,000 homens; Pericles com uma grande frota foi devastar as costas do Peloponeso. No terceiro anno a peste veiu acrescentar seus horrores ás calamidades da guerra, e Pericles morreu d'ella (429). Entretanto os Thebanos e Spartanos puzeram cerco a *Platea*, que depois de tres annos de resistencia foi tomada e destruida. A guerra continuou assim dez annos sem vantagens decisivas de nenhuma das partes até que o Atheniense *Nicias* concluiu uma tregua que traz o seu nome (421).

Expedição á Sicilia (415-413). — O ambicioso *Alcibiades*, sobrinho de Pericles, decidiu sua patria a enviar uma expedição contra *Syracusa*, que era a cidade mais poderosa da Sicilia. Logo no principio da guerra, Alcibiades, que commandava o exercito, foi chamado a Athenas para responder a uma accusação de sacrilegio; elle porém refugiou-se em Sparta e persuadiu aos Lacedemonios que enviassem soccorro aos sitiados. O exercito atheniense foi então destruido diante de *Syracusa*. Felizmente para Athenas Alcibiades desaveiu-se com os Lacedemonios, e conseguiu separar os Persas da alliança de Sparta; aceitando depois o commando das forcas athenienses, ganhou duas batallas navaes sobre os Lacedemonios, e entrou triumphante em Athenas. Tendo-se de novo tornado suspeito, foi outra vez desterrado e morreu assassinado na Persia.

Tomada de Athenas (404). — Athenas deu então o commando das suas forças a dez generaes, que ganharam a batalha naval das ilhas *Arginusas*, mas que foram condemnados á morte por não haverem dado sepultura aos mortos, se bem que tivessem sido impedidos por uma tempestade que sobreviera. A frota atheniense, assim privada de seus mais habéis chefes, foi destruida em *Egos-Potamos* pelo Lacedemonio *Lysandro* (405). No anno seguinte Athenas foi tomada, e o governo confiado a *trinta tyrannos*. Mas *Thrasybulo* livrou sua patria d'esta oppressão e restabeleceu a antiga constituição (405). Quatro annos depois a ingrata Athenas condemnou a beber cicuta a Socrates, pai da philosophia grega, accusado de querer introduzir uma nova religião.

Preponderancia de Sparta e de Thebas.

Retirada dos Dez-Mil (401). — *Cyro o joven*, irmão de Artaxerxes II, pretendendo ter direitos á coroa da Persia, levantou um exercito de 100,000 homens na Asia-Menor onde era governador, e reforçou-o com 15,000 mercenarios Gregos. Com estas forças Cyro penetrou até perto de Babilonia, mas foi morto na batalha de *Cunaxa*. Os Gregos, sob o commando de Clearco e de Xenophonte, operaram então essa admiravel retirada chamada dos Dez-Mil através do imperio persa, vencendo mil obstaculos, e chegaram enfim á colonia grega de Trebizonda. Esta retirada excitou vivo entusiasmo entre os Gregos e revelou-lhes a fraqueza do imperio persa.

Expedição de Agesilau na Asia (395). — *Agesilau*, rei de Sparta, submetteu a Asia-Menor e teria penetrado até o centro do imperio persa, se Artaxerxes não houvesse suscitado contra os Lacedemonios uma liga formidavel em que entraram Athenas, Thebas, Argos e Corintho. Agesilau, obrigado a voltar á Grecia, derrotou os confederados em *Coronea* na Beocia (394); mas o Atheniense *Conon* conquistou a Sparta o imperio do mar, e com o ouro dos Persas reconstruiu os muros de Athenas.

Tratado de Antalcidas (387). — Sparta, para poder dominar na Grecia, concluiu com Artaxerxes o ignominioso tratado de *Antalcidas*, que submettia aos Persas todas as colonias gregas da Asia.

Supremacia de Thebas (378-362). — Sparta, abusando da sua supremacia, apoderou-se em plena paz de Thebas (382). *Pelopidas* libertou a sua pátria, introduzindo-se secretamente na cidade com outros desterrados (379), e sustentou com o maior tenodo a guerra com os Lacedemonios, ajudado pelo grande *Epaminondas*. O rei spartano Cleombroto, que entrara na Beocia, foi derrotado e morto na batalha de *Leuctres* (371). *Epaminondas* invadiu quatro vezes o Peloponêso, reedificou Messenia, a antiga rival de Sparta, e alcançou outra memoravel victoria em *Maninêa* (362), na qual porém foi ferido mortalmente. *Pelopidas* tinha norrido dous annos antes n'uma expedição á Thessalia. O poder phemero de Thebas acabou com a morte d'estes dous grandes heros.

Philippe (359-336). — A Macedonia, vasto paiz ao N. da Thessalia, só começa a figurar na historia da Grecia a datar do reinado de Philippe. Este principe educado em Thebas em casa de *Epaminondas* em qualidade de refem, reunia aos talentos militares uma grande capacidade politica. Seu primeiro cuidado foi restabelecer a ordem em seu reino, disciplinar o exercito, organisando a malange macedonia, e crear uma marinha. Submetteu depois os po-

vos barbaros visinhos; estendeu os limites da Macedonia até o mar Egeu, expulsando os Athenienses de Amphipolis, Olyntho e de toda a península Chalcidica; interveiu nos negocios da Thessalia; e terminou a guerra sagrada, derrotando completamente os Phocidios profanadores do templo de Delphos (546), sendo então admittido no conselho dos Amphictyões. A Grecia, dividida pelas intrigas de Philippe, reconheceu já tarde o perigo que a ameaçava. A voz eloquente do orador atheniense Demosthenes despertou emfim o patriotismo, acalmou as discórdias, e persuadiu a Athenas e Thebas que se reunissem contra o inimigo commum. As suas forças foram porém batidas pela phalange macedonia na batalha de *Cheronéa*, que destruiu a liberdade da Grecia (558). Eleito generalissimo dos Gregos contra a Persia, preparava-se Philippe para esta guerra quando foi assassinado por um de seus officiaes (556).

Alexandre Magno (336-323). — *Alexandre*, que fôra educado por *Aristóteles*, contava apenas 20 annos de idade quando succedeu a seu pai. Elle reprimiu uma revolta dos Thebanos tomando e arrasando a sua cidade (555). A Grecia, estupefacta com a vista d'esta severidade, proclamou-o seu generalissimo na guerra contra os Persas. Atravessando então o Hellesponto á frente de 35,000 homens, Alexandre derrotou os Persas nas margens de *Granico* e em *Isso* (554-555), tomou Tyro, submetteu a Syria, a Palestina, o Egypto, e fundou *Alexandria* perto das bocas do Nilo. Marchou depois em busca de Dario Codomano, derrotou-o completamente em *Arbellas* (551), apossou-se de todo o imperio persa, penetrou na India, onde derrotou o rei *Poro* (526). Voltando depois a Babilonia, occupava-se de organizar o seu vastissimo imperio quando morreu na idade de 52 annos das consequencias de sua intemperança e vergonhosos excessos (525).

Reinos formados do imperio de Alexandre.

Desmembramento do imperio de Alexandre. — Alexandre teve, como havia predito, cruento funeral; seus generaes disputaram entre si por 22 annos a partilha do seu immenso imperio. Antigono esteve a ponto de reconstituir-o, quando foi vencido morto na batalha de *Ipsos* (501), resultando d'ahi o desmembramento definitivo do imperio de Alexandre em tres grandes reinos: da *Syria*, ou imperio dos Seleucidas, que coube a Seleuco; o da *Egypto*, que coube a Ptolomeu; e o da *Macedonia*, que coube a Cassandro e passou depois para a descendencia de Antigono. Além d'estes, formaram-se na Asia-Menor os pequenos estados de *Bithyonia*, *Pergamo*, *Ponto* e *Cappadocia*.

Reino da Syria (301-64). — *Seleuco Nicator*, um dos vencedores de Iíso, fundou o imperio dos Seleucidas, que por algum tempo comprehendeu quasi todo o antigo imperio dos Persas, e edificou *Antiochia* para sua capital. Elle foi assassinado por Ptolomeu Cerauno, irmão de Ptolomeu Philadelpho. — Succedeu-lhe seu filho *Antiocho I Soter*, em cujo reinado os Gaullezes se estabeleceram na Phrygia com o nome de *Galatas*. — A decadencia da Syria continuou no reinado de *Antiocho II Theos*, que viu surgir nas suas provincias orientaes o reino grego da *Bactriana* e o imperio amoso dos *Parthos* fundado por Arsaces. — *Antiocho III o Grande*, o successor de Seleuco Nicator (222-187), reconquistou quasi todas as provincias que se haviam tornado independentes sob os seus predecessores; mas teve a temeridade de atacar os Romanos, foi por estes derrotado nas *Thermopylas* (191) e em *Magnesia* (190), e obrigado a ceder-lhes a Asia-Menor e a pagar-lhes um enorme tributo. Elle foi morto pelos habitantes de Elymaide, indignados de vel-o pilhar o seu templo. A Syria declinou depois rapidamente: a Armenia tornou-se independente; a Judéa sob o commando dos Machabeus sacudiu o jugo de *Antiocho Epiphanes*; o imperio dos Parthos cresceu sobremaneira com a annexação da Media, Persia, Babilonia e Bactriana; enfim no anno 64 antes de J. C. a Syria foi reduzida por Pompeu a provincia romana.

Reino do Egypto (301-30). — *Ptolomeu Soter*, filho de Lagos e fundador da dynastia dos Lagidas, augmentou o Egypto com a Cyrenaica, Palestina, Phenicia, Cele-Syria e ilha de Chypre;rotegeu muito o commercio e as letras, e fundou a famosa bibliotheca de Alexandria. — *Ptolomeu Philadelpho* (285) continuou a politica de seu pai e tornou o Egypto florescente. Abriu um canal de communição entre o Nilo e o mar Vermelho, levantou o Pharol de Alexandria (uma das sete maravilhas do mundo), mandou fazer a traducção grega da Biblia, chamada *versão dos Setenta*, e tornou Alexandria o centro do commercio do Oriente e o fóco principal da civilisação. — *Ptolomeu Evergetes* (247) penetrou até á Bactriana, na Arabia Feliz e na Ethiopia. *Ptolomeu Philopator* (222) começou a decadencia do Egypto. *Ptolomeu Epiphanes* a accelerou ainda mais sob a tutela dos Romanos, que não cessaram desde então e intervir nos negocios do Egypto até o dia em que a famosa Cleopatra, a ultima da dynastia dos Lagidas, para não servir de ornamento ao triumpho de Octavio Augusto, fez-se picar por um aspide. O Egypto tornou-se então provincia romana (50 annos antes de J. C.).

Reino de Macedonia (301-148). — Depois de Cassandro occupou o throno da Macedonia a descendencia de Antigono, a qual procurou dominar a Grecia. Um de seus reis Philippe III teve

a imprudencia de provocar os Romanos, e foi por elles batido e *Cynocephalas* (197). Seu filho *Perseu* procurou subtrahir-se a dominação romana, mas foi vencido em *Pydna* (168), e obrigado a render-se ao vencedor Paulo Emilio. Em 148 foi a Macedonia declarada provincia romana.

Liga Achaica (251-146). — Enquanto os generaes de Alexandre se disputavam a sua successão, o orador Demosthene esperando livrar a Grecia do dominio estrangeiro, havia suscitado contra a Macedonia a guerra *Lamiaca*, que acabou pela derrota dos Gregos em *Cranon* (322); o grande orador suicidou-se para não cair em mãos de seus inimigos.

Mais tarde tentou de novo a Grecia reassumir a sua liberdade pelos esforços da *liga Achaica*. Compunha-se esta ao principio de 12 cidades da Achaia governadas por um magistrado chamado *stratego*. Arato promovido a esta dignidade reuniu á liga Sicyone, Corintho, Megara, Argos e outras cidades; mas Sparta, ciosa da preponderancia que os Acheus haviam obtido no Peloponeso, declarou-lhes a guerra e forçou Arato a implorar o auxilio dos Macedonios. O rei spartano Cleomenes foi então completamente derrotado em *Sellasia* (221), e a Grecia recairia inevitavelmente sob o dominio macedonio, se não fosse a intervenção dos Romanos. Estes, vencedores de Philippe III em *Cynocephalas*, dissolveram as ligas e alianças na Grecia, declarando livre cada uma de suas cidades afim de mais facilmente submettel-as um dia. Posteriormente Roma interveiu nas contendas entre os Acheos e os Spartanos, decretou a dissolução da liga Achaica; esta resistiu e foi esmagada na batalha de *Leucopetra*, a ultima dada em defesa da liberdade da Grecia (146). Corintho foi então tomada e incendiada pelo consule Mummio, e a Grecia reduzida a provincia romana sob o nome de *Achaia*.

VI. — HISTORIA ROMANA

PERIODO I

Os reis de Roma (754-510).

Divisão politica da Italia. — A Italia dividia-se em tres grandes partes: 1º a *Gallia Cisalpina* (Italia septentrional), que comprehendia a Gallia Cispadana, a Gallia Transpadana, a Liguria e a Venecia; 2º a *Italia propria* (Italia central), que comprehendi-

a Etruria, o Lacio, a Campania, a Umbria, o Piceno e o Samnio; 5º a *Magna Grecia* (Italia meridional), que comprehendia a Apulia, a Messapia, a Lucania e o Brutium. As ilhas da Italia eram a Sicilia, Sardenha e Corsega.

Origens de Roma. — A tradição conta que, depois da destruição de Troia, uma colonia de Troianos fugitivos sob o commando de Eneas veiu estabelecer-se no Lacio, e que o seu filho Ascanio ou Iulo fundou ali Alba-Longa, onde os seus descendentes reinaram por alguns seculos. Um d'elles Numitor foi desthronado por Amulio, o qual, para tirar ao irmão toda esperanza de posteridade, obrigou sua sobrinha Rhea Sylvia a fazer-se vestal. Ella porém teve do deos Marte dous filhos gemeos, Romulo e Remo, que o usurpador mandou lançar no Tibre. Elles foram salvos por um pastor, e mais tarde restabeleceram no throno de Alba a seu avô Numitor.

Reis de Roma (754-510). — *Romulo e Remo* fundaram nas margens do Tibre a cidade de Roma no anno 754 antes de J. C. Tendo Remo saltado por escarneo os muros da nascente cidade, Romulo o matou, ficando unico rei de Roma. Para povoal-a, declarou-a asylo para os malleitores, aventureiros e escravos fugidos; e como houvesse falta de mulheres, roubou n'uma festa as filhas dos sabinos. Seguiu-se d'ahi uma guerra que terminou por um tratado de paz, pelo qual Tacio rei dos Sabinos tomou parte no governo de Roma, e os dous povos se reuniram n'um só. Romulo desapareceu n'uma tempestade, assassinado provavelmente pelo senado, que elle havia instituido, e foi adorado sob o nome de *Quirino* (715).

Depois de Romulo reinaram em Roma seis reis. O Sabino *Numa Pompilio* (714) applicou-se a policciar o seu povo por meio de leis sabias e de instituições religiosas, e favoreceu muito a agricultura; dizia-se inspirado pela nympha Egeria. — *Tullo Hostilio* (672) esteve sempre em guerra com os povos visinhos. Depois do combate singular dos tres Horacios com os tres Curiacios, de que resultou o triumpho de Roma sobre Alba-Longa, esta cidade foi destruida e os seus habitantes transferidos a Roma. — *Anco Marcio*, neto de Numa (640), principe tão bravo como religioso, construiu o porto de Ostia na foz do Tibre. — *Tarquínio Prisco* (616), natural da Etruria, usurpou o throno aos filhos de Anco Marcio, cuja tutela lhe fôra confiada. Introduziu a pompa das ceremonias, as insignias da realza (o diadema, a purpura, o throno de marfim), e com as victorias que alcançou sobre os povos do Lacio, dotou Roma de bellos monumentos. Foi assassinado pelos filhos de Anco Marcio. — *Servio Tullio*, genro de Tarquínio (578), confirmou a

supremacia de Roma sobre as cidades latinas, venceu os Etruscos, dividiu o povo por centurias, e foi assassinado por seu genro *Tarquínio Soberbo* (554). — Este foi um rei tyrannico, se bem que augmentou consideravelmente o poder de Roma por suas victorias e conquistas, e a aformoseou muito. Havendo seu filho Sexto attentado contra a honra da virtuosa Lucrecia, que se apunhalou para não sobreviver á sua deshonra, *Tarquínio Collatino* seu marido e *Junio Bruto* sublevaram o povo, que expulsou os *Tarquínios* (510), e aboliu para sempre a realeza, que havia durado 244 annos.

PERIODO II

O consulado; luta dos patricios e plebeus (510-366 A. C.).

Estabelecimento da republica : o consulado (510). — A abolição da realeza só aproveitou aos patricios, isto é, á classe aristocratica. Os reis foram substituidos por dous magistrados annuaes chamados *consules*, escolhidos d'entre os patricios e revestidos do poder e de quasi todas as insignias da realeza. Os primeiros consules foram *Bruto* e *Collatino*.

Guerra contra os Tarquínios (510-496). — *Tarquínio* fez muitas tentativas para reassumir o poder. Tramou em Roma uma conspiração em que entraram os filhos de *Bruto*; este os condemnou á morte e assistiu ao seu supplicio. *Porsenna*, poderoso rei da Etruria, abraçou a causa de *Tarquínio* e veio sitiá-la; mas não tardou a levantar o cerco e a fazer a paz, quando viu a *Horácio Coeles* defender sósinho a passagem de uma ponte contra o seu exercito, e a *Mucio Scevola*, que penetrara no seu acampamento para matá-lo, queimar n'um brazeiro a mão direita por se ter enganado ferindo um outro em vez do rei. — Como o poder consular fosse inefficaz para apaziguar as discordias intestinas, e os plebeus recusassem alistar-se para combater os inimigos que ameaçavam Roma, sem serem antes alliviados de suas dividas : o senado, para obrigar-os, creou a *dictadura*, cargo com poder illimitado que não podia durar mais de 6 mezes, e que foi conferido pela primeira vez a *Tito Larcio* (498). Dous annos depois a victoria alcançada por *Posthumio* junto ao lago *Rhegillo* contra os povos Latinos que se haviam levantado em favor dos *Tarquínios*, desvaneceu a ultima esperanza do restabelecimento da realeza.

Tribunos do povo (493). — Após novas vexações, o povo saiu de Roma e retirou-se ao Monte Sagrado, donde só voltou depois

que obteve abolição de suas dividas e a criação dos *tribunos do povo*, magistrados annuaes tirados do seu seio e encarregados de defendel-o, cuja pessoa era inviolavel e que podiam com o seu veto impedir a execução das decisões dos consules e do senado.

Coriolano (490). — Tendo os tribunos feito desterrar um joven patricio chamado *Marcio Coriolano* por haver proposto a abolição do tribunato, este offereceu seus serviços aos Volscos, e veio sitiá Roma, que foi reduzida á ultima extremidade Surdo ás supplicas do senado e dos pontifices, o vencedor só se retirou aos rogos de sua mãe Vetúria.

Cincinnato (458). — Um projecto de lei agraria para partilha das terras conquistadas suscitou em Roma novos disturbios, que foram suspensos pela grande victoria alcançada sobre os Equos por *Quincio Cincinnato*, que foi tirado do arado para assumir a dictadura, a qual elle abdicou ao cabo de 16 dias para continuar a cultivar o seu campo.

O decemvirato (450-449). — Em 461 o tribuno Terentillo Arsa reclamou a redacção de um código; mas só dez annos depois accedeu o senado a esse pedido, mandando commissarios á Grecia para estudarem as suas leis. Quando elles voltaram, crearam-se, em vez de consules, dez magistrados chamados *decemviros*, investidos de poder illimitado com a missão de redigirem as novas leis, que foram denominadas *leis das doze taboas*. No primeiro anno os decemviros procederam com justiça e moderação; mas no segundo tornaram-se verdadeiros tyrannos. O principal d'elles, Appio Claudio, abusou adjudicar como escrava a um de seus clientes a joven Virginia a fim de deshonorá-la; mas seu pai Virginio soube subtrahil-a á infamia apunhalando-a na praça publica. O povo e o exercito sublevaram-se e foi então abolido o decemvirato e restabelecido o governo consular.

Creação dos tribunos militares e dos censores (444). — Pouco depois conseguiram os tribunos que fossem permittidos os casamentos entre patricios e plebeus. O povo queria também ter accesso ao consulado; mas o senado preferiu substituir os consules por *tribunos militares*, que podiam ser escolhidos nas duas ordens. Foram ao mesmo tempo creados dous *censores* da ordem dos patricios, encarregados do censo ou récensamento dos cidadãos, da administração das finanças e de velar sobre a moralidade publica. Foi só em 366 que os plebeus conseguiram entrar no consulado.

Tomada de Veios. — A cidade de Veios, rival de Roma, foi tomada em 396 pelo dictador *Camillo* depois de um cerco de 10 annos. Foi n'essa guerra que a tropa romana começou a receber soldo.

Invasão dos Gaulezes (390). — Pouco depois da tomada de Veios, Roma correu gravissimo perigo. Os Gaulezes estabelecidos na Umbria sitiavam Clusio, cidade da Etruria, quando alguns Romanos tomaram parte na defesa d'esta. Os Gaulezes então levantaram o cerco, marcharam directamente sobre Roma, desbarataram o exercito romano nas margens do *Allia*, entraram em Roma, incendiaram-na, pozeram cerco ao Capitolio, e só se retiraram setmezes depois mediante um elevado resgate. Camillo, chamado de desterro a que fôra injustamente condemnado, e nomeado dictador pôz-se no encalço dos Gaulezes e destroçou o seu exercito. Cincovezes em 45 annos tornaram os Gaulezes a invadir o territorio da republica.

PERIODO III

Conquista da Italia (366-264).

1ª guerra dos Samnitas (342). — Os Samnitas, montanhesez intrepidos, tentaram a conquista da fertil Campania, que confinava com o Lacio e o Samnio, e atacaram Capua. Esta implorou o auxilio de Roma, o que deu origem á terrivel guerra do Samnio que durou 52 annos e que se divide em 4 periodos ou guerras. A 1ª guerra foi assignalada pela victoria do consul romano *Valerio Corvino* no monte *Gauro*.

Guerra dos Latinos (340-338). — A causa d'esta guerra foi a reclamarem os Latinos os direitos de cidadãos romanos e participação nas dignidades da republica. N'esta guerra o consul *Manlio Torquato* condemnou á morte seu proprio filho por haver combatido contra suas ordens; o outro consul *Decio Mus* sacrificou-se para salvar o exercito romano, precipitando-se no meio dos inimigos, que foram completamente batidos em *Veseris* (340). O resultado da victoria foi a inteira submissão do Lacio.

2ª guerra dos Samnitas (327-320). — N'esta guerra os Samnitas commandados por Poncio Herennio encerraram o exercito romano no desfiladeiro das *Forcas Caudinas* e o obrigaram a passar debaixo do jugo (321). O senado recusou ratificar o tratado imposto pelos inimigos, entregando-lhes os generaes que o haviam concluido, e o consul *Papirio Cursor* impôz-lhes em *Luceria* a mesma ignominia de passarem sob o jugo (320).

3ª guerra dos Samnitas (311-305). — Formou-se então uma poderosa liga contra Roma. Os Etruscos e Umbrios foram porém batidos em *Perusia* pelo consul *Fabio Rulliano* (311), e os Samnitas tiveram de curvar-se ante a magestade do povo romano.

4ª guerra dos Samnitas (297-290). — Este indomavel povo abandonou o seu paiz, onde o inimigo tudo destruiu, e refugiou-se na Etruria. Os Etruscos, Umbrios e Gaulezes reuniram-se aos Samnitas contra Roma; porém os consules *Fabio* e *Decio* ganharam sobre elles a victoria decisiva de *Sentino* (295), na qual Decio se sacrificou como havia praticado seu pai. Os Samnitas foram ainda derrotados em *Aquilonia*, onde perderam 50,000 homens (293), e o Samnio foi definitivamente submettido pelo consul *Curio Dentato* (290). Os Etruscos reconheceram tambem o dominio de Roma depois da derrota que soffreram perto do lago *Vadimon* (283).

Guerra de Pyrrho (280-275). — Senhora da Italia central, Roma procurou estender o seu dominio sobre o sul da península, e ameaçou Tarento, que chamou em seu auxilio a Pyrrho rei do Epiro. Este venceu os Romanos em *Heracléa* e em *Asculo* (280 e 279), e depois de uma expedição mallograda na Sicilia, foi derrotado em *Armento* e obrigado a voltar ao seu paiz (275). Tarento teve então de abrir suas portas e a Italia meridional ficou sujeita a Roma.

PERIODO IV

Conquistas fóra da Italia (264-133).

1ª guerra punica (264-241). — Carthago possuia um vasto territorio na norte da Africa, dominava com sua marinha o Mediterraneo occidental e havia conquistado a maior parte da Sicilia.

1ª guerra punica resultou do soccorro dado pelos Romanos aos Messinios senhores de Messina, que se viam atacados por Hieron, rei de Syracusa e pelos Carthaginezes. Os Romanos livraram a cidade, derrotaram Hieron, que passou para o partido de Roma, e expulsaram os Carthaginezes do interior da ilha. Ousaram depois combater-se com elles no seu elemento, e o consul *Duilio* ganhou a primeira victoria naval perto do cabo *Myles* (260). Quatro annos depois o consul *Attilio Regulo* alcançou outra grande victoria naval perto de *Ecnoma*, levou a guerra á Africa e pôz cerco a Carthago; porém a final vencido, feito prisioneiro, e depois de longo captiverio morreu nos mais crueis supplicios. A guerra continuou na Sicilia e terminou pela victoria naval das *ilhas Egatas* alcançada pelo consul *Lutacio Catulo* (241). Carthago cedeu a Sicilia aos Romanos e obrigou-se a pagar um tributo.

2ª guerra punica (218-201). — No intervallo entre a 1ª e a 2ª

Os Carthaginezes chamavam-se tambem em latin *Pœni*, donde se formou o nome *punico* dado ás guerras que Roma sustentou contra os Carthaginezes.

guerra punica, os Carthaginezes conquistaram grande parte da Hespanha, e os Romanos se apossaram da Sardenha, da Corsega, da Illyria e da Gallia Cisalpina. O que deu pretexto á 2ª guerra punica foi a destruição de *Sagunto*, cidade aliada de Roma, pelo Carthaginez *Annibal*. Este transpoz então rapidamente os Pyrenêos e os Alpes, e entrando na Italia, derrotou o consul *Scipião* nas margens do *Ticino* e o consul *Sempronio* nas margens do *Trebia* (218), e no anno seguinte venceu a *Flaminio* junto ao lago *Trasimeno*. Penetrando depois no sul da Italia, ganhou a famosa batalha de *Cannas*, em que pereceram 50,000 Romanos com o consul *Paulo Emilio* (216). Roma mostrou em tal conjunctura uma constancia heroica, e armou toda a sua população. *Annibal* entretanto fazia alliança com *Philippe* de Macedonia, e o successor de *Hieron* rei de *Syracusa* declarava-se por Carthago. Roma fez face a todos os seus adversarios: o pretor *Levino* conteve os Macedonios em *Apollonia* (214); *Marcello* apoderou-se de *Syracusa* defendida pelas machinas de *Archimedes* (212); *Capua* foi tomada e destruida (211); e *Annibal* não pôde nem sequer salvar *Tarento*.

Por este tempo o joven *Scipião*, cognominado depois *Africano* apoderou-se de *Carthagená* (210), e conquistou o que Carthago possuia em Hespanha, atrahindo os habitantes por sua moderação e generosidade. *Asdrubal*, irmão de *Annibal*, passou então da Hespanha á Italia com um exercito de 60,000 homens, que foi completamente destrôado nas margens do *Metauro* (207). Tres annos depois *Scipião* foi atacar os Carthaginezes na mesma Africa, obrigando *Annibal* a evacuar a Italia, ganhou sobre este a batalha decisiva de *Zama* (202), e dictou a paz a Carthago, que foi obrigada a entregar os seus navios de guerra, a pagar 10,000 talentos em 50 annos, a reconhecer por rei da *Numidia* a *Massinissa* aliado dos Romanos, e a não fazer guerra alguma sem autorisação do povo romano.

Conquista da Macedonia e da Grecia (200-146). — Já vimos nas pag. 51 e 52 como a Macedonia e a Grecia se tornaram provincias romanas, e na pag. 51 como *Antiocho III* o Grande da *Syria* foi vencido e obrigado a aceitar uma paz onerosa.

3ª guerra punica (149-146). — Havendo *Massinissa* tomado varias provincias a Carthago, esta, depois de queixas inuteis ao senado romano, recorreu enfim ás armas. Roma então declarou-lhe a guerra e enviou á Africa um exercito de 80,000 homens. Carthago, para obter a paz, consentiu em entregar todas as armas e machinas de guerra; mas, quando os consules ordenaram aos habitantes que abandonassem a cidade e se fossem estabelecer longe do mar, o patriotismo forneceu então recursos a essa cidade

feliz para resistir durante três annos, e foi preciso para tomal-a genio perseverante de *Scipião Emiliano o segundo Africano*: a val de Roma foi então destruida e incendiada.

Conquista da Hespanha (197-133). — Na 2ª guerra punica assou a Hespanha para o dominio de Roma. Mas quando os Hespanhóes viram chegar pretores para governal-os, sublevaram-se e ostentaram uma guerra de 65 annos, na qual se distinguiram os Lusitanos sob o commando de *Viriato* e os Celtiberios. Os Romanos só puderam submitter a Lusitania mandando assassinar *Viriato* (140). *Numancia*, cidade do norte da Hespanha, immortalizou-se por uma longa e desesperada defeza, destroçando tres exércitos romanos e preferindo os habitantes matarem-se uns aos outros a renderem-se: quando *Scipião Emiliano* o vencedor de *Carthago* entrou na cidade, não encontrou senão cadaveres e ruínas (133). — Roma estendia então o seu dominio sobre a Italia, Illyria, a Macedonia, a Grecia, sobre grande parte da Asia Menor, sobre o territorio de *Carthago*, a Hespanha, a Sicilia, Sardenha e *Corcoga*.

PERIODO V

As guerras civis (133-30).

Os Gracchos (133-121). — As conquistas dos Romanos alteram a simplicidade dos antigos costumes, e introduziram o luxo e corrupção. O povo gemia na mais completa indigencia, e entanto que os patricios ostentavam um luxo escandaloso. *Tiberio Graccho*, neto de *Scipião Africano*, eleito tribuno do povo em 133, propoz que se distribuissen aos cidadãos pobres a maior parte das terras do dominio publico, possuidas ou usurpadas pelos patricios. Estes resistiram, e *Tiberio* foi assassinado com 300 de seus partidarios. *Caio Graccho*, tribuno em 123, abraçou os projectos de seu irmão, fez confirmar a lei agraria, fundou colonias para os cidadãos pobres, e fez passar a administração da justiça do Senado para o corpo dos cavalleiros. Elle teve a sorte de seu irmão, succedendo n'uma sedição com 5,000 de seus partidarios.

Mario; Jugurtha. — *Jugurtha*, filho adoptivo de *Micipsa* rei de Numidia, mandou matar os dous filhos do seu bemfeitor e possessor dos seus estados: Roma, para vingal-os, declarou guerra ao usurpador. A' força de ouro conseguiu *Jugurtha* cobrir de probrio as armas romanas. O consul *Metello*, mais habil e probro do que os seus predecessores, alcançou varias victorias; mas quando parecia terminar felizmente a guerra, eis que *Caio Mario*, seu gartemente, que veio a ser o chefe do partido popular, obteve o

consulado e o commando do exercito. Jugurtha, vivamente perseguido pelo novo consul, refugiou-se na côrte de seu sogro Boccho, rei da Mauritania; porém este teve a cobardia de entregal-o ao questor Sylla, enviado por Mario para reclamar o fugitivo. Jugurtha foi conduzido a Roma e condemnado a morrer de fome em uma prisão (105).

Cimbros e Teutões. — Durante a guerra de Numidia, 500,000 Cimbros e Teutões, vindos do norte da Europa, haviam invadido a Gallia, e depois de destroçarem 5 exercitos consulares, passaram á Hespanha. Mario foi então nomeado consul por 4 annos consecutivos, e confiou-se-lhe o commando da guerra. Quando os barbaros voltaram de Hespanha, separaram-se para invadir a Italia por dous pontos differentes. Mario, encontrando os Teutões perto de Aix, os exterminou em duas batalhas (102), e no anno seguinte desbaratou os Cimbros na planicie de Vercelli. Infatuado por tantos triumphos, Mario pretendeu conservar o poder, e para alcançar o 6º consulado, ligou-se com os demagogos mais despreziveis.

Guerra social (90-88); rivalidade entre Mario e Sylla. — Esta guerra resultou de não se ter concedido o direito de cidadão romano reclamado pelos povos da Italia. Foi uma luta terrivel que privou a Italia da flôr da sua mocidade e das suas melhores tropas. Mario recebeu um commando e ficou abaixo da sua reputação. O patricio Sylla, pelo contrario, teve toda a honra d'esta guerra, pelo que obteve o consulado e o commando da guerra contra Mithridates, commando que era sollicitado por Mario: tal foi a origem da guerra civil entre os dous rivaes (88-82).

Sylla entrou então em Roma á frente do seu exercito, e Mario fugiu para a Africa a occultar-se nas ruinas de Carthago. A partida de Sylla para ir combater contra Mithridates foi o signal de uma violenta reacção. Mario, sustentado por Cinna, voltou a Roma, e proscreeu todos os seus inimigos. A carnificina foi horrivel e estendeu-se a toda a Italia. Nomeado consul pela 7ª vez, o barbaro velho consumiu logo em orgias o pouco que lhe restava de vida (86). Dous annos depois Cinna foi assassinado por seus proprios soldados.

Victorias de Sylla: sua dictadura (82-79). — Durante essas orgias sanguinarias do partido popular, Sylla, vencedor de Mithridates, expulsava os seus exercitos da Grecia, e lhe impunha uma paz vergonhosa, obrigando-o a contentar-se do seu reino do Ponto. Sylla voltou depois á Italia á frente de 40,000 veteranos, e venceu o filho de Mario e o consul Carbão, chefes do partido popular. A tomada de Preneste e a grande batalha da porta Collina terminaram esta primeira guerra civil. Sylla fez-se então nomear dic-

ador perpetuo, e usou contra seus inimigos de cruéis represalias : s victimas das suas proscricções foram innumeraveis. Depois de reintegrar os patricios nos antigos privilegios e ampliar o poder do senado, Sylla abdicou voluntariamente a dictadura no anno 79, e morreu no anno seguinte.

Guerra de Sertorio (82-72). — Sertorio tentou reerguer em Hespanha o partido popular, esmagado na Italia. Resistiu victoriosamente por 9 annos aos melhores generaes do senado. Foi preciso empregar-se a traição para vencel-o, pondo-se a sua cabeça a premio. A desconfiança fêl-o cruel, e elle foi assassinado por Perpenna, seu lugartenente (72). Pompeu, depois de pacificada a Hespanha, regressou á Italia, onde exterminou os restos do exercito de Spartaco que haviam escapado á espada de Crasso, attribuindo a si a gloria de haver debellado a revolta dos escravos (*guerra dos gladiadores*).

Pompeu; ultimas guerras de Mithridates (71-63). — Pompeu, tendo-se tornado o idolo do povo, recebeu poderes extraordinarios para exterminar os piratas da Cilicia que infestavam o Mediterraneo, interceptando as provisões destinadas para Roma. Elle desempenhou esta missão em tres mezes (67). O reconhecimento publico manifestou-se encarregando-o de terminar a guerra contra Mithridates, o qual fôra por Lucullo reduzido á ultima extremidade. Depois de haver destruido o seu ultimo exercito, Pompeu deixou o rei vencido procurar um asylo na Taurida (Criméa), e percorreu a Asia, submettendo a Syria, a Phenicia e a Palestina. Por esse tempo Mithridates, vendo-se trahido por seus soldados e seu proprio filho, para não cair em poder dos Romanos, fez-se matar por um Gaullez (65) : com elle succumbiu a independenciã da Asia Menor.

Conjuração de Catilina (63). — Durante a ausencia de Pompeu um joven patricio, *Catilina*, tentou apoderar-se do poder e pôr Roma a saque. O grande orador *Marco Tullio Cicero*, então consul, descobriu a conspiração e reprimiu-a pela morte dos conjurados, por cujo serviço recebeu do senado o titulo de *Pai da Patria*.

Primeiro triumvirato. — O patricio *Julio Cesar*, depois de exercer o cargo de pretor em Hespanha, formou com Pompeu e com Crasso, que era o mais rico dos Romanos, uma alliança secreta para dominarem a republica, á qual alliança se deu o nome de *triumvirato* (60).

Conquista da Gallia (58-50). — Cesar, nomeado consul no anno 59, obteve o governo da Gallia, a qual foi por elle conquistada em 8 annos. Elle teve primeiramente de repellir d'alli uma dupla invasão dos Helvecios e de Ariovisto rei dos Suevos. No anno 57 começou a guerra contra os proprios Gaullezes, em razão

de uma liga que formaram os Belgas para defender a sua independencia. Em 56 Cesar submetteu a Armorica e a Aquitania. Em 53 e 54, elle fez duas expedições na Germania, e dous desembarcou na Grã-Bretanha, para tirar aos Gaulezes toda esperanza de soccorro estrangeiro. A Gallia inteira parecia submettida, quando rompeu uma insurreição geral sob o commando do joven *Vercingetorix*. Este heroe foi a final obrigado a encerrar-se em Alesia, onde teve de render-se ao vencedor romano (51). A Gallia assim conquistada ficou por 5 seculos debaixo da dominação romana.

Derrota de Crasso (53). — Crasso, que obtivera o governo da Syria, emprehendeu uma expedição contra os Parthos, na qual elle pereceu com a maior parte de seu exercito.

Guerra civil entre Cesar e Pompeu (49-48). — Depois da morte de Crasso, Cesar e Pompeu ficaram unicos arbitros da republica. Pompeu, que se tinha reconciliado com o senado, advertindo que Cesar crescia cada dia na opinião do povo, reclamou d'este que licenciasse as suas tropas e deixasse o governo da Gallia: d'ahi o rompimento entre os dous rivaes. Cesar transpôz então o Rubicon e assenhoreou-se de toda a Italia. Em quanto Pompeu fugia com o senado para o Epiro, Cesar passou á Hespanha, onde, fez depôr as armas a um numeroso exercito que seguia o partido do seu rival. De volta a Roma, fez-se nomear dictator, e atravessando depois o Adriatico para ir combater o exercito de Pompeu, ganhou sobre este na Thessalia a batalha decisiva de *Pharsalia* (48). Pompeu refugiou-se no Egypto, e foi ahi assassinado por ordem do rei Ptolomeu.

Cesar chorou a morte do seu rival, desthronou Ptolomeu e pôz em seu logar a Cleopatra de quem se namorara. Depois de pacificado o Oriente, Cesar destruiu em *Thapso* (46) um exercito pompeiano, cujo chefe mais illustre, *Catão*, se suicidou em Utica, para não sobreviver á republica, e acabou de aniquilar em *Munda* na Hespanha o partido de Pompeu (45).

Morte de Cesar. — De volta á Italia, Cesar occupou-se em reparar os males das guerras civis e em organizar em Roma o governo monarchico. Tramou-se porém contra elle uma conspiração, cujos chefes eram Junio Bruto, genro de Catão, e Cassio: estes com seus complices o apunhalaram em pleno senado no anno 44.

Segundo triumvirato. — *Antonio*, lugartenente de Cesar, procurou vingal-o: Cicero e o partido republicano lhe oppozeram o joven *Octavio*, sobrinho e filho adoptivo de Cesar; este porém não tardou a formar com *Antonio* e *Lepido* o segundo triumvirato (43). Os triumviros começaram por decretar horriveis proscricções, cuja

victima mais illustre foi Cicero; derrotaram depois em Philippes na Macedonia as torças republicanas commandadas por Bruto e Cassio, os quaes vendo-se vencidos se suicidaram (42).

Guerra entre Antonio e Octavio. — Os triumviros repartiram entre si o mundo romano: Octavio teve o Occidente, Antonio o Oriente, e Lepido a Africa; mas este não tardou a ser deposto por Octavio. Pouco depois rompeu a guerra entre Octavio e Antonio, o qual se deixara seduzir pelos encantos de Cleopatra. A victoria naval que Octavio alcançou em Accio (31), deu-lhe o imperio do mundo. Antonio procurou resistir no Egipto, mas vencido de novo, traspassou-se com a espada; Cleopatra deixou-se picar por um aspide, e o Egipto foi reduzido a provincia romana.

PERIODO VI

Os imperadores da familia de Augusto (30 A. C. — 69 depois de C.)

Augusto (30 A. C. — 14 depois de C.). — Octavio, que tomou o nome de *Augusto*, substituiu o imperio á republica, accumulando em si todas as antigas magistraturas romanas. Coadjuvado por Agrippa e por Mecenas (o protector das letras), Augusto restabeleceu a ordem publica, melhorou a condição das provincias, onde fundou numerosas colonias, reprimiu os Parthos e os povos da Germania, encheu Roma de magnificos monumentos, e legou o seu nome ao mais bello seculo da litteratura romana, que viu florescer o grande orador Cicero, os poetas Lucrecio, Catullo, Tibullo, Propertio, Virgilio, Horacio, Ovidio, e os historiadores Cesar, Sallustio, Tito Livio, Cornelio Nepote. Desgostos domesticos e a derrota completa das legiões romanas de Varo na Germania amarguraram-lhe os ultimos tempos do seu reinado. N'este reinado deu-se o maior acontecimento que a historia registra em seus annaes, a saber, o nascimento de N. S. Jesus Christo em Bethlehem.

Tiberio (14-37). — Tiberio, filho adoptivo e successor de Augusto, antes de subir ao throno, tinha-se distinguido muito como general na Germania. Reinou a principio com bastante moderação e sabedoria; tornou-se depois tyranno sanguinario por influencia do seu ambicioso favorito Elio Sejano, mandou matar os cidadãos mais illustres, fez envenenar o seu sobrinho Germanico, o qual por suas victorias e bellas qualidades se tornara o idolo do povo romano, e deshonorou a sua velhice por sua devassidão e excessos de toda sorte.

Caligula (37-41). — Caligula, filho de Germanico, mostrou-se

ainda mais cruel que Tiberio : dizia que desejava que o povo romano tivesse só uma cabeça para decepal-a de um golpe. Mais de 170,000 victimas foram immoladas ao seu furor. Tornou-se por fim tão louco que conferiu o consulado ao seu cavallo Incitato Chereas, tribuno da guarda pretoriana, livrou o mundo d'este monstro.

Claudio (41-54). — Claudio, irmão de Germanico, principe fraco e ridiculo, deixou-se governar por seus libertos Pallas e Narciso e por sua mulher Messalina, famosa por sua vida escandalosa. Sua segunda mulher Agrippina, filha de Germanico, fel-o adoptar a Nero, filho que ella tivera do seu primeiro matrimonio, e para assegurar a este a corôa, envenenou a Claudio.

Nero (54-68). — Governou a principio com moderação ; mas em breve tornou-se o mais cruel dos tyrannos. Mandou matar os seus preceptores Burrho e Seneca, a sua propria mãe Agrippina, sua mulher Octavia, envenenou Britannico, filho de Claudio, e immolou os mais illustres cidadãos. Para assistir ao espectáculo de um vasto incendio, mandou pôr fogo a Roma ; imputou depois este crime aos Christãos, e ordenou contra elles a primeira perseguição, na qual morreram os Apostolos S. Pedro e S. Paulo e infinidade de outros martyres. Tramou-se contra elle por fim uma conspiração, e Nero, para escapar a um supplicio ignominioso, pediu a um liberto que o matasse, exclamando : *Que artista vai o mundo perder!* Nero foi o ultimo dos imperadores romanos que por adopção pertenciam á familia de Cesar.

A Nero succedeu Galba, que foi assassinado pelos pretorianos sublevados por Othon ; este pouco depois foi vencido par Vitellio, o qual a seu turno não tardou a ser suplantado por Vespasiano. (69).

PERIODO VII

Os Flavios e os Antoninos (69-192).

Vespasiano (69-79). — Este excellente principe e habil administrador reparou os males da anarchia, restabeleceu as finanças, reedificou o Capitolio e construiu o immenso amphitheatro do Coliseu. No seu reinado foi Jerusalem tomada e destruida por seu filho Tito, depois de um cerco memoravel em que succubiram 600,000 pessoas (70).

Tito (79-81). — Mereceu por sua bondade e brandura o appellido de *delicias do genero humano*. O seu curto reinado de dous annos foi assignalado por um incendio que destruiu parte de Roma, por uma peste que assolou a Italia, e pela primeira erupção do

Vesuvio, que sepultou debaixo de suas cinzas as cidades de Herculano, Pompeia e Stabia.

Domiciano (81-96). — Domiciano, irmão de Tito, foi um tyranno cruel, que perseguiu os Christãos, e morreu assassinado n'uma conspiração tramada por sua propria familia. No seu reinado foi a Bretanha conquistada definitivamente por Agricola.

Nerva (96-98). — Morto Domiciano, o senado conferiu o supremo poder ao septuagenario *Nerva*, com o qual começou o brilhante periodo dos Antoninos; elle adoptou o hespanhol Ulpio Trajano, que era o melhor general do imperio.

Trajano (98-117). — Este grande principe fez reviver as antigas fôrmas republicanas, restituiu ao senado o seu prestigio, conquistou a Dacia, venceu os Parthos; mas a historia lhe censura a terceira perseguição contra os Christãos.

Adriano (117-158). — Este habil administrador passou o seu reinado em visitar as provincias do imperio, fundou cidades, levantou grandes monumentos e fortificou as fronteiras. A paz não foi perturbada senão por uma revolta dos Judeus, que custou a vida a 600.000 d'elles, sendo o resto expulso do seu paiz.

Antonino Pio (158-161). — Este virtuoso principe, adoptado por Adriano, reinou 25 annos na mais profunda paz, e designou Marco Aurelio para seu successor.

Marco-Aurelio (161-180). — Marco Aurelio, que unia ás virtudes de philosopho os talentos de grande estadista, sustentou varias guerras com os Parthos e os Germanos; deshonorou-se porém ordenando a 4.^a perseguição contra os Christãos.

Commodo (180-192). — Este novo Nero, indigno filho de Marco-Aurelio, teve só uma ambição, a de passar pelo mais habil gladiador do imperio; morreu assassinado.

PERIODO VIII

Anarchia militar (192-285).

O imperio em leilão. Septimio Severo. — *Pertinax*, proclamado imperador, tendo querido restabelecer a ordem no Estado e nas finanças, foi morto pelos pretorianos. Viu-se então um deploravel espectáculo, o throno posto por estes em leilão, e dado a *Didio Juliano*, que foi quem mais dinheiro lhes offereceu; mas *Septimio Severo*, general do exercito da Ilyria, fez-se proclamar imperador e derribou o indigno Didio. Para sustentar-se no poder, verteu torrentes de sangue; os Christãos foram sobretudo perseguidos de uma maneira atroz.

Successores de Septímio Severo. — Seu filho *Caracalla* (211) matou seu irmão Geta, commetteu as maiores crueldades e foi assassinado por ordem de *Macrino*, prefeito do pretorio, que se fez acclamar imperador (217), e foi pouco depois tambem assassinado. — Sucedeu-lhe o syrio *Helicgáballo* (218), principe devasso e effeminado, que os pretorianos assassinaram, e em seu lugar pozeram o seu primo *Alexandro Severo* (222). Este joven principe distinguuiu-se por suas bellas qualidades, que não o livraram de ser morto n'uma sedição (255).

Anarchia militar (255-268). — A anarchia chegou ao seu auge; viram-se em 30 annos 10 imperadores : o gigante thracio *Maximino*, que ordenou a 6ª perseguição contra os Christãos ; os tres *Gordianos*, o arabe *Philippe*, o bravo, porém cruel, *Decio*, que ordenou a 7ª perseguição ; *Gallo*, *Emiliano*, *Valeriano*, que ordenou a 8ª perseguição, e morreu prisioneiro dos Persas, successores dos Parthos. Debaixo de *Gallieno*, filho de Valeriano, trinta usurpadores di-putaram entre si o imperio.

Príncipes Illyrios (268-285). — *Claudio II* repelliu os Godos da Mesia. — *Aureliano* triumphou dos Godos e venceu a celebre *Zenobia*, rainha de Palmyra na Syria, mas ordenou a 9ª perseguição contra os Christãos. Depois do reinado ephemero de *Tacito*, o valente *Probo* triumphou dos Germanos, reprimiu os Persas, e foi morto n'uma sedição militar. — *Caro*, *Carino* e *Numeriano* tiveram mui curto reinado; succedeu-lhes o dalmata *Diocleciano*, que pôz fim á anarchia militar.

PERIODO IX

O imperio monarchico (284-395).

Diocleciano (284-305). — Elle aboliu as fórmas republicanas que até então haviam subsistido, e introduziu as pomposas etiquetas das côrtes asiaticas. Para poder resistir aos povos barbaros que de todos os lados ameaçavam o imperio, Diocleciano tomou por collega *Maximiano Hercules*, e ambos com o titulo de *Augusto* escolheram, para coadjuval-os e succeder-lhes, dous outros collegas com o titulo de *Cesar*, que foram *Galerio* e *Constancio Chloro*. Diocleciano, que conservou a supremacia, tomou para si o Oriente, estabelecendo a sua côrte em Nicomedia na Bithyvia, e deu a Italia e a Africa a Maximiano, que fixou sua residencia em Milão; a Thracia e as provincias do Danubio a Galerio, que se fixou em Sirmio; e a Gallia, Hespanha e Bretanha a Constancio, que se fixou em Treveris. Diocleciano conseguiu assim reprimir os Germanos e os

persas; mas, á instigação de Galerio, ordenou a 10^a e ultima perseguição contra os Christãos, que foi a mais cruel de todas e durou dez annos. Desgostoso do poder, Diocleciano abdicou em 305, e o esmo fez Maximiano. Galerio e Constancio tomaram então o titulo de Augusto e escolheram dous novos Cesares. Durante sete annos os imperadores disputaram-se o imperio, que afinal coube a *Constantino*, filho de Constancio Chloro.

Constantino (312-337). — *Constantino* foi o primeiro imperador christão: declarou pelo edicto de Milão o christianismo religião do estado. Completou a obra começada por Diocleciano, dando ao imperio uma organização toda monarchica, e transferiu a capital de Roma para Byzancio, que se ficou chamando Constantinopla.

Successores de Constantino. — Seus tres filhos, *Constantino*, *Constancio* e *Constante*, repartiram entre si o imperio. Os dous primeiros pereceram pouco depois, ficando Constancio unico senhor de todo o imperio (353); mas o seu primo Juliano, grande general e administrador, que havia repellido os Germanos da Gallia pacificado esta provincia, revoltou-se e foi proclamado imperador por suas tropas: a morte de Constancio entregou-lhe o imperio em combate (361). *Juliano* o *Apostata* abjurou o christianismo e tentou restaurar o paganismo; elle morreu em uma expedição contra os Persas em 363. O seu successor *Joviano* reinou apenas mezes.

Valentiniano I e Valente (364-378). — *Valentiniano* foi proclamado imperador pelo exercito, e governou o Occidente com muita energia. *Valente*, seu irmão, reinou no Oriente; mas, partidario do arianismo, occupou-se só em perseguir os orthodoxos. Colheu os Visigodos expulsos pelos Hunos e lhes deu o territorio da Mesia. Sublevados pelas extorsões dos agentes imperiaes, os Visigodos invadiram a Thracia, e derrotaram e mataram a Valente junto a *Andrinopla* (378).

Graciano e Theodosio I (378-395). — *Graciano*, filho de Valentiniano, succedeu a seu pai no Occidente, e tomou por collega para governar o Oriente a *Theodosio*, cujo nome resume todas as virtudes religiosas, civis e militares. A morte de Graciano, morto pelo usurpador Maximo, o supplicio de Maximo vencido por Theodosio, e o assassinato de Valentiniano II, irmão de Graciano, pelo franco Arbogasto, deixaram Theodosio senhor de todo o imperio. Depois da sua morte em 395, o Imperio Romano ficou definitivamente dividido em dous imperios: o do *Oriente* debaixo de *Arcaçio*, e o do *Occidente* debaixo de *Honorio*, ambos filhos de Theodosio: este acontecimento marca o fim da historia antiga e o começo da edade média.

DATAS MEMORAVEIS DA HISTORIA ANTIGA

- A. C.
4158. Creação do mundo.
2482. Diluvio universal.
2053. Vocação de Abrahão.
1625. Saída dos Hebreus do Egypto.
- 1193-1184. Guerra de Troia.
1096. Saul primeiro rei dos Hebreus.
1056. David succede a Saul.
1045. Codro ultimo rei de Athenas.
1016. Salomão succede a David.
1003. Dedicção do Templo de Salomão.
976. Schisma das dez tribus de Israel.
919. Achab rei de Israel.
915. Josaphat rei de Judá.
884. Legislação de Lvcurgo em Sparta.
885. Athalia rainha de Judá.
880. Fundação de Carthago por Dido.
776. 1ª Olympiada, era dos Gregos.
759. Sardanapalo : queda do primeiro império da Assyria.
754. Fundação de Roma por Romulo.
- 745-725. 1ª guerra de Messenia.
741. Achaz rei de Judá.
726. Ezechias succede a Achaz.
721. Destruição do reino de Israel.
- 685-668. 2ª guerra de Messenia.
650. Psammeticho rei do Egypto.
606. Fim do 2º imp. Assyrio; Nabopolassar funda o imp. Babilonio. Nabuchodonosor toma Jerusalem : principia o captivoiro de Babilonia.
595. Legislação de Solon em Athenas.
587. Jerusalem destruida por Nabuchodonosor : fim do reino de Judá.
559. Cyro funda o império dos Persas.
558. Tomada de Babilonia por Cyro.
556. Edicto de Cyro em favor dos Judeos.
529. Cambyzes rei da Persia.
521. Dario rei da Persia.
510. Governo republicano em Roma.
- 500-449. Guerras Medicas.
485. Xerxes rei da Persia.
465. Artaxerxes Longimano succ. a Xerxes.
- 450-449. Decemvirato em Roma.
- 451-404. Guerra do Peloponeso
405. Cerco de Veios pelos Romanos.
401. Retirada dos Dez-Mil (Gregos).
390. Tomada de Roma pelos Gaullezes.
379. Guerra entre Thebas e Sparta.
362. Batalha de Mantinca.
- 339-336. Philippe rei de Macedonia.
- 312-290. Guerra dos Samnitas.
- 310-358. Guerra dos Latinos.
358. Batalha de Cheronca : a Grecia perde a sua independencia.
- 356-325. Alexandre rei de Macedonia.
351. Batalha de Arbellas : Alexandre acaba com o império Persa.
301. Batalha de Ipsos : divisão do império de Alexandre entre seus generaes.
285. Ptolomeu Philadelpho rei do Egypto.
- A. C.
- 280-275. Guerra de Pyrrho com Roma.
- 264-241. Primeira guerra punica.
247. Ptolomeu Evergetes rei do Egypto.
222. Antiocho o Grande rei da Syria. Ptolomeu Philopator rei do Egypto.
220. Philippe III rei da Macedonia.
- 218-201. Segunda guerra punica.
190. Batalha de Magnesia.
168. Os Romanos conquistam a Macedonia.
166. Revolta dos Machabeus.
- 149-146. Terceira guerra punica.
146. Destruição de Carthago. A Grecia duzida a provincia romana.
- 146-140. Guerra de Viriatho.
155. Numancia tomada pelos Romanos.
- 155-121. Os Gracchos em Roma.
- 118-106. Guerra de Jugurtha.
107. Reis Asmoneus na Judéa.
88. Rivalidade entre Mario e Sylla. 1ª guerra contra Mithridates.
- 82-79. Dictadura de Sylla.
- 74-65. Guerra contra Mithridates.
- 75-71. Guerra de Spartaco.
65. Pompeu reduz a provincias romanas Syria, a Judéa e o Ponto.
60. Primeiro triumvirato.
- 58-50. Cesar conquista a Gallia.
49. Guerra entre Cesar e Pompeu.
44. Morte de Cesar.
45. Segundo triumvirato.
58. Herodes Mhuncu rei da Judéa.
51. Batalha de Accio.
50. Augusto 1º imperador romano.
- Depois do nascimento de J. C.*
- 14-57. Tiberio 2º imperador romano.
55. Morte de N. S. Jesus Christo.
57. Caligula. 41. Claudio. 54. Nero.
42. S. Pedro fixa sua sé em Roma.
69. Vespasiano. 79. Tito.
70. Tomada de Jerusalem por Tito.
81. Domiciano imperador. 96. Nerva.
98. Trajano imperador. 117. Adriano.
158. Antonino. 161. Marco Aurelio.
180. Commodo. 195. Septimo Severo.
- 211-217. Caracalla. 218. Heliogabalo.
222. Alexandre Severo. 255. Maximino.
257. Os Gordianos. 244. Philippe.
- 249-252. Decio. 255. Valeriano.
260. Gallieno. 268. Claudio II.
- 270-275. Aureliano. 276-282. Probo.
284. Diocleciano e Maximiano (286).
503. Constancio Chloro e Galerio.
- 506-557. Constantino Magno.
550. Constantinopla séde do império.
557. Constancio e Constante.
- 561-565. Juliano Apostata.
564. Valentiniano I e Valente.
575. Graciano e Valentiniano II.
579. Os 2 precedentes e Theodosio.
595. Arcadio e Honorio.

HISTORIA DA EDADE MÉDIA

INTRODUÇÃO

A *idade média* começa na divisão definitiva do Imperio Romano em imperio do Oriente e imperio do Occidente, e termina na tomada de Constantinopla pelos Turcos (395-1455). Póde-se dividir sua historia em 4 periodos: 1º do sec. V ao VIII, as invasões dos barbaros; 2º do sec. VIII ao X, a primeira tentativa de restauração do imperio romano do Occidente por Carlos Magno e pelos impedadores Carlovingios; 3º do sec. X ao meiado do sec. XIII, a segunda tentativa de restauração do imperio do Occidente pelos imperadores d'Allemanha; 4º do meiado do sec. XIII ao meiado do sec. XV, a formação das nações modernas.

1º PERIODO : do sec. V ao VIII.

Invasões dos Barbaros. — Alarico. Attila. Clovis.

Alarico. Os Visigodos. — Já em 378 os Visigodos (Godos do Oeste), para se livrarem da dominação dos Hunnos, tinham procurado asylo no imperio romano, estabelecendo-se na Mesia; sublevaram-se pouco depois, derrotaram o imperador Valente em Andrinopla, e só foram contidos pela energia de Theodosio o Grande. Depois da morte d'este, recommçaram os Visigodos as suas devastações sob as ordens de *Alarico*, lançando-se primeiramente sobre o imperio do Oriente, e depois sobre o do Occidente, defendido por Stilicon, ministro de Honorio, e apesar de repellidos duas vezes, tomaram e saquearam Roma em 410. Os successores de Alarico fundaram um reino visigodo no meiodia da Gallia e no norte da Hespanha.

Genserico. Os Vandalos. — Por esse mesmo tempo foi a Gallia invadida por varias hordas germanicas. Os Borguinhões vieram estabelecer-se no valle do Rhodano e do Saona; e os Vandalos, na Hespanha e depois na Africa. *Genserico*, seu chefe, fez de Carthago a capital do seu imperio, conquistou a Sicilia, a Corsega e a Sardenha, e em 455 tomou e saqueou Roma.

Attila. Os Hunnos. — Os Hunnos, vindos da Asia central, precipitaram-se sobre a Europa e subjugaram todo o mundo bar-

baro desde o Rheno até o mar Caspio e do mar Baltico ao Danubio e aos Alpes. O seu chefe *Attila*, o *flagello de Deos*, invadiu a Gallia em 451, e foi derrotado em Chalons e repellido para a outra margem do Rheno pelo romano Aecio auxiliado pelos Barbaros estabelecidos na Gallia. Em 452 Attila caiu sobre a Italia, destruiu muitas de suas cidades, e teria tambem arrasado Roma se não fosse ascendente do papa S. Leão que lhe saiu ao encontro; retirou-se então para a Pannonia, onde morreu no meio de uma orgia (455). O seu imperio desapareceu com elle.

Fim do imperio do Occidente. — O imperador *Honorio* morreu em 425; o seu sobrinho e successor *Valentiniano II* reinou sem gloria até 455 e foi assassinado por *Petronio Maximo Majorianb*, digno de tempos melhores, foi morto pelo suevo *Ricimer*, que conferiu a dignidade imperial successivamente a tres senadores. Em 475 o pannonio *Orestes* proclamou imperador a *Romulo Augustulo*, menino de seis annos, que no anno seguinte foi deposto por *Odoacro*, chefe dos Herulos, que tomou o titulo de rei de Italia: assim desapareceu o imperio romano do Occidente (476).

Theodorico. Os Ostrogodos na Italia. — Depois da morte de Attila e da retirada dos Hunnos, os Ostrogodos (Godos orientaes) approximaram-se do imperio do Oriente. Para afastal-os, o imperador *Zeno* encarregou o seu chefe *Theodorico* de reconquistar a Italia a *Odoacro*, o que elle conseguiu em 492. *Theodorico* foi o maior dos reis barbaros antes de Carlos Magno. Por suas victorias e sua habil administração deu á Italia uma prosperidade que ella havia perdido sob o governo dos seus imperadores; mas o seu zelo pelo arianismo fê-lo porfim perseguidor dos catholicos. Morreu em 526: o imperio dos Ostrogodos não lhe sobreviveu senão alguns annos.

Clovis. Os Francos. — De todos os reinos fundados pelos Barbaros vindos da Germania, um só subsistiu, o dos Francos na Gallia. Debaixo dos chefes Merovingios *Clodion*, *Meroveu* e *Childerico*, foram-se estendendo os Francos pela Gallia, ora como inimigos, ora como alliados dos Romanos (420-481). — *Clovis*, filho e successor de *Childerico* (481-511), foi quem fundou a grandeza da sua nação. A victoria de Soissons acabou com a dominação romana e deu-lhe todo o paiz até o Loira, e a victoria de Tolbiac salvou a Gallia da invasão dos povos da Germania. Depois d'esta victoria *Clovis* recebeu o baptismo das mãos de S. Remi, bispo de Reims. Continuando nas suas conquistas, venceu o rei de Borgonha e fê-lo seu tributario; submetteu os Visigodos, cujo rei *Alarico II* foi por elle vencido e morto perto de Poitiers, e reuniu assim toda a Gallia debaixo do seu dominio. Dos successores de *Clovis* o mais illustre

o *Dagoberto* (628-638), o qual assegurou aos Francos a preponderancia na Europa occidental.

Justiniano. Mahomet. Invasões dos Arabes.

Justiniano. — Depois da morte de Arcadio, o imperio do Oriente foi governado por *Theodosio II*, ou antes por sua irmã *Pulcheria*; esta princeza casou com *Marciano*, que se illustrou por seus talentos e firmeza. Depois dos reinados de *Zeno* e de *Anastasio*, vitados por dissensões religiosas, *Justino I* restabeleceu a paz no imperio, e teve por successor o celebre *Justiniano* (527). Este principe teve um reinado glorioso de 38 annos, e reconstituiu em grande parte o antigo Imperio Romano. O seu famoso general *Belisario* triunfou dos Persas, reconquistou a Africa aos Vandalos, e alçou na Italia o reino dos Ostrogodos, que foi destruido por seu successor *Narses*. Justiniano distinguuiu-se tambem como legislador, publicou o celebre codigo de leis romanas que leva o seu nome. Mas este renascimento do Imperio Romano foi ephemero : o norte da Italia não tardou a cair em poder dos Lombardos, e as invasões dos Arabes arrancaram aos imperadores de Constantinopla a Asia e a Africa.

Mahomet e as invasões dos Arabes. — A grandeza dos Arabes data de *Mahomet*, que se fez propheta de uma religião nova. Perseguido em Mecca, sua patria, fugiu para Medina em 622 : este anno da fugida ou *hegira* dá começo á era musulmana. Fugiu depois victorioso a Mecca, destruiu ali a idolatria, converteu ao islamismo toda a Arabia á força d'armas, e preparava-se para invadir a Syria, quando falleceu em Medina em 632, deixando a doutrina consignada no Alcorão, livro sagrado dos Mahometanos. — A Mahomet succederam com o titulo de califa o seu sogro *Abu-Bekre* (632), *Omar* (634), *Othman* (644), e enfim *Ali*, casado com *Fatima*, filha de Mahomet (656). Debaixo d'estes quatro califas os Arabes conquistaram a Syria, a Persia e o Egypto.

Ommiadas (660-752). — *Ali* foi assassinado por *Moavia*, que tornou califa e foi o chefe da dynastia dos Ommiadas. Estes estabeleceram a sua capital em Damasco, submetteram toda a Asia occidental e central, a Africa septentrional, e passando á Hespanha, derribaram a monarchia dos Visigodos na batalha de Xerez (711), assenhorearam-se de toda a peninsula Iberica, á excepção das montanhas das Asturias, onde Pelagio se refugiou. Os Arabes transpuzeram depois os Pyreneos, occuparam o sul da França, e dirigiram-se já para o Loira, quando Carlos Martel os destroçou e pelliu na memoravel batalha de Poitiers (732).

Abbassidas (750-1055). — *Abul-Abbas*, descendente de Mahomet, derribou a dynastia dos Ommiadas e mandou matar todos os principes d'esta raça, escapando apenas *Abderame*, que se refugiou na Hespanha, onde fundou o *califado do Occidente* ou de *Cordova* (755). Os Abbassidas, dynastia fundada por Abul-Abbas, transferiram a sêde do califado de Damasco para Bagdad. Os mais illustres d'entre elles foram *Almanzor* (754), que fundou a cidade de Bagdad, e *Harun-al-Raschid* (786), que fez florescer as letras e artes, e entreteve relações com Carlos Magno.

Além dos califados de Bagdad e de Cordova, surgiram na Africa varias dynastias independentes : os *Edrissitas* em Marrocos, o *Aglabitas* em Tunis, e os *Fatimitas* no Egypto. O imperio Arab assim desmembrado decaiu rapidamente. Em 1051 desappareceu o califado de Cordova, de que se formaram muitos pequenos reinos mouriscos (de Cordova, Granada, Sevilha, Valencia, Murcia, Badajoz, etc.). Os Turcos Seldjucidas, chamados pelos califas de Bagdad para formarem a guarda do palacio, dispuzeram a seu capricho do supremo poder, não deixando aos califas senão uma autoridade puramente espiritual.

2º PERIODO : do sec. VIII ao X.

Decadencia dos Merovingios. Os primeiros Carlovingios. Carlos Magno.

Carlos Martel. — As discordias dos successores de Clovis occasionaram a ruina da dynastia Merovingia. O poder passou para os *maires* ou *prefeitos do palacio*, e a partir da morte de Dagoberto I (658), os reis Merovingios não foram mais que instrumentos entre as suas mãos. O mais illustre dos prefeitos do palacio foi *Carlos Martel*, filho de Pepino de Heristal, que conteve os Saxões pagãos e destroçou em Poitiers os Sarracenos já senhores da Hespanha e do sul da França. Seu filho *Pepino o Breve*, protegido pela Igreja, depoz o ultimo rei Merovingio (752), e fundou a segunda dynastia dos reis francos, a dos *Carlovingios*.

Pepino o Breve (752-768). — Este proseguiu a obra de Carlos Martel; defendeu a civilisação christã ao Norte contra os Saxões, ao Sul contra os Sarracenos, que foram por elle expulsos de todo o territorio francez; protegeu a Santa Sé contra os Lombardos, senhores da Italia septentrional, e fez-lhe doação do exarchado de Ravenna, primeira possessão temporal da Igreja (755).

Carlos Magno (768-814). — Este homem extraordinario foi ao mesmo tempo conquistador e legislador. Submetteu os Lombardos

todo o norte da Italia; subjogou os Saxões depois de 30 annos de guerra, apesar da energica resistencia do seu chefe *Witiking*; conquistou aos Arabes o paiz comprehendido entre os Pyreneos e o rio Ebro, e sujeitou os Avaros, povo de origem asiatica estabelecido nas margens do Danubio. No anno 800 Carlos Magno foi coroado imperador do Occidente pelo papa Leão III. Elle organisou o imperio por suas leis ou *capitulares*, e restaurou as sciencias e letras, rotegando-as e fundando escolas. Morreu em 814.

Desmembramento do imperio Carlovingio. Dynastia dos Capetos. Conquistas exteriores dos Francezes.

Primeira partilha do imperio Carlovingio. — *Luiz o Bonafião (Debonnaire)*, filho e successor de Carlos Magno, passou o seu reinado a reprimir as revoltas de seus filhos. Depois da sua morte, o tratado de Verdun (843) dividiu o imperio em tres estados: a Italia coube a *Lothario* com o titulo de imperador, a Allemanha a *Luiz o Germanico*, e a França a *Carlos o Calvo*.

Decadencia dos Carlovingios. Os Normandos e o feudalismo. — Duas causas contribuíram principalmente para acelerar a ruina do imperio Carlovingio. A 1ª foram as invasões dos Normandos, piratas originários da Scandinavia, que se estabeleceram nas embocaduras dos rios Rheno, Escalda, Sena e Loira, puzeram cerco a Paris em 885, e obtiveram porfim do rei Carlos o Simplex a provincia que tomou d'elles o nome de *Normandia* (911). — A 2ª causa foi o progresso do *feudalismo*, que consistia na transformação das grandes propriedades privadas em estados hereditarios e quasi independentes, conhecidos sob o nome de *feudos*, taes como os ducados de França, de Borgonha, de Aquitania, de Normandia, etc., cujos possessores já não prestavam obediencia aos reis.

Em face dos Carlovingios decaidos surgiu uma familia nova, a dos duques de França. Um d'elles, *Eudes*, que defendeu Paris contra os Normandos, foi mesmo proclamado rei em 887, depois da deposição de Carlos o Grosso; mas a luta entre os duques de França e os ultimos Carlovingios durou ainda um seculo, e só terminou em 987 pela exaltação ao throno de *Hugo Capeto*, duque de França, que deu começo á dynastia dos *Capetos*.

Os primeiros Capetos. — Os quatro primeiros Capetos, *Hugo Capeto*, *Roberto o Pio*, *Henrique I* e *Philippe I*, não foram reconhecidos senão pela França septentrional e central; o sul da França obedecia aos duques de Aquitania.

continuou só a guerra contra Saladino, a qual terminou em 11 por uma tregua. — A 4ª CRUZADA foi suscitada pelo papa Innocencio III, e commandada por Balduino conde de Flandres, Bonifacio marquez de Monferrato, e Dandolo doge de Veneza. Os Cruzados foram distrahiridos do fito da sua expedição, e intervindo nos turbios do imperio do Oriente, tomaram Constantinopla em 1204 e deram a corôa imperial a Balduino : o imperio latino de Constantinopla durou 57 annos (1204-1261). — A 5ª CRUZADA foi promovida pelo papa Honorio III e emprehendida por André II rei de Hungria, que não tardou a voltar aos seus estados, e por João de Brienne, que tomou Damietta. — A 6ª CRUZADA foi dirigida pelo imperador d'Allemanha Frederico II, que concluiu com os Musulmanos um tratado ignominioso (1229). — A 7ª CRUZADA foi commandada por S. Luiz rei de França, que se apoderou de Damietta mas foi vencido e feito prisioneiro na batalha de Mansurah (1250) e teve de pagar uma immensa somma para o seu resgate. — Inabalavel no seu zelo pela defenza da Terra Santa, S. Luiz emprehendeu a 8ª CRUZADA em 1270, e morreu n'este mesmo anno de peste diante da praça de Tunis. As Cruzadas exerceram uma immensa e benefica influencia sobre o estado social, politico e intellectual da Europa, cujo ascendente sobre o resto do mundo data d'essa epocha.

Cruzadas do Occidente. — As Cruzadas do Occidente foram dirigidas : 1º contra os Mouros de Hespanha que foram pouco pouco repellidos para o sul da peninsula, devido isto sobretudo a façanhas de D. Rodrigo de Bivar, cognominado o *Cid*, e á grande victoria das Navas de Tolosa alcançada pelos Christãos (1212). — 2º Contra os Albigenses, hereges formidaveis do sul da França que eram apoiados pelos condes de Tolosa. Esta Cruzada, pregada pelo papa Innocencio III e commandada por Simão de Montfort teve por resultado a espoliação dos condes de Tolosa e a reunião de Languedoc aos dominios da corôa de França (1209-1229). — 3º Contra os povos idolatras da Prussia oriental e da Livonia, que foram no sec. XIII submettidos e convertidos ao christianismo pelos *cavalleiros Teutonicos*, fundadores da Prussia moderna.

Rivalidade dos reis de França e de Inglaterra Luiz VI e Luiz VII. Philippe Augusto.

Luta dos Capetos com o feudalismo e com os Ingleses (1108-1223). — *Luiz VI*, rei de França, submetteu os barões do dominio da corôa, e começou a luta da realza contra os senhores feudaes, e sobretudo contra os duques de Normandia, que depois

Guilherme o Conquistador se tinham tornado ao mesmo tempo reis de Inglaterra. — O divorcio de *Luiz VII* com Leonor duqueza de Aquitania, e o casamento d'esta princeza com *Henrique II* de Inglaterra, augmentaram as possessões dos Inglezes em França, que salvou Luiz VII foram as contendas de Henrique II com o rei Inglez, representado por Thomaz Becket, arcebispo de Cantuária. — *Philippe Augusto*, filho de Luiz VII (1180-1225), lutou gloriosamente com Henrique II e seus filhos *Ricardo Coração de Leão* e *João-sem-Terra*. Em 1214 derrotou em Bouvines os Inglezes e seus alliados (o conde de Flandres e o imperador d'Allemanha *Heinrich IV*), e reuniu ao dominio da corôa de França a Normandia e outras provincias conquistadas aos Inglezes.

A nobreza ingleza sublevada pelos actos tyrannicos do rei João, exigiu este a assignar a *Magna Carta*, base de todas as liberdades de que para o futuro veio gozar a Inglaterra, e que estabeleceu o parlamento, o jury e as leis protectoras da liberdade individual. João-sem-Terra não tardou a violar a *Magna Carta*, e foi deposto pela nobreza (1216). Succedeu-lhe seu filho *Henrique III*.

Allemanha e Italia. Guerras entre os Guelfos e os Gibelinos (1125-1250).

Os imperadores da casa de Suabia. Frederico Barbaroxa.

Extincta a casa de Franconia em 1125 com a morte de Henrique V (1125), succedeu-lhe *Lothario II* de Saxonia. Na morte deste, a corôa imperial foi disputada por duas casas poderosas: a dos *Welf* (Guelfos), que possuia a Saxonia e a Baviera; e a dos *Hiblingen* (Gibelinos), senhores da Suabia e Franconia. Esta rivalidade estendeu-se á Italia, onde o partido dos Gibelinos apoiava a causa do imperio, ao passo que o partido dos Guelfos, docil á influencia dos Papas, sustentava a independencia das republicas Milanese e das cidades livres da Lombardia. — *Conrado III* da casa de Suabia subiu ao throno em 1138 e despojou o seu competitor Henrique o Soberbo dos ducados de Baviera e Saxonia. Tomou parte na 2ª cruzada e falleceu ao regressar aos seus estados (1152).

Seu sobrinho *Frederico Barbaroxa*, que lhe succedeu, quiz sujeitar ao seu dominio o papado e a Italia septentrional. O papa Alexandre III e a liga das cidades lombardas defenderam contra elle a liberdade da Igreja e da Italia. Frederico Barbaroxa foi vencido e obrigado a aceitar o tratado de Constança, que confirmou os privilegios das cidades lombardas; elle morreu na Asia Menor durante a 3ª cruzada (1190). Seu filho e successor *Henrique VI*

tomou posse do reino normando das Duas-Sicílias, com cuja herdeira casara (1190-1197).

O papa Innocencio III. Frederico II e o papa Innocencio IV. — A Henrique VI succedeu em 1197 o guelfo *Othão IV de Brunswick*, que foi eleito sob os auspícios do papa Innocencio III e teve que lutar com um competidor, Philippe de Suabia. Tendo *Othão IV* incorrido na inimizade da Santa Sé, Innocencio III fez eleger o seu pupillo *Frederico II*, filho de Henrique VI, o qual já era rei das Duas-Sicílias por herança materna (1211). — *Frederico II* olvidou porém logo os deveres de gratidão, e mostrou-se adversario da autoridade papal e da independencia italiana : para resistir-lhe colligaram-se de novo as cidades lombardas. Excomungado por Gregorio IX, teve de emprehender a 6ª cruzada, e da volta da Palestina, venceu os Lombardos e impôz-lhes a paz. O venerando Gregorio IX, sitiado em Roma por *Frederico*, apesar de sua mui avançada idade, sustentou a luta com admiravel intrepidez. Seu 2º successor Innocencio IV, tendo conseguido escapar de Roma, refugiou-se em Lyão, onde convocou um concilio geral (1245), e lançou contra o imperador a sentença de excommunhão e de deposição. Vencido e trahido, *Frederico II* foi morrer em seus estados napolitanos (1250). Os seus descendentes foram despojados do reino das Duas-Sicílias por Carlos de Anjú, irmão de S. Luiz rei de França. Assim terminou a luta do sacerdocio e do imperio, triumphando afinal o papado, e acabando a dominação allemã na Italia.

4º PERIODO : do meiado do sec. XIII ao meiado do sec. XV.

Os estados italianos.

Ao terminar a luta dos Guelfos e Gibelinos, a Italia achava-se dividida em muitos estados : ao norte, as republicas maritimas de Veneza, Genova e Pisa, e as cidades da liga Lombarda ; no centro, as cidades da liga Toscana e os Estados da Igreja ; ao sul, o reino das Duas-Sicílias.

Veneza e Genova. — Fundada na epocha da invasão dos Hunnos e governada desde 697 por doges, Veneza adoptara uma constituição aristocratica ; em Genova pelo contrario era o partido democratico que estava de posse do poder. As duas republicas não tardaram a travar luta, por se disputarem mutuamente o commercio do Mediterraneo e do Oriente. Veneza, tomando parte activa na 4ª cruzada, havia-se assenhoreado de quasi todos os portos do Levante. O restabelecimento dos imperadores gregos em Constanti-

opla fez triumphar os Genovezes, que expelliram da Grecia os seus iuaes e lhes vedaram o commercio do mar Negro. Depois de uma longa guerra, uma frota genoveza veiu em 1379 bloquear Veneza, que foi salva pela victoria naval alcançada pelo almirante Pisani; concluiu-se a paz em 1381. Desde então Genova, entregando-se á anarchia, não cessou de declinar. Veneza, superior pela estabilidade de suas instituições, veiu a adquirir no continente a Marca de reviso, a Dalmacia, o Friul e varias cidades do ducado de Milão.

Milão. — A' frente da liga lombarda, Milão sustentou uma longa luta com os imperadores da Allemanha. No seculo xiv *Matheos Visconti* recebeu do imperador Henrique VII o titulo de regario imperial da Lombardia; os seus descendentes herdaram a honraria de Milão. O mais famoso d'entre elles foi *João Galeasso* que obteve do imperador Venceslau o titulo de duque de Milão (1395). A familia dos Viscontis foi suplantada em 1450 pelo celebre *Francisco Sforza*.

Florença. — Esta patria das artes foi mais que nenhuma outra agitada pelas lutas entre Guelfos e Gibelinos. Tendo triumphado os Guelfos depois da morte do imperador Frederico II, instituiram um governo democratico, e dividiram-se em duas facções, os *Negros* e os *Branços*. Estes foram expulsos em 1302, e com elles o grande poeta Dante, que morreu no exilio. Os Florentinos, cansados de tantas dissensões e lutas intestinas, entregaram por fim a administração do estado a um rico negociante, *Cosme de Medicis* (1434-64); Florença tornou-se assim patrimonio d'esta familia, e foi com seu territorio erigida em 1569 em grão-ducado de Toscana.

Roma. — Roma soffria muito com as continuas agitações da Italia, e em seu proprio seio familias poderosas se disputavam o poder com as armas na mão; muitas vezes tambem os imperadores da Allemanha renovaram suas tentativas de dominação. Estes turbios fizeram transferir a Santa Sé para Avinhão, onde permaneceu 72 annos (1305-77). Roma, com a ausencia dos papas, soffreu mais que nunca as miserias da anarchia. A final o papa *Gregorio XI* voltou em 1377 para Roma, onde falleceu no anno seguinte. Pedindo então os Romanos um papa italiano, foi eleito *Urbanos VI*; mas d'ahi a quatro mezes os cardeaes, abandonando *Urbanos*, escolhiam *Clemente VII*, que foi fixar sua residencia em Avinhão. Dividiu-se o povo christão entre os dous competidores e seus successores: tal foi o *schisma do Occidente*, que durou 40 annos (1378-1417). O concilio de Pisa, reunido em 1409 pelos cardeaes dos dous partidos, veiu complicar a situação elegendo um terceiro papa. Porfim o imperador Sigismundo convocou em

1144 o concílio de Constança, obteve a demissão de dous dos pretendentes, a renúncia do terceiro, e facilitou assim a feliz eleição de *Martinho V*, que recebeu a homenagem de toda a Christandade.

Duas-Sicílias. — Depois da morte de Frederico II e de seu filho *Conrado, Manfredo*, filho natural de Frederico, apossou-se da Sicília, em prejuizo do legitimo herdeiro *Conradino*. O papa Urbano IV offereceu então a corôa da Sicília a *Carlos de Anjú*, irmão de S. Luiz rei de França. Vencedor na batalha de Benevento (1266), Carlos mandou matar toda a familia de *Manfredo*; abusou igualmente da sua victoria de *Tagliacozzo* condemnando á morte o joven *Conradino* que caíra prisioneiro. Estes e outros excessos provocaram a horrivel matança conhecida pelo nome de *Vesperas Sicilianas* (1282). Em Palermo o povo começou a matar todos os Francezes no dia de Paschoa, no momento em que os sinos tocavam a vespérã, e este exemplo foi seguido por quasi todas as outras cidades da Sicília. Os revoltosos recorreram ao mesmo tempo a *Pedro III de Aragão*, que lhes enviou o almirante *Rogero de Loria*, que destroçou a frota de *Carlos de Anjú*. A luta travada assim entre as duas casas, terminou pelo triumpho da casa de *Aragão*, que conservou a Sicília por mais de dous seculos, passando em seguida para o dominio da Hespanha.

A dynastia de Anjú continuou a reinar em Napoles, e um dos seus reis, *Roberto o Sabio*, governou com muito tino a Italia central em qualidade de vigario dos papas, que residiam então em França. Seu sobrinho *Carlos Roberto* era rei da Hungria. Reuniram-se os dous ramos pelo casamento de *Joanna de Napoles* com seu primo *André de Hungria*; mas *Joanna* aborreceu-se depressa do seu esposo e o mandou matar; e ella mesma foi assassinada por ordem de seu primo *Durazzo* que ella adoptara (1582). A casa de *Durazzo* teve um fim quasi identico ao da casa de Anjú. *Joanna II de Napoles*, como não tivesse filhos, adoptou primeiramente *Alfonso V de Aragão*, e depois *Renato de Anjú*. Este emvão quiz fazer valer os seus direitos, e os legou ao rei de França *Luiz XI*, e d'ahi surgiram novas guerras na Italia. O reino de Napoles veiu assim a pertencer á Hespanha, e passou em 1755 a formar debaixo dos Bourbons de Hespanha um reino independente, que com a annexação da Sicília em 1815 tomou o nome de reino das *Duas-Sicílias*. A revolta da Sicília em 1860 e a conquista de Napoles por *Garibaldi* pozeram fim a este reino, que foi annexado ao actual reino de Italia.

São Luiz e Philippe o Bello (1226-1328).

Luiz IX (1226-1270), filho de Luiz VIII, reinou até 1236 sob a tutela de sua mãe Branca de Castella, que soube triunfar das ligas e intrigas dos senhores feudaes. Luiz IX foi ao mesmo tempo um grande santo e um grande rei. Unicamente preocupado de obedecer a Deus e á sua consciencia, procurou impedir as guerras entre os senhores feudaes, reformou as leis e administrava em pessoa a justiça á sombra de um carvalho do bosque de Vincennes. A sua humanidade conciliou-lhe o respeito das nações estrangeiras, que o escolhiam por arbitro em suas contendas. Tão bravo cavalleiro como fervoroso christão, combateu gloriosamente o rei de Inglaterra Henrique III, e commandou em pessoa as duas ultimas Cruzadas, indo a morrer de peste no cerco de Tunis (1270). O seu reinado é epocha mais brilhante da idade média, aquella em que as artes e as lettras tiveram o seu maior desenvolvimento. — Seu filho *Philippe III* reuniu o condado de Tolosa ao dominio da corôa. — *Philippe IV o Bello* proseguiu energeticamente a luta contra a Inglaterra e os senhores feudaes; sustentou na Guyenna uma guerra com o rei de Inglaterra Eduardo I; apoderou-se do condado de Flandres, e apesar da sublevação dos Flamengos e da victoria que alcançaram em Courtrai (1302), conservou a Flandres franceza; mas as suas rapinas, as violencias praticadas com o papa Bonifacio VIII e o supplicio injusto dos Templarios tornaram odiosa a sua memoria. Seus tres filhos *Luiz X*, *Philippe V* e *Carlos IV* morreram sem deixarem descendencia masculina, e com elles extinguiu-se em 1328 a linha directa dos Capetos.

2º periodo da rivalidade dos reis de França e de Inglaterra. A guerra dos Cem annos.

Em virtude da lei salica que excluia as mulheres do throno de França, *Philippe VI de Valois*, neto de Philippe III, succedeu a Carlos IV, com exclusão de Eduardo III de Inglaterra, neto por sua mãe de Philippe o Bello. Com Philippe VI (1328-50) começou a dynastia dos Valois. Foi no seu reinado que rebentou a guerra dos *Cem Annos* (1337-1453), motivada pelas pretensões de Eduardo III á corôa de França. Até 1360 a guerra foi infeliz para os Francezes. Philippe VI foi derrotado em Crecy em 1346, e os inglezes tomaram Calais em 1347. — *João o Bom*, filho e successor de Philippe VI (1350-64), foi vencido e feito prisioneiro em Poitiers (1356) pelo principe de Galles (o principe Negro), filho de

Eduardo III, e assignou o tratado de Bretigny (1360), que cedia á Inglaterra todo o antigo ducado de Aquitania e Calais. — Seu filho *Carlos V o Sabio* (1364-80) reergueu a fortuna da França, auxiliado pelo condestavel Duguesclin, nobre bretão e abalisado capitão, que prestou o apoio do seu braço á sabia politica do rei. Os motins e sedições foram comprimidos, e as *grandes companhias*, bandos de aventureiros que commettiam terriveis depredações, foram conduzidas á Hespanha por Duguesclin, e conseguiram, apesar da intervenção dos Inglezes e da derrota de Navarete, depôr Pedro o Cruel e collocar no throno de Castella um importante alliado da França na pessoa de Henrique de Trastamara. Os Inglezes foram depois atacados nas suas possessões de França e expulsos das suas principaes praças, restando-lhes na morte de Carlos V apenas cinco cidades em França (Calais, Cherburgo, Brest, Bordeos, Bayonna).

Carlos VI, Armagnacs e Borguinhões. — Com *Carlos VI*, rei de França (1380-1422), recommçaram os revezes fóra, e a guerra civil dentro. Os tios do rei, que governaram na sua minoridade, provocaram por suas exacções levantamentos em Pariz, na Normandia, Picardia, Flandres e Languedoc. Carlos VI procurava porfim reparar suas faltas, quando de repente enlouqueceu em 1392, e a França recaiu na anarchia. A rainha Isabel de Baviera, o irmão do rei Luiz duque de Orleans, seu tio Philippe duque de Borgonha, e depois d'este seu filho João-sem-Medo, disputaram-se o poder. João-sem-Medo mandou assassinar o duque de Orleans em 1407. A França dividiu-se então em dous partidos : os *Borguinhões*, que tinham por si as provincias do Norte; e os *Armagnacs* ou partidarios da casa de Orleans, que dominavam no Sul e no Oeste.

Ricardo II: dynastia de Lancaster. — A Inglaterra entregue aos mesmos disturbios, não pôde aproveitar do estado de anarchia em que se achava a França. *Ricardo II*, neto de Eduardo III, lhe succedeu em 1377; motins populares agitaram o começo do seu reinado; a sublevação da nobreza indignada das suas prodigalidades e excessos precipitou o seu fim. Elle foi vencido e feito prisioneiro por seu primo Henrique de Lancaster. Sendo depois julgado e deposto, morreu de morte violenta na prisão (1399). Ricardo II é o ultimo dos Plantagenets. O vencedor começou sob o nome de *Henrique IV* a dynastia de Lancaster, passou o seu reinado a consolidar o seu poder, e morreu na força da idade (1413), deixando a seu filho *Henrique V* um reino fortemente constituido, ao passo que a França via-se a braços com a mais deploravel anarchia.

Henrique V de Lancaster, Carlos VII e Henrique VI. —

Em 1415 recomeçou a guerra entre a França e a Inglaterra. Henrique V, rei de Inglaterra, derrotou completamente os Franceses em Azincourt, tomou Ruão e assenhoreou-se da Normandia. Não-sem-Medo, assustado de ver a França invadida pelos Inglezes, procurou reconciliar-se com o delphim (depois Carlos VII), que estava á frente do partido dos Armagnaes; mas foi assassinado em Montreuil, e este crime impolitico determinou a alliança de seu filho Philippe o Bom com os Inglezes e a conclusão do tratado de Troyes (1420), que desherdou o delphim em proveito de Henrique V, rei de Inglaterra e genro de Carlos VI. Vindo este e Henrique V a morrer no mesmo anno (1422), dous reis foram proclamados ao mesmo tempo, Henrique VI, filho de Henrique V, em Paris, e Carlos VII em Bourges. O reinado de Carlos VII começou por uma serie de revezes, que tornaram os Inglezes senhores de todo o paiz ao norte do Loira. Orleans foi sitiada, e a França estava perdida, se não fosse a desintelligencia sobrevinda entre o duque de Borgonha e os Inglezes, e sobretudo a missão de Joanna Dare.

Missão de Joanna Dare. — Orleans achava-se reduzida á ultima extremidade, quando lhe veio inesperadamente o soccorro do céo. Uma joven de 18 annos, chamada *Joanna Dare*, nascida a Lorena de pobres camponezes, para obedecer á voz do céo que exhortava a ir salvar a França, apresentou-se a Carlos VII e obteve commando de um corpo de 6,000 homens, com o qual entrou em Orleans, obrigando os Inglezes a levantar o cerco (1429). Depois da victoria de Patay, ella conduziu o rei a Reims para fazel-o sagrar. Livrou ainda as cidades de Laon, Soissons, Beauvais, Compiègne e Amiens; mas sitiada em Compiègne pelos Borguinhões, ficou prisioneira em uma sortida, e foi entregue aos Inglezes, que levaram a Ruão e a fizeram condemnar á fogueira como feiticeira (1431). A morte de Joanna Dare excitou geral indignação contra os Inglezes; o mesmo duque de Borgonha reconciliou-se com Carlos VII pelo tratado de Arras; Paris foi retomado, e os Inglezes foram definitivamente expulsos de França em 1453, depois de lhes serem reconquistadas a Normandia e a Guyenna, não lhes restando em França mais que Calais.

Allemanha (1250-1493).

O grande interregno (1250-73). — Depois da morte de Frederico II e da queda da casa de Suabia, a Allemanha ficou por mais de vinte annos entregue á anarchia e sem imperador reconhecido em todo o imperio. Foi durante este periodo, conhecido sob

o nome de *grande interregno*, que se organizaram as ligas de cidades associadas para o commercio ou para mutua defeza (liga Hanseatica, cidades do Rheno, etc.), e que se consolidaram os grandes principados, sendo os principaes os 7 eleitorados : 4 seculares (reino de Bohemia, margraviado de Brandeburgo, ducado de Saxonia, Palatinado do Rheno), e 5 ecclesiasticos (arcebispados de Moguncia, Colonia e Treveris).

Casa de Habsburgo. — Em 1273 os eleitores nomearam imperador a *Rodolpho de Habsburgo*, que derivava o seu nome do pequeno castello de Habsburgo na Suissa. O novo imperante restabeleceu a ordem por sua energia, e fundou a grandeza da sua casa com a aquisição dos ducados de Austria e Styria tomados ao rei de Bohemia. — Succedeu-lhe em 1291 *Adolpho de Nassau*, o qual foi morto na batalha de Gelheim por *Alberto d'Austria*, filho de Rodolpho. Este, infeliz em quasi todas as suas empresas, foi assassinado no momento em que marchava contra os cantões Suissos sublevados pelo despotismo dos agentes imperiaes. — Depois da morte de Alberto, os eleitores elevaram successivamente ao throno imperial *Henrique VII de Luxemburgo* (1308), *Luiz V de Baviera* (1314), *Carlos IV de Luxemburgo* (1347), *Venceslau*, filho de Carlos IV (1378), *Roberto de Baviera* (1400), e *Sigismundo*, irmão de Venceslau (1411). O reinado dos tres ultimos, agitado por continuas revoltas e pela sublevação dos Hussitas (seita religiosa organizada na Bohemia), não foi senão uma longa anarchia : a ruina da autoridade imperial era por assim dizer completa; e o sentimento da unidade nacional, que a guerra dos Cem Annos contribuiu a desenvolver na França e Inglaterra, não existia na Allemanha. — A Sigismundo succedeu em 1458 seu genro *Alberto II d'Austria*, e desde então fixou-se a corôa imperial na casa d'Austria. — Succedeu-lhe seu parente *Frederico III* (1440), cujo filho Maximiliano casou com Maria de Borgonha, filha e herdeira de Carlos o Temerario, casamento que assegurou a grandeza da sua dynastia. *Maximiliano I*, avô do famoso imperador Carlos V, succedeu a Frederico III em 1495.

Os Turcos na Europa. Tomada de Constantinopla.

A Europa oriental, onde o Imperio Grego ia-se dissolvendo e só os reinos de Hungria e de Polonia offereciam alguma força de resistencia, era por certo demasiado fraca para repellir a ultima das grandes invasões asiaticas, a dos Turcos Ottomanos. — O fundador da potencia Ottomana foi o emir turco *Othman*, o qual pelo anno

294 recebeu, na partilha dos despojos da monarchia dos Turcos Seldjucidas, uma parte da provincia de Bithynia na Asia Menor. Elle fez de Brussa sua capital e ahi morreu em 1326. — *Orkhan*, eu filho, tomou Nicomedia, Nicéa, e approximou-se de Constantinopla, cujos arrabaldes foram saqueados; foi elle quem creou a famosa milicia dos Janisaros, formada de christãos arrebatados ainda na infancia ás suas familias e educados no islamismo. — *Amurat I*, successor de Orkhan (1360), apoderou-se da Thracia, stabeleceu-se em Andrinopla, e foi assassinado na jornada de Passovia, depois de destroçar o exercito dos Servios e Bulgares (1389). *Bajazet I*, seu filho, acabou de conquistar a Asia Menor, eduziu o Imperio Grego aos muros de Constantinopla e ameaçou a Hungria. Organizou-se então uma cruzada sob as ordens de Sigismundo rei de Hungria, e um exercito de 100,000 Christãos foi totalmente destroçado na batalha de Nicopolis (1396) por Bajazet, que ficou assim senhor do paiz dos Bulgares. Mas os progressos dos Turcos foram detidos pela invasão dos Mongoles ás ordens de Tamerlão. Bajazet foi derrotado e feito prisioneiro em Ancyra em 1402. A invasão dos Mongoles, que ameaçava subverter tudo, acabou com a morte de Tamerlão (1405). — A marcha conquistadora dos Turcos recommençou no reinado de *Amurat II*, filho de Mahomet I e neto de Bajazet (1421-51). Constantinopla foi sitiada, Albania submettida, a Hungria ameaçada, Ladislau rei da Polonia da Hungria vencido e morto em Varna. Mas Amurat achou seus terriveis adversarios dignos d'elle, o hungaro João Huniade e albanez Scanderbeg, os quaes oppuzeram ás suas armas um valor invencivel e praticaram proezas que parecem fabulosas. O imperio Grego porém não podia por mais tempo escapar á sua ruina. — *Mahomet II*, filho de Amurat II, tomou enfim Constantinopla em 1453, succumbindo heroicamente com as armas na mão o seu ultimo imperador *Constantino XII Paleologo*. Com a tomada de Constantinopla pelos Turcos termina a edade média e começam os tempos modernos.

Resumo da historia da Edade média.

A historia da Edade média não é mais do que a historia da formação das nações modernas nascidas da dissolução do Imperio Romano e da invasão dos Barbaros. A Igreja fez do chaos surgir a luz, mantendo com todo o affinco a lei moral, a paz e a justiça, velando com toda a diligencia sobre o deposito da sciencia antiga que lhe fôra confiado. Carlos Magno começou a educação politica dos povos reunidos debaixo do seu sceptro. De Clovis a Carlos Magno, de Carlos

Magno a S. Luiz o progresso é immenso. Os ferozes Normandos, apenas convertidos, tornam-se os mais fervorosos promotores da civilisação, ao passo que os Turcos, permanecendo musulmanos, nunca souberam senão opprimir, corromper e arruinar.

Devem-se á Edade média as Cruzadas, a cavallaria, as ordens religiosas e militares, os privilegios das Communas, a liberdade dos servos, os parlamentos e as universidades. A Edade média viu nascer a monarchia christã, a Magna Carta de Inglaterra, os estados geraes de França, as côrtes de Hespanha e de Portugal, as republicas Italianas e a confederação helvetica.

A Edade média produziu a *Divina Comedia*, a *Summa* de S. Thomaz de Aquino, a *Imitação de Jesus Christo*, as cathedraes romanas e gothicas, o renascimento das artes na Italia; inventou a bussola, a polvora, a imprensa. Por tanto pôde-se asseverar que esta epocha de transição, apesar de suas turbulencias e calamidades de todo o genero, preparou as grandezas e glorias da civilisação moderna.

DATAS MEMORAVEIS DA HISTORIA DA EDADE MEDIA

- | | |
|---|---|
| 595. Arcadio imperador do Oriente; Honório imperador do Occidente. | 1095. Concilio de Clermont; primeira Cruzada; Godofredo de Bulhon. |
| 410. Tomada de Roma por Alarico. | 1099. Os Cruzados tomam Jerusalem. |
| 459. Tomada de Carthago por Genseric. | 1159. Batalha de Ourique; D. Affonso Henriques rei de Portugal. |
| 451. Derrota de Attila em Chalons. | 1147. 2ª Cruzada: Conrado III imper. da Alemanha e Luiz VII de França. |
| 476. Queda do Imperio do Occidente. | 1152. Frederico Barbaroxa imp. d'Allem. |
| 486. Clovis ganha a batalha de Soissons. | 1189. 5ª Cruzada: Fr. Barbaroxa, Ricardo Coração de Leão, Filipe Augusto. |
| 493. Reino dos Ostrogodos na Italia fundado por Theodorico. | 1202. 4ª Cruzada: Balduino conde de Flandres, o doge Dandolo, etc. |
| 496. Clovis ganha a batalha de Tolbiac. | 1204. Tomada de Constantinopla pelos Latinos; Balduino imperador. |
| 527. Justiniano imperador do Oriente. | 1214. Batalha de Bouvines. |
| 568. Os Lombardos na Italia. | 1217. 5ª Cruzada: André II de Hungria. |
| 610. Heraclio imperador do Oriente. | 1227. 6ª Cruzada: Frederico II, imperador da Alemanha. |
| 622. Hegira de Mahomet. | 1248. 7ª Cruzada: S. Luiz rei de França. |
| 628. Dugoberto I rei dos Francos. | 1261. Queda do Imperio Latino em Constantinopla; Miguel Paleologo. |
| 661. Dynastia dos Omniadas; Moavia. | 1270. 8ª Cruzada: morte de S. Luiz. |
| 711. Batalha de Xerez; conquista da Hespanha pelos Arabes. | 1275. Rodolfo de Habsburgo imperador. |
| 732. Batalha de Poitiers; Carlos Martel. | 1285. Filipe o Bello rei de França. |
| 750. Califas Abbassidas; Abul-Abbas. | 1507. Independencia da Suisa. |
| 755. Califado do Occidente ou de Cordova. | 1546. Derrota dos Francezes em Crecy. |
| 774. Carlos Magno acaba com o reino dos Lombardos na Italia. | 1556. Derrota dos Francezes em Poitiers. |
| 800. Carlos Magno coroado em Roma imperador do Occidente. | 1578. Grande schisma do Occidente. |
| 845. Tratado de Verdun: Carlos o Calvo, Luiz o Germanico, Lothario. | 1585. Batalha de Aljubarrota. |
| 862. Rurick estabelece-se na Russia. | 1415. Derrota dos Francezes em Azincourt. |
| 962. Othão I coroado imper. do Occidente. | 1417. Fim do grande schisma do Occid. |
| 987. Hugo Capeto rei de França. | 1429. Joanna d'Ar. livra Orleans. |
| 1059. Henrique III imper. da Alemanha. | 1440. Guttenberg inventa a imprensa. |
| 1066. Bat. de Hasting; Guilherme o Conquistador rei de Inglaterra. | 1455. Tomada de Constantinopla pelo sultão Mahomet II. |
| 1073. Pontificado do papa Gregorio VII. | |
| 1076. Primeira guerra das investiduras. | |

HISTORIA RESUMIDA

DOS

PRINCIPAES POVOS MODERNOS

I. PORTUGAL

Portugal, que corresponde á maior parte da antiga *Lusitania*, foi primitivamente povoado pelos Iberos e Celtas, e teve antes da dominação romana relações de commercio com os Phenicios e os cartaginezes. Os Lusitanos oppozeram longa resistencia aos Romanos, que foram muitas vezes derrotados pelo valente *Viriatho*, só poderam triumphar mandando-o matar traçoicamente (140 A. C.). Sessenta annos depois da morte de Viriatho, o romano Pertinax, proscripto de Roma por Sylla, passou á Hespanha, subleou a Lusitania e tornou-se ali independente por suas victorias sobre os Romanos, sendo por fim assassinado pelo seu lugartenente Perenna. A Lusitania seguiu então os destinos da Hespanha até o seculo XII, em que se tornou estado independente. No seculo V da era christã a peninsula Iberica foi invadida pelos Alanos, Vandalos e Suevos. Estes fundaram na Galliza, que se estendia então até o rio Douro, um reino que foi destruido pelos Visigodos em 585. Conquistado pelos Arabes ou Mouros, que se assenhorearam da Hespanha, foi-lhes pouco a pouco reconquistado pelos reis de Leão e Castella. — Um d'estes, Affonso VI, para recompensar os serviços prestados contra os infieis por *D. Henrique de Borgonha*, principe de Francez, neto de Roberto I duque de Borgonha, deu-lhe em casamento sua filha D. Thereza e em dote o condado de Portugal com todas as terras que para o sul conquistasse aos Mouros (1095). — O conde D. Henrique succedeu em 1112 seu filho *D. Affonso Henriques (o Conquistador)*, o qual, depois de varias conquistas, alcançou em 1139 a memoravel victoria do *Campo de Ourique* sobre cinco reis mouros, e foi aclamado por suas tropas rei de Portugal, titulo que foi sancionado pelas côrtes de Lamego. Em 1147 tomou D. Affonso Henriques Santarem e Lisboa, esta com o auxilio de uma frota de Cruzados que aportou ao Tejo com destino para a Palestina. A descendencia legitima d'este principe durou até o anno 1283, em que falleceu D. Fernando, 9º e ultimo rei desta descendencia. — A D. Affonso Henriques succedeu em 1185

seu filho *D. Sancho I*, que se applicou a reedificar cidades e povoar as terras, donde lhe veiu o sobrenome de *Povoador*, e conquistou o Algarve, que foi pouco depois reoccupado pelos Mouros. — Succedeu-lhe em 1211 seu filho *D. Affonso II (o Gordo)*, que contribuiu para a grande victoria das Navas de Tolosa, alcançada em 1212 por Affonso IX de Castella sobre os Mouros, e tomou a estes a praça de Alcacer do Sal. — *D. Sancho II (o Capello)*, seu filho, que subiu ao throno em 1253, foi, a pedido do povo, clero e nobreza, deposto pelo papa Innocencio, que nomeou para regente do reino seu irmão *D. Affonso III (o Bolonhez)*. — Este, que foi acclamado rei em 1248, depois da morte de *D. Saneho II*, conquistou o Algarve, que era o que em Portugal só restava aos Mouros. — *D. Diniz*, filho de *D. Affonso III*, subiu ao throno em 1279, e mereceu os titulos de *pai da patria* e *rei lavrador*. Fundou uma universidade em Lisboa, instituiu a ordem militar de Christo, aboliu do sóro a lingua latina, substituindo-lhe a portugueza, e falleceu em 1325; era casado com *S. Isabel*, filha de *Pedro III* rei de Aragão. — *D. Affonso IV (o Bravo)*, filho de *D. Diniz*, ajudou o rei de Castella a derrotar completamente os Mouros na famosa batalha do Salado, mas deshonrou-se consentindo no assassinio de *D. Ignez de Castro*, com quem seu filho *D. Pedro* casara clandestinamente. — *D. Pedro I (o Justiceiro)*, que subiu ao throno em 1357, castigou com a maior barbaridade os assassinos de *D. Ignez de Castro*, e applicou-se seriamente a reformar abusos e fazer observar rigorosamente as leis. — Succedeu-lhe em 1367 seu filho *D. Fernando (o Formoso)*, príncipe effeminado, que falleceu em 1385 sem deixar filho varão.

A coroa de Portugal foi então disputada por *D. João I* de Castella, genro de *D. Fernando*, e por *D. João* mestre de Aviz, filho natural de *D. Pedro o Justiceiro*, o qual foi acclamado rei de Portugal nas côrtes de Coimbra (1385). Vindo então o rei de Castella atacar Portugal com numeroso exercito, foi completamente batido por *D. João I (de boa memoria)* na celebre batalha de *Aljubarrota*, que decidiu da sorte de Portugal e firmou no throno o mestre de Aviz. Com *D. João I* começa uma nova dynastia que deu 8 reis a Portugal, e a epocha mais gloriosa da sua historia. Elle teve entre outros filhos *D. Duarte*, que lhe succedeu; *D. Henrique*, que deu grande impulso á navegação, mandando expedições a explorar a costa occidental da Africa; e *D. Fernando*, o infante santo, que se immortalizou por seu patriotismo, preferindo morrer captivo dos Marroquinos a ser-lhes restituída a praça de Ceuta. — A *D. João I* succedeu em 1455 seu filho *D. Duarte (o Eloquent)*, que cultivou e protegeu as letras, e morreu victima da peste em 1458. — Seu

filho D. Affonso V mereceu o titulo de *Africano* por suas conquistas em Marrocos, onde tomou as praças de Alcacer-Ceguer, Arzila e Tanger; não foi porém feliz na guerra que teve com Castella. Foi no seu reinado que se publicaram as Ordenações Affonsinas, e que D. Affonso, filho natural de D. João I, foi feito duque de Bragança. — A D. Affonso V succedeu em 1481 D. *João II (o Principe perfeito)*, que começou o seu reinado dando grande golpe no poder dos senhores feudaes, de que resultou o descontentamento da nobreza, que, tentando rebellear-se, viu executar em Evora o duque de Bragança, seu chefe. Pouco depois, tentando o duque de Vizeu uma conspiração, foi apunhalado em Setubal pelo proprio rei. Livre dos embaraços domesticos, occupou-se seriamente D. João II da boa administração do reino, animou a navegação e continuou os descobrimentos na Africa, mandando diversas expedições, entre outras uma commandada por Diogo do Cão, que descobriu o reino do Congo, e outra por Bartholomeu Dias, que chegou até o cabo da Boa-Esperança. — Morto D. João II em 1495, succedeu-lhe seu primo D. *Manuel (o Venturoso)*, neto d'el-rei D. Duarte. No seu reinado atingiu Portugal o mais alto grau de grandeza e esplendor pelas numerosas descobertas e conquistas dos Portuguezes na Africa, Asia e America. D. Vasco da Gama abriu ao mundo um novo caminho para a India pelo cabo da Boa-Esperança (1497). D. Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil em 1500. D. Affonso de Albuquerque fundou o imperio portuguez do Oriente, conquistando Goa, Ormuz e Malaca. D. Manuel morreu em 1521 e foi sepultado no magnifico mosteiro de Belem que mandara edificar. — Seu filho D. *João III (o Piedoso)* proseguiu com ardor as conquistas da India, que foram consideravelmente augmentadas pelo valor e prudencia de varões illustres, como Nuno da Cunha, Heitor da Silveira, Martim Affonso de Souza, e sobretudo D. João de Castro. Foi D. João III quem introduziu no reino a inclyta Companhia de Jesus e o tribunal da Inquisição, quem transferiu a universidade de Lisboa para Coimbra, quem dividiu o Brazil em capitánias. Nesta epocha floresceram muito as letras em Portugal, sobresaindo, entre os historiadores, João de Barros, autor das Decadas, Damião de Goes, Fernão Lopes de Castanheda, Fernão Mendes Pinto, Duarte Nunes de Leão; entre os poetas, Gil Vicente, Bernardim Ribeiro, Francisco de Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Diogo Bernardes, etc. Jeronymo Osorio, Heitor Pinto e Amador Arraes foram tambem escriptores de muito merito. — A D. João III succedeu em 1557 seu neto D. *Sebastião (o Desejado)*, que só contava tres annos de idade e foi posto sob a tutela de sua avó D. Catharina, da qual passou depois a regencia para o cardeal D. Henrique, filho d'el-rei D. Manuel. D. Sebastião

era dotado de um genio bellicoso e sequioso de gloria, que o levou a emprehender a fatal expedição de Marrocos, na qual pereceu com a flôr da nobreza portuguezá na memoravel batalha de Alcacer-Quibir (1578). N'este reinado floresceram os poetas Luiz de Camões, Andrade Caminha, Rodrigues Lobo, Mozinho de Quevedo, e os historiadores Diogo do Couto, João de Lucena e André de Rezende. — Como D. Sebastião não deixasse filhos, foi aclamado rei o velho cardeal *D. Henrique (o Casto)*, que só reinou 17 mezes, fallecendo em 1580. Surgiram então varios pretendentes á coroa de Portugal. D. Antonio, prior do Crato, filho natural do infante D. Luiz e neto d'el-rei D. Manuel, foi aclamado rei em Santarem e depois em Lisboa; mas Philippe II, rei de Hespanha, que reclamava tambem a corôa de Portugal como filho de D. Isabel, filha mais velha de D. Manuel, fez entrar em Portugal um exercito ás ordens do celebre duque de Alba, que derrotou o prior do Crato e o obrigou a expatriar-se. No fim de 1580 foi Philippe II reconhecido rei de Portugal pelas côrtes de Thomar: d'ahi data a dominação hespanhola em Portugal, a qual durou 60 annos até 1640. *Philippe III* (II de Portugal) promulgou o codigo portuguez denominado *Ordenações Philippinas*. No reinado de *Philippe IV* (III de Portugal) os Portuguezes sacudiram o jugo hespanhol e elevaram ao throno a D. João, duque de Bragança (1640): o chefe da conjuração foi João Pinto Ribeiro, mordomo do mesmo duque. — Durante a dominação hespanhola perdeu Portugal, juntamente com a sua marinha, a maior parte das suas colonias da Asia, mal defendidas pela Hespanha contra os Hollandezes, que se apoderaram tambem de Pernambuco e Angola. N'essa epocha floresceram os litteratos frei Bernardo de Brito, frei Antonio Brandão, frei Luiz de Souza, Manuel Severim de Faria, Jacintho Freire de Andrade, os poetas Jeronymo Côrte-Real, Francisco de Sá e Menezes, etc.

D. João IV (o Restaurador), chefe da dynastia de Bragança que deu 7 reis, teve que sustentar durante todo o seu reinado a guerra da Restauração contra a Hespanha, que queria submeter de novo Portugal ao seu dominio, e soube defender valorosamente o reino. Sustentou tambem com felicidade a guerra com os Hollandezes, dos quaes recuperou Pernambuco, Angola e varias ilhas do Atlantico. — A D. João IV succedeu em 1656 *D. Affonso VI (o Desditoso)* sob a regencia da rainha sua mãe. Continuando a guerra com a Hespanha, alcançaram os Portuguezes varias victorias (do Ameixial, de Montes Claros, etc.). Entretanto D. Affonso excitava na côrte geral descontentamento por seus excessos e desatinos. Casou em 1666 com Maria Isabel de Saboia; mas sendo este casamento julgado nullo, veiu a rainha a casar com seu cunhado *D. Pedro II*, que foi no-

meado príncipe regente pelas côrtes de 1667, sendo desthronado D. Affonso. O primeiro cuidado do príncipe regente foi concluir a paz com a Hespanha, donde lhe veiu o cognome de *Pacífico*. Elle tomou o titulo de rei só depois do fallecimento de D. Affonso, que teve logar em Cintra em 1683. A morte de Carlos II de Hespanha (1700) envolveu Portugal na guerra da Successão de Hespanha, tomando o partido do archiduque Carlos, que era apoiado pela Austria, Inglaterra, Hollanda e Prussia, contra Philippe V, que era sustentado pela França, Baviera e Hespanha. — N'este reinado e no antecedente distinguiram-se nas letras o padre Antonio Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo, D. Luiz de Menezes, conde de Ericeira, D. Francisco Manuel de Mello e frei Francisco de S. Agostinho de Macedo. — D. João V (*o Magnanimo*), filho e successor de D. Pedro II (1706), continuou a guerra da Successão de Hespanha, que terminou em 1715 pelo tratado de Utrecht. Fez construir obras magnificas, taes como o convento de Mafra, o aqueducto das Aguas Livres de Lisboa, etc.; creou a academia real de historia e varias academias militares; obteve da Santa Sé que a igreja de Lisboa fosse elevada a patriarchado, e recebeu do papa Benedicto XIV o titulo de *Fidelissimo* para si e seus successores. Morreu em 1750. — Succedeu-lhe seu filho D. José I (*o Reformador*), que escolheu para seu primeiro ministro o celebre Sebastião José de Carvalho, depois marquez de Pombal. Este grande estadista tornou Portugal mui florescente; reformou a universidade de Coimbra, augmentou as rendas publicas, diminuiu o poder dos grandes, e cuidou seriamente de promover a prosperidade do Brazil. Dous grandes successos assignalaram o reinado de D. José I: o terremoto de 1755, que destruiu a maior parte da cidade de Lisboa; e a conspiração de 1758 contra a vida do monarcha, cujos suppostos autores (o duque de Aveiro, a familia do marquez de Tavora, o conde de Atouguia, etc.) foram justicados na praça de Belem. Por occasião do terremoto de Lisboa desenvolveu o marquez de Pombal admiravel actividade e fino administrativo, soccorrendo as victimas e levantando das ruinas outra cidade muito mais bella e regular. No que elle mostrou-se bem injusto foi no odio mortal que votou aos Jesuitas, expulsando-os em 1759 de Portugal e das suas colonias, e contribuindo efficazmente para a extincção d'esta illustre ordem. — A D. José I, fallecido em 1777, succedeu D. Maria I (*a Piedosa*), casada com seu tio D. Pedro III, irmão do rei. O facto mais saliente do principio d'este reinado foi a desgraça do marquez de Pombal, que foi obrigado a retirar-se da côrte. A rainha concluiu com a Hespanha em 1777 o tratado de paz de S. Ildefonso, que fixava os limites do Brazil com as possessões hespanholas. Entre outros estabelecimen-

tos uteis, D. Maria instituiu a Academia real das Sciencias e a Casa Pia. Acommettida a rainha em 1792 de uma doença mental, começou o principe D. João a governar em nome de sua mãe. Só em 1799 tomou elle o titulo de regente, que conservou até a morte da rainha, que occorreu no Rio de Janeiro em 1816. Tendo os Francezes sob as ordens de Junot invadido Portugal em 1807, partiu o principe regente com a côrte para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu a séde da monarchia portugueza. Em 1815 foi o Brazil elevado á categoria de reino, unido ao de Portugal e Algarves. A revolução que rebentou em Hespanha em 1820 foi imitada em Portugal, e quando D. João VI (*o Clemente*) voltou ao reino em 1821, teve de aceitar e jurar a constituição votada pelas côrtes ; mas aboliu-a em 1823. Elle reconheceu em 1825 a independencia do Brazil, que fôra proclamada por seu filho primogenito D. Pedro em 1822. Na morte de D. João VI em 1826, D. Pedro (I do Brazil e IV de Portugal), não podendo em virtude das leis do imperio accumular as duas corôas do Brazil e de Portugal, abdicou esta em sua filha primogenita D. Maria da Gloria, ainda então de menor idade, a qual devia casar com o infante D. Miguel, seu tio, que foi encarregado por D. Pedro do governo do reino na qualidade de seu logar-tenente. Tendo D. Pedro IV (*o Libertador*) por esse mesmo tempo concedido a Portugal uma carta constitucional, a nobreza e o clero, que viam nas novas instituições a ruina das antigas, repartiram-se em facções, com o favor das quaes D. Miguel se fez proclamar rei. D'ahi originou-se uma guerra civil, na qual depois de varios successos foi D. Miguel vencido, e obrigado em 1834 a assignar a convenção de Evora-Monte. Tomou então a rainha D. Maria II (*a Virtuosa*) pacifica posse do throno, e restabeceu em todo o reino o regimen da carta constitucional. A D. Maria succedeu em 1853 seu filho D. Pedro V (*o muito anado*), cujo reinado foi bastante curto, pois falleceu em 11 de novembro de 1861. O seu irmão D. Luiz I (*o Popular*) é o actual rei.

II. HESPANHA

Os habitantes primitivos da Hespanha, que era chamada antigamente *Iberia*, foram os Iberos, no sul e na parte oriental, e os Celtas no norte e na parte occidental; da sua fusão nasceram os Celtiberos, que occupavam sobretudo o centro. A Hespanha recebeu tambem muitas colonias : os Phenicios foram os primeiros que a ella aportaram ; depois d'elles vieram os Gregos, e mais tarde os Carthaginezes, que submeteram quasi todo o paiz, mas foram obrigados na segunda guerra punica a ceder aos Romanos todas as suas posses-

sões de Hespanha. A dominação romana durou até o seculo v da era christã, e foi destruída pelos Suevos, Vandalos e Alanos, que invadiram a Hespanha em 409. Os Vandalos em 428 passaram-se para a Africa, cedendo o logar aos Visigodos, que se viram logo senhores da Gallia meridional e de toda a Hespanha, excepto o pequeno reino dos Suevos na Galliza, que foi por elles conquistado em 585.

Em 711 os Arabes invadiram a Hespanha, desbarataram os Visigodos na batalha de Xeres, e assenhorearam-se de toda a península Iberica. A flôr da nação visigoda refugiou-se nas montanhas das Asturias, e proclamou rei a D. Pelayo: este pequeno reino das Asturias chamou-se depois reino de Oviedo e finalmente de Leão. A Hespanha formou então uma provincia do grande imperio dos califas de Damasco, do qual se tornou independente em 755 e formou o *califado Omniada de Cordova*. Este califado subsistiu até 1031, desmembrando-se então em muitos pequenos reinos mouriscos (de Cordova, Granada, Sevilha, Valencia, Murcia, Badajoz, etc.). Durante estes tres seculos o pequeno reino christão do norte augmentou consideravelmente: possuia no sec. xiii todo o paiz ao Norte do rio Douro; alguns condes christãos, vassallos dos reis de Leão, haviam retomado a Castella-Velha; d'outro lado Carlos Magno tinha conquistado o paiz comprehendido entre os Pyreneos e o Ebro, de que fez a Marca de Hespanha. Em 857 a parte occidental d'esta Marca formou o reino de Navarra, sendo o seu 1º rei *Garcia Ximenes*; da parte oriental formou-se o condado de Barcelona, que ficou feudatario da França até 1258. — *Sancho o Grande* reuniu a coroa de Navarra as de Aragão e de Castella, e ao morrer em 1055, repartiu os seus estados entre seus filhos, deixando a Navarra a seu filho primogenito Garcia, a Castella a Fernando, e o Aragão a Ramiro.

Navarra. — A Navarra, apertada entre os Pyreneos, o Aragão e Castella, teve uma existencia obscura depois da morte de Sancho o Grande; Fernando o Catholico, rei de Aragão e Castella, reuniu-a aos seus estados em 1512.

Aragão. — *Ramiro I*, filho de Sancho o Grande, recebeu em partilha o reino de Aragão. Um de seus successores *Affonso o Batalhador*, por seu casamento com D. Urraca, herdeira de Leão e de Castella, reuniu temporariamente toda a Hespanha christã (1109). Seu irmão *Ramiro II* abdicou em 1137 e deixou o throno de Aragão a seu genro *Raymundo Berenger*, conde de Barcelona. A acquisição dos condados de Provença, Roussillon e Montpellier deu aos novos reis de Aragão o imperio no Mediterraneo, ao passo que a victoria das Navas de Tolosa alcançada sobre os Mouros pela Hespanha colligada, preparava o glorioso reinado de *Jayme I o Conquistador* (1213). Este principe, que reinou 64 annos, conquistou

aos Mouros os reinos de Valença e Murcia e as ilhas Baleares. Seu filho *Pedro III* adquiriu a Sicilia depois das Vesperas Sicilianas (1282). A Sardenha foi reunida á coroa de Aragão em 1526. *Affonso V o Magnanimo* apossou-se do reino de Nápoles em 1455, em prejuizo da casa de Anjú. O casamento de seu sobrinho *Fernando o Catholico* com Isabel, herdeira de Castella (1469), effectuou a reunião das duas corôas, de que se formou o reino de Hespanha.

Castella. — *Fernando I*, filho de Sancho o Grande, reuniu o reino de Leão á Castella (1037). As façanhas de seu filho *Affonso VI* e do famoso capitão D. Rodrigo de Bivar cognominado o Cid conquistaram uma *nova Castella*, e infundiram tal terror nos Mouros, que elles chamaram em seu auxilio os Almoravidas de Marrocos. Estes, pregando a guerra santa, inflammaram o fanatismo dos Musulmanos, e triumpharam dos Christãos. Ao reclamo d'estes acudiram dous principes da casa de Borgonha, Raymundo e Henrique. O primeiro casou com a herdeira de Castella D. Urraca; e morreu na batalha de Uclés (1108); o segundo casou com D. Thereza, filha natural de Affonso VI, e recebeu em dote o condado de Portugal. O segundo casamento de D. Urraca com Affonso o Batalhador, rei de Aragão, desagradou aos Castelhanos, que reconheceram por seu rei o filho que ella tivera de Raymundo, de sorte que a casa de Borgonha, que já reinava em Portugal, succeden em Castella á dynastia de Sancho o Grande (1126). Tendo-se os Almoravidas enfraquecido por suas dissensões, foram supplantados por uma nova seita africana, a dos Almohades (1147). Para resistir a estes fanaticos, foram instituidas as ordens militares de Alcantara, Calatrava, Santiago e Aviz, e os principes christãos de Hespanha colligaram-se contra o inimigo commum. A grande victoria das Navas de Tolosa alcançada em 1212 repelliu os Almohades até á Andaluzia. *Fernando III (o Santo)* rei de Castella (1217) e de Leão (1230), tomou aos Mouros Cordova, Sevilha, Cadiz e quasi toda a Andaluzia, onde os infieis só conservaram Granada. No seculo xiv, a França interveiu nos negocios de Castella, auxiliando *Henrique II de Trastamara* contra seu irmão *Pedro o Cruel*. A batalha de Montiel (1368) livrou a Hespanha d'este tyranno, e deu a Henrique a corôa de Castella. Depois d'elle este reino foi sempre declinando até *Henrique IV*, cuja irmã *Isabel* casou em 1469 com *Fernando de Aragão*, cognominado *o Catholico*.

Monarchia hespanhola. — *Fernando o Catholico*, com a coadjuvação do cardeal Ximenes e do grande capitão Gonçalo de Cordova, tornou a Hespanha um dos estados mais poderosos da Europa. Destruiu o dominio dos Mouros em Hespanha com a tomada de

Granada em 1492. N'este mesmo anno o genovez Christovão Colombo descobriu para a Hespanha a America, cuja maior parte e a mais rica lhe foi depois submittida (Mexico, Perú, Chile, Rio da Prata, etc.). Fernando apossou-se do reino de Napoles em 1503 e da Navarra em 1512. Pelo casamento de Joanna sua filha com o archiduque Philippe, subiu ao throno de Hespanha uma dynastia austriaca, que lhe deu 5 reis : *Carlos I*, *Philippe II*, *Philippe III*, *Philippe IV* e *Carlos II*. — *Carlos I* (o celebre imperador *Carlos V*), filho do archiduque Philippe, possuia os Paizes-Baixos quando em 1516 subiu ao throno de Hespanha e das Duas-Sicilias ; foi eleito imperador d'Allemanha em 1519 ; venceu e fez prisioneiro em Pavia a Francisco I rei de França (1525) ; combateu por terra e por mar os Turcos, que chegaram a ameaçar Vienna (1529 e 1532) ; tomou Tunis em 1535 ; bateu os Lutheranos em Muhlberg (1547) ; e abdicou em 1556, cedendo a corôa imperial e as possessões austriacas da Allemanha a seu irmão Fernando, e todos os outros seus estados a seu filho Philippe II, e retirou-se no convento de Yuste onde falleceu em 1558. — No reinado de *Philippe II* a Hespanha continuou a ser o estado preponderante da Europa. Os Turcos foram expulsos de Malta e destroçados na batalha naval de Lepanto (1571). O governo despotico de Philippe II sublevoou os Paizes-Baixos, cujas provincias septentrionaes se tornaram independentes e formaram a republica das Provincias-Unidas ou de Hollanda. Em 1580 Philippe II annexou á Hespanha o reino de Portugal com suas colonias ; mas não foi bem succedido na expedição contra a Inglaterra, sendo sua *invencivel armada* destruida pelas tempestades e pelos Ingleses. — A Philippe II succedeu em 1598 seu filho *Philippe III*, em cujo reinado começou a Hespanha a declinar. — *Philippe IV* foi ineluzivel na guerra com os Hollandezes e perdeu em 1640 Portugal com suas colonias.

Extinguindo-se a dynastia austriaca em 1700 por morte de *Carlos II*, filho de Philippe IV, a corôa de Hespanha passou para a casa de Bourbon na pessoa de *Philippe V*, neto de Luiz XIV, o qual foi obrigado a renunciar, pelos tratados que pozeram termo á longa e orfiada guerra da Successão de Hespanha, a todas as possessões europeas da Hespanha fóra da peninsula. Seus dous successores *Fernando VI* e *Carlos III* esforçaram-se por reerguer á Hespanha o seu abatimento, mas debalde. A monarchia hespanhola tinha chegado ao ultimo grau de decadencia, quando Napoleão I aproveitou-se das desintelligencias entre *Carlos IV* e seu filho *Fernando VII* para em 1808 dar a corôa de Hespanha a seu irmão José Bonaparte. O povo levantou-se então com energia contra o dominio estrangeiro. O desastre dos Francezes na campanha da Russia aju-

dou os Hespanhóes, auxiliados pelos Inglezes, a expulsarem os Francezes do seu territorio. Durante esta guerra as Côrtes deram ao paiz em 1812 uma constituição liberal que foi acolhida com entusiasmo. Em Março de 1814 voltaram os Bourbons á Hespanha, e Fernando VII restabeleceu o governo absoluto. Rebentou em Cadiz em 1820 uma revolução que creou um governo constitucional; mas um exercito francez sob as ordens do duque de Angoulême o derribou em 1823 para restabelecer o poder absoluto. Foi no reinado de Fernando VII que as colonias hespanholas da America se sublevaram successivamente contra a metropole e proclamaram a sua independencia. Este principe aboliu em 1830 a lei de successão estabelecida por Philippe V, a qual excluia as mulheres do throno, e legou a corôa á sua filha *Isabel II*, que lhe succedeu em 1833 sob a tutela de sua mãe Maria Christina. Esta, depois de uma longa lucta com seu cunhado D. Carlos, que só foi expulso em 1839, e contra o partido revolucionario, viu-se obrigada em 1840 a abdicar a regencia, que foi confiada pelas Côrtes ao general Espartero. Derribado este em 1845, foi declarada maior a joven Isabel, a qual casou em 1846 com seu primo o infante D. Francisco. O seu reinado foi agitado por frequentes revoluções, sendo porfim desthonada pela que rebentou em 1868. Depois de um interregno de dous annos, conferiram as Côrtes constituintes a corôa de Hespanha ao principe italiano Amedeu, duque de Aosta, filho de Victor Manuel, o qual abdicou em 1873 ao cabo de 25 mezes de reinado. O governo passou então a ser republicano, até que a 30 de Dezembro de 1874 foi proclamado rei *Afonso XII*, filho de Isabel II.

DESCOBRIMENTO DA AMERICA

A Hespanha teve a dita de aceitar as proposições de Christovão Colombo, que lhe adquiriu um mundo novo.

Este prodigio-o navegante nasceu em Genova em 1456, e desde a infancia applicou-se com ardor ao estudo das sciencias mathematicas. Repetidas viagens vieram augmentar ainda os seus conhecimentos. Meditações profundas o levaram a crer que, sendo a terra redonda, devia-se forçosamente, andando sempre para o occidente, encontrar a extremidade das Indias, e que este caminho seria mais curto que o que ensaiavam os Portuguezes pelo sul da Africa. O seu enthu-siasmo religioso fazia-lhe entrever para a té magnificas conquistas. Possuido de taes convicções,

percorreu por alguns annos as diferentes côrtes da Europa afim de obter recursos para a realização de suas vistas. Dirigiu-se primeiramente a Genova sua patria; expôz em seguida suas idéas ao rei de Inglaterra Henrique VII, que recuou diante das despesas. O rei de Portugal João II e o rei de Franca Carlos VIII, preoccupados com outras emprezas, não deram importancia ao seu projecto. Colombo dirigiu-se a final á Hespanha, onde por espaço de 8 annos instou com os *reis catholicos* para que lhe fornecessem alguns navios. Achavam-se elles então em guerra com os Mouros de Granada. Colombo teve de esperar a conclusão d'ella, sem nunca esmorecer no seu proposito, o que revela

a grandeza do seu genio. Depois da tomada de Granada, a rainha Isabel forneceu a Colombo tres navios (*Santa Maria, la Pinta e la Nina*), com os quaes partiu de Palos a 3 de Agosto de 1492. Longas provas lhe estavam ainda reservadas. A tripolação assustada de um navegar sem fim por mares desconhecidos molestava-o com amargas queixas. A sua resposta era apontar para o horizonte, onde o seu genio divisava um mundo, antes de seus olhos poderem vel-o. Levantou-se porfim a equipagem contra o seu chefe, ameaçando-o de lançal-o ao mar se não regressasse para a Hespanha, ao que Colombo pediu só tres dias para conseguir o fim da sua empresa. Na tarde do terceiro dia, quando ia reconeçar a revolta, ouviu-se gritar : *terra! terra!* Os amotinados lançaram-se então aos pés de Colombo : a sua colera tinha-se transformado em admiração. A terra que acabavam de descobrir e á qual apontaram a 12 de Out. de 1492. era a ilha Guanahani, uma das Lucayas, a que Colombo chamou S. Salvador. Descobriu em seguida a ilha de Cuba, depois a de Haiti, onde estabeleceu uma colonia, trocando-lhe o nome no de Hispaniola. — O regresso de Colombo foi um verdadeiro triumpho. Assentou-se perto dos reis catholicos. offereceu-lhes presentes dos seus novos subditos e relatou-lhes todos os incidentes de sua viagem. Em uma segunda viagem que fez no anno seguinte (1493), descobriu a Jamaica e a maior parte das Antilhas. Emprehendeu mais duas viagens : na de 1498 descobriu e explorou a costa de Venezuela, e na de 1502 uma parte da costa da America Central. A inveja porém não deixou de perseguir este homem portentoso. Durante a sua 3.ª expedição, victima da calumnia, foi depositado do commando, e substituido por Bobadilla, que o remetteu para Hespanha carregado de ferros. Obteve facilmente a liberdade, mas não pôde recuperar o seu credito, e depois da sua 4.ª viagem, viu desconhecidos os seus serviços pelo rei Fernando. Morreu em 1506 consumido de desgostos e enfermidades, sem sequer legar o seu nome ao novo mundo que havia descoberto.

Esta honra coube ao florentino Americo Vespucio, que levantou as primeiras cartas geographicas d'esta parte do mundo. — Outros navegantes depois de Colombo se illustraram por descobertas feitas na America. João e Sebastião Caboto, navegantes venezianos ao serviço da Inglaterra, descobriram em 1497 a costa oriental da America do Norte, a Terra Nova e o Labrador. Em 1500 o portuguez Pedro Alvares Cabral, que commandava uma frota com destino para a India, descobriu por um acaso o Brazil.

O seculo xvi foi tambem fecundo em descobrimentos. Em 1512 o hespanhol Poncio de Leão descobriu a Florida. Em 1513 o hespanhol Nunes de Balboa atravessou o isthmo de Panamá e descobriu o Grande Oceano, a que chamou mar do Sul. Em 1515 o hespanhol Solis descobriu o Rio da Prata. Em 1520 Magalhães, portuguez ao serviço da Hespanha, descobriu a Patagonia, e achou a passagem para as Indias pelo Sul, atravessando o estreito a que legou o seu nome, e entrando no Grande Oceano, a que chamou oceano Pacifico. De 1519 a 1521 o hespanhol Fernão Cortez conquistou o Mexico, que fôra descoberto em 1518 por Grijalva, e depois em 1536 descobriu a California. De 1527 a 1533 o hespanhol Pizarro fez a conquista do Perú; um de seus companheiros Orellana foi o primeiro que desceu o rio Amazonas até a sua fóz, em 1541; um outro companheiro Almagro penetrou no Chile em 1554. N'esse mesmo anno o francez Jacques Cartier subiu o rio S. Lourenço e descobriu o Canadá. Em 1578 e 1579 o inglez Drake explorou as costas occidentaes da America. Em 1584 o inglez Raleigh fundou a colonia da Virginia (nos Estados-Unidos). Em 1585 o inglez Davis, procurando pelo Norte a passagem do Oceano Atlantico ao Pacifico, chegou até o estreito de seu nome. No começo do seculo xvii os inglezes Hudson e Baffin descobriram os mares que conservam os seus nomes. Em 1682 o francez La Salle partiu do Canadá, desceu o rio Mississippi até a sua fóz, e tomou em nome da França possessão da Luiziana.

III. FRANÇA

A França actual formava antigamente a maior parte da *Gallia Transalpina*, que tinha por limites o Rheno, os Alpes e os Pyreneos. Tendo sido conquistada por Julio Cesar no anno 50 antes de J.-C., a Gallia ficou por cinco seculos sujeita ao Imperio Romano.

No começo do sec. v, os *Francos*, povo do N. O. da Germania, passaram o Rheno, penetraram na Gallia, e no seculo seguinte, sob o commando de *Clovis*, seu primeiro rei christão, apossaram-se de quasi todo o paiz, que d'elles se ficou chamando *França*. Na morte de Clovis (511), seus filhos dividiram o paiz em quatro reinos diferentes: de *Pariz*, *Metz*, *Soissons* e *Orleans*. Em 558 *Clotario I* reuniu todo o imperio dos Francos; mas de 561 a 615 occorreram novas partilhas, seguidas de passageiras reuniões, de que resultou a divisão da França em quatro regiões: a *Austrásia* e a *Neustria* ao N., a *Borgonha* e a *Aquitania* ao S. As duas primeiras, mais poderosas que as outras, contrabalançaram-se por algum tempo, mas a final a supremacia coube á Austrasia, cujos duques (da casa de *Heristall*) se impozeram como mordomos-móres (*maires du palais*) aos reis da Neustria. Um d'elles, *Carlos Martel*, salvou a França da invasão dos Sarrasenos, que foram completamente destroçados em Poitiers (732). Seu filho *Pepino o Breve* depôz a Childerico III, ultimo rei da raça *Merovingia*, e fez-se proclamar rei (752), fundando assim a dynastia *Carlovingia*. Pepino submetteu a Aquitania, a Septimania, e reuniu pela primeira vez toda a França á excepção da Bretanha; a sua influencia estendeu-se até na Italia, onde reprimiu a ambição de Astolpho rei dos Lombardos e fez dom á Santa Sé de alguns territorios conquistados. *Carlos Magno*, seu filho (768-814), submetteu a Hespanha septentrional, a Italia, a Saxonia, a Baviera, a Avaria, e fundou no anno 800 o 2º *Imperio do Occidente*, que se estendia do Oder ao Ebro, do Theiss ao Atlantico, e do Baltico e mar do Norte ao ducado de Benevento. Este vastissimo imperio só durou até o anno 845, em que pelo tratado de Verdun foi definitivamente desmembrado nos tres reinos, de *França*, *Allemanha* ou *Germania* e *Italia*. O reino de França era limitado pelos Pyrenêos, o mar, e os rios Escalda, Mosa, Saona e Rhodano. Sob o *regime feudal* estabeleceram-se em França tantas soberanias particulares, que os ultimos Carlovingios só possuíam o vão titulo de reis sem dominio territorial.

A 3ª dynastia, a dos *Capetos*, começou com *Hugo Capeto* duque de França, que foi proclamado rei em Noyon em 987; o seu feudo, que se compunha da Ilha-de-França, do Orleanez e da Picardia,

formou o primeiro dominio da corôa. A politica que por oito seculos seguiram constantemente os reis d'esta raça foi reunir ao dominio da corôa todos os paizes que formavam a França de 845, e estender as suas fronteiras até o Rheno e os Alpes, o que elles conseguiram por compra, reversão, cessão, casamento ou conquista.

A linha directa dos Capetos succedeu em 1528 o ramo dos *Valois*, o que deu origem á guerra dos *Cem Annos* com a Inglaterra, cujos reis tinham pretensões ao throno da França (1557-1453). Esta, muitas vezes batida (batalhas de Crecy, Poitiers, Azincourt), conseguiu por fim expulsar os Inglezes do territorio nacional, concorrendo muito para este triumpho final a heroína Joanna d'Arc. *Luiz XI* (1461-85) combateu victoriosamente o feudalismo e reuniu onze grandes feudos á corôa. *Carlos VIII* (1483-98) empreheendeu as guerras de Italia, em que tambem se empenhou o seu successor *Luiz XII*. *Francisco I* (1515-47) lutou em favor do equilibrio europêo contra a preponderancia do imperador Carlos V. *Henrique II* annexou á França em 1552 os Tres-Bispados (Metz, Toul e Verdun); mas surgiram logo as guerras de religião, que ensanguentaram a França e em que a casa de Valois pereceu na pessoa de *Henrique III* (1589).

Henrique IV, que elevou consigo ao throno a casa de *Bourbon*, pôz termo á guerra civil e preparou a grandeza da França (1589-1610). No reinado de *Luiz XIII* (1610-43), o grande ministro cardeal de Richelieu domou a facção protestante, destruiu os restos do feudalismo e humilhou a casa d'Austria na guerra dos *Trinta Annos* (1618-48). No reinado de *Luiz XIV* (1643-1715), tornou-se a França a potencia preponderante da Europa pelos tratados de Westphalia e dos Pyrenêos, e adquiriu a Alsacia, o Russillon, o Artois, grande parte da Flandres e o Franco-Condado. Este reinado fórma a epoca mais brilhante da litteratura franceza, em que floresceram Bossuet, Bourdaloue, Fenelon, Corneille, Racine, Boileau, La Fontaine, Molière, etc. *Luiz XV* (1715-74) adquiriu a Lorena e a Corsega, mas perdeu a maior parte das colonias francezas e deixou desmembrar a Polonia. *Luiz XVI* (1774-93) concorreu para a independencia dos Estados-Unidos e viu rebentar em 1789 a grande Revolução Franceza. Bem que reunidas sob o mesmo sceptro, as provincias da França haviam até então conservado suas differentes administrações, leis e privilegios. A assembléa nacional em 1790 supprimiu as provincias e dividiu o paiz em 85 departamentos, submettendo-os a uma administração e legislação uniformes.

As guerras da Republica de 1792 a 1800 augmentaram rapidamente o territorio francez com a aquisição do condado de Avinhão,

da Belgica, de toda a margem esquerda do Rheno, da Saboia, de Genebra e de Niza : a França teve então por limites o Rheno, os Alpes e os Pyrenêos. *Napoleão*, primeiramente consul em 1799, e depois proclamado imperador em 1804, annexou ao Imperio Francez o Piemonte, Genova, Parma, Toscana, Roma, a Hollanda, o cantão suizo de Valais e a Allemanha septentrional até as bocas do Elba; a França em 1812 contava 150 departamentos, todos regidos pela legislação franceza. Os desastres do fim do imperio trouxeram como consequencia os tratados de 1814 e 1815, que reduziram a França aos limites de 1789, restando-lhe de tantas conquistas unicamente o condado de Avinhão.

Com a queda do imperio foi restabelecida no throno a casa de Bourbon na pessoa de *Luiz XVIII* (1814-24). No reinado de *Carlos X* (1824-30), a França cooperou poderosamente para a independencia da Grecia e deu principio á conquista da Argelia (1830). N'este mesmo anno rebentou uma revolução que derribou Carlos X e elevou ao throno *Luiz Philippe* da casa de *Orleans*, o qual foi por sua vez deposto pela revolução de 1848. Luiz Philippe deu grande impulso á industria e ao commercio, completou a conquista da Argelia e consolidou a independencia da Belgica pela tomada de Antuerpia.

Pelo golpe de estado de 1852, *Napoleão III* restabeleceu o *segundo Imperio*, que deu grande prosperidade material ao paiz, cobriu-se de gloria nas guerras da Criméa (1854-55) e de Italia (1859), e adquiriu por cessão do rei de Sardenha (1860) a Saboia e o condado de Niza. A expedição do Mexico (1861-67) começou um periodo de revezes para a França. Na guerra desastrosa com a Allemanha (1870-71), perdeu ella a Alsacia e metade da Lorena, que foram annexadas ao imperio d'Allemanha. N'essa mesma epoca (4 de setembro de 1870) mudou-se a fôrma de governo, que de imperio passou a ser republica.

IV. REINO-UNIDO DA GRÃ-BRETANHA E IRLANDA

A Inglaterra chamava-se antigamente *Bretanha*, a Escocia *Caledonia*, e a Irlanda *Hibernia*. A Bretanha foi conquistada no 1º seculo da era christã pelos Romanos (imperador Claudio e Agricola), e foi por elles abandonada em 411 no reinado do imperador Honorio. Vendo-se então os Bretões incapazes de resistir aos ataques dos Pictas, povo da Escocia, chamaram em seu auxilio do norte da Allemanha os Anglos e Saxões, os quaes se apossaram do paiz, lhe deram o nome de Inglaterra, e forcaram os Bretões a retirarem-se para o paiz de Galles a Oêste, e para a provincia de França que

tomou d'elles o nome de Bretanha. Os Anglo-Saxões fundaram sete reinos, que compunham a *Heptarchia*, e que no começo do sc. ix foram reunidos por *Egberto* em uma só monarchia, que formou o reino de Inglaterra. — Por este tempo começaram os Dinamarquezes a assolar a Inglaterra; *Alfredo o Grande* (871-900) impoz-lhes respeito por algum tempo. Um seculo depois da morte de Alfredo, voltaram os Dinamarquezes e collocaram seu rei *Suenon* no throno de Inglaterra (1013); succedeu-lhe seu filho *Canuto o Grande*, que se fez amar tanto dos Anglo-Saxões como dos Dinamarquezes. A dynastia nacional ou saxonica foi restabelecida no throno na pessoa de *Eduardo o Confessor* (1042-66). Na morte deste, *Guilherme*, duque de Normandia, cognominado o *Conquistador*, apoderou-se do throno de Inglaterra depois da batalha de Hastings em que foi morto Harold, e fundou a *dynastia normanda* (1066-1154).

Em 1154 subiu ao throno de Inglaterra *Henrique II Plantagenet*, tronco da *dynastia dos Plantagenets*, o qual já era duque de Normandia, do Anjú e do Maine, e adquiriu ainda a Aquitania por seu casamento com Leonor de Guyenna, que fôra repudiada pelo rei de França Luiz VII. Elle passou o seu reinado a lutar com o clero representado pelo arcebispo de Cantuaria Thomaz Becket, que foi assassinado por sua ordem, e a reprimir as revoltas de seus vassallos; foi elle que conquistou a Irlanda em 1171. — Succedeu-lhe seu filho *Ricardo Coração de Leão*, que se tornou tão famoso na 1.^a cruzada, e que depois de longa guerra com o rei de França Philippe Augusto foi morto no assedio do castello de Chaluz (1199). — Seu filho *Jão sem-Terra*, irmão de Ricardo, foi um rei tyrannico; perseguiu a Igreja, foi despojado por Philippe Augusto da Normandia e de outros dominios que possuia na França, e teve de aceitar a *Magna Carta* que lhe impozeram os barões inglezes. — Entre os outros Plantagenets os mais illustres foram: *Eduardo I* (1272-1307), que reuniu á coroa o principado de Galles, e tentou submeter a Escocia; — *Eduardo III* (1327-77), que por sua pretensão á coroa de França, originou a guerra dos Cem Annos, na qual venceu os francezes em Crecy, tomou Calais, tornou a derrotal-os em Poitiers (1356), fazendo prisioneiro João o Bom, que teve de lhe ceder para seu resgate uma grande parte da França; — *Henrique IV*, filho do duque de Lancaster, 4.^o filho de Eduardo III, que usurpou a coroa a Ricardo II em 1399, e semeou o germen da guerra das *Duas-Rosas* entre as casas de Lancaster e de York; — *Henrique V*, que ganhou a victoria de Azincourt (1415), se tornou senhor de quasi toda a França pelo tratado de Troyes, e deixou ao morrer a sua filha de seis mezes, *Henrique VI*, as coroas de Inglaterra e

de França. No reinado d'este perderam os Inglezes quanto possuíam em França á excepção de Calais, e rompeu em 1450 a guerra das Duas-Rosas, a qual terminou com a morte de Ricardo III, ultimo rei da dynastia dos Plantagenets, morto na batalha de Bosworth (1485), e com a elevação ao throno de *Henrique VII*, chefe da *dynastia dos Tudors*.

Henrique VIII, segundo rei d'esta dynastia, apaixonado por Anna de Bolena, pediu ao papa a dissolução do seu casamento com Catharina de Aragão; e como não conseguisse o seu desejo, fez pronunciar o seu divorcio pelo parlamento. Excommungado, proclamou-se chefe da Igreja anglicana (1534), supprimiu as ordens monasticas e confiscou os bens dos conventos. A rainha *Maria*, sua filha, restabeleceu o catholicismo; mas a rainha *Izabel* introduziu de novo a heresia, e constituiu a Igreja anglicana tal qual existe hoje. Ella governou o reino com muita firmeza e habilidade, e tornou a Inglaterra uma das primeiras potencias da Europa; manchou-se porém com a morte da celebre Maria Stuart, rainha de Escocia. Para vingal-a expediu Philippe II de Hespanha contra a Inglaterra a *invencivel armada*, que foi destroçada parte por um temporal, parte pela frota ingleza.

Com Izabel extinguiu-se em 1605 a dynastia dos Tudors, á qual succedeu a *dos Stuarts* na pessoa de Jayme VI de Escocia, filho de Maria Stuart, que foi proclamado rei de Inglaterra sob o nome de *Jayme I*. Seu filho e successor *Carlos I* tentou governar sem o parlamento e foi decapitado em 1649. O chefe da revolução *Oliveiro Cromwell* apoderou-se então do poder com o titulo de *Protector* e fez respeitar em toda a Europa a nação ingleza; morreu em 1658. Seu filho Ricardo Cromwell abdicou ao cabo de alguns mezes, e o general Monk fez proclamar rei a *Carlos II*, filho de Carlos I (1660). Seu irmão *Jayme II*, que havia abjurado o protestantismo, tentou debalde restabelecer o catholicismo, e foi des-thronado por *Guilherme III de Orange*, seu genro (1688). A rainha *Anna*, que lhe succedeu (1702), consummou a união da Inglaterra e da Escocia; o seu reinado foi illustrado pelas victorias de Marlborough contra os Francezes.

Por morte de Anna foi chamada ao throno a *casa de Hanover*, que ainda hoje reina e deu á Inglaterra 5 soberanos, a saber: *Jorge I* (1714); *Jorge II* (1727), que foi batido em Fontenoy por Luiz XV, mas conquistou o Canadá; *Jorge III* (1760), em cujo reinado perdeu a Inglaterra os Estados-Unidos da America do Norte, mas em compensação adquiriu o rico imperio da India; teve tambem logar a longa guerra contra a Revolução Franceza e depois contra Napoleão I, que terminou em 1815 pela derrota dos Francezes

em Waterloo; — *Jorge IV* (1820), cujo reinado é assignalado pelo bill de emancipação dos catholicos; — *Guilherme IV* (1830); e a rainha *Victoria* (1837), em cujo reinado occorreram a guerra da Criméa em que a Inglaterra se alliou com a França contra a Russia (1854-55), a insurreição da India energeticamente reprimida (1857-58), diversas expedições contra a China, contra o Afgha-nistan, etc.

V. ALLEMANHA

A Allemanha chamava-se na antiguidade *Germania*, e estendia-se do Reno ao Vistula, e do Danubio aos mares Baltico e do Norte; era habitada por muitos povos differentes, formando entre si vastas confederações. Nunca foi inteiramente sujeita aos Romanos; pelo contrario do seu seio saíram os Barbaros que invadiram e destruíram o Imperio Romano (os Francos, os Godos, os Vandalos, os Suevos, os Alanos, os Herulos, os Lombardos, os Borguinhões). Este vasto paiz foi comprehendido no imperio de Carlos Magno, e quando em 843 o tratado de Verdun dividiu definitivamente este imperio em tres estados, a França, a Italia e a Germania ou Allemanha, esta formou um reino debaixo de *Luiz o Germanico*, 5º filho de Luiz Debonnaire e neto de Carlos Magno. Pela extincção da dynastia Carlovingia em 911, a monarchia tornou-se electiva na Allemanha, e a coroa foi conferida a *Conrado I*, duque de Franconia. Succedeu-lhe em 919 *Henrique I o Passarinheiro*, tronco da dynastia de Saxonia, a qual deu á Allemanha 5 soberanos. *Othão o Grande*, filho de Henrique I, obteve do Papa em 962 a corôa imperial e restabeleceu o imperio de Carlos Magno. A partir d'este reinado a corôa imperial, que haviam alternativamente tido os reis de França, de Allemanha e de Italia, pertenceu exclusivamente á Allemanha, que tomou desde então o titulo de *Santo Imperio Romano Germanico*.

A' casa de Saxonia succedeu a de *Franconia* pela eleição de *Conrado II o Salico*; esta familia occupou o throno durante um seculo (1024-1125). As bases da sua grandeza foram postas por *Conrado II*, que reuniu a Borgonha á Allemanha e obrigou o rei de Polonia a reconhecer-se seu vassallo. *Henrique III* diminuiu o poder dos grandes vassallos, tornou tributarios os reis de Bohemia e de Hungria, e violou os direitos da Igreja decretando que nenhum papa seria eleito sem o placito imperial. O reinado de *Henrique IV* (1056-1105) foi assignalado pela lucta entre o sacerdocio e o imperio. As suas pretensões sobre a Igreja foram combatidas pelo grande papa Gregorio VII, e o velho imperador foi desthronado por

seu filho *Henrique V*, que foi o ultimo imperador da casa de Franconia. Succedeu-lhe *Lothario II* de Saxonia (1125-57).

Em 1158 subiu ao throno imperial a casa de *Suabia* ou de *Hohenstaufen* na pessoa de *Conrado III*, que tomou parte na 2ª cruzada, e com o qual começou a luta sanguinolenta entre os Guelfos e Gibelinos. Succedeu-lhe *Frederico Barbaroxa* (1152), que elevou o poder imperial ao mais alto grau, e contra o qual lutou o papa Alexandre III para defender a liberdade da Igreja e da Italia. *Henrique VI* apossou-se do reino das Duas-Sicilias e fez-se detestar por suas crueldades. Seu filho *Frederico II* (1220-50), que devia o throno ao papa Innocencio III seu tutor, combateu a Santa Sé e a independencia italiana, e foi excommungado e declarado deposto por Innocencio IV. Na morte de *Conrado IV* começou o grande interregno (1254-75), que precipitou a Allemanha na anarchia.

Rodolpho de Habsburgo, eleito imperador em 1273, restabeleceu a autoridade da corôa e fundou a grandeza da sua casa. *Henrique VII* da casa de Luxemburgo consolidou a ordem na Allemanha. Durante todo o seculo xiv e principio do xv, a corôa imperial foi disputada pelas casas rivaes de Habsburgo, de Luxemburgo e de Baviera. Em 1458 *Alberto II d' Austria* foi eleito imperador e tornou-se chefe da celebre casa de Austria-Habsburgo, na qual se fixou para sempre a corôa imperial. *Maximiliano I* (1495-1519) adquiriu, por seu casamento com Maria de Borgonha, os Paizes-Baixos e o Franco-Condado. Fez casar seu filho Philippe o Bello com Joanna a Louca, filha de Isabel de Castella e Fernando de Aragão, a qual trouxe por dote a Hespanha com suas immensas possessões; mas no seu reinado surgiu a Reforma ou Protestantismo, que veio prejudicar immensamente a unidade germanica. — *Carlos V*, seu neto e successor, que era ao mesmo tempo rei de Hespanha, foi o monarcha mais poderoso do seu tempo; venceu a Francisco I de França; mas não pôde suffocar a Reforma. Os fracos governos de *Fernando I*, *Maximiliano II* e *Rodolpho II* prepararam a guerra de *Trinta Annos* (1618-48), entre os principes catholicos e protestantes, na qual a energia de *Fernando II* e *Fernando III* teria obtido a victoria para o catholicismo e o poder imperial, se não fosse a intervenção da Suecia e da França, que fizeram triunfar a causa do protestantismo: o tratado de Westphalia, que pôz termo a esta guerra, acabou de desunir a Allemanha e deu a supremacia á França. Os reinados de *Leopoldo I*, de *José I* e de *Carlos VI* passaram-se em continuas guerras com Luiz XIV e Luiz XV de França. A morte de Carlos VI (1740) suscitou a guerra da *successão d' Austria*, que assegurou a corôa imperial ao esposo de Maria Thereza, filha de Carlos VI, e levou assim ao

brono a casa de Lorena na pessoa de *Francisco I.* A lucta entre Maria Thereza e Frederico II collocou a Prussia no numero das grandes potencias europeas e fêl-a rival da Austria. As innovações emerarias de *José II* acceleraram a decadencia do imperio, cujo velho edificio foi derribado por Napoleão I. *Francisco II* teve de abdicar em 1806 a corôa de imperador d'Allemanha, e tomou o título de imperador d'Austria.

Napoleão I deu então á Allemanha uma nova organização politica, instituindo a *Confederação do Rheno* debaixo do protectorado da França, com exclusão da Austria e da Prussia, e erigiu em reinos os ducados de Baviera, Wurtemberg e Saxonia. O congresso de Vienna em 1815 estabeleceu em seu logar a *Confederação Germanica*, que durou até 1866 e se compunha de 34 estados, a saber : quasi toda a Prussia, parte da Austria, da Hollanda e da Dinamarca ; reinos de Hanover, Saxonia, Baviera e Wurtemberg ; grãos-ducados de Mecklemburgo-Schwerin, Mecklemburgo-Strelitz, Oldenburgo, Hesse-Darmstadt, Saxe-Weimar e Baden ; eleitorado de Hesse-Cassel ; ducados de Brunswick, Nassau, Anhalt, Saxe-Coburgo-Gotha, Saxe-Meiningen e Saxe-Altenburgo ; oito pequenos principados e as cidades livres de Francfort, Hamburgo, Bremen e Lubeck. A Confederação Germanica dissolveu-se depois da guerra de 1866 entre a Prussia e a Austria ; foi esta então excluida da Allemanha, que ficou dividida em *Confederação do Norte e Estados do Sul*. — Em 1870 todos os estados da Allemanha reuniram-se para fazer a guerra á França, e depois dos mais brilhantes triunfos restabeleceram o *Imperio da Allemanha*, cuja corôa foi dada á casa da Prussia. Nesta guerra adquirio a Allemanha a Alsacia e parte da Lorena.

Constituição do antigo Imperio d'Allemanha. — O imperador era apenas o chefe de uma vasta confederação, pois os grandes feudatarios o despojaram gradualmente de quasi toda a autoridade, constituindo-se soberanos em seus respectivos estados. Por muitos seculos a eleição dos imperadores foi feita pelo concurso dos diversos Estados do Imperio, porém no seculo xiv o direito de eleição pertenceu exclusivamente a sete *eleitores*, que foram : os arcebispos de Moguncia, Treveris e Colonia, o conde Palatino, o duque de Saxonia, o margrave de Brandeburgo e o rei de Bohemia ; e estes foram reunidos depois os duques de Baviera e Brunswick. Desde 1458 a corôa imperial fixou-se na casa d'Austria. A *dieta*, ou assembléa geral do imperio, compunha-se de tres collegios : o dos eleitores, o dos Principes e o das cidades imperiaes. O imperio era dividido em 10 circulos : d'Austria, de Borgonha, de Baviera, de Saxonia, de Franconia, do Alto-Rheno, do Baixo-Rheno, de Westphalia, da Baixa-Saxonia e da Alta-Saxonia.

VI. AUSTRIA-HUNGRIA

O imperio d'Austria contem os paizes chamados em outro tempo *Rhetia*, *Norica*, *Pannonia* e *Dacia*, que foram invadidos successivamente por muitos povos barbaros (Hunnos, Visigodos, Ostrogodos, Vandalos, Lombardos), e receberam tambem numerosas immigrações de Slavos. Nos VII e VIII seculos, os Avaros dominaram sobre grande parte d'esses paizes, porém foram vencidos por Carlos Magno. No fim do sec. IX appareceram os Magyares ou Hungaros, os quaes, depois de devastar por largo tempo a Europa occidental, se fixaram no paiz que d'elles recebeu o nome de *Hungria*. Para proteger d'este lado a fronteira d'Allemanha, o imperador Othão I fundou no sec. X um margraviado, que foi chamado *Austria* (*Oesterreich*, paiz do oriente). A Austria foi erigida em ducado em 1156, e passou em fins do sec. XIII para a familia de Habsburgo, a qual, depois de dar muitos imperadores á Allemanha (V. a historia da Allemanha), viu esta dignidade perpetuar-se n'ella desde 1438. Possuia ella então, alem da Austria, a Styria, a Carinthia, o Tyrol, a Alsacia, e a Suabia; em 1477, *Maximiliano I* adquiriu, por seu casamento com Maria de Borgonha, os Paizes-Baixos e o Franco-Condado. O imperador *Carlos V* subiu em 1516 ao throno de Hespanha, e recebeu assim os vastos dominios que esta possuia nos dous mundos. Seu irmão e successor *Fernando I* reuniu á Austria a Bohemia, a Hungria, a Moravia, a Silesia e a Lusacia.

Depois da abdicção de Carlos V, a casa de Habsburgo ou d'Austria dividiu-se em dous ramos: o hespanhol, que se extinguiu em 1700, e o allemão. O tratado de Utrecht deu a este segundo, em 1713, os Paizes-Baixos catholicos, o Milanez, o ducado de Mantua, etc. A linha masculina de Habsburgo extinguiu-se em 1740 por morte de Carlos VI; succedeu-lhe sua filha Maria Thereza, casada com Francisco de Lorena, duque de Toscana, o qual deu origem á casa d'Austria-Lorena.

A Austria foi obrigada a ceder á França a Alsacia em 1648 e o Franco-Condado em 1679, e á Prussia a maior parte da Silesia em 1765; mas no desmembramento da Polonia ella augmentou-se com a Galicia. Nas guerras com a França, de 1797 a 1809, a Austria perdeu grande parte de seus Estados, e *Francisco II* foi obrigado a renunciar em 1806 a dignidade de imperador d'Allemanha, tomando o titulo de imperador d'Austria sob o nome de *Francisco I*. Pelo tratado de Vienna de 1815, a Austria recuperou quanto perdera, á excepção dos Paizes-Baixos; e adquiriu os Estados Venezianos, a Illyria e a Dalmacia. Dos ducados de Milão e de Mantua e

Os Estados Venezianos formou-se o reino Lombardo-Veneziano. — O rei Francisco I succedeu em 1835 seu filho *Fernando I*, cujo reinado foi assignalado pela insurreição da Hungria e do reino Lombardo-Veneziano (1848). Este foi logo submettido apezar do apoio do rei do Piemonte, que perdeu a batalha decisiva de Novara; e a Hungria foi pacificada com o auxilio de um exercito russo. — Em 1848 Fernando I abdicou, e succedeu-lhe o seu sobrinho *Francisco José I*. Em 1859 rebentou uma guerra entre a Austria e o Piemonte alliado com a França, e o resultado foi a perda da Lombardia, que foi annexada ao Piemonte. Em 1866, sendo a Austria, embora auxiliada pela maior parte da Allemanha, completamente derrotada pela Prussia na guerra contra esta potencia e a Italia, teve de ceder a esta a Venecia, e separar-se d'Allemanha, sobre a qual exercia antes tão grande preponderancia como a Prussia. — Em 1878 o congresso de Berlim autorizou-a a occupar a Bosnia e a Herzegovina, que pertenciam á Turquia.

VII. PRUSSIA.

Os cavalleiros Teutonicos, ordem fundada na Palestina em 1128 por Allemães, subjugaram a Prussia oriental no seculo XIII, e converteram ao Christianismo. Em 1525, *Alberto de Brandeburgo*, grão-mestre da ordem, abraçando o lutheranismo, secularizou a Prussia e a erigiu em ducado feudatario da corôa de Polonia. Em 1618, a Prussia ducal passou por casamento ao eleitor de Brandeburgo, ficando porém sob a dependencia feudal da Polonia; *Frederico Guilherme*, cognominado o *Grande Eleitor*, tornou-a independente em 1657.

Em 1701 seu filho *Frederico I* erigiu a Prussia em reino. *Francisco Guilherme I* (1713-40) deixou um thesouro consideravel e exercito mais bem disciplinado da Europa. *Frederico II o Grande* (1740-86) elevou a Prussia a potencia de primeira ordem; tomou parte mui activa na guerra da successão d'Austria contra a rainha Thereza, que foi obrigada a ceder-lhe a Silesia; resistiu quasi só á formidavel liga da Austria, França, Saxonia, Russia e Venecia (guerra de Sete Annos, 1756-63); e adquiriu no 1º desmembramento da Polonia em 1772 a Prussia occidental. No reinado de *Frederico Guilherme II* (1786-97), a Prussia augmentou-se com a Grande-Polonia, que comprehendia o grão-ducado de Posen e a maior parte do actual reino de Polonia, e que lhe coube em partilha no 2º e 3º desmembramento da Polonia (1793 e 1795). *Frederico Guilherme III* (1797-1840) tomou parte nas guerras contra a França, viu o seu exercito desbaratado completamente em

lena por Napoleão, e perdeu na paz de Tilsitt (1807) a metade dos seus estados; porém depois da queda de Napoleão, o congresso de Vienna lhe restituiu todas as provincias que perdera, excepto as que formam o actual reino de Polonia que foram cedidas á Russia, e lhe ajuntou em compensação grande parte da Saxonia, a Westphalia, a Pomerania sueca e a Prussia Rhenana. No reinado de *Frederico Guilherme IV* (1840-61), a Prussia obteve uma constituição com duas camaras. Succedeu-lhe em 1861 *Guilherme I*, que de concerto com a Austria conquistou á Dinamarca em 1864 os ducados de Schleswig e Holstein. Em 1866 rebentou uma guerra entre a Prussia alliada com a Italia de um lado, e a Austria com os principaes estados da Confederação Germanica do outro, da qual guerra saiu victoriosa a Prussia, e os seus resultados foram a dissolução da Confederação Germanica, a fundação da *Confederação do Norte* debaixo da direcção da Prussia, a annexação a esta potencia dos ducados do Elba (Schleswig e Holstein), do reino de Hanover, do eleitorado de Hesse, do ducado de Nassau e da cidade livre de Francfort, tornando-se a Prussia um dos Estados mais preponderantes da Europa. Em 1870 Napoleão III declarou guerra á Prussia, e os Prussianos unidos com os outros povos da Allemanha invadiram a França, destroçaram os seus exercitos, tomaram Strasburgo, Metz e Paris, e impozeram á França o tratado de Francfort, pelo qual esta teve de ceder á Allemanha a Alsacia e parte da Lorena, e pagar a enorme indemnisação de 5 mil milhões de francos. Em 1871 no restabelecimento do imperio da Allemanha, a corôa imperial ficou annexa perpetuamente á coroa da Prussia, cujo rei é ao mesmo tempo imperador da Allemanha.

VIII. RUSSIA

Os antigos não conheceram senão o sul da Russia, que designavam sob os nomes vagos de *Sarmacia* e *Scythia*. No seculo 3º d. era christã os Godos saídos da Scandinavia vieram estabelecer-se na Russia, donde foram no seculo seguinte rechaçados para Occidente pelos Hunnos. Em 862 vieram da Scandinavia o Vareges, cujo chefe *Rurik* fundou um estado e reinou em Novgorod com o titulo de grão-duque da Russia. Os seus successores estenderam consideravelmente os seus dominios na Russia meridional estabeleceram-se em Kiev, e ameaçaram por varias vezes Constantinopla; os mais celebres foram: *Vladimir o Grande*, que introduziu o christianismo na Russia em 988, e *Iaroslav I*, que foi o seu legislador (1019-54). Em 1224 os Mongoles sob as ordens dos filhos de Gengiskan invadiram a Russia, conquistaram-na e fundam

ram o grande imperio da *Horda d'Ouro*, que subsistiu por mais de dous seculos. Os fracos duques de Moscovia só ergueram-se do seu abatimento quando sobrevieram discordias e divisões na Horda d'Ouro. *Ivan III* pôde enfim em 1481 libertar a Russia do jugo dos Mongoles.

A extincção da dynastia de Rurik em 1598 suscitou uma horri-vel anarchia, que só cessou com a elevação ao throno de *Miguel Romanov*, tronco da dynastia dos Romanovs (1615). E' ao seu 5º successor *Pedro o Grande* (1682-1725) que a Russia deve a sua civilisação. Este homem extraordinario introduziu em seus estados as artes e sciencias, creou uma marinha, esmagou em Poltava (1709) o poder de Carlos XII rei da Suecia, obrigou esta a ceder-lhe a Livonia, a Esthonia, a Ingria e a Carelia; fundou S. Petersburgo, e declarou-se chefe da religião grega na Russia.

Em 1762 subiu ao throno a dynastia ainda hoje reinante de *Holstein-Gottorp* na pessoa de *Pedro III*, o qual foi desthronado e mandado matar por sua mulher a famosa *Catharina II*. O reinado d'esta princeza fórma o periodo mais glorioso da historia da Russia (1762-1796): ella a elevou á linha das primeiras potencias da Europa, conquistando aos Turcos a Criméa e outros vastos territorios, e apossando-se de quasi dous terços da Polonia pelos desmembramentos d'esta que tiveram logar em 1772, 1793 e 1795: o Imperio Russo ficou tendo por limites ao Sul o rio Dniester, o mar Negro e o Caucaso. — *Paulo I*, que succedeu a *Catharina II*, entrou na liga contra a França, e morreu victima de uma conspiração (1801). — *Alexandre I* seu filho, o melhor soberano que teve a Russia, reuniu ao seu imperio a Georgia, a Finlandia conquistada á Suecia em 1809, e o reino de Polonia¹ formado do grão-ducado de Varsovia, creado por Napoleão I e cedido á Russia pelo tratado de Vienna de 1815. Em 1812 Napoleão invadiu a Russia,

1. O actual reino de Polonia não é mais que uma provincia do Imperio Russo, e comprehende só uma pequena parte do antigo reino de Polonia. A Polonia foi primeiramente governada por duques, um dos quaes chamado Boleslão obteve em 1025 o titulo de rei. Em 1586 Jagellão, grão-duque da Lithuania, foi elevado ao throno da Polonia, á qual reuniu d'esta arte a Lithuania. Depois da morte de Sigismundo Augusto em 1572, a corôa passou a ser electiva, o que lhe origem a graves perturbacões e males para a Polonia. Em 1772, a Russia, a Prussia e a Austria, aproveitando-se das agitações internas da Polonia, dividiram entre si parte do seu territorio, e assenhorearam-se do resto em 1795 e 1795. Antes d'estes desmembramentos a Polonia contava 15,000.000 hab., e comprehendia 52 palatinados, distribuidos em tres grandes partes: a Grande Polonia ao N. O., a Pequena Polonia ao S., e a Lithuania ao N. E. Em 1807, Napoleão formou da parte prussiana da Polonia o grão-ducado de Varsovia e o deu ao rei de Saxonia. Pelo congresso de Vienna em 1815, a maior parte d'este grão-ducado foi erigida em reino, debaixo da soberania do imperador da Russia.

tomou Moscou, porém viu-se logo obrigado a ordenar a retirada, que foi a mais desastrosa de quantas menciona a historia. Pelo tratado de Bukharest de 1812, a Turquia cedeu á Russia a Bessarabia e parte da Moldavia até o rio Pruth. — *Nicoláu I*, irmão e successor de Alexandre I, continuou a estender as fronteiras da Russia, que chegou a ser no seu reinado a nação preponderante na Europa. Conquistou á Persia a maior parte da Armenia; coope-rou para a independencia da Grecia afim de enfraquecer a Turquia; impôz a esta a paz humilhante de Andrinopla; ajudou a Austria a vencer a insurreição da Hungria em 1849; e ter-se-ia apoderado de Constantinopla, se não fosse a intervenção da França e Inglaterra, que atacaram a Criméa, tomaram de assalto a praça de Sebastopol depois de um cerco memoravel, e impozeram á Russia o tratado de paz de Paris de 1856, que lhe tomou a parte da Bessarabia ribeirinha do Danubio. Já n'este tempo era morto Nicoláu I, a quem succedeu em 1855 seu filho *Alexandre II*. Em 1867 a Russia vendeu aos Estados-Unidos a America Russa; mas em compensação tem adquirido vastos territorios na Asia Central e no norte da China. Em 1878, depois de ter vencido completamente a Turquia, chegando até ás portas de Constantinopla, a Russia recuperou a parte da Bessarabia perdida em 1856 e obteve parte da Armenia Turca.

IX. SUECIA E NORUEGA

A peninsula Scandinava foi primeiramente povoada pelos *Finnezes*, e depois conquistada pelos *Godos*, que deram o seu nome á parte meridional da Suecia chamada *Gothia*. D'ella sahiram no seculo ix esses terriveis piratas conhecidos com o nome de *Normandos*, que assolaram o occidente da Europa, e porfim se estabeleceram em 912 na provincia de França que do nome d'elles foi chamada *Normandia*. Em 1397 a Noruega e a Suecia foram reunidas á Dinamarca sob o sceptro de Margarida. Em 1523, Gustavo Wasa libertou a Suecia, que desde então formou sempre um Estado independente; porém a Noruega continuou sujeita á Dinamarca até o anno 1814, em que foi cedida á Suecia em compensação da Finlandia, que esta potencia perdera na guerra com a Russia em 1809. Foi Gustavo Wasa quem introduziu o lutheranismo na Suecia em 1529. Dos principes d'esta dynastia o mais celebre foi *Gustavo Adolpho* (1611-52), o qual interveiu na Allemanha na guerra dos Trinta-Annos como campeão do protestantismo e triumphou das forças imperiaes, até morrer victorioso na batalha de Lutzen. A Suecia possuia por esse tempo a Finlandia, a Livonia, a Ingria, a

Carelia e parte da Pomerania. — Aos Wasas succedeu em 1654 a dynastia das *Duas-Pontes*, cujo rei mais celebre foi *Carlos XII* (1697-1718), o qual, depois de gloriosas victorias alcançadas sobre os Russos, foi completamente derrotado por Pedro o Grande em Pultava (1709). A Suecia cessou então de ser grande potencia europea e foi pelo tratado de Nystad despojada de quasi todas as suas conquistas. — Em 1751 começou uma nova dynastia, a de *Holstein-Gottorp*. No reinado de *Gustavo IV* (1792-1809) a Suecia emprehendeu uma guerra contra a Russia e perdeu a Finlandia. *Carlos XIII* escolheu para seu successor o general francez *Bernadotte*, que subiu ao throno da Suecia em 1818 sob o nome de *Carlos XIV*, e é o tronco da dynastia actual. Em 1815 a Suecia reuniu-se aos Alliados contra Napoleão, e recebeu em recompensa a Noruega.

X. DINAMARCA

A Dinamarca foi antigamente habitada pelos *Cimbros* e pelos *Jutos*, e d'ahi vêm os nomes de *Chersoneso Cimbrico* e de *Jutlandia* dados a esta península. Os Dinamarquezes fizeram varias irrupções na Inglaterra entre os seculos ix e xi, e dominaram mesmo n'ella por 26 annos, nos reinados de *Canuto II o Grande* e de *Canuto III* (1015-42). A Dinamarca exerceu desde então grande preponderancia na Europa septentrional. O mais brilhante periodo da sua historia foi o que decorreu do meiado do seculo xii ao reinado de *Valdemar II* (1202-1241) : a Dinamarca chegou então a estender o seu dominio sobre o Holstein, Lauenburgo, Mecklenburgo, Pomerania, Esthonia, Carelia e parte da Prussia. Porém em pouco tempo perdeu ella a maior parte de suas conquistas. Em 1597 pelo tratado de Calmar, a celebre *Margarida* reuniu sob o seu sceptro os tres reinos de Dinamarca, Suecia e Noruega. — *Christiano I*, eleito rei da Dinamarca em 1448, fundou a dynastia de Oldenburgo, ainda hoje reinante. *Frederico I*, 4º rei d'esta casa (1523-33), favoreceu a introdução e propagação do luthernismo na Dinamarca. *Christiano IV* (1588-1648) interveiu em seu prejuizo na guerra dos Trinta Annos como chefe dos Protestantes. — Nas guerras de Napoleão I a Dinamarca mostrou-se fiel alliada da França, e por isto sua capital foi bombardeada pelos Inglezes em 1807, e a Noruega foi-lhe tomada em 1814 e cedida á Suecia. Em 1864, em consequencia da guerra com a Austria e a Prussia, a Dinamarca perdeu os ducados de Schleswig, Holstein e Lauenburgo, que se acham hoje incorporados á Prussia.

XI. HOLLANDA OU PAIZES-BAIXOS

Este paiz, habitado em outro tempo pelos *Batavos* e *Frisões*, foi imperfeitamente conquistado pelos Romanos, e no seculo v subjugado pelos Francos, a quem ficou sujeito até os ultimos descendentes de Carlos Magno. Então formaram-se alli differentes Estados (os ducados de *Gueldre*, *Brabante*, *Limburgo*, os condados de *Hollanda*, *Zelandia*, bispado soberano de *Utrecht*, senhoria de *Frisia*), os quaes no começo do seculo xv foram reunidos aos dominios da casa de Borgonha. Pelo casamento da sua ultima herdeira Maria, filha de Carlos o Temerario, com o archiduque Maximiliano, passaram elles em 1477 para a casa d'Austria, e depois em 1556 para o dominio do rei de Hespanha Philippe II. Contra o governo despotico d'este revoltaram-se os Paizes-Baixos (que comprehendiam tambem a Belgica e o Franco-Condado); cinco provincias septentrionaes (*Hollanda*, *Zelandia*, *Utrecht*, *Gueldre* e *Frisia*) sacudiram o jugo hespanhol, e tomando por chefe *Guilherme de Nassau*, principe de Orange, com o titulo de stathouder, formaram em 1579 a republica das *Provincias-Unidas* ou de *Hollanda*, na qual entraram pouco depois as provincias de *Over-Yssel* e de *Groninga*, perfazendo assim o numero de sete provincias. No começo do seculo xvii a republica adquirio o *Brabante Septentrional*. A *Guilherme de Nassau*, assassinado em 1584, succedeu seu filho *Mauricio de Nassau*, que continuou a guerra com a Hespanha. A Hollanda foi reconhecida Estado independente pelo tratado de Westphalia (1648).

A Franca apossou-se em 1795 das Provincias-Unidas, que, mudando a antiga constituição, tomaram o nome de *republica Batava*. Este paiz foi em 1807 erigido em reino por Napoleão I a favor de seu irmão Luiz, e tres annos depois incorporado ao imperio francez, do qual fez parte até 1814, em que augmentado da Belgica formou o reino dos *Paizes-Baixos*, que foi dado á antiga familia dos stathouders. A insurreição da Belgica em 1830 reduziu a monarchia hollandeza pouco mais ou menos ás suas antigas possessões, conservando comtudo o soberano o titulo de rei dos Paizes-Baixos.

XII. BELGICA

A Belgica, que fazia parte da Gallia e occupava todo o norte d'ella desde o Sena até o Rheno, foi como esta primeiramente conquistada pelos Romanos e depois pelos Francos, que a conservaram

até o desmembramento do imperio de Carlos Magno. Então formaram-se alli muitos Estados : o condado de Flandres com o Artois foi feudatario da França até o seculo xvi; os outros (os ducados de Brabante, Luxemburgo e Limburgo, os condados de Namur e Hainaut, o bispado de Liége, etc.), foram feudos da Allemanha. No fim de sec. xiv a maior parte da Belgica passou para o dominio dos duques de Borgonha, cuja ultima herdeira Maria, casando em 1477 com o archiduque Maximiliano, a transferio para a casa d'Austria com o resto dos *Paizes-Baixos*, que se compunham de Belgica, Hollanda e Franco-Condado, e que incorporados assim ao Imperio Germanico formaram o *circulo de Borgonha*.

Depois da abdicção de Carlos V em favor de seu filho Philippe II em 1556, os Paizes-Baixos pertenceram á Hespanha até 1714, em que tornaram a passar para a Austria. Porém já então haviam perdido grande parte do seu territorio pela sublevação das 7 provincias septentrionaes que formaram a republica das *Provincias-Unidas* ou de *Hollanda*, e pelas conquistas de Luiz XIV, que reunio á França o Franco-Condado, o Artois e parte da Flandres. Conquistados pelos Francezes em 1794, os *Paizes-Baixos-Austriacos* foram incorporados á França e divididos em 9 departamentos. Em 1814 pelo Congresso de Vienna estes departamentos foram reunidos á Hollanda e formaram o *reino dos Paizes-Baixos*. Em 1850 a Belgica separou-se da Hollanda e constituiu-se em reino á parte, que foi dado ao principe Leopoldo de Saxe-Coburgo. A conferencia de Londres de 1851 inscreveu a neutralidade da Belgica no numero dos principios do direito europeu.

XIII. SUISSA

A Suissa, chamada antigamente *Helvecia*, foi por Julio Cesar sujeita ao poder dos Romanos. Fez depois parte do Imperio dos Francos no meiado do sec. vi, e foi em 1052 reunida ao imperio d'Allemanha. A tyrannia dos governadores tornou odioso o jugo do imperador Alberto. Os cantões de Schwitz, de Uri e de Unterwald se sublevaram em 1308, e fundaram a Confederação Suissa, assim chamada do nome do mais importante dos tres cantões. Esta Confederação augmentou-se progressivamente, até 1513, com mais dez cantões (Lucerna, Zurich, Glaris, Zug, Berne, Friburgo, Soleure, Basilea, Schaffhusa e Appenzell). Pelo tratado de Westphalia, em 1648, foi reconhecida solenemente a independencia dos 13 cantões.

Em 1805, varios pequenos estados, antes alliados da Suissa sem fazerem parte da Confederação, entraram n'ella e formaram os seis

novos cantões de Argovia, de São-Gall, dos Grisões, do Ticino, de Thurgovia e de Vaud. A estes 19 cantões ajuntou o congresso de Vienna em 1815 tres outros : de Neufchatel, de Genebra e do Valais.

XIV. ITALIA

A Italia foi submettida pelos Romanos e tornou-se o centro do seu immenso e poderoso imperio, que chegou a abranger a maior parte do mundo conhecido pelos antigos. Quando em 595 da era christã o Imperio Romano foi dividido em *Imperio do Oriente* e *Imperio do Occidente*, a Italia fez parte d'este ultimo, que subsistiu até o anno 476 em que foi destruido pelos Barbaros. Assim a historia da Italia confunde-se com a de Roma até a queda do imperio do Occidente. A Italia pertenceu depois successivamente aos Herulos (476-491), aos Ostrogodos (491-552), ao imperio grego do Oriente (552-568); e na invasão dos Lombardos (568) ella foi repartida entre estes, que fundaram um reino na parte septentrional, e o imperio do Oriente, que ficou conservando o resto, que foi governado por um exarcha residente em Ravenna. Em 726 a tyrannia do imperador grego Leão III o Iconoclasta provocou uma sublevação, e o ducado de Roma collocou-se sob a autoridade temporal dos Papas. Entretanto os Lombardos foram estendendo a sua dominação para o sul, onde formaram o ducado de Benevento; mas a sua monarchia foi destruida em 774 por Carlos Magno, que se apossou da Italia até o rio Garigliano e cedeu uma parte aos Papas.

No desmembramento do imperio Carlovingio, a Italia septentrional formou um reino particular, que foi conquistado por Othão I o Grande, rei da Germania, que se fez coroar rei de Italia em Milão em 961, e foi sagrado e coroado imperador em Roma em 962, ficando assim o reino de Italia reunido ao imperio d'Allemanha : tal foi a origem do *Santo Imperio Romano Germanico*. D'ahi por diante os imperadores da Allemanha pretenderam constantemente sujeitar a Italia inteira á sua dominação. Um d'elles, Henrique III, arrogou-se o direito de submeter a eleição dos papas ao placito imperial. Gregorio VII, papa em 1075, restabeleceu a independencia do papado e quiz eleva-lo acima dos imperadores suscitando a questão das investiduras. Por esse mesmo tempo os Normandos vieram estabelecer-se na Italia meridional e fundaram um novo estado, que foi em 1130 constituido em reino das *Duas-Sicilias*, em favor de Rogerio I, como feudo da Santa Sé. Os Estados Pontificios augmentaram-se em 1053 com a annexação do ducado de Bene-

vento, e duas doações feitas em 1077 e 1102 pela condessa Mathilde, soberana da Toscana, accrescentaram a maior parte do que se chamou *Patrimonio de S. Pedro*.

As cidades da Italia septentrional e central tinham-se erigido em republicas independentes, quando a casa de Hohenstaufen, elevada ao throno imperial em 1158, tentou impôr o seu jugo a toda a Italia. Dous partidos poderosos formaram-se então em Italia: os *Guelfos*, a favor da independencia italiana, e os *Gibelinos*, que apoiavam o imperador. Após longas lutas (1161-1268), triumpharam os Guelfos, que eram sustentados pelos Papas, e acabou a dominação allemã na Italia. A casa franceza de Anjú foi então chamada pela Santa Sé a reinar nas Duas-Sicilias, que formaram em 1282 dous reinos, possuidos por duas casas rivaes, o de Napoles pela casa de Anjú, e o de Sicilia pela de Aragão. Carlos VIII e Luiz XII de França debalde disputaram o reino de Napoles á casa de Aragão. Os dous reinos foram reunidos em 1505 á Hespanha, que os conservou até o anno 1713, em que o reino de Napoles passou para a casa d'Austria. O reino das Duas-Sicilias tornou-se independente em 1736 sob o sceptro de Carlos IV, filho de Philippe V de Hespanha. — Os disturbios que se deram em Roma e em toda a Italia no começo do sec. xvi levaram o papa Clemente V a transferir a Santa Sé para Avinhão em 1309. O Estado Pontificio e a Italia inteira soffreram muitissimo da longa ausencia da Santa Sé, que só tornou a fixar-se em Roma em 1377. O grande schisma do Occidente (1378-1417) não permittiu reconstituir o Estado Pontificio completamente senão no sec. xvi. Bolonha foi-lhe annexada em 1513, e o ducado de Urbino em 1656. — Na Toscana, Pisa, depois de haver sido uma republica rival de Genova, succumbiu em 1509 debaixo da superioridade de Florença, e Cosme de Medicis tornou-se em 1569 o primeiro grão-duque da Toscana. A casa de Lorena succedeu n'este estado á dos Medicis em 1757. — A republica de Veneza terminou em 1581 uma luta de 150 annos com a de Genova, e foi uma rica e poderosa potencia maritima até principios do sec. xviii, em que os Turcos acabaram de despojal-a das suas mais importantes possessões do Mediterraneo. — A republica de Genova, que triumphara de Pisa em 1290, saiu-se menos bem em 1381 da luta com Veneza acerca da preponderancia no Oriente, onde os Turcos depois completaram a ruina da sua influencia. — O Milanez, erigido em ducado em 1395, passou em 1447 da familia dos Viscontis para a dos Sforzas. Carlos V o reuniu ao imperio d'Allemanha em 1555 e o deu a seu filho Philippe II de Hespanha; mas o imperador José I o retomou a esta potencia em 1706. — O ducado de Parma-e-Placencia, que o papa Julio II adquirira para a Santa Sé em 1512, foi

erigido em 1545 por Paulo III, e pertenceu á familia dos Farneses até a sua extincção em 1751; Isabel Farnese, mulher de Philippe V de Hespanha, o obteve então para seu filho D. Carlos. — O Piemonte, possuido desde o sec. XIII pela casa de Saboia, formou o centro do reino de Sardenha fundado em 1720 por Victor Amadeu II, duque de Saboia, que trocou com a Austria a Sicilia pela Sardenha.

No começo do sec. XIX, toda a Italia continental foi sujeita ao dominio da França. A Saboia, o Piemonte, Genova, Parma, a Toscana e Roma foram reunidos ao Imperio Francez. Napoleão I fundou o reino de Italia composto do Milanez, do Estado-Veneziano, de Modena e d'uma parte dos estados da Igreja, e collocou seu cunhado Murat no throno de Napoles. Em 1815, o congresso de Vienna restituiu aos antigos soberanos de Italia seus estados; mas as republicas de Genova e de Veneza não foram restabelecidas, sendo dada Genova á casa de Saboia, e o Estado Veneziano com a Lombardia á Austria, que d'esta fórma ficou sendo a potencia predominante em Italia. A França em 1859 conquistou a esta a Lombardia, que foi cedida ao rei de Sardenha, cedendo este da sua parte á França a Saboia e o condado de Niza. Em 1860 annexaram-se ao Piemonte os ducados de Parma e Modena, a Toscana, a maior parte dos Estados da Igreja e o reino das Duas-Sicilias. Em 17 de março de 1861 o rei do Piemonte tomou para si e seus descendentes o titulo de *Rei de Italia*. Em 1866 a Austria vio-se obrigada a ceder a Venecia, que foi annexada ao reino de Italia. Em 1870 o governo italiano, aproveitando-se dos desastres da França na guerra com a Allemanha, usurpou o resto dos Estados Pontificios e estabeleceu em Roma a capital do reino.

XV. TURQUIA OU IMPERIO OTTOMANO

No fim da *Historia da Edade Média* vem um rapido esboço da historia dos Turcos Ottomanos até a tomada de Constantinopla por *Mahomet II*. Depois da queda do Imperio Grego, este conquistador submetteu os paizes que formam hoje a Turquia Europea, e assenhoreou-se da Grecia, do imperio de Trebizonda, da Servia, da Bosnia, da Valaquia, da Criméa e de outros territorios do Sul da Russia, da Caramania (na Asia Menor), e penetrou mesmo na Italia. A Turquia augmentou ainda no reinado de *Selim I* (1512-20), que conquistou a Syria, a Palestina e o Egypto, e adquiriu Mecca e Argel. — *Solimão II* (1520-66) elevou ao apogeu a potencia ottomana; acabou de conquistar o territorio que fórma hoje a Turquia Asiatica; submetteu parte da Arabia, da Persia, da Hungria, a Tran-

sylvania, a Moldavia; tomou Rhodes aos cavalleiros de S. João de Jerusalem; avançou até os muros de Vienna, e annexou ao seu imperio Tunis e Tripoli. — *Selim II* (1566-74) tomou Chypre aos Venezianos; mas a sua marinha foi destruida em 1571 na batalha de Lepanto pelas forças navaes christãs ao mando de D. João d'Austria: é d'ahi que data a decadencia do Imperio Ottomano. Todavia os Turcos obtiveram ainda alguns triumphos. *Mahomet IV* conquistou em 1669 a ilha de Candia; mas viu o seu exercito destruido por Sobieski diante dos muros de Vienna em 1685. D'ahi em diante a decadencia fez rapidos progressos. — *Mustaphá II*, derrotado pelo principe Eugenio em 1697, foi forçado a assignar o tratado de Carlowitz (1699), pelo qual cedeu á Austria parte da Hungria e a Transylvania. — O tratado de Passarovitz, imposto a *Achmed III* em 1718, cedeu ainda á Austria Temesvar e parte da Servia, que foi porém restituída á Turquia no reinado de *Mahmud I* pelo tratado de Belgrado (1740). — A luta que devia dar á Russia uma immensa superioridade sobre a Turquia começou no reinado de *Mustaphá III*, que perdeu a Moldavia e parte da Valaquia (1769-71). — No reinado de *Abdul-Hamid*, a Turquia perdeu a Criméa e outros territorios ao Sul da Russia, que foram annexados a este imperio (1785). — *Mahmud II* (1808-1859) aboliu os Janizaros, milicia que não era já formidavel senão aos seus soberanos, introduziu no exercito a disciplina e tactica europea, e procurou regenerar a nação propagando as luzes e os costumes da Europa civilizada. O seu reinado porém foi assignalado por grandes desastres. A Turquia teve de ceder á Russia a Bessarabia pelo tratado de Bukharest (1812), e em 1829, para atalhar a marcha do exercito russo sobre Constantinopla, concluiu o tratado de Andrinopla, pelo qual a Moldavia, a Valaquia e a Servia obtiveram uma administração livre sob a garantia da Russia. Em 1830, a Grecia foi separada da Turquia e declarada independente, e n'este mesmo anno a França apoderou-se de Argel. Em 1831 sublevou-se o pachá do Egypto Mehemet-Ali, conquistou a Syria, bateu os Turcos em Koniéh, e só a intervenção europea é que o deteve na sua marcha sobre Constantinopla. Em 1839 Mehemet-Ali alcançou ainda a victoria de Nezib e occupou Candia; mas foi obrigado pela intervenção das potencias europeas a restituir á Porta as suas conquistas, obtendo em compensação para si e seus descendentes o governo hereditario do Egypto. — Em 1855, no reinado de *Abdul-Medjid*, uma nova aggressão da Russia veio ainda comprometter a existencia da Turquia, que só foi salva pelas forças anglo-francezas. — A guerra de 1877 com a Russia foi fatal á Turquia, que teve de ceder á Russia grande parte da Armenia na Turquia Asiatica, reco-

nhecer a independencia da Rumania, da Servia, do Montenegro, e pôde-se dizer tambem que da Bulgaria, e consentir na occupação permanente da Bosnia e Herzegovina pelos Austriacos. Cedeu tambem em 1878 a ilha de Chypre á Inglaterra, e em 1881 a Thessalia e parte do Epiro á Grecia em virtude do tratado de Berlim de 1878.

XVI. GRECIA

A Grecia formou na antiguidade um grande numero de pequenas republicas, rivaes entre si, das quaes as mais celebres foram as de *Athenas* e de *Sparta*. Perdeu a sua independencia no anno 557 antes de J. C., sendo conquistada por Philippe, rei de Macedonia. Menos de dous seculos depois, foi reduzida a provincia Romana debaixo do nome de *Achaia*. Fez parte do Imperio Romano do Oriente, e foi depois conquistada pelos Venezianos e pelos Turcos. Havia já perto de 4 seculos que esta terra classica supportava o jugo dos Turcos, quando em 1820 quiz sacudil-o, e não foi senão depois de uma luta sanguinolenta de 9 annos, assignalada pelo assedio de Missolonghi (1826) e pela victoria naval de Navarino (1827), alcançada pelas frotas franceza, ingleza e russa sobre a turca, que a independencia da Grecia foi reconhecida em 1829 pela Turquia no tratado de Andrinopolis. As tres potencias protectoras constituiram-na em reino, e deram a corôa em 1832 a *Othão*, principe de Baviera. Sendo este expulso em 1862, succedeu-lhe em 1865 um principe dinamarquez que tomou o nome de *Jorge I*. Este aceitou a corôa da Grecia com a condição de lhe serem annexadas as ilhas Jonias, que estavam desde 1815 debaixo da protecção da Inglaterra. Esta potencia aceitou a condição e cedeu em 1865 as ditas ilhas á Grecia. Pelo tratado de Berlim de 1878 teve a Turquia de ceder á Grecia em 1881 a Thessalia e parte do Epiro.

XVII. ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Os Estados-Unidos foram descobertos em 1497 por João e Sebastião Caboto, navegantes venezianos ao serviço de Henrique VII de Inglaterra. Sir Walter Raleigh fundou em 1584 na Virginia um estabelecimento que não prosperou. A colonisação do paiz começou em 1607 sob a direcção das Companhias de Londres e de Plymouth. As dissensões politicas e religiosas que agitavam então a metropole concorreram muito para o augmento das colonias inglezas da America, que attingiram no seculo seguinte um alto grau de prosperidade. Certas restricções feitas ao seu commercio e certos impostos lançados sobre o sello e o chá deram origem á *guerra da Independen-*

dencia, que começou em Boston, onde se deu o primeiro signal de revolta em 1773. Um primeiro combate favoravel em Lexington e a expulsão das tropas inglezas de Boston animaram os Americanos. Um congresso reunido em Philadelphia confiou o commando em chefe das forças americanas a *Jorge Washington*, e proclamou a 4 de julho de 1776 a independencia de 13 Estados (New-Hampshire, Massachusetts, Rhode-Island, Connecticut, New-York, New-Jersey, Pennsylvania, Delaware, Maryland, Virginia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Georgia). As armas inglezas alcançaram ao principio algumas vantagens: triumpharam em Brooklyn, em Brandywine, e tomaram Long-Island, New-York e Philadelphia; mas a capitulação vergonhosa de lord Burgoyne em Saratoga (1777) assegurou o triumpho da insurreição. O illustre Benjamin Franklin, enviado á França, não tardou a obter o apoio de Luiz XVI (1778). A Hespanha e a Hollanda reconheceram tambem a independencia dos Estados-Unidos. La Fayette, Rochambeau e outros officiaes francezes illustraram-se na defeza das colonias americanas, que não se desacorçoaram nem com a perda de Savannah e Charlestown, nem com alguns revezes dos generaes americanos Gates e Green, nem com a traição de Arnold. A capitulação de lord Cornwallis em Yorktown em 1781 decidiu a questão a favor dos Estados-Unidos. A Inglaterra, que estava em guerra tambem com a França, a Hespanha e a Hollanda, só em 1783 é que se decidiu a fazer a paz, e reconheceu pelo tratado de Versalhes a independencia dos Estados-Unidos. Terminada a guerra, o congresso tratou de dar á nova republica uma constituição politica, que foi aceita por todos os Estados em 1787. Washington, chamado á presidencia em 1789 e reeleito em 1795, assegurou a unidade federativa que o espirito de liberdade local tendia a dissolver e manteve a neutralidade dos Estados-Unidos nas guerras entre a Inglaterra e a França. — Os Estados-Unidos teem constantemente procurado e conseguido augmentar o seu territorio. 26 Estados novos teem entrado successivamente na União, que se compõe hoje de 39 Estados. A Luiziana foi em 1805 vendida pela França aos Estados-Unidos; a Florida foi-lhes cedida pela Hespanha em 1819; o Texas e o Oregon (1845), a California e o Novo-Mexico (1848) foram tomados ao Mexico, e a America Russa (hoje territorio de Alaska) foi-lhes vendida pela Russia em 1867. Presentemente os Estados-Unidos teem uma superficie quasi igual a toda a Europa. — Em 1861, na presidencia de Lincoln, onze Estados do Sul que possuiam escravos (as duas Carolinas, a Virginia Oriental, a Florida, a Georgia, o Alabama, o Mississippi, a Luiziana, o Texas, o Arkansas e o Tennessee) separaram-se da União, formaram uma Confederação á parte, elegeram presi-

dente d'ella a Jefferson Davis, escolheram Richmond para capital, e oppozeram um exercito numeroso ao da União. Durante quatro annos os Confederados sob as ordens de Beauregard, Jackson e Lee sustentaram contra os Federaes commandados por Scott, Mac-Clellan, Burnside, Sherman e Grant uma luta homerica e travaram uma serie de batalhas mui sangrentas. Triumphou afinal a causa da União : a tomada de Richmond (Abril de 1865) foi seguida da capitulação dos diversos corpos do exercito confederado. Os Estados do Sul entraram de novo na União, e a escravatura foi inteiramente abolida em todo o territorio dos Estados-Unidos.

XVIII. MEXICO

Os Hespanhoes descobriram o Mexico em 1518. Este paiz, chamado pelos indigenas *Anahuac*, era habitado por povos bem civilizados, cuja civilisação remontava a uma alta antiguidade, como attestam seus monumentos : conheciam a architectura, a pintura, a esculptura, a astronomia, faziam estradas, abriam canaes, e serviam-se de caracteres hieroglyphicos. O principal e o mais poderoso dos povos Mexicanos eram os *Aztecas*, que fundaram em 1525 a cidade do Mexico, que ficou sendo a residencia de seus soberanos, os quaes estenderam a sua dominação sobre todo o paiz. — Fernão Cortez invadiu o Mexico em 1519, á frente de um punhado de aventureiros hespanhoes. Vencedor do estado de Tlascalca, Cortez fez d'elle um aliado, e avançou até a cidade do Mexico, onde foi acolhido em 1520 pelo imperador *Montezuma*. Este principe, feito prisioneiro dos Hespanhoes, pereceu n'uma sedição popular suscitada por sua prisão. Obrigado a retirar-se da capital, Cortez reoccupou-a em 1521 depois de um longo assedio, seguindo-se logo a submissão de todo o paiz. Esta magnifica colonia foi em 1540 erigida em vice-reinado sob o nome de *Nova-Hespanha*. O Mexico forneceu á Hespanha quantidade enorme de ouro e prata, que se expedia pelo porto de Acapulco, e que não contribuiu pouco para tornar a Hespanha a potencia preponderante da Europa. Depois da expulsão dos Bourbons do throno de Hespanha, que foi dado a José Bonaparte, deram-se no Mexico tres tentativas inuteis de independencia, cujos chefes foram Hidalgo (1810), Morelos (1815) e Mina (1816). Em 1821 *Agostinho Iturbide*, general hespanhol, passou-se para os rebeldes, derrotou o vice-rei Apodaca, apoderou-se do Mexico, organisou um governo provisorio, convocou as côrtes e fez-se proclamar imperador em 1822 sob o nome de Agostinho I; mas sendo derribado no anno seguinte, o Mexico constituiu-se em republica federativa. A victoria de Tampico alcançada em 1829

sobre as tropas de Fernando VII assegurou a sua independencia. Desde a sua emancipação o Mexico, assim como as outras colonias hespanholas, tem sido dilacerado pela anarchia e por guerras intestinas. Uma multidão de ambiciosos tem successivamente occupado a presidencia, derrubando-se e guerreando-se mutuamente. Aos males da guerra civil vieram reunir-se os da guerra exterior. Em 1838 os maus tratamentos que soffriam os Francezes no Mexico foram castigados pela tomada do forte de S. João de Ulloa e da cidade de Vera-Cruz. — Em 1846 a annexação do Texas aos Estados-Unidos provocou uma guerra com esta potencia, na qual foram os Mexicanos batidos continuamente, até ser-lhes tomada a sua capital : o Mexico foi forçado a assignar em 1848 o tratado de Guadalupe, pelo qual cedeu aos Estados-Unidos o territorio a E. do Rio Grande do Norte, o Novo-Mexico e a Nova-California. — Em 1862, na presidencia de *Juarez*, a França, Inglaterra e Hespanha mandaram uma expedição ao Mexico, para obter satisfação pelas perdas continuadas que soffria alli o commercio europeu. Não querendo o governo francez aceitar a convenção da Soledade, a Hespanha e a Inglaterra retiraram os seus contingentes. A França enviou então grandes forças ao Mexico e dominou por algum tempo o paiz, impondo-lhe por imperador o archiduque austriaco *Maximiliano*. Este imperio impopular succumbiu em 1867, logo depois da retirada das forças francezas, sendo aprisionado e fuzilado o desditoso principe por ordem de *Juarez*, o qual restabeleceu o governo republicano.

XIX. AMERICA CENTRAL

Os Hespanhoes, quando conquistaram este paiz, acharam-no occupado pelos *Quiches*, descendentes dos Toltecas, antigos habitantes do Mexico. Formou até 1821 uma grande divisão da America Hespanhola com o titulo de capitania geral de Guatemala. Na epocha de sua emancipação (1821) incorporou-se ao Mexico ; constituiu-se depois, em 1824, em republica federativa independente, que durou até 1859, começando então uma guerra civil, cujo resultado foi separarem-se as suas 5 provincias ou estados e formarem 5 republicas distinctas : *Guatemala* a O., *Honduras* ao N., *S. Salvador* e *Nicaragua* ao S., e *Costa-Rica* ao S. E.

XX. REPUBLICA DE VENEZUELA

A costa de Venezuela foi descoberta em 1498 por Christovão Colombo, que lhe deu o nome de *Terra Firme*, mudado depois em

Venezuela (pequena Veneza), por haverem os Hespanhóes encontrado uma grande aldêa de indios estabelecida em um grupo de ilhas do lago Maracaibo. O territorio de Venezuela foi conquistado e colonizado pelos mesmos chefes que conquistaram e colonizaram a Colombia, e formou desde 1550 a capitania geral de Caracas. Em 1811 sublevou-se contra o dominio hespanhol e proclamou a sua independencia, que foi assegurada pelas victorias de Bolivar. Fez parte da republica de Colombia desde 1819 até 1831, constituindo-se então em republica independente, que foi reconhecida pela Hespanha em 1845. Depois da sua emancipação a Venezuela tem sido agitada por muitas revoluções.

XXI. COLOMBIA OU NOVA GRANADA

Christovão Colombo descobriu a *Terra Firme* sem fazer n'ella nenhum estabelecimento. Affonso de Ojeda acompanhado de Americo Vespuccio, na sua viagem de explorações, descobriu o istmo de Darien, onde fundou uma colonia em 1508. Nunes de Balboa descobriu em 1515 o Grande Oceano. Em 1525 Rodrigo Bastidas obteve permissão regia para fazer conquistas desde o cabo de Vela até a fôz do Magdalena, no que foi mal succedido. Em 1536 partiu de Sevilha uma grande expedição debaixo do commando de Gonçalo Ximenes de Quesada, que desembarcou em Santa Martha e continuou a conquista do paiz, o qual foi logo governado por vice-reis como colonia hespanhola, debaixo do nome de *vice-reinado de Nova-Granada*, até a epocha da sua independencia. Depois de uma luta porfiada que durou desde 1811 até 1821, em que se uniram para sacudir o jugo hespanhol o vice-reinado de Nova-Granada, a capitania geral de Caracas (Venezuela), e a presidencia de Quito (Equador), formou-se d'estes tres paizes a republica de Colombia. Esta dissolveu-se em 1831, e voltando á sua antiga divisão, formou as 3 republicas distinctas : de *Venezuela*, *Nova-Granada* e *Equador*. A Nova-Granada tomou em 1861 o nome de *Estados-Unidos da Colombia*.

XXII. PERU E BOLIVIA

Quando os Hespanhóes abordaram pela primeira vez ás costas do Perú em 1525, este paiz formava um imperio poderoso e civilizado, que comprehendia os territorios actuaes do Equador, Perú, Bolivia, e a parte septentrional do Chile. Seus soberanos que passavam por filhos do Sol chamavam-se *Incas*, cuja dynastia fôra fundada por Manco-Capac tres ou quatro seculos antes da chegada

los Hespanhóes. Cuzco era a capital do imperio. A religião dos Peruvianos era o culto do Sol. Os Hespanhóes, sob o commando de Pizarro e de Almagro, aproveitaram-se da rivalidade dos Incas Atahualpa e Huascar para conquistarem o paiz (1526-1533): Huascar pereceu combatendo, e Atahualpa foi á traição aprisionado e morto pelos Hespanhóes. O Perú formou então um vice-reinado hespanhol, e forneceu par tres seculos á metropole uma immensa quantidade de metaes preciosos; mas os Hespanhoes trataram os indigenas com inaudita crueldade, obrigando-os a trabalhos excessivos que os matavam aos milhares. De todas as colonias hespanholas da America, o Perú foi a ultima a arvorar o estandarte da independencia. O general argentino San-Martin, depois de acabar com a dominação hespanhola no Chile, veiu com lord Cochrane expulsar os Hespanhoes do Perú, tomou Lima em 1821, e proclamou a independencia do paiz, que foi consolidada pelas victorias alcançadas em 1824 por Bolivar em Junin, e pelo general Sucre em Ayacucho. Mas a nova republica não tardou a ser theatro de dissensões intestinas, e foi desmembrada em 1825 em duas republicas separadas: a do Alto-Perú, que tomou o nome de *Bolivia*, em honra de Bolivar, e a do Baixo-Perú, que conservou o nome de republica do *Perú*. O general Santa-Cruz, presidente da Bolivia, reuniu em 1836 os dous paizes n'uma confederação, contra a qual se declarou o Chile, e que veiu a dissolver-se em 1839, tornando a formar o Perú e a Bolivia duas republicas inteiramente distinctas.

XXIII. CHILE

Antes da conquista dos Hespanhóes, o Chile fazia nominalmente parte do imperio do Perú, sem lhe estar submettido de facto. Em 1536 Diogo Almagro, companheiro de Pizarro, penetrou no paiz, sem porém poder conquistá-lo. Pedro Valdivia, encarregado em 1540 por Pizarro d'esta empreza, fundou Santiago e varias outras cidades, mas foi vencido e morto em 1553 pelos Araucanos. Os seus successores Villagran e Hurtado de Mendoza continuaram a guerra com estes indomitos selvagens, guerra longa e sangrenta, que foi celebrada pelo poeta Alonso de Ercilla no celebre poema da *Araucana*. Em 1559 Mendoza, senhor já da maior parte do Chile, mandou fundar do outro lado dos Andes as cidades de Mendoza e São João, que formaram com São Luiz as tres capitães da provincia de Cuyo, a qual ficou dependente do governo do Chile até a creação do vice-reinado de Buenos-Ayres em 1776, annexando-se então a este. — O Chile sublevou-se em 1810 contra o dominio hespanhol, que foi ahí restabelecido em 1814 depois da batalha de

Rancagua ganha pelo general hespanhol Osorio. Em 1817 o general San Martin entrou no Chile com um exercito argentino, e libertou o paiz pelas victorias de Chacabuco e Maypú. Apezar de ter experimentado algumas guerras intestinas depois de constituido em republica, o Chile é de todas as republicas hespanholas a que tem gozado de mais paz e tranquillidade, sendo hoje um dos paizes mais civilizados e florescentes da America.

XXIV. REPUBLICA ARGENTINA

O grande estuario do Rio da Prata foi descoberto em 1515 por Dias de Solis, piloto mór de Hespanha, que lhe deu o nome de *mar Doce*. Em 1527 Sebastião Caboto, veneziano ao serviço de Hespanha, explorou o rio Paraná, a que deu a denominação impropria de *Rio da Prata*, a qual depois só coube ao grande estuario. Em 1535 chegou ao Rio da Prata uma grande expedição hespanhola sob o commando de D. Pedro de Mendoza, o qual fundou na margem direita a cidade de Buenos-Ayres. D'ahi foi-se estendendo pouco a pouco a dominação hespanhola sobre todo o paiz até os Andes. O territorio actual da Republica Argentina fez parte do immenso vice-reinado do Perú, e foi depois comprehendido no vice-reinado de Buenos-Ayres ou do Rio da Prata, erigido em 1778, e que abrangia ainda os territorios das actuaes republicas do Paraguay, Uruguay e Bolivia. Em 25 de Maio de 1810 a provincia de Buenos-Ayres insurgiu-se contra a metropole e proclamou a sua independencia, sendo deposto o vice-rei D. Balthazar de Cisneros. A constituição politica do novo Estado só foi promulgada em 1816 pelo congresso reunido em Tucuman, formando-se então a Confederação das Provincias Unidas do Rio da Prata, na qual estavam comprehendidas a Banda Oriental do Uruguay, que fórma hoje uma republica independente, e a provincia de Tarija, que se reuniu á Bolivia. Desde a sua emancipação a Republica Argentina tem sido dilacerada por frequentes revoluções e guerras intestinas. Logo no principio começaram as luctas entre os partidos federalista e unitario. Em 1826 rebentou uma guerra entre a Republica e o Brazil sobre a posse da Banda Oriental do Uruguay, terminando pelo tratado de paz de 27 de Agosto de 1828, que reconhece a independencia do territorio em litigio. As dissensões intestinas favoreceram os projectos ambiciosos do general Manuel Rosas, que foi nomeado em 1829 governador de Buenos-Ayres e exerceu uma verdadeira dictadura desde 1855. Elle resistiu aos esforços combinados da França e Inglaterra que se oppunham ás suas pretensões de dominação exclusiva nas margens do Prata : o combate naval de Oblí-

gado restabeleceu a livre navegação do rio. Em 1851 o general Urquiza, governador de Entre-Rios, alliou-se com o Brazil contra o dictador de Buenos-Ayres. O general Oribe, que por ordem de Rosas sitiava havia 9 annos a praça de Montevidéo, teve de render-se com todo o seu exercito ao conde de Caxias; e a victoria que as forças alliadas alcançaram em Monte-Caseros (Fev. de 1852) obrigou Rosas a fugir e embarcar-se para a Europa. Um congresso reunido em Santa-Fé promulgou em 1853 uma constituição que deixou a cada provincia sua constituição propria, estabeleceu um congresso federal composto de senado e camara dos deputados, e instituiu um presidente eleito por seis annos, chefe do poder executivo. Mas n'esse mesmo anno de 1855 a provincia de Buenos-Ayres separou-se da Confederação para formar um Estado á parte; foi porém obrigada a entrar n'ella de novo em 1859, depois da derrota do seu exercito pelo general Urquiza.

XXV. REPUBLICA ORIENTAL DO URUGUAY

Este paiz com o nome de *Banda Oriental* fez parte do vice-reinado de Buenos-Ayres, durante a dominação hespanhola; libertou-se d'ella em 1814 com o auxilio das tropas argentinas. Durante seis annos foi governado despoticamente por Artigas. Sendo este batido e expulso pelas forças brazileiras, a Banda Oriental foi em 1821 annexada ao Brazil debaixo do nome de *Provincia Cisplatina*. Porém em 1825 o general Lavalleja promoveu alli um levantamento geral, que foi sustentado pela republica Argentina. Esta luta terminou com o tratado de paz firmado no Rio de Janeiro em 1828, pelo qual a Banda Oriental foi erigida em estado independente debaixo da garantia de Inglaterra. Esta pequena republica, que pela sua admiravel posição geographica poderia vir a ser um dos paizes mais florescentes da America do Sul, não tem cessado de ser agitada por revoluções e guerras intestinas, que muito tem impedido o seu desenvolvimento.

XXVI. REPUBLICA DO PARAGUAY

O Paraguay foi descoberto em 1527 por Sebastião Caboto, piloto mór de Hespanha. A civilisação foi alli levada pelos padres Jesuitas, que fundaram nas margens do Paraná e do Uruguay celebres Missões, que foram destruidas em 1768 com a expulsão d'elles. Em 1750, a Hespanha, em cambio da Colonia do Sacramento, cedeu a Portugal o Paraguay, o qual em 1777 voltou para o dominio hespanhol. O Paraguay alcançou a sua independencia em

1811, sem querer ligar-se com as provincias do rio da Prata, a cujo vice-reinado pertencêra. Foi depois governado pelo celebre doutor Francia, que gozou até a sua morte da autoridade a mais absoluta, sendo a sua vontade a unica lei do paiz, e durante cuja dictadura (1814-1840) a entrada do Paraguay foi vedada a todos os estrangeiros, sendo permittido só aos Brazileiros chegar a Itapua para commerciar com esse mysterioso paiz. Depois de Francia governaram successivamente o Paraguay D. Carlos Antonio Lopes (1841-1862), e seu filho D. Francisco Solano Lopes. Este, sem motivo algum plausivel e sem prévia declaração de guerra, invadio em 1864 o Brazil, e em 1865 a republica Argentina; foi porém rechaçado pelas forças alliadas do Brazil e das republicas Argentina e Oriental, que em seguida invadiram e conquistaram o Paraguay, estabelecendo alli um novo governo (1870).

XXVII. INDIA OU HINDOSTÃO

A civilisação da India data da mais remota antiguidade. Os Gregos começaram a conhecê-la mais exactamente depois da expedição de Alexandre Magno. No sec. xi da nossa era os Musulmanos conquistaram o Norte da India, e introduziram alli o islamismo. O conquistador mogol Tamerlão assolou a India em 1598.

Em 1495 descobriram os Portuguezes a passagem para a India pelo cabo da Boa-Esperança, e fundaram na India um imperio poderoso, do qual apenas lhes resta uma bem insignificante parte. Em 1526 um neto de Tamerlão chamado Baber lançou os fundamentos do imperio Mogol, cuja capital foi Delhy. Este imperio estendeu sua dominação sobre quasi toda a India, ficando entretanto muitos districtos debaixo da administração de seus radjahs, como vassallos ou tributarios do Grão-Mogol; as provincias que lhe eram directamente sujeitas eram administradas por *subabs* e *nababs*. Este imperio chegou ao seu apogêo no reinado de Aureng-Zeb, que morreu em 1707. N'essa epocha já os Francezes e Inglezes tinham alguns estabelecimentos na India; os Inglezes só obtiveram preponderancia alli pelo meiado do sec. xviii.

Depois de Aureng-Zeb o imperio Mogol declinou rapidamente. Nadir, shah da Persia, invadio a India, e apossou-se dos immensos thesouros de Delhy; os subabs, nababs e radjahs se sublevaram; e os Mahrates aspiraram ao dominio do paiz. A poderosa Companhia ingleza das Indias aproveitou-se d'essas dissensões, tomou ao principio a defeza do Grão-Mogol, e recebeu d'elle vastas provincias em premio; mas teve que lutar no Sul da peninsula contra Hayder-Ali, nabab do Maissur, e contra Tippu-Saeb seu filho, que morreu em

1799 defendendo Seringapatan. Desembarçados d'este adversario, os Inglezes aprisionaram o Grão-Mogol em seu proprio palacio, e lhe deram uma pensão; submetteram os Mahrates em 1818; e estenderam a sua dominação em todo o Hindostão e nas costas occidentaes da Indo-China. A annexação porém do reino de Oude em 1856 originou uma formidavel insurreição, que pôz por um momento em perigo a dominação ingleza na India; e quando ella foi suffocada, o governo da India passou completamente da Companhia das Indias para a corôa d'Inglaterra.

XXVIII. IMPERIO CHINEZ

O imperio Chinez, chamado por seus habitantes imperio do Meio ou Imperio Celeste, é incontestavelmente o mais antigo de quantos existem, tendo sido fundado mais de 20 seculos antes da era christã. A sua civilisação data de epocha muito remota; porém isolados sempre das outras nações os Chinezes permaneceram estacionarios nas artes e sciencias. Para se livrarem das incursões dos Tartaros, os Chinezes construíram no 5.º seculo antes de J. C. uma alta muralha de 2,400 kilom. de extensão, que ainda subsiste e que não os pôde proteger. Pelo anno 1260 os Mongoles commandados por Kublai-Khan, neto de Gengis-Khan, conquistaram a China, que foi governada pelos seus descendentes até o anno 1568, em que foram por fim expulsos, subindo ao throno uma dynastia nacional (a dos *Ming*). Em 1644 os Tartaros Mandchús conquistaram a China, adoptaram seus usos e costumes, e fundaram uma dynastia que ainda hoje reina, a dos *Tsing*.

O Christianismo foi no sec. xvi introduzido na China pelos Jesuitas, que ensinaram ao mesmo tempo aos Chinezes as artes e sciencias do Occidente e fizeram conhecido na Europa o Celeste Imperio. Depois de gozarem por algum tempo de grande credito na côrte, foram expulsos no sec. xviii, e desde então o Christianismo tem sido perseguido na China, sem comtudo perecer, graças ao zelo heroico dos missionarios catholicos.

Fecharam-se então aos Europeos todos os portos da China, excepto Cantão. Os Inglezes pelo tratado de *Nankin* em 1842 adquiriram a ilha de *Hong-Kong* na bahia de Cantão, e fizeram abrir ao commercio, além de Cantão, os 4 portos de *Amoy*, *Fu-tcheú*, *Shanghai* e *Ning-po*. Por provocações das autoridades chinezas de Cantão, a Inglaterra e a França uniram-se em 1856 para fazer a guerra a China. As forças alliadas tomaram Cantão em 1857, e forçaram em 1858 a entrada do rio *Pei-ho*, e chegaram á cidade de *Tien-tsin*. Foi ahi que os Chinezes assustados concluíram com a Inglaterra, a

França, a Russia e os Estados-Unidos tratados separados, que abriram emfim a China aos estrangeiros e prometiam o livre exercicio da religião christã. Mas a esquadra que acompanhava os embaixadores inglez e francez, que se dirigiam pelo rio Pei-ho a Pekin para a ratificação do tratado de Tien-tsin, foi atraçoeramente atacada em 1859 e repellida pelos Chinezes. Uma nova expedição anglo-franceza vingou este insulto, tomando Pekin, onde se assignou um tratado confirmando o de Tien-tsin.

XXIX. JAPÃO

O Japão, cuja existencia Marco Polo revelou á Europa no seculo XIII, foi descoberto em 1542 pelos Portuguezes. Seus missionarios conduzidos por S. Francisco Xavier introduziram alli o Christianismo, que fez rapidos progressos, mas no principio do seculo seguinte foi elle extincto no sangue de seus neophytos. Os Portuguezes foram expulsos, e desde 1658 o imperio foi fechado aos estrangeiros, á excepção dos Chinezes e dos Hollandezes : estes só tinham direito de commerciar em *Nagasaki*. Em 1855 os Estados-Unidos obtiveram o direito de commerciar com o Japão, o qual direito foi depois concedido a outros paizes.

Ha ainda pouco tempo o Japão era governado por dous chefes : um espirital, o *Mikado*, que era o imperador e residia em Miako; outro temporal, o *Taicum*, que tinha todo o poder militar e civil, e cuja residencia era em Yedo. Pela revolução de 1867 foi este deposto, e o Mikado foi reconhecido como unico imperante, ao qual se submetteram todos os principes feudaes chamados *daimios*.

DATAS MEMORAVEIS DA HISTORIA MODERNA

- | | |
|--|--|
| 1492. Colombo descobre a America. | 1762-1796. Catharina II da Russia. |
| 1500. Alvares Cabral descobre o Brazil. | 1775. Extinção da Companhia de Jesus. |
| 1545-1565. Concilio de Trento. | Guerra da indep. dos Est. Unidos. |
| 1556. Abdicação do imperador Carlos V. | 1789. Revolução franceza. |
| 1571. Batalha naval de Lepanto. | 1799. Napoleão Bonaparte consul. |
| 1578. Batalha de Alcaeer-Quibir. | 1801. Napoleão I imperador. |
| 1580. Portugal sob o dominio hespanhol. | 1815. Bat. de Waterloo. Trat. de Vienna. |
| 1618-1648. Guerra dos Trinta annos. | 1822. Independencia do Brazil. |
| 1640. Portugal sacode o jugo hespanhol. | 1830. Luiz Philippe rei dos Francezes. In- |
| 1645-1715. Luiz XIV rei de França. | dependencia da Belgica. |
| 1648. Tratado de paz de Westphalia. | 1848. Revolução franceza. |
| 1649. Morte de Carlos I de Inglaterra. | 1852. Napoleão III imp. dos Francezes. |
| 1688. Revolução na Inglaterra : Guilher- | 1854. Guerra do Oriente; Seba-topol. |
| me III principe de Orange. | 1859. Guerra de Italia; Solferino, etc. |
| 1701. Guerra da successão de Hespanha. | 1861. Pro laminação do reino de Italia. |
| 1709. Pedro o Gr. victorioso em Poltava. | 1861-65. Guerra civil dos Estados-Unidos. |
| 1715. Tratado de paz de Utrecht. | 1864-70. Guerra do Paraguay. |
| 1741. Guerra da successão d'Austria. | 1866. Guerra entre a Prússia e a Austria. |
| 1756-1765. Guerra dos Sete annos. | 1870. Guerra entre França e Allemanha. |

PEQUENO TRATADO DE MYTHOLOGIA

A *Mythologia* é a historia fabulosa das divindades do paganismo. O seu estudo é mui util, porque nos faz ver os erros monstruosos em que caíram as nações mais cultas da antiguidade (os Gregos, os Romanos, os Egypcios, etc.), e nos prova assim o quanto devemos ao Christianismo que veio dissipar trevas tão espessas. Além de que o conhecimento da *Mythologia* nos facilita o estudo dos autores antigos, sobretudo dos poetas, e nos permite entender e apreciar as obras de pintura e de esculptura inspiradas pelas ficções do paganismo. Trataremos aqui só da *Mythologia* grega e romana, a qual dividimos em tres partes : na 1^a fallaremos das divindades de primeira ordem ; na 2^a das divindades de segunda ordem e das divindades allegoricas, e na 3^a dos heroes e semi-deoses.

I. — Divindades de primeira ordem.

O Destino. — Os pagãos collocavam acima de todos os Deoses o Destino, divindade cega que governava tudo por uma necessidade inflexivel e inevitavel e cujos decretos eram irrevocaveis.

O Chaos. — Presidia a essa massa informe em que todos os elementos estavam confundidos e da qual se formou o mundo. Tinha-lhe por esposa a Noite, e por filhos o Céu ou Urano e a Terra.

Saturno. — Era filho do Céu (ou Urano) e da Terra. A ambição de reinar o levou a desthronar seu pai, e *Titan*, seu irmão mais velho, deixou-o gozar tranquillamente da corôa, com a condição de não criar os filhos machos que lhe nascessem e de os devorar, a fim que o soberano poder viesse a recair nas mãos do mesmo Titan, e passasse á sua posteridade. Todavia Cybele, mulher de Saturno, achou meios de subtrahir á crueldade de seu marido seus tres filhos Jupiter, Neptuno e Plutão. Informado d'isto, Titan armou-se contra seu irmão e o metteu n'uma estreita prisão; mas Jupiter o livrou e o restabeleceu no throno. Expulso depois do céu por seu filho, Saturno refugiou-se na Italia, onde reinava *Jano*, que o acolheu benignamente. Ensinou alli a agricultura aos homens, e o tempo que passou n'aquelle paiz foi chamado *idade de ouro*. Saturno gratificou a Jano o beneficio que lhe fizera, dando-lhe o conhecimento do passado e do futuro, motivo porque o pintam com duas caras, voltada uma para o passado e a outra para o futuro.

Representa-se Saturno sob a figura de um velho com azas, tendo n'uma mão uma ampulheta e na outra uma foice, por ser o symbolo do Tempo, que é antiquissimo, passa depressa e tudo destrôe.

Cybele. — Era irmã e mulher de Saturno. Chamavam-na a *mãe dos deoses*, e davam-lhe o sobrenome de *Rhéa*. Logo que nasceu, expozeram-na n'um bosque, onde foi criada por feras. Representa-se Cybele, que era o symbolo da Terra, sob a figura de uma mulher robusta coroada de torres e folhas de carvalho, trazendo chaves nas mãos para denotar os thesouros que a terra encerra no seu seio, com o vestido semeado de flores, e sentada n'um carro puxado por leões.

Jupiter, o rei dos deoses e dos homens, era filho de Saturno e de Cybele, e foi criado na ilha de Greta pela cabra Amalthéa. Tirou o reino a seu pai e o repartiu com seus irmãos Neptuno e Plutão : deu ao primeiro o imperio do mar, a este o dos infernos, e reservou para si o do céu. Era no Olympo que presidia o conselho dos deoses. — Jupiter não gozou sempre em paz do soberano poder. Titan subleu contra elle os Gigantes, filhos da Terra, que tentaram escalar o céu sobrepondo montanhas umas ás outras, mas foram afinal vencidos. — Tendo *Prometheu*, filho de Japeto, formado algumas estatuas de homens e roubado fogo do céu para animal-as, Jupiter, irritado de tanta audacia, mandou atal-o ao monte Caucaso para que um abutre lhe devorasse as entranhas. Os outros deoses reuniram-se depois para formarem uma mulher, que foi chamada *Pandora*, a qual cada um d'elles enriqueceu com um dom particular : Minerva lhe deu a sabedoria, Venus a formosura, Apollo o talento da musica, Mercurio a eloquencia, etc. Jupiter quiz tambem fazer-lhe um presente, e entregou-lhe uma caixa fechada com ordem de levar-a a uma pessoa que elle designou. Pandora não pôde resistir á curiosidade; abriu a caixa, e logo no mesmo instante todos os males da natureza, que n'ella se achavam encerrados, saíram a inundar a terra; a esperanza só ficou no fundo. A fabula conta do rei dos deoses muitas metamorphoses e um semnumero de acções as mais infames e abominaveis, que escusa aqui referir. Jupiter é de ordinario representado sob a figura de um homem magestoso, sentado n'um throno de ouro ou de marfim, com raios na mão direita, e uma estatua da victoria na esquerda, e com uma aguia ao pé.

Juno. — Era irmã e mulher de Jupiter, e como tal rainha dos deoses. Presidia aos casamentos e partos sob o nome de *Lucina*, e dava os sceptros e coroas. Era em extremo altiva, ciumenta, invejosa, e de um odio e colera implacavel. Representa-se esta deosa sentada n'um throno, com um diadema na cabeça, segurando n'uma mão o sceptro, e na outra um fuso, e tendo ao pé de si um pavão, que era a sua ave favorita. *Iris* era a sua mensageira e confidente.

Ceres e Proserpina. — Ceres era irmã de Jupiter e de Juno, e deusa da agricultura. Foi ella quem primeiro ensinou o uso do pão aos homens, que d'antes se sustentavam de bolota. Eram celebres as festas que em sua honra se celebravam em Eleusis perto de Athenas, e d'ahi lhe veiu o nome de *Eleusina*. Roubando-lhe Plutão sua filha Proserpina, Ceres accendeu fogueiras sobre o monte Etna para podel-a procurar tambem de noite. Jupiter, para a consolar, ordenou que Proserpina passasse seis mezes do anno sobre a terra em companhia de sua mãe, e os outros seis nos infernos com seu marido Plutão. Representam-na coroada de espigas, com um podão n'uma mão, e com um mólho de espigas ou de dormideiras na outra.

Apollo ou Phebo, deos do dia, da poesia, da musica, das artes e sciencias, era filho de Jupiter e de Latona. Nasceu na ilha de Delos, e apenas saído do berço, matou a frechadas a serpente Python. Irritado com a morte de seu filho *Esculapio*, deos da medicina, a quem Jupiter fulminara, matou os Cyclopes que lhe forjavam os raios. Expulso por isto do céo, refugiou-se na côrte de Admeto, que lhe deu seus rebanhos a guardar; construiu depois com Neptuno os muros de Troia. Admittido de novo no céo, foi por Jupiter incumbido de conduzir o carro do Sol. Tendo um dia permitido a seu filho *Phaetonte* guiar este carro, os cavallos tomaram o freio nos dentes e a terra ia ser inteiramente abrazada, quando Jupiter fulminou o joven temerario e o precipitou no Eridano, rio da Italia. Apollo dirigia o coro das Musas e habitava com ellas o cume do Parnaso, do Pindo e do Helicon. Costumava montar no cavallo Pégaso, symbolo do estro poetico. Foram-lhe erigidos muitos templos na Grecia e na Italia; entre os seus oraculos o mais celebre era o de Delphos. Celebravam-se em sua honra os jogos Pythicos em Delphos, e os jogos Apollinares em Roma. Representa-se Apollo sob a fórma de um formoso mancebo imberbe, coroado de louro, com longos cabellos cercados de uma aureola luminosa, e tendo na mão ora um arco, ora uma lyra.

Diana, deusa da caça, era filha de Jupiter e Latona, e irmã de Apollo. Chamava-se no céo *Lua* ou *Phebe*, na terra *Diana*, e *Hecate* nos infernos. Occupava-se em correr os bosques acompanhada de multidão de Nymphas, armadas como ella de arco e aljava. Chamavam-na a casta Diana, por não ter jámais querido casar-se. E' representada com um crescente na cabeça, tendo ás costas uma aljava, e na mão um arco, e com um cão ou uma corça ao lado. O mais famoso de seus templos era o de Epheso, que passava por uma das sete maravilhas do mundo.

Mercurio, filho de Jupiter e da nympha Maia, era o deos da eloquencia, do commercio e dos ladrões; desempenhava tambem as

funções de mensageiro dos deoses, e conduzia as almas dos mortos aos infernos. Desde criança tornou-se notavel por sua destreza : roubou a Neptuno o tridente, a Marte a espada, a Venus o cinto, a Apollo o arco, a aljava e a lyra, e serviu-se d'esta para adormecer Argus, a quem Juno confiara a guarda de Io transformada em vacca. Representam-no como um bello mancebo, com azas na cabeça e nos calcanhares, tendo n'uma mão um caduceu (vara com duas serpentes enroscadas), e na outra uma bolsa.

Minerva, deosa da sabedoria, das artes e da guerra, era filha de Jupiter, de cujo cerebro saiu toda armada; como deosa da guerra davam-lhe o nome de *Pallas*. Disputou a Neptuno a honra de dar o nome á cidade que Cecrops acabava de fundar na Attica : esta honra estava reservada a quem fizesse á cidade o presente mais util. Neptuno feriu a terra com o tridente e fez d'ella sair um magnifico corcel, symbolo da guerra; Minerva com o toque da sua lança fez nascer a oliveira, symbolo da paz e da abundancia; coube a victoria a Minerva, que pôz á cidade o nome de Athenas (que não é senão o nome da deosa em grego). Minerva é representada com um capacete na cabeça, trazendo no braço esquerdo um escudo chamado *egide*, em que se via a cabeça de Medusa, e na mão direita uma lança, e tendo ao pé de si uma curuja e varios instrumentos mathematicos.

Marte, deos da guerra, era filho de Jupiter e Juno, ou só de Juno, segundo outros. Era venerado com culto mui particular entre os Thracios e os Romanos. Estes o consideravam por pai de Romulo e Remo, fundadores de Roma, e deram o seu nome ao primeiro mez do anno, que era o mez de Março. Marte foi amante de Venus, com quem Vulcano, seu esposo, o surpreendeu, e envolveu ambos n'uma rede. Na guerra de Troia foi ferido por Diomedes. Representam-no como um guerreiro de aspecto medonho, armado de ponto em branco, tendo junto de si um gallo, symbolo da vigilancia militar e do ardor no combate.

Vulcano, deos do fogo e dos ferreiros, era filho de Jupiter e de Juno. Como era mui feio e disforme, seu pai o lançou do céu a pontapés, e elle caiu na ilha de Lemnos, ficando coxo da queda. Vulcano estabeleceu forjas n'esta ilha, nas de Lipari e nas cavidades do monte Etna; era elle quem forjava os raios de Jupiter. Os *Cyclopes*, gigantes de um só olho, eram os seus officiaes. Produziu obras maravilhosas : construiu o palacio do sol e o throno de Jupiter, fabricou as armas de Achilles, de Eneas, o sceptro de Agamemnon, etc. Apezar de sua fealdade, conseguiu casar com Venus. Pinta-se Vulcano com um boné conico na cabeça, e tendo nas mãos um martello e uma tenaz.

Baccho, deos do vinho, era filho de Jupiter e de Semele. Foi criado por sua tia Ino, e educado pelas Musas e por Sileno. Na guerra dos Titans com os deoses, transformou-se em leão e obrou prodigios de valor. Conquistou depois a India á frente de um numeroso exercito, que levava por armas thyrsos e tambores; e percorreu a maior parte da Asia e o Egypto, ensinando a agricultura, sobretudo o modo de tratar as vinhas. Baccho desposou Ariadne, que elle encontrou na ilha de Naxos, onde fôra abandonada por Theseu. Representam-no sob as feições de um bello joven, com cornos na cabeça, symbolo da força, e uma pelle de tigre aos hombros, coroado de párras ou de hera, segurando n'uma mão cachos de uvas ou uma taça, e na outra um thyrsos, de que se servia para fazer brotar fontes de vinho. Pintam-no algumas vezes sentado sobre um tonel ou n'um carro puxado por tigres, leões ou pantheras. O velho Sileno, os satyros e as bacchantes formam o seu cortejo.

Venus, deosa da formosura e do amor, nasceu segundo uns da espuma do mar, segundo outros de Jupiter e de Dione, uma das nymphas do Oceano. Logo que nasceu, Zephyro a levou para a ilha de Chypre, onde as Horas se encarregaram de a educar. Acolhida depois no céo, os deoses contenderam entre si sobre quem a desposaria; mas Jupiter deu-a a Vulcano em recompensa de lhe haver este forjado os raios contra os gigantes que pretenderam escalar o céo. Dos muitos filhos que a Fabula attribue a Venus, nenhum nasceu d'este casamento; todos foram fructos de suas infidelidades: ella teve as Graças de Jupiter, Hermaphrodito de Mercurio, Priapo e Hymeneo de Baccho, Enéas de Anchises, Harmonia e Amor de Marte, etc. Enamorou-se tambem do bello Adonis, a quem transformou em anemona, quando foi morto na caça por um javali. Vulcano, tendo-a surpreendido com Marte, os envolveu n'uma rede e os expôz á zombaria dos deoses. Ella obteve de Paris o premio da belleza, que lhe disputavam Juno e Minerva. Na guerra de Troia, declarou-se pelos Troianos, e foi ferida levemente por Diomedes. Os Romanos, que pretendiam descender d'ella por via de Enéas, tinham-na em grande veneração. Ella era adorada com especialidade na ilha de Chypre (em Paphos, Amathonte, Idalia, etc), na ilha de Cythera e em Cnido. Representa-se, umas vezes, saindo do mar sobre uma concha; outras vezes, n'um carro puxado por pombas ou cysnes, tendo ao lado seu filho Cupido, e rodeada das tres Graças.

Vesta, deosa do fogo e da virgindade, era filha de Saturno e de Cybele. Numa Pompilio, 2º rei de Roma, levantou-lhe um templo, em que se conservava perpetuamente acceso o fogo sagrado. Este cuidado estava confiado ás *Vestaes*, as quaes, se o deixavam apagar ou faltavam ao voto de virgindade, eram enterradas vivas.

Neptuno. — Era filho de Saturno e de Cybele, e irmão de Jupiter, o qual, na partilha do universo, lhe deu o imperio do mar. O seu sceptro era um tridente, que lhe servia para agitar ou calmar as ondas. Casou com *Amphitrite*, filha de Nereu, e teve d'ella muitos filhos, entre outros os Tritões. Expulso do céu com Apollo por se haverem ligado contra Jupiter, levantaram então para Laomedonte os muros de Troia; puniu depois este rei com uma grande inundação, por haver recusado pagar-lhe o salario ajustado. Jovimos como elle disputou a Minerva a honra de pôr nome a Athenas, e como n'essa occasião com um golpe de tridente fez sair da terra o cavallo, symbolo da guerra, pelo que este animal lhe era especialmente consagrado. Na guerra de Troia tomou o partido dos Gregos. Em sua honra celebravam-se na Grecia os jogos Isthmicos, instituidos por Theseu. Representa-se Neptuno em pé sobre um carro em fôrma de concha, puxado por cavallos marinhos, com o tridente na mão, e cercado de Tritões e Nereidas.

Plutão, deos dos infernos, era filho de Saturno e Cybele, e irmão de Jupiter e Neptuno. Teve por esposa *Proserpina*, filha de Ceres, que elle roubara estando ella a colher flores nos campos de Enna na Sicilia. Representam-no, umas vezes sentado n'um throno de ebano, empunhando na mão direita uma especie de sceptro armado de duas pontas, e tendo na esquerda as chaves dos infernos; outras vezes, n'um coche puxado por cavallos pretos.

Havia nos infernos cinco rios: o *Acheronte*, cujas aguas eram lodosas e amargas; o *Cocyto*, alimentado com as lagrimas dos condemnados; o *Phlégeton*, que cercava o Tartaro e cujas aguas eram chammas liquidas; o *Styge*, pelo qual juravam os deoses, e que dava nove voltas em roda dos infernos; e o *Lethes*, cujas aguas tinham a virtude de fazer esquecer o passado a quem d'ellas bebia. As almas passavam estes rios na barca do velho *Charonte*, a quem pagavam certa moeda. A' entrada dos infernos achava-se o feroz *Cerberos*, cão de tres cabeças. As almas eram depois apresentadas ao tribunal dos tres juizes, *Minos*, *Eaco* e *Rhadamanto*, que decidiam da sua sorte, mandando-as ou para os Campos Elyseos, morada dos justos, ou para o Tartaro, prisão dos máos. Estes eram ali atormentados horrivelmente pelas *Furias* ou *Euménides*, tilhas do Acheronte e da Noite, cujos nomes eram, *Alecto*, *Megera* e *Tisíphone*. Havia alli tambem as *Parcas*, que fiavam a vida e destino de todos os homens; eram tres, a saber: *Clotho*, que pegava na roca, *Lachesis*, que trabalhava com o fuso, e *Atropos*, que cortava o fio com a tesoura fatal.

II. — Divindades de segunda ordem.

Musas. — Eram nove irmãs, filhas de Jupiter e de Mnemosyne, deusa da memoria. Presidião ás sciencias, lettras e artes. *Calliope* presidia á epopéa; *Clio* á historia; *Erato* á poesia erotica; *Melpomene* á tragedia; *Thalia* á comedia; *Terpsichore* á dança; *Euterpe* á musica; *Polymnia* á poesia lyrica, e *Urania* á astronomia. As Musas eram virgens, e habitavam com Apollo os montes Parnaso, Pindo, Helicon e Pierio. O rio Permesse e as fontes de Castalia e Hippocrene lhes eram consagradas.

Graças. — Eram tres irmãs, filhas de Jupiter e de Eurynome, e companheiras de Venus; chamavam-se *Aglaia*, *Thalia* e *Euphrosyna*. Representam-se nuas e com as mãos dadas umas ás outras.

Cupido ou o *Amor* era filho de Marte e Venus. Representa-se sob a figura de um menino nú, malicioso, com os olhos vendados, trazendo azas, e armado de arco e aljava cheia de settas.

Bellona, deusa da guerra e irmã de Marte, conduzia o carro d'este deos quando partia para a guerra. Pinta-se com um azorague ou vara tinta de sangue, os cabellos soltos e olhos em fogo.

Pluto, deos das riquezas, era filho de Ceres e Jasion, e ministro de Plutão. Representam-no cego e com uma bolsa na mão.

Deoses manes. — Eram as almas dos mortos consideradas como divindades infernaes. As sepulturas lhes eram consagradas.

Aurora, filha de Titan Hyperion e da Terra, era a deusa que abria as portas do dia. Casou com Tithon e foi mãe de Memnon, que pereceu no cerco de Troia, e por cuja morte ella verteu copiosas lagrimas, que formam o orvalho da manhã. Os poetas lhe dão dedos de rosa e um carro puxado por cavallos brancos.

Hebe, deusa da mocidade, filha de Jupiter e de Juno, era quem servia o nectar aos deoses, cargo que depois foi dado a Ganymedes. Juno deu-a em casamento a Hercules.

Ganymedes era um joven de grande belleza, filho de Tros, rei de Troia. Foi arrebatado ao céu pela aguia de Jupiter.

Hymen ou **Hymeneu**, filho de Baccho e de Venus, presidia ao casamento. Representam-no com um archote e um véo branco.

Themis, deusa da justiça, era filha do Céu ou Urano e da Terra. Representam-na com os olhos vendados tendo uma balança n'uma das mãos, e na outra uma espada nua.

Astréa, filha de Themis, presidia tambem á justiça. Habitou a terra durante a idade de ouro; mas os crimes dos homens a forçaram a voltar ao céu, onde fórma o signo da Virgem.

Nemesis, a deusa da vingança, era filha de Jupiter e da Necessidade, ou do Oceano e da Noite. Chamava-se tambem *Adrastéa*.

As Horas eram filhas de Jupiter e de Themis. Presidião ás estações do anno, e abriam e fechavam as portas do Olympo.

Iris, filha do centauro Thaumás e de Electra, era a mensageira dos deoses, sobretudo de Juno, que a mudou em arco-iris.

Psyche, moça da mais rara belleza, inspirou tal paixão em Cupido que este veiu casar com ella e lhe deu a immortalidade.

Echo, nympha filha do Ar e da Terra, foi por uma vingança de Juno privada da falla, podendo só repetir as ultimas palavras que se lhe dirigiam. Vendo-se desprezada de Narciso, de quem era amante, buscou o retiro das grutas e dos bosques, onde morreu de pena e foi metamorphoseada em rochedo.

Narciso, filho do rio Cephiso e da nympha Liriope, ficou tão namorado da sua propria figura que viu n'uma fonte, que morreu d'essa paixão, e foi transformado na flôr do seu nome.

Como, deos da alegria e dos festins, é representado sob a figura de um joven gordo, com a fronte coroadada de rosas.

Momo, deos da zombaria, era filho do Somno e da Noite. Criticava tudo e a ninguém poupava, pelo que foi expulso do céo.

O Somno era filho da Noite, irmão da Morte e pai dos Sonhos. O principal d'estes, *Morpheu*, adormecia aquelles em quem tocava com dormideiras, e era representado com azas de borboleta.

As Harpias, filhas de Thaumás e de Electra, ou de Neptuno e da Terra, eram tres monstros com cara de mulher velha e corpo de abutre, que arrebatavam e infectavam as iguarias das mezas.

Divindades maritimas.

O Oceano era filho do Céo e da Terra, marido de Tethys e pai dos Rios, das Fontes e de 3000 Nymphas chamadas *Oceanides*.

Nereu era filho do Oceano e de Tethys, e esposo de Doris.

Proteu, filho de Neptuno e da nympha Phenice, ou do Oceano e de Tethys, era o pastor dos rebanhos marinhos de Neptuno. Conhecia o futuro, porém não o revelava senão á força, tomando mil fórmas diversas para escapar aos que o consultavam.

Os **Tritões**, filhos de Neptuno e de Amphitrite, tinham figura de homem na parte superior do corpo, e de peixe da cintura para baixo. Precediam o carro de Neptuno e tocavam buzios.

As Nereidas eram Nymphas filhas de Nereu e de Doris, que socorriam os navegantes nos temporaes. Além d'estas e das Oceanides, havia outras sortes de Nymphas, a saber: as *Náiades*, que viviam nos rios e fontes; as *Dryadas*, *Hamadryadas* e *Napeas*, nos bosques e prados; e as *Oreidas*, nos montes.

As Sereias, da cintura para cima eram lindas mulheres, e peixe no resto do corpo. Com o seu suave canto attrahiam os incautos navegantes e os faziam perecer nas ondas.

Eolo, deos dos ventos e das tempestades, era filho de Jupiter, e reinava nas ilhas Eolias (hoje de Lipari). Os nomes dos quatro ventos principaes eram: *Bóreas*, que soprava do Norte; *Austro*, do Sul; *Euro*, do Nascente, e *Zephyro*, do Poente.

Glauco era um famoso pescador da Beocia, que se lançou ao mar depois de comer de certa planta maravilhosa, e foi convertido em deos marinho e recebeu o dom de prophecia.

Divindades campestres.

Pan, deos dos pastores e dos rebanhos, era filho de Jupiter e da nympha Callisto; passava por inventor da frauta. Foi amante infeliz das nymphas Echo e Syrinx. Representam-no com cornos na cabeça e pés de bode. Era venerado particularmente na Arcadia. Celebravam-se em Roma em sua honra as festas *Lupercaes*. O povo na Grecia acreditava que Pan fazia aparições subitas, que infundiam grande terror, e d'ahi vem o dizer-se *terror panico*.

Pales era a deosa dos pastores entre os Romanos. As suas festas chamadas *Palilia* eram celebradas a 21 de Abril, dia da fundação de Roma. N'este dia purificavam-se os curraes e gados.

Fauno reinou no Lacio depois de seu pai Pico. Os Latinos o honraram como deos, por lhes haver ensinado a agricultura. Elle foi pai dos *Faunos*, divindades rusticas que habitavam os campos e bosques, e se representam com cornos e pés de cabra.

Sylvano, deos dos bosques, representa-se com um ramo de cy-preste na mão. Confundem-no ás vezes com Pan e Fauno.

Os Satyros eram deoses campestres, metade homens e metade cabras, com cornos. Formavam o sequito de Baccho. Os Satyros avançados em idade tomavam o nome de *Silenos*.

Flora era a deosa das flores e da primavera, e mulher de Zephyro. Representa-se ornada de grinaldas, tendo ao pé de si cestos de flores. Suas festas chamavam-se *jogos floraes*.

Pomona era a deosa dos fructos e mulher de *Vertumno*, deos do outono, o qual se transformara em uma velha para aconselhal-a a amal-o. Representa-se Pomona coroada de parras e cachos de uvas, e trazendo nas mãos uma cornucopia.

Priapo, filho de Baccho e de Venus, era o deos dos jardins e dos pomares, e presidia á fecundidade dos campos e á prosperidade dos rebanhos. Era particularmente honrado em Lampsaco, sua patria. Suas festas eram mui licenciosas. Representa-se com chifres e pernas de bode, tendo uma pequena fouce ou uma vara na mão.

Termino era o deos tutelar dos limites dos campos; em sua honra se celebravam as festas *terminaes*. Representava-se por uma pedra quadrada simples ou sustentando um busto humano.

Divindades domesticas.

Lares. — Eram os deoses protectores da casa, da familia, e guardas do lar domestico. Figuravam-se em umas pequenas estatuas, que se guardavam no interior das casas com muita veneração. Tambem havia Lares publicos, que presidiam aos caminhos e se chamavam *Viales*; outros presidiam ás encruzilhadas e se chamavam *Compitales*.

Penates. — Eram os deoses protectores das cidades e das familias. Confundem-se de ordinario com os Lares.

Genios. — Julgavam os antigos que cada homem, cada familia, cada logar, cada cidade, cada paiz tinha o seu Genio tutelar incumbido da sua conservação. Admittiam tambem que cada pessoa tinha dous Genios, um bom que inspirava o bem; outro mau que induzia para o mal. No anniversario do nascimento de qualquer, se lhes faziam sacrificios de flores, vinho, incenso, etc.

Divindades allegoricas.

As diversas qualidades dos homens, suas inclinações boas ou más, suas paixões, suas virtudes, seus vicios, suas situações, felizes ou infelizes, etc., foram personificadas e divinizadas pelos antigos, apresentando-as como seres superiores ao homem e capazes de influir nos seus destinos. Taes são as seguintes divindades allegoricas: a Fortuna, a Paz, a Concordia, a Honra, a Fama, a Liberdade, a Victoria, a Verdade, a Virtude, a Justiça, a Pudicicia, a Misericordia, a Discordia, a Vingança, a Inveja, a Preguiça, a Velhice, a Pobreza, a Febre e outras doenças, a Fome, o Medo, a Necessidade, o Silencio, etc. Poder-se-iam citar infinidade de outras divindades allegoricas, inventadas pelos poetas, cuja imaginação, não menos desregrada que fecunda, tem divinizado, não só os talentos e virtudes, mas até as paixões as mais criminosas, e os vicios os mais abjectos e infamantes.

III. — Dos heroes e semi-deoses.

Davam os Gregos o nome de *heroes* aos grandes homens que se haviam assignalado por uma força prodigiosa, ou que se illustraram por bellas acções e por serviços prestados á sua patria ou á humanidade. Rendiam-se-lhes honras divinas, e o seu culto consistia geralmente em ceremonias funebres. Esta mania de endeosar os mortaes perpetuou-se debaixo dos imperadores romanos, cuja apothese costumava celebrar-se logo depois de mortos. Os principaes heroes da Grecia foram: Perseu, Hercules, Theseu, Jasão e os Argonautas. Castor e Pollux, Cadmo, Orpheu, Arion, Amphion, Bellerophonte, e os guerreiros que se distinguiram nas duas guerras de Thebas e no cerco de Troia.

Persu era filho de Danae, que Jupiter seduziu metamorphosando-se em chuva de ouro. Abandonado ás ondas com sua mãe por ordem de seu avô Acrisio, aportou á ilha de Seriphos, onde foi acolhido pelo rei Polydecto. Salvou depois sua mãe da brutalidade d'este príncipe, venceu as Gorgonas e cortou a cabeça a Medusa; viu nascer Pegaso do sangue que acabava de derramar, e montado n'este cavallo, livrou Andromeda, exposta ao furor de um monstro marinho, e a desposou. Tendo ido a Larissa tomar parte nos jogos publicos, matou ali sem querer a Acrisio, succedeu-lhe no throno de Argos e fundou Mycenae.

Hercules, filho de Jupiter e de Alcmena, mulher de Amphitryão rei de Thebas, foi o mais famoso dos heroes da Grecia. Nasceu em Thebas, e ainda no berço afogou nos braços duas enormes serpentes mandadas por Juno para devoral-o. Foi instruido em todas as artes pelos mais habéis mestres, sobretudo pelo centauro Chiron, e veio a ter uma estatura agigantada e uma força sobre-humana. Obrigado pelo destino a obedecer a seu primo Eurystheu rei de Mycenae, obrou aquellas celebres façanhas conhecidas pelo nome dos *doze trabalhos de Hercules*, a saber: 1º afogou em seus braços o leão da selva de Neméa, com cuja pelle se cobriu; 2º matou a hydra de Lerna, que tinha sete cabeças, que renasciam ao passo que as derrubava; 3º levou vivo a Eurystheu o javali de Erymantho; 4º alcançou na carreira a corça do monte Ménalo, que tinha pontas de ouro e pés de bronze; 5º livrou a Arcadia das aves monstruosas que cobriam o lago Styphalo; 6º venceu as Amazonas e fez prisioneira a sua rainha; 7º mudou o curso do rio Alpheu para limpar os curraes de Augias rei da Elida; 8º subjugou o touro de Creta que lançava chammias pelas ventas; 9º matou a Diomedes, rei da Thracia, por elle sustentar os seus cavallos de carne humana; 10º venceu a Geryão, que tinha tres corpos, e tomou-lhe seus bois; 11º roubou os pomos de ouro do jardim das Hespérides, que eram guardados por um dragão com cem cabeças; 12º desceu aos infernos, prendeu Cerbero e livrou seu amigo Theseu. A Fabula lhe attribue muitas outras façanhas: suffocou o gigante Anteu; matou o ladrão Caco e o centauro Nesso, o qual lhe queria raptar sua mulher Dejanira; tomou Troia e matou seu rei Laomedonte; separou os montes Calpe e Abyla, que ficaram formando as *columnas de Hercules* (estreito de Gibraltar); etc. Dejanira, n'um accesso de ciúmes, enviou a Hercules a tunica ensanguentada do centauro Nesso, que estava envenenada. O heroe, ao vestil-a, sentiu correr pelas veias um fogo abrazador, e vencido pela dor, precipitou-se n'uma fogueira que preparara no cume do monte Eta. Admittido no Olympo depois de sua morte, desposou ali Hebe,

deosa da mocidade. Representa-se Hercules sob a figura de um homem robusto, armado de uma maça e coberto com a pelle do leão de Neméa. Os jogos Olympicos foram por elle instituidos.

Theseu, heroe atheniense, era filho de Egeu, rei de Athenas, e de Ethra. Livrou a Attica dos ladrões que a infestavam; matou o touro furioso de Marathona; penetrou no labyrintho de Creta, servindo-se do fio que lhe deu Ariadne, e matou ali o Minotauro; mostrou-se depois ingrato para com Ariadne, abandonando-a na ilha de Naxos para casar com Phedra, sua irmã. Subindo ao throno de Athenas, Theseu augmentou a cidade e deu-lhe uma nova constituição; venceu as Amazonas; tomou parte na expedição dos Argonautas; ajudou seu amigo Pirithoo a combater os Centauros; desceu com elle aos infernos para roubar Proserpina, e retido ali prisioneiro, foi libertado por Hercules. Ao voltar a Athenas, vendo o povo sublevado contra elle, refugiou-se em Scyros, onde morreu victima de uma traição da parte do rei Lyeomedes.

Jason e os Argonautas. — Jason era filho de Eson, rei de Iolcos na Thessalia, o qual fôra desthronado por Pelias, seu irmão uterino. Este usurpador o induziu a ir á Colchida conquistar o *Vellocino* ou *Vello de ouro*, que era guardado por um dragão. Jason reuniu os mais famosos heroes da Grecia e embarcou-se com elles na nau *Argo*, donde lhes veio o nome de *Argonautas*. Os principaes d'elles foram: Hercules, que se separou dos companheiros na viagem, Orpheu, Castor e Pollux, Theseu, Esculapio, Laertes, Lynceu, Tydeu, Peleu, Telamon, Meleagro, Tiphys, piloto do navio, etc. A expedição chegou com felicidade á Colchida, e Jason conseguiu apoderar-se do Vellocino, graças á magica Medéa, filha do rei d'aquelle paiz, a qual se apaixonara pelo chefe dos Argonautas e veio a casar com elle. De volta a Iolcos, Jason reclamou o throno a Pelias, e como este não lh'o quizesse restituir, Medéa persuadiu ás filhas que o degolassem, promettendo-lhes remooal-o. Mas este crime de nada valeu a Jason; pelo contrario, foi obrigado por Acasto, filho de Pelias, a deixar a Thessalia. Jason retirou-se com Medéa a Corintho, onde a repudiou para casar com Creusa, filha do rei Creon. Medéa no seu furor immolou a sua rival, o rei seu pai e os dous filhos seus proprios que ella tivera de Jason. Este levou então uma vida errante e morreu miseravelmente.

Castor e Pollux. Eram filhos de Jupiter e de Leda, e irmãos de Helena e de Clytemnestra; tornaram-se celebres pela sua mutua amisade. Livraram sua irmã Helena raptada por Theseu, e tomaram parte na expedição dos Argonautas. Tendo sido Castor morto por Lynceu, Pollux, que era immortal, obteve de Jupiter poder repartir a immortalidade com seu irmão, de modo que viviam e morriam

alternativamente. Foram metamorphoseados em astros e collocados no Zodiaco, onde formam a constellação de Geminis ou dos Gémeos, que passava por ser favoravel á navegação.

Cadmo, filho de Agenor, rei da Phenicia, foi mandado por seu pai em busca de sua irmã Europa, que Jupiter roubara, transformando-se em touro. Não tendo podido encontral-a, fixou-se na Beocia, onde fundou Cadméa, que veio a ser a cidadella de Thebas. A Fabula accrescenta que, tendo Cadmo morto um dragão monstruoso, semeou os seus dentes por ordem de Minerva, e que d'elles nasceram logo homens armados que se mataram uns aos outros, á excepção de cinco, que ajudaram Cadmo a edificar Cadméa.

Orpheu, insigne poeta e musico da Thracia, era filho do rei Eagro e da musa Calliope, ou, segundo outros, de Apollo e Clio. Aprendeu com Lino a unir a voz aos sons da lyra, e seus cantos tinham tal melodia, que attrahiam as arvores e os rochedos, amansavam as feras e faziam que os rios suspendessem seu curso. Tomou parte na expedição dos Argonautas. Inconsolavel pela perda de sua esposa Eurydice, que fôra no Egypto mordida no calcanhar por uma serpente, ousou descer aos infernos e obteve que lh'a restituíssem, com a condição de não olhar para ella até sair do reino de Plutão; mas elle infringiu o ajuste e perdeu-a para sempre. Voltou então á Thracia, e viveu retirado nos bosques do monte Rhodope, não cessando de exhalar a sua dôr em endechas e canções funebres. As mulheres Thracias debalde procuraram calmar o seu pezar; porfim irritadas do seu desdem, mataram-no, despedaçaram o seu corpo, e lançaram no Hebro sua cabeça e sua lyra, que foram levadas pelas ondas á ilha de Lesbos.

Arion, poeta e musico grego da ilha de Lesbos, que passa por inventor do dithyrambo, vivia na côrte de Periandro rei de Corintho. Sendo n'uma viagem assaltado por seus companheiros que o queriam roubar, lançou-se ao mar com sua lyra, e foi salvo por um delphim, attrahido por seus harmoniosos accentos.

Amphion, filho de Jupiter e Antiope, era tão habil na musica que ao som da sua lyra levantou os muros de Thebas, vindo as pedras de per si collocar-se umas sobre outras. Casou com *Niobe*, filha de Tantaló, da qual teve 14 filhos, todos mortos por Apollo e Diana; desesperado com tal perda, suicidou-se.

Bellerophonte, filho de Glauco, rei de Corintho, matou involuntariamente na caça seu irmão, e refugiou-se na côrte de Preto, rei de Argos. Sthenobéa, mulher d'este principe, captivou-se d'elle; mas irritada da sua indifferença, accusou-o a seu marido de tel-a querido seduzir. Preto o enviou a seu sogro Iobato, rei da Lycia, pedindo-lhe que o expozesse á morte. Bellerophonte foi pois man-

gado combater a Chimera, monstro com cabeça de leão, corpo de cabra e cauda de dragão, que lançava fogo pela bocca; o joven heroe a matou com o auxilio do cavallo Pegaso, que lhe deu Minerva. Saiu-se bem em muitas outras aventuras, de sorte que Iobato, con vencido da sua innocencia á vista da protecção dos deoses, lhe deu a sua filha em casamento e nomeou-o seu successor.

Deucalião era rei da Thessalia, filho de Prometheu e marido de Pyrrha. No seu reinado teve logar o diluvio com que Jupiter destruiu o genero humano. Os unicos que escaparam foram Deucalião e Pyrrha, que se salvaram n'uma barca, que parou no cume do Parnaso. Tendo-lhes ordenado o oraculo de Themis que lançasse para traz de si os ossos de sua avó, entenderam que o oraculo referia á terra, cujos ossos são as pedras, e se pozeram a atirar para traz multidão de pedras, que se converteram em homens e em mulheres, segundo que partiam das mãos de Deucalião ou de Pyrrha, e foi assim que se repovoou o mundo.

Edipo, filho de Laio, rei de Thebas, e de Jocasta, foi logo ao nascer abandonado no monte Citheron, por haver um oraculo predito que elle viria um dia a matar seu pai e casar com sua mãe. Encontrado por um pastor, foi levado a Polybo, rei de Corintho, que criou e educou como seu filho. Vindo depois a saber a fatal predição do oraculo, deixou a corte de Polybo, que elle suppunha ser seu pai; mas o destino fel-o encontrar-se com Laio, a quem matou n'uma contenda sem o conhecer. Livrou depois a cidade de Thebas do Sphinge, decifrando o enigma que o monstro propunha e em recompensa recebeu o throno de Thebas e a mão da rainha Jocasta. Eteocles e Polynice, Antigone e Ismene, nasceram d'esta união incestuosa. Quando a final descobriu seus fataes enganos arrancou-se a si os olhos de desespero. Expulso depois do reino por seus filhos, levou uma vida errante, guiado sempre por sua filha Antigone que nunca o quiz abandonar, e veio morrer em Colonoa perto de Athenas. — Depois de haverem desthronado seu pai, Eteocles e Polynice disputaram-se a coròe de Thebas. Tendo Polynice sido expulso por seu irmão, fez alliança com Adrasto, rei de Argos cuja filha desposara, e veio pôr sitio a Thebas, acompanhado por seis principes, donde o nome de *guerra dos Sete Chefes*. Ella foi desastrosa, porque os dous irmãos pereceram em um combate singular, e todos os principes foram mortos, á excepção de Adrasto. Dez annos depois os *Epigonos*, filhos dos sete chefes, atacaram o novo Thebas e a tomaram.

IV. — Guerra de Troia.

A guerra de Troia é o principal successo dos tempos heroe

os; ella foi decantada por Homero no immortal poema da Iliada.

Troia estava situada na Mysia, paiz da costa occidental da Asia Menor. Os seus habitantes eram de raça pelagica. Um odio profundo separava os Troianos e os Gregos, e tinha-se manifestado por affrontas reciprocas. Nos ultimos tempos Paris, filho de Priamo rei de Troia, roubou Helena, mulher de Menelau rei de Lacedemonia. Este e seu irmão Agamemnon, rei de Argos e de Mycenae, chamaram a Grecia inteira ás armas para vingar tamanha injuria, e os príncipes mais illustres responderam ao seu appello. O commando em chefe da expedição contra Troia foi dado a Agamemnon, que reuniu no porto de Aulis na Beocia um exercito de 100,000 homens, o qual foi transportado á Asia em 1,200 navios. Os principaes chefes gregos que tomaram parte na expedição foram, além de Agamemnon e de Menelau: 1º *Ulysses*, rei de Ithaca, cujo genio fertil em ardis e estratagemas contribuiu mais que tudo para a tomada de Troia; 2º *Nestor*, rei de Pylos, que viveu 500 annos, e cuja prudencia consummada muito valeu aos principes colligados; 3º *Achilles*, o mais valente dos Gregos, o qual fôra por sua mãe Thetis mergulhado nas aguas do Styge, o que tornara invulneravel todo o seu corpo, fóra o calcanhar por onde ella o segurava; 4º *Diomedes*, rei de Etolia, que se assignalou ferindo a Marte e a Venus; 5º os dous *Niavix*, um filho de Oilen rei de Locrida, o outro filho de Telamon rei de Salamina; 6º *Idomeneu*, rei de Creta. A estes deve-se ajuntar *Pirrho*, filho de Achilles, que veio ao cerco de Troia vingar a morte de seu pai. — Troia oppôz a esta invasão uma liga poderosa composta de Carios, Lycios e de tropas auxiliares vindas da Thracia. Os chefes troianos o mais bravo era *Heitor*, filho de Priamo. — Os mesmos deoses tomaram parte n'esta grande lucta: Apollo, Marte e Venus combatiam a favor dos Troianos; Juno, Neptuno, Minerva e Vulcano, a favor dos Gregos.

Durante nove annos deram-se incessantes combates com alternanças de victorias e revezes. No decimo anno Achilles recebeu uma grave offensa de Agamemnon e retirou-se á sua tenda mui agastado, e resolveu a não tomar mais parte na guerra. Os Troianos bateram então os Gregos em varias acções, os encerraram no seu acampamento, e estavam para dar-lhe assalto; mas Achilles permanecia inexoravel. Só a morte de seu amigo Patroclo é que o decidiu a tomar novamente as armas para vingal-a. Os Troianos foram então repellidos e junto aos muros da cidade. Achilles encontrou ali Heitor, que matara o amigo, travou com elle terrivel combate, matou-o e arrojou o seu corpo tres vezes á roda dos muros de Troia. Paris conseguiu a morte de seu irmão, ferindo Achilles no calcanhar com uma flecha envenenada que lhe deu a morte.

Troia não foi tomada senão por um estratagemma suggerido por Ulysses. Os Gregos construíram um enorme cavallo de madeira e encerraram n'elle a flôr dos seus guerreiros; fingiram depois levantar o cerco e retirarem-se. Um certo Sinon, que se apresentara como desertor, persuadiu aos Troianos que esse cavallo era um voto offerecido a Minerva; que se elle entrasse na cidade, seria ella inexpugnavel, e que os Gregos de proposito o tinham feito colossal para que não podesse entrar. Os credulos Troianos acreditaram nas palavras do perfido Sinon, abriram uma larga brecha nas muralhas e introduziram a machina fatal. Na noite seguinte saíram do seu bojo uma multidão de guerreiros, que pozeram fogo á cidade. O exercito grego acudiu ao signal, entrou pela brecha, passou a fio de espada os miseros habitantes e reduziu a cinzas a soberba Troia. A victoria porém custou caro aos principes gregos. Alguns, como Achilles, acharam a morte junto aos muros de Troia; outros, como Idomeneu, ao voltarem aos seus estados, viram-se desconhecidos por suas familias, ou repellidos por seus vasallos e obrigados a irem estabelecer-se nas costas da Italia meridional; outros, como Ulysses e Menelau, vagaram largo tempo sobre os mares. De todos o mais infeliz foi Agamemnon, o qual, ao entrar no seu palacio de Mycenae, foi assassinado por seu primo Egistho, amante de sua mulher Clytemnestra. O destino dos Troianos foi em certo sentido menos deploravel. Enéas, principe troiano, escapou á ruina da sua patria levando ás costas seu pai Anchises. A' frente dos Troianos que pôde reunir, embarcou-se e veio fundar no Lacio um reino que foi o berço do Imperio Romano.

Jogos publicos entre os Gregos e Romanos.

Entre os Gregos os principaes jogos eram os jogos Olympicos, Neméos, Isthmicos e Pythicos. Os *jogos Olympicos*, os mais celebres de todos, eram celebrados em honra de Jupiter, de 4 em 4 annos, em Olympia na Elida, e duravam 5 dias. Os seus exercicios eram o salto, a carreira, a luta, o arremesso do disco e do dardo; os vencedores recebiam uma corôa de oliveira. Foram instituidos por Heracles, restabelecidos em 884 A. C. por Iphito rei da Elida, e receberam uma nova constituição em 776: foi d'esta data que começaram os Gregos a contar os annos por Olympiadas, períodos de 4 annos. — Os *jogos Neméos* celebravam-se de 5 em 5 annos na Argolida perto da selva de Nemea, onde Heracles matara um leão. — Os *jogos Isthmicos*, que se

celebravam no istmo de Corintho, foram fundados por Sisypho e reorganizados por Theseu, que os consagrou a Neptuno; disputava-se n'elles o premio da luta, da carreira, do salto, do disco, do dardo, da musica e da poesia: os vencedores eram coroados de folhas de pinheiro. — Os *jogos Pythicos* celebravam-se em Delphos de 4 em 4 annos em memoria da victoria de Apollo contra a serpente Python; disputavam-se n'elles os mesmos premios que nos jogos Isthmicos.

Em Roma os principaes jogos eram os *jogos Circenses*, que se celebravam no *Circo maximo*, e os *jogos Gladiatorios* ou combates de gladiadores, os quaes combatiam com tanto furor que sempre n'elles havia feridos ou mortos.

Limite que me tem sido
de pequena utilidade e
segurança específica por é-

Custo - me apenas deu
zentos reis meu duo an-
o Carioca.

ign Reis da capit da
encadernação de de de de

30-12-912

ZTL



